A existência no plano espiritual de construções e objetos semelhantes aos terrestres



Paulo Neto

A existência no plano espiritual de construções e objetos semelhantes aos terrestres

(Versão 10)

"A história ai está a nos mostrar a obstinação estúpida dos que se petrificam nas suas ideias preconcebidas." (GABRIEL DELANNE)

"As objeções nascem, quase sempre, das ideias falsas, feitas, 'a priori', sobre aquilo que se não conhece bem." (ALLAN KARDEC)

Paulo Neto

Copyright 2024 *by*
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)
Belo Horizonte, MG.

Capa:

https://i.pinimg.com/736x/ee/36/de/ee36de678e6fa579edd1b7b6834ec23b.jpg

Revisão:

Hugo Alvarenga Novaes
Paulo Cesar Pfaltzgraff Ferreira
Thiago Toscano Ferrari

Diagramação:

Paulo Neto
site: https://paulosnetos.net
e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, novembro/2024.

Sumário

Introdução.....4

1. Na Codificação, o que poderia nos servir de base?.....6

2. Apresentando algo bem mais específico.....22

3. As variadas fontes que confirmam.....40

   3.1. Estudiosos como outras fontes.....40

   3.2. Autores espirituais que mencionam construções diversas no mundo espiritual.....130

   3.3. Na prática mediúnica, os relatos e experiências dos médiuns as evidenciam.....225

   3.4. Em estados de emancipação da alma.....305

4. Conclusão.....344

Referência bibliográfica.....354

Obras autorais relacionadas ao tema.....359

Dados biográficos do autor.....361

Introdução

Compreendemos que uma das coisas mais difíceis a qualquer um de nós é abdicar das ideias e crenças que temos para abraçar uma outra que, em princípio, nos parece impossível de existir. Isso em si, não é algo que devemos condenar, mas aceitar como uma realidade evolutiva nossa como seres humanos.

Porém, diante de uma situação igual a essa, devemos, por amor à verdade, ouvir com atenção os argumentos que apresentam os que estão advogando o que nos parece ser pura ilusão. Infelizmente a grande maioria de nós não faz isso, ou seja, nossos ouvidos sempre estão fechados para tudo que contrarie a opinião que temos sobre determinado assunto.

Esse comportamento é o que foi designado de "*obstinação estúpida*" por Gabriel Delanne (1857-1926), destacado pesquisador espírita,

contemporâneo de Allan Kardec (1804-1869), magistralmente, pontuou na frase em epígrafe ([1]).

De “Prolegômenos”, em *O Livro dos Espíritos*, ainda trazemos para reflexão: *“A vaidade de certos homens, que julgam saber tudo e tudo querem explicar a seu modo, dará nascimento a opiniões dissidentes.”* ([2])

1. Na Codificação, o que poderia nos servir de base?

A bem da verdade não temos como fugir de trazer a esse ebook os vários trechos da Codificação, inúmeras vezes os mencionamos que, excluindo o preconceito e bem analisados, podem abrir nossa mente para aceitar a possibilidade da existência no plano espiritual de construções e objetos semelhantes aos terrestres. Dizemos semelhantes porquanto a matéria, que os forma, não é grosseira como a nossa, neste mundo de provas e expiações.

Esta frase dita por Allan Kardec, merece reflexão todos nós: "*O mundo espírita está cheio de mistérios que não se saberia estudar com muito cuidado*" ([3]). Portanto, as narrações que dele possamos ter jamais devem ser descartadas, mas, sim, estudadas.

Inicialmente, citaremos o segundo parágrafo do item 61, do tópico "Diversidade dos mundos", do capítulo 'VI – Uranografia geral" de ***A Gênese***:

> Não vejais, pois, em torno de cada um dos sóis do espaço, apenas **sistemas planetários** semelhantes ao vosso; não vejais, **nesses planetas desconhecidos**, apenas os três reinos da natureza que brilham ao vosso derredor. Pensai, ao contrário, que, assim como nenhum rosto de homem se assemelha a outro rosto em todo o gênero humano, também uma diversidade prodigiosa, inimaginável, se acha espalhada pelas **moradas etéreas** que flutuam no seio dos espaços. ([4]) (Nas transcrições e no texto normal todos os grifos em negrito são nossos. Quando ocorrer de não ser, avisaremos.)

A expressão “moradas etéreas”, que aparece apenas uma vez nas obras da Codificação, encontra-se nesse contexto associada aos planetas desconhecidos mencionador por Allan Kardec. A ideia é a de que existem mundos cuja natureza e constituição podem ser muito diferentes daquelas que conhecemos, podendo apresenta estados da matéria que escapam à nossa percepção e à nossa capacidade de compreensão. É nesse sentido que os Espíritos afirmam: *“A matéria existe em estados que vos são desconhecidos. Pode ser, por exemplo, tão etérea e sutil que nenhuma impressão vos cause aos*

sentidos” ([5])

O ponto importante que queremos ressaltar é que, diante dessa realidade, não deveríamos afirmar categoricamente que isso ou aquilo não existe no plano espiritual, sobretudo quando consideramos que os Espíritos podem, pela vontade e pelo pensamento, produzir determinadas criações, cuja duração dependerá das condições e da capacidade daqueles que as produzem.

Dito isso, vejamos o que podemos encontrar, na própria Codificação, como demonstração dos limites de nossa capacidade de entendimento. Na *Revista Espírita 1858*, diversos artigos tratam de descrições do planeta Júpiter, das quais destacamos:

1º) *“A superioridade de Júpiter não está somente no estado moral de seus habitantes; está também na sua constituição física.*” ([6])

2º) *“As respostas seguintes [de Bernard Palissy) confirmam, por todos os pontos, o que em diversas ocasiões nos foi dito sobre esse planeta, por outros Espíritos e através de diferentes médiuns.*” ([7])

O médium Victorien Sardou, sob influência de

Bernard Palissy, elaborou uma série de desenhos relacionados a Júpiter, incluindo um que representava a casa de Mozart em Júpiter ([8]). Ainda na ***Revista Espírita 1858***, vemos este trecho do comentário do Codificador:

> [...] esses desenhos são, incontestavelmente, os mais notáveis, considerando-se que o autor não sabe nem desenhar, nem gravar, e que o desenho que nos ofereceu foi gravado por ele à água-forte, sem modelo e sem ensaio preliminar, em *nove* horas. **Supondo mesmo que esse desenho seja uma fantasia do Espírito que o traçou**, só o fato de sua execução não seria um fenômeno de menor atenção, e, a esse título, **cabe a nossa coletânea dar a conhecê-lo, assim como a descrição que, sobre ele, foi dada pelos Espíritos**, não para satisfazer a vã curiosidade de pessoas fúteis, mas **como assunto de estudo para pessoas sérias, que querem aprofundar todos os mistérios da ciência espírita.** [...]. () (itálico do original)

Allan Kardec, portanto, não descartou os desenhos de Júpiter, acreditamos que em razão da condições em que foram produzidos. Mesmo

admitindo a possibilidade de que determinado desenho fosse uma “fantasia do Espírito que o traçou”, considerou que tanto sua execução quando as descrições recebidas pelos Espíritos mereciam ser divulgas e estudadas.

Provavelmente, o leitor deve estar se perguntando o que as habitações de Júpiter têm a ver com o tema que estamos analisando. Eis o importante detalhe que merece atenção.

Em matéria publicada no site ***The Conversation – Newletters***, em 8 de dezembro de 2024, Benjamim Roulston, professor-assistente de física da Clarkson University, explica:

> **O planeta Júpiter não tem base sólida** – nenhuma superfície, como a grama ou a terra que pisamos aqui na Terra. Não há nada sobre o qual caminhar e nenhum lugar para pousar uma nave espacial.

Um pouco mais à frente completa:

> […] **Júpiter é um gigante gasoso** com uma composição similar à do Sol; é uma bola de gás turbulenta, tempestuosa e agitada. […]. ([9])

Então, a pergunta que se impõe é simples: se, segundo os relatos publicados por Allan Kardec, há construções e habitações em Júpiter, apesar de aqui quelo que hoje sabemos sobre a natureza desse planeta, por que deveríamos considerar impossível a existência de construções no mundo espiritual?

A questão se torna ainda mais pertinente quando lembramos que, segundo a Doutrina Espírita, os Espíritos se reúnem por simpatia, afinidade e gostos semelhantes. Assim, não seria razoável descartar, de antemão, a possibilidade da existência de agrupamentos, moradas ou outras construções no espaço espiritual, apenas porque não conseguimos compreender sua natureza ou o modo pelo qual poderiam existir.

No artigo “O tambor de Bérésina”, publicado no mês de julho na ***Revista Espírita 1858***, após a questão 69, há uma nota do Codificador que julgamos valer a pena mencionar este trecho:

> [...] **É somente estudando todas as classes desse mundo que nos espera, que se pode chegar a conhecê-lo**, e, de algum modo, nele marcar antecipadamente

> o lugar que cada um de nós pode aí ocupar. Vendo a situação que se prepararam, por seus vícios e suas virtudes, os homens que foram nossos iguais nesse mundo, é um encorajamento para nos elevar, o mais possível, desde este: é o exemplo ao lado do preceito. **Não é demasiado repetir que para bem conhecer uma coisa, e dela se fazer uma ideia isenta de ilusões, é preciso vê-la sob todas as suas faces**, do mesmo modo que o botânico não pode conhecer o reino vegetal senão observando desde o modesto criptógamo escondido sob o musgo, até o carvalho que se eleva nos ares. ([10])

Nessa transcrição há um ponto específico que queremos chamar a atenção; trata-se desta fala: "*Não é demasiado repetir que para bem conhecer uma coisa, e dela se fazer uma ideia isenta de ilusões, é preciso vê-la sob todas as suas faces*", pois o que vemos de adeptos do Espiritismo falando do que não conhecem, por não terem se aprofundado em seus estudos, daí, quase sempre, o que dizem são apenas opiniões pessoais, mas, que, intimamente, julgam que devem prevalecer sobre as todas as outras. É oportuno relembrarmos esta fala do Codificador: "*Como quereis chegar à verdade*

interpretando tudo segundo as vossas ideias estreitas, que considerais grandes ideias?” ([11])

Na ***Revista Espírita 1864***, mês de novembro, Allan Kardec faz uma importante consideração a respeito da “*matéria própria do mundo espiritual*”, senão vejamos:

> **Tudo deve estar em harmonia, no mundo espiritual, como no mundo material;** aos homens corpóreos, são necessários objetos materiais; **aos Espíritos, cujo corpo é fluídico, são necessários objetos fluídicos**, os objetos materiais não lhes serviriam, não mais do que os objetos fluídicos não serviriam aos homens corpóreos. […]. ([12])

Algumas pessoas não conseguem fazer uma separação justa das coisas, pensam que a matéria utilizada pelos Espíritos no mundo espiritual para as construções e criação de objetos fluídicos tem a mesma composição química, vamos assim dizer, da que usamos no plano físico na produção de objetos materiais. Daí ser realmente impossível admitir construções e objetos nesse outro plano da vida.

Agindo dessa forma, utilizam-se de uma base totalmente equivocada para apoiar e justificar a sua crença de não haver construções fluídicas no mundo espiritual. Allan Kardec bem o disse: "***Se as premissas não forem certas**, a conclusão não o poderá ser.*" ([13]) Entretanto, a boa lógica diz que se não houvesse objetos fluídicos no plano dos invisíveis, não faria sentido algum o teor desse texto que transcrevemos.

Na ***Revista Espírita 1865***, mês de maio, temos uma comunicação assinada pelo Espírito Mesmer, intitulada "Sobre as criações fluídicas", da qual transcrevemos este excerto:

> Sim, os objetos procriados instantaneamente pela vontade, que é o mais rico dom do Espírito, **são hauridos nos fluidos semimateriais do corpo chamado perispírito**, dos habitantes da erraticidade. Eis porque, com esses elementos, **podem criar objetos segundo seu desejo**.
>
> **O mundo dos invisíveis é como o vosso; em lugar de ser material e grosseiro, é fluídico, etéreo, da natureza do perispírito**, que é o

> verdadeiro corpo do Espírito, haurido nesses meios moleculares, como o vosso se forma de coisas mais palpáveis, tangíveis, materiais.
>
> ***O mundo dos Espíritos não é o reflexo do vosso; é o vosso que é uma grosseira e muito imperfeita imagem do reino de além-túmulo***. ([14]) (itálico do original)

A bem da verdade, genericamente o elemento utilizado para procriação dos objetos não "*são hauridos nos fluidos semimateriais do corpo chamado perispírito*", mas, sim, do fluido cósmico universal. O teor dessa frase somente poderia ser válido para os casos de pequenos objetos pessoais – cachimbo, caixa de rapé, por exemplo –, e a vestimenta, uma vez que não se existem "*almas peladas*", mas apenas "*penadas*". (rsrs)

Afirma-se, com razão, sobre a possibilidade de os Espíritos criarem objetos pelo poder do pensamento e da vontade, que o mundo espiritual onde vivem é semelhante ao nosso, a diferença é que em vez dele "*ser material e grosseiro, é fluídico, etéreo*".

Mesmer, que, segundo Allan Kardec, estava entre "*os Espíritos bons que, habitual ou eventualmente, vêm trazer-nos o tributo de suas luzes*", arremata categórico: "*O mundo dos Espíritos não é o reflexo do vosso; é o vosso que é uma grosseira e muito imperfeita imagem do reino de além-túmulo.*" Portanto, qual é a dúvida?

Diante de uma afirmação tão clara e objetiva quanto essa, ficamos sem entender o porquê de ainda existir pessoas que negam as construções e objetos no plano espiritual. Será tão "doído" assim mudar de opinião? Talvez, para alguns, sim, pois significa que estavam equivocados. É exatamente isso a "fonte da dor".

O Codificador já alertara que "*A obstinação nas ideias falsas jamais foi encarada como prova de bom-senso. É, além disso, pequenez, quando se deve ao orgulho, o que é o caso mais comum*." ([15])

Vejamos em ***A Gênese***, capítulo "XIV – Os fluídos", os itens 3 e 14 destes dois tópicos:

1º) Elementos fluídicos

3. No estado de eterização, **o fluido cósmico** não é uniforme; sem deixar de ser etéreo, **sofre modificações** tão variadas em gênero e mais numerosas talvez do que no estado de matéria tangível. Essas modificações constituem fluidos distintos que, embora procedam do mesmo princípio, são dotados de propriedades especiais e dão origem aos fenômenos peculiares do mundo invisível.

Dentro da relatividade de tudo, **esses fluidos têm para os Espíritos, que também são fluídicos, uma aparência tão material quanto a dos objetos tangíveis para os encarnados e são, para eles, o que são para nós as substâncias do mundo terrestre**. Eles os elaboram e combinam para produzirem determinados efeitos, como fazem os homens com os seus materiais, ainda que por processos diferentes. ([16])

2º) Ação dos Espíritos sobre os fluidos. Criações fluídicas. Fotografia do pensamento

14. **Os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais**, não os manipulando como os homens manipulam os gases, mas **empregando o pensamento e a vontade**. Para os Espíritos, o pensamento e a vontade são o que é a mão para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem àqueles fluidos tal ou qual direção, os aglomeram,

combinam ou dispersam, **organizando com eles conjuntos que apresentam uma aparência, uma forma**, uma coloração determinadas; mudam-lhes as propriedades, como um químico muda a dos gases ou de outros corpos, combinando-os segundo certas leis. **É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.**

Algumas vezes, essas transformações resultam de uma intenção; de outras, são produto de um pensamento inconsciente. **Basta que o Espírito pense uma coisa para que esta se produza**, como basta que module uma ária para que esta repercuta na atmosfera.

É assim, por exemplo, que **um Espírito se torna visível** a um encarnado que possua vista psíquica, **sob as aparências que tinha quando vivo na época em que o segundo o conheceu,** embora ele haja tido, depois dessa época, muitas encarnações. Apresenta-se com o vestuário, os sinais exteriores – enfermidades, cicatrizes, membros amputados etc. – que tinha então. Um decapitado se apresentará sem a cabeça, o que não significa de modo algum que haja conservado essa aparência. Certamente, como Espírito, ele não é coxo, nem maneta, nem zarolho, nem decapitado; o que ocorre é que, **retrocedendo o seu *pensamento* à época em que tinha tais efeitos, seu perispírito lhes toma instantaneamente as aparências**, que

> deixam de existir logo que o mesmo pensamento cessa de agir naquele sentido. Se, pois, de uma vez ele foi negro, e branco de outra, apresentar-se-á como branco ou negro, conforme a encarnação a que se refira a sua evocação e à que se transporte o seu pensamento.
>
> **Por um efeito análogo, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos que ele estava habituado a usar.** Um avarento manuseará ouro; um militar trará suas armas e seu uniforme; um fumante, o seu cachimbo; um lavrador, o seu arado e seus bois; uma mulher velha, a sua roca. **Para o Espírito, que também é fluídico, esses objetos fluídicos são tão reais como eram antes, no estado material**, para o homem vivo; mas em virtude de serem criações do pensamento, a existência deles é tão fugaz quanto o próprio pensamento que os gerou. ([17]) (itálico do original)

Ora, não há dúvida de que o fluído cósmico nos é invisível, entretanto, ele "*têm para os Espíritos [...] uma aparência tão material quanto a dos objetos tangíveis para os encarnados*".

Assim, por que os Espíritos não poderiam criar construções e objetos no plano em que se

encontram? Seria pelo fato dos encarnados não compreenderem como se dá esse processo? Mas isso é muito pouco, pois, a trilhar por esse caminho, milhares de outras coisas também deveriam ser objeto de descrença da parte deles.

Ademais, como inúmeras vezes dito na Codificação, os Espíritos, pelo pensamento e pela vontade, podem atuar sobre os fluidos espirituais – no caso, o fluido cósmico universal –, produzindo aquilo que for de seu interesse, até mesmo aqueles pequenos objetos que estavam habituados a usar quando vivos.

Caso a produção seja realizada no mundo físico, ela seria "*tão fugaz quanto o pensamento que a gerou*". Entretanto, se for uma criação no mundo espiritual ela não estará sujeita a esse mesmo estado provisório, uma vez que, conforme dito, "*Tudo deve estar em harmonia, no mundo espiritual, como no mundo material*" ([18]).

Na ***Revista Espírita 1869***, mês de abril, o Codificador, ao fazer um resumo dos princípios da Doutrina Espírita, asseverou que:

> **As transformações fluídicas produzem imagens e objetos tão reais para os Espíritos**, que são eles mesmos fluídicos, **quanto o são as imagens e os objetos terrestres para os homens, que são materiais**. **Tudo é relativo em cada um desses mundos**. (Ver a *Gênese segundo o Espiritismo*, capítulo dos fluídos e das criações fluídicas.) ([19])

Aqui foi afirmado que as criações produzem imagens como também "*objetos tão reais para os Espíritos*" quanto "*os objetos terrestres para os homens, que são materiais*". Isso não deveria deixar nenhuma dúvida em relação a uma real criação fluídica e não "imaginária" como supõem alguns confrades.

Não podemos deixar de ressaltar que a afirmação "*tudo é relativo em cada um desses mundos*", via de consequência, nos leva admitir que no mundo espiritual há objetos criados pelos Espíritos, pois o teor dessa frase só faz algum sentido dentro dessa premissa.

2. Apresentando algo bem mais específico

Na “Introdução” de ***O Livro dos Espíritos***, há uma curiosa referência do Codificador que julgamos ter uma relação direta com o nosso tema:

> [...] **No mundo dos Espíritos também há uma sociedade boa e uma sociedade má**; dignem-se essas pessoas de estudar o que se passa entre os Espíritos de escol e se convencerão de que **a cidade celeste** não contém apenas a escória popular. Mas, perguntam elas, os Espíritos de escol vêm até nós? A isto responderemos: Não fiqueis no subúrbio; vede, observai e julgai; os fatos aí estão para todos. A menos que a elas se apliquem estas palavras de Jesus: *Têm olhos e não veem; têm ouvidos e não ouvem*. ([20]) (itálico do original)

Não temos dúvida de que aparecerão os opositores para afirmarem que “a cidade celeste” é no sentido figurado, nada teria a ver com o que hoje se espalha no meio espírita a respeito de

construções, cidades, colônias e objetos no plano do além-túmulo. Há possibilidade de isso ser é real, não faz sentido negar, mas diante de outras informações que encontramos nas obras publicadas pelo Codificador, nós formamos plena convicção de que a expressão deve ser entendida no sentido literal.

Elizabeth Singer Rowe (1674-1737) e Emanuel Swedenborg (1688-1772) são dois autores que tiveram seus nomes citados por Allan Kardec ([21]) e, pelo que se pode deduzir, ele conheceu o teor de obras escritas por cada um dos dois.

Na *Revista Espírita 1868*, o nome de Elizabeth Singer Rowe é citado por Allan Kardec. Por nossa vez, mencionaremos a sua obra *Friendship in Death: in Twenty Letters from the Dead to the Living* (1760) ([22]). O livro *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto* (1758), de Emmanuel Swedenborg, será citado mais à frente.

É bom lembrar que o nome de Swedenborg consta na lista dos Espíritos que assinaram “Prolegômenos” de *O Livro dos Espíritos* ([23]). Julgamos que a sua participação entre os reveladores

da Codificação Espírita demonstra ser ele um Espírito evoluído.

Como sempre aparecem questionamentos a respeito de Emanuel Swedenborg, por conta dele, em sua manifestação, atendendo a evocação de Allan Kardec, a quem tratou de "*meu velho amigo*", ter se posicionado contra algumas coisas que disse quando vivo ([24]), querem desconsiderar tudo que provém de sua lavra na intenção de validar suas ideias a respeito da inexistência no mundo espiritual de construções e objetos semelhantes aos terrestres.

Vejamos, por exemplo, o que estes dois destacados estudiosos e renomados escritores espíritas disseram sobre ele:

1º) José Herculano Pires (1914-1979), na obra ***O Espírito e o Tempo***, diz o seguinte:

> **O que faz Swedenborg um precursor doutrinário do Espiritismo é a sua posição em face do mundo espiritual, que ele considera de maneira quase positiva**. Após a morte, os homens vão para esse mundo, e não são julgados por tribunais, mas por uma lei que determina as condições em que **passarão a viver, em**

> **planos superiores ou inferiores, nas diferentes "esferas" da espiritualidade**. Anjos e demônios nada mais eram, para ele, do que seres humanos desencarnados, em diferentes fases de evolução. **Suas descrições do mundo espiritual assemelham-se bastante às que encontramos nas comunicações dadas a Kardec ou recebidas atualmente pelos nossos médiuns**. O Inferno não era lugar de castigo eterno, mas plano inferior, de que os espíritos podiam subir para os mais elevados, purificando-se. A Terra, um mundo de depuração espiritual.
>
> [...] Swedenborg foi o último dos reveladores pessoais, e abriu perspectivas para a nova era, que devia surgir com Kardec. **Não é a sua interpretação dos fatos o que vale em sua obra, mas os próprios fatos, posteriormente confirmados pela observação e a experimentação espiríticas, oferecendo aos homens uma concepção nova da vida presente e da vida futura**. ([25])

2º) Hermínio C. Miranda (1910-2013), em ***Swedenborg, Uma Análise Crítica***, teceu estas considerações:

> Para resumir e concluir, entendo que

Emanuel Swedenborg deve ser, com justiça, considerado um precursor na divulgação dos *fenômenos* que constituem objeto do Espiritismo. **Foi quem primeiro discorreu com autoridade sobre as condições de vida no mundo póstumo, levando muitas pessoas à consoladora convicção na sobrevivência do ser à morte corporal.** Também demonstrou com suficiente credibilidade, a viabilidade do intercâmbio com os seres encarnados, ainda que ele próprio não tenha tirado disso o desejável proveito. Suas observações acerca do *limbo* (equivalente ao perispírito, na terminologia kardequiana) são pertinentes e pioneiras.

Quanto aos aspectos *doutrinários* do Espiritismo, contudo, suas especulações são inaceitáveis e nada têm a ver com a lúcida Doutrina dos Espíritos, com a qual se choca frontalmente em aspectos relevantes como a questão fundamental das vidas sucessivas.

Sobre as questões teológicas que, a rigor, não dizem respeito especificamente ao Espiritismo, mas às instituições dogmáticas tradicionais, suas observações apresentam-se eivadas de fantasias, suposições, dogmas e teorias que não resistem a uma análise crítica, mesmo elementar. ([26]) (itálico do original)

Essa análise crítica de Hermínio Miranda é bem oportuna, porquanto, evocado por Allan Kardec, o Espírito Swedenborg manifesta-se e confessa ter equivocado em alguns pontos, mormente no que diz respeito à doutrina das correspondências, exatamente como o Codificador disse: "*Sua doutrina, sem dúvida, deixa muito a desejar: ele mesmo, hoje, está longe de aprová-la em todos os pontos*" ([27]) Isso é perfeitamente natural, porquanto "*O Espírito progride igualmente na erraticidade, adquirindo conhecimentos especiais que não poderia obter na Terra, e modificando as suas ideias.*" ([28])

No artigo intitulado "Swedenborg", publicado na ***Revista Espírita 1859***, mês de novembro, O Codificador comenta aspectos de sua a doutrina, que transcrevemos:

> **Um dos pontos fundamentais da doutrina de Swedenborg repousa sobre o que ele chama as correspondências.** Segundo ele, **o mundo espiritual e o mundo natural estão ligados entre si, como o interior e o exterior, e disso resulta que as coisas espirituais e as coisas naturais fazem uma só**, por influxo, e que há, entre elas,

correspondência. Eis o princípio; mas o que se deve entender por essa correspondência e esse influxo, é o difícil de compreender. ([29])

No sexto parágrafo à frente:

Ele cometeu um erro, muito perdoável, tendo em vista sua inexperiência com as coisas do mundo oculto, que foi aceitar muito cegamente tudo o que lhe era ditado, sem o submeter ao controle severo da razão. Se tivesse pesado maduramente o pró e o contra, teria reconhecido princípios inconciliáveis com uma lógica ainda pouco rigorosa. Hoje, provavelmente, não cairia na mesma falta; porque teria os meios para julgar e apreciar o valor das comunicações de além-túmulo; saberia que é um campo onde nem todas as ervas são boas para colher, e que entre umas e outras o bom senso, que não nos foi dado por nada, deve saber escolher. A qualidade que se atribuiu o Espírito que se lhe manifestou, bastaria para colocá-lo em guarda, sobretudo considerando a trivialidade de seu início. **O que ele mesmo não fez, cabe a nós fazê-lo agora, não tomando em seus escritos senão o que é racional**; seus próprios erros devem ser um ensinamento para os médiuns muito crédulos, que certos Espíritos procuram fascinar lisonjeando a sua vaidade, ou seus preconceitos, por uma linguagem pomposa ou de enganosas

aparências. ([30])

No último parágrafo, lemos:

> A doutrina de Swedenborg fez numerosos prosélitos em Londres, na Holanda, e mesmo em Paris, onde deu nascimento à Sociedade da qual falamos em nosso número do mês de outubro, a dos Martinistas, dos Teósofos, etc. Se ela não foi aceita por todos, em todas as suas consequências, teve sempre por resultado propagar a crença na possibilidade de se comunicar com os seres de além-túmulo, crença muito antiga, como se sabe, mas até esse dia escondida do público pelas práticas misteriosas da qual estava cercada. **O mérito incontestável de Swedenborg, seu profundo saber, sua alta reputação de sabedoria, foram de um grande peso na propagação dessas ideias, que hoje se popularizam mais e mais**, por isso mesmo crescem abertamente, e que longe de procurarem a sombra do mistério, elas apelam à razão. **Apesar de seus erros de sistema, Swedenborg não é menos uma dessas grandes figuras, cuja lembrança ficará ligada à história do Espiritismo, do qual foi um dos primeiros e dos zelosos promotores**. ([31])

Essa análise crítica de Hermínio Miranda é bem

oportuna, porquanto, evocado por Allan Kardec, o Espírito Swedenborg manifesta-se e confessa ter equivocado em alguns pontos, conforme se poderá ver na ***Revista Espírita 1859***, em sua comunicação datada de 23 de janeiro de 1859, da qual destacamos este seguimento:

> [...] Eu preguei o Espiritismo há um século, e tive inimigos de todos os gêneros; tive também adeptos fervorosos; isso sustentou a minha coragem. Minha moral Espírita, e **minha doutrina, não deixam de ter grandes erros, que hoje reconheç**o. Assim, **as penas não são eternas**; eu o vejo: Deus é muito justo e muito bom para punir eternamente a criatura que não tem bastante força para resistir às suas paixões. É **o que digo igualmente do mundo dos Anjos, que se prega nos templos, não era senão uma ilusão de meus sentidos**: eu acreditei vê-lo; estava de boa-fé e o disse; mas eu me enganei. Vós estais, vós, num melhor caminho, porque estais mais esclarecidos do que se estava em minha época. Continuai, mas sede prudentes para que os vossos inimigos não tenham armas muito fortes. Vedes o terreno que ganhais cada dia, coragem, pois! porque o futuro vos está assegurado. O que vos dá a força, é que

falais em nome da razão. Tendes perguntas a me dirigir? Eu vos responderei.

Swedenborg.

Do diálogo a questão que nos interessa é esta:

7. O princípio da vossa doutrina repousa sobre **as correspondências**. Credes sempre nessas relações que encontráveis entre cada coisa material e cada coisa do mundo moral? – R. Não; é uma ficção. ([32])

Vejamos esta explicação de Allan Kardec:

Um dos pontos fundamentais da doutrina de Swedenborg repousa sobre o que ele chama as correspondências. Segundo ele, **o mundo espiritual e o mundo natural estão ligados entre si, como o interior e o exterior, e disso resulta que as coisas espirituais e as coisas naturais fazem uma só**, por influxo, e que há, entre elas, correspondência. Eis o princípio; mas o que se deve entender por essa correspondência e esse influxo, é o difícil de compreender. ([33])

Seria oportuno, que também pudéssemos transcrever do artigo intitulado “Swedenborg”,

publicado na ***Revista Espírita 1859***, no mês de novembro:

> **Ele cometeu um erro, muito perdoável, tendo em vista sua inexperiência com as coisas do mundo oculto, que foi aceitar muito cegamente tudo o que lhe era ditado, sem o submeter ao controle severo da razão**. Se tivesse pesado maduramente o pró e o contra, teria reconhecido princípios inconciliáveis com uma lógica ainda pouco rigorosa. Hoje, provavelmente, não cairia na mesma falta; porque teria os meios para julgar e apreciar o valor das comunicações de além-túmulo; saberia que é um campo onde nem todas as ervas são boas para colher, e que entre umas e outras o bom senso, que não nos foi dado por nada, deve saber escolher. A qualidade que se atribuiu o Espírito que se lhe manifestou, bastaria para colocá-lo em guarda, sobretudo considerando a trivialidade de seu início. **O que ele mesmo não fez, cabe a nós fazê-lo agora, não tomando em seus escritos senão o que é racional**; seus próprios erros devem ser um ensinamento para os médiuns muito crédulos, que certos Espíritos procuram fascinar lisonjeando a sua vaidade, ou seus preconceitos, por uma linguagem pomposa ou de enganosas aparências. ([34])

> A doutrina de Swedenborg fez numerosos prosélitos em Londres, na Holanda, e mesmo em Paris, onde deu nascimento à Sociedade da qual falamos em nosso número do mês de outubro, a dos Martinistas, dos Teósofos, etc. Se ela não foi aceita por todos, em todas as suas consequências, teve sempre por resultado propagar a crença na possibilidade de se comunicar com os seres de além-túmulo, crença muito antiga, como se sabe, mas até esse dia escondida do público pelas práticas misteriosas da qual estava cercada. **O mérito incontestável de Swedenborg, seu profundo saber, sua alta reputação de sabedoria, foram de um grande peso na propagação dessas ideias, que hoje se popularizam mais e mais**, por isso mesmo crescem abertamente, e que longe de procurarem a sombra do mistério, elas apelam à razão. **Apesar de seus erros de sistema, Swedenborg não é menos uma dessas grandes figuras, cuja lembrança ficará ligada à história do Espiritismo, do qual foi um dos primeiros e dos zelosos promotores**. ([35])

Portanto, Allan Kardec não condenou de todo as revelações de Emanuel Swedenborg, como vemos alguns confrades o fazerem, o Codificador lhe reconhece a posição de destaque na história do

Espiritismo.

Ademais, em ***Catálogo Racional: Obras Para se Fundar uma Biblioteca Espírita***, ao listar a obra *Amizade após a Morte* (A), de Elizabeth Singer Rowe, Allan Kardec também faz citação ao nome de Swedenborg, fato que corrobora essa nossa percepção:

> *Amizade após a Morte* (A), contendo cartas dos mortos aos vivos, pela senhora ROWE. Traduzido da 5ª edição em inglês e publicado em Amsterdã em 1753.
>
> Obra muito rara hoje em dia, contendo comunicações de pessoas falecidas, de acordo com a Doutrina Espírita, que poderiam ter sido escritas por médiuns de nossos dias. **É preciso notar que essa obra precedeu Swedenborg em cerca de 30 anos e que está, mais que este último, de acordo com as ideias atuais** (*Revista Espírita* de novembro de 1868, pág. 327). ([36])

Portanto, Allan Kardec considerou válidas algumas coisas na obra de Emanuel Swedenborg, porém deixa o teor dela em nível mais baixo do que o da obra de Elizabeth Singer Rowe.

Em relação à Emanuel Swedenborg há mais um ponto que precisamos ressaltar. Herculano Pires, em *O Espírito e o Tempo*, informa que "***Swedenborg via o mundo espiritual****, conversava com os Espíritos, recebia instruções diretas"* ([37]). Por conseguinte, Swedenborg também era médium vidente.

Esse detalhe é importantíssimo diante do que Allan Kardec disse no artigo intitulado "Senhor Adrien, médium vidente", publicado na ***Revista Espírita 1858***, mês de dezembro. Vejamos:

> **De todas as faculdades como médium, a mais notável,** e em nossa opinião a mais preciosa, **é a do médium vidente**. [...].
>
> [...].
>
> **Essa faculdade, estendida a esse grau, nos inicia melhor, que todas as comunicações escritas, na natureza do mundo dos Espíritos; no-lo mostra tal qual é, e se não o vemos pelos nossos olhos, a descrição que dele nos dá fá-lo ver pelo pensamento**; os Espíritos não são mais seres abstratos, são seres reais, que estão ali ao nosso lado, que nos acotovelam sem cessar, e como sabemos agora que seu

> contato pode ser material, compreendemos a causa de uma multidão de impressões que sentimos sem delas nos rendermos conta. ([38])

Na percepção do Codificador, as descrições dos médiuns videntes, quando às particularidades do mundo espiritual, seriam mais importantes que as informações originadas das comunicações escritas, ou seja, das mensagens psicografadas. Interessante é que, em nossa pesquisa, conseguimos identificar treze médiuns videntes. Eis a lista deles:

Videntes		
Ord.	**Nomes**	**Obras fontes**
01	Yvonne A. Pereira	*Recordações da Mediunidade,* p. 23 (tb 29, 55, 128, 129, 163 e 165)
02	Rev. George Vale Owen	*A Vida Além do Véu,* p. 164 (for levado a ver as regiões que descrevia mediunicamente)
03	Emanuel Swedenborg	*História do Espiritismo*, Arthur Conan Doyle, p. 36.
04	Andrew Jackson Davis	*História do Espiritismo*, Arthur Conan Doyle, p. 68.
05	Chico Xavier	*Lições de Sabedoria,* p. XVII e *Entrevistas – Francisco Cândido Xavier, Espírito de Emmanuel*, p. 23-24.

06	Heigorina Cunha	*Cidade no Além,* p. 25, (desdobrou-se até Nosso Lar)
07	Vânia Arantes Damo	*Moradas Espirituais,* p. 18 (visitas oníricas)
08	Sadhu Sundar Singh	*Visões do Mundo Espiritual*, p. 13. (visões)
09	James Van Praagh	*Espíritos Entre Nós*, p. 9.
10	Sylvia Browne	*O Outro Lado da Vida*, p. 10.
11	Joy Snell	*O Espiritismo e as Manifestações Psíquicas*, Ernesto Bozzano, p. 58.
12	E. B. Duffey	*A Crise da Morte,* Ernesto Bozzano, p. 51. (sonambulismo atento)
13	Gladys Osborne Leonard	*Minha vida em dois mundos*, p. 11.

E mesmo assim, a maioria dos negacionistas está a "*fazer ouvidos de mercador*" ([39]) como se as revelações desses médiuns videntes não existissem ou, talvez, para eles, não têm valor algum.

No artigo "O Espiritismo por toda a parte", inserido na ***Revista Espírita 1868***, mês de novembro, Allan Kardec publica alguns trechos da obra de Elizabeth Singer Rowe, recebidos de um dos seus correspondentes de *Anvers*. Deles destacamos estes:

Página 7. – Os Espíritos bem-aventurados se interessam ainda pela felicidade dos mortais, e *fazem com frequência visita aos seus amigos*. Eles poderiam mesmo aparecer aos seus olhos, se as leis do mundo material não os proibissem. O esplendor de seus veículos ([40]) e **o domínio que têm sobre as forças que governam as coisas materiais** e sobre os órgãos da visão poderiam facilmente lhes servir para se fazerem visíveis. Nós consideramos, frequentemente, como uma espécie de milagre que vós não nos percebeis, porque **não estamos longe de vós em relação ao lugar que ocupamos, mas unicamente pela diferença de estado em que estamos**. ([41])

Página 37, *carta VIII*. – **Os gênios celestes que cuidam de vós** nada negligenciaram, durante o vosso sono, para arrancar de vosso coração esse ímpio desejo. **Algumas vezes vos conduziram aos lugares cobertos de uma sombra lúgubre; lá ouvistes os prantos amargos dos Espíritos infortunados**. Outras vezes, as recompensas da constância e da resignação que desenvolveram aos vossos olhos a glória que vos espera, se, fiéis ao vosso dever, vos ligardes pacientemente à virtude. ([42])

O detalhe curioso é que foi dito "*lugar que*

ocupamos” e “*lugares cobertos de uma sombra lúgubre*”, ora, facilmente se conclui que há “***lugares circunscritos***” que serve para alguma coisa.

Ao final das citações da obra de Elizabeth Singer Rose, Allan Kardec comenta:

> Segundo a perfeita concordância de forma e de fundo que existe entre as ideias desenvolvidas no **livro da senhora Rowe** e o ensino atual dos Espíritos, **não se pode duvidar de que o que ela escreveu não seja o produto de comunicações reais**. ([43])

Ao mencionar as ideias desenvolvidas na obra, o Codificador deixa também claro que elas então em concordância com “*o ensino atual dos Espíritos*”.

No próximo capítulo estes dois nomes farão parte da lista das fontes nas quais encontramos referências à construções e objetos semelhantes aos terrestres no mundo espiritual.

3. As variadas fontes que confirmam

A nossa base principal será todas as fontes que listamos no livro ***As Colônias Espirituais e a Codificação*** às quais acrescentaremos tudo quanto encontramos depois de sua publicação ocorrida em agosto de 2015.

3.1. Estudiosos como outras fontes

Destacamos, a seguir, o nome de dez personalidades e suas obras – artigo ou livro, listados por ordem de publicação:

1º) 1877 – ***Região em Litígio – Entre Este Mundo e o Outro***.

Robert Dale Owen (1801-1877), foi um reformador social de origem escocesa, tornou-se cidadão norte-americano. É considerado um dos precursores do Espiritismo, nos anos de 1860 e 1861, pesquisou a famosa médium Kate Fox (1837-1892). Do tópico “Uma corroboração de muitos

anos”, inserido no capítulo “IV – Manifestação de um parente”, destacamos:

> Aqui se mostra alguma coisa relativa às semelhanças deste mundo com o outro.
>
> “17 de julho de 1861. – Cada vez mais, a aparição ia-se mostrando perfeitamente. Nessa noite **a figura de Estela** veio envolta em flutuantes vestidos de gaze branca e brilhante. Sua mão colocada à altura do queixo, **segurava um maço de flores, ficando o pescoço e o seio cobertos completamente de rosas e violetas**.
>
> “Perguntei-lhe como havia obtido essas flores e ela me respondeu: **O nosso mundo é um traslado do vosso. Temos tudo o que tendes: – jardins e flores espirituais em abundância**.” ([44])

Um pouco mais à frente, no tópico “As flores espirituais”, lemos:

> “7 de fevereiro de 1862. – Firmamento limpo; atmosfera serena. As portas e janelas foram fechadas e lacradas.
>
> “Uma carta de jogar que trazia comigo, foi tirada do bolso; uma luz brilhante elevou-se sobre a mesa e vimos a carta subtraída, **em cujo centro tinham fixado alguma**

coisa que parecia um ramo de flores. A luz extinguiu-se depois e foi-nos feito pedido de acender o gás. **As flores eram uma rosa vermelha com folhas verdes e miosótis, muito belas e aparentemente reais**.

"Examinei-as durante muitos minutos, em diversas ocasiões, diminuindo ou aumentando a luz do gás por cinco ou seis vezes. As flores continuavam. **Em cima delas via-se escrito: Flores da nossa morada celeste**.

"Finalmente, as flores começaram a desfazer-se e os Espíritos mandaram apagar o gás. Feito isso, apareceu à luz espiritual sob a qual as flores de novo se tornaram distintamente visíveis. Então, por golpezinhos, nos disseram: Não separeis vossa vista das flores; observai-as cuidadosamente.

"Assim fizemos. Suas dimensões foram gradualmente diminuindo sob nossas vistas, até se tornarem pequena mancha e desaparecerem. Acendi a luz e não encontrei na carta o menor sinal.

"Examinei os selos das portas e das janelas com toda atenção; estavam intactos." ([45])

Aqui, temos até o fenômeno de materialização de flores "celestes".

2º) 1889 – ***Depois da Morte***

Léon Denis é citado apenas para que seu nome conste na ordem cronológica dessa lista, porquanto, ele foi mencionado pela Yvonne A. Pereira.

3º) 1908 – ***The Future of Man*** (*O Futuro do Homem*) ([46])

Edward Caleb Randall (1860-1935), advogado e pesquisador psíquico norte-americano, é o autor dessa obra, na qual registra suas experiências por 20 anos com Emily S. French (1831-1912), médium de voz direta. O capítulo XX dessa obra tem o título “Homes in the after life” (Lares na vida após a morte”, que Felipe Lúcio da Silva Neto nos fez o grande favor de traduzir:

> **Alguém, no mundo espiritual**, deu-me uma **descrição do lar espiritual** de uma grande e esplêndida mãe, **lar construído pelo trabalho de amor e caridade incessante – tanto no plano físico como no plano espiritual em que ela agora reside** – alguém que trabalhou longa e sinceramente para fazer as mulheres compreenderem a verdade, para que elas

pudessem viver mais perto do melhor que há na natureza. **Aqui está a descrição que me foi dada**:

"**Diante de mim está o interior de uma casa esplêndida, a casa feita por um espírito, criada e construída pelos pensamentos, atos e obras de alguém**, há trinta e dois anos, viveu no plano material. A **sala** que se abre diante de mim parece mármore branco puro com tetos altos; em torno dos quatro lados corre uma ampla **varanda** sustentada por colunas graciosamente torneadas; de um ponto além do centro há uma ampla **escada** curvando-se para fora; aos seus pés, de cada lado, encontram-se nichos **repletos de belas estátuas**.

Subindo as escadas, agora eu encontro cada degrau de uma cor diferente, mas todos se misturando em uma cor só; em todos os lados desta galeria superior há janelas através das quais entram suaves raios de luz. Do lado lateral estão os quartos; e, ao olhar, uma porta se abre e um belo espírito sai, assumindo, ao entrar, a antiga condição material para ser reconhecida. Ela atingiu a idade madura e tem um rosto de rara ternura – de uma beleza e pureza natural – ela sorri enquanto descrevemos ela e sua casa para você. Com ela está uma filha que acaba de atingir a idade adulta; alguém que nunca viveu uma vida mundana, mas nasceu

prematuramente. Essas duas, atraídas pelo vínculo invisível do afeto, construíram este lar e o enriqueceram de amor.

"Passando agora pelo corredor, a mãe com o braço em volta da filha, aproximam-se do outro extremo do edifício e descem uma escada semelhante à primeira, e saem por um amplo terraço, por caminhos margeados de flores, para o jardim da felicidade. Virando-me agora e olhando em direção a um vale, vejo muitas árvores carregadas de folhas, e através delas vejo as águas de um lago, brilhantes como uma cor esmeralda.

Ao redor da sala abobadada que descrevi há muitas outras de material semelhante, cheias de tudo o que esta mãe mais ama. Vemos livros que ela utiliza em seu trabalho; quadros, criados por atos de ternura, adornam as paredes. Instrumentos musicais diferentes dos do mundo físico aguardam o toque do espírito. Este é um lar onde as meninas, que estão começando a se tornar mulheres, aprendem a pureza – este é o lar de uma mãe e sugere a você a possibilidade de um ambiente espiritual. Não foi construído em um dia, mas é o resultado do trabalho no mundo físico e em esferas de progressão do mundo espiritual, onde o ambiente está em harmonia com o desenvolvimento espiritual: o lar de uma boa mulher, construído ajudando os outros."

Eu disse a um dos meus amigos no mundo espiritual, em outro momento: "**Conte-me sobre os lares dos espíritos**", e, em resposta, ele disse:

"Isso é uma coisa muito difícil de fazer, porque as pessoas da Terra esperam encontrar tudo muito diferente, enquanto, **na realidade, os lares aqui são praticamente os mesmos que na vida terrena**, exceto que nas esferas avançadas não há discórdia, não há falta de harmonia, nada além de luz, beleza, música, risos, misturados com estudo sério e cuidadoso. Estou descrevendo o lar de um espírito que aprendeu a conhecer o princípio da vida. Há muitas pobres almas lutando, voluntariamente ou ignorantemente, olhando para baixo em vez de para cima, para a grande possibilidade do futuro, que vivem em cabanas miseráveis que suas ações e pensamentos na vida terrena construíram para eles. **Muito poucos têm casas bonitas prontas para eles quando entram na vida espiritual, pois a maioria das pessoas vive em tal ignorância das leis naturais que não encontram alojamento de boas condições à sua espera**, mas as pessoas sábias começam a construir aperfeiçoando a sua maneira de pensar e desfazendo erros na Terra, e também, ajudando os outros. Nenhum toque físico real é dado a essas casas, mas, à medida que a alma cresce em

beleza de pensamento e ação, o lar cresce até a perfeição."

"**Essas casas são tão reais para você quanto as nossas são para nós?**" Perguntei. "Elas são os locais de permanência dos espíritos que reúnem neles os objetos de beleza que amam, e ali os espíritos harmoniosos vão e vêm, como na vida terrena. Esses locais **são tão reais para eles quanto os seus são para você**. Mas olhamos para as coisas de forma diferente; **nós os pensamos e o pensamento é expresso em ondas que são visíveis e reais desde que mantenhamos o pensamento**."

Isto não é um fruto da imaginação. Deixe-me esclarecer a verdade através de uma ilustração. Ontem comprei uma casa de campo, que deve ser modernizada e adaptada às nossas necessidades. Tenho pensado quais mudanças são possíveis e o que eu gostaria. Foi um esforço mental levar em consideração a situação e elaborar um plano. **Tudo foi feito em pensamento.** Eu posso, através de um processo mental, ver a abordagem da mudança; os gramados, a varanda ampliada, a grande lareira e as imponentes chaminés. Nas vibrações de pensamento estas mudanças já foram feitas. **Eles existem na mente que é matéria, e tudo o que resta é ter os planos mentais colocados no papel e enviados ao construtor, que lhes dará expressão**

física, construirá na matéria grosseira o que agora existe na matéria refinada. Estas mudanças **são agora criações mentais; eles existem de fato**; Eu posso vê-los.

Assim é na vida após a morte. **A casa e o ambiente são feitos pelo pensamento, criados na matéria-espiritual**, que é a mente, e a sua beleza e grandeza só são limitadas pela pureza e progressão da nossa vida terrena. **Os que estão na vida espiritual têm suas limitações**, assim como nós; eles devem ter conhecimento, desenvolvimento e compreensão, da mesma maneira que nós. **Diferimos em nossas criações apenas na forma de expressão**. Um deve ser adequado ao físico; o outro, às exigências do espírito; ambos são processos mentais inicialmente; um é expresso em matéria grosseira, enquanto o outro consiste em matéria espiritual e expressão espiritual.

A vida espiritual, em seu início, é a soma total desta vida e nada mais. E a estrutura moldada por nossos atos e ações aqui é aquela que devemos habitar quando entramos no mundo espiritual.

A ideia de que **todo o espaço é povoado e de que no universo não existem lugares vazios**, não é apenas surpreendente, mas deve apelar à nossa razão de que a Mente Criadora, ao criar,

> planejou de tal forma que todo o espaço deveria ser útil e ocupado, por algum propósito. O mundo do pensamento não precisa de terra, nem das águas, nem da atmosfera física, para subsistir; indo além das leis materiais, **quem dirá que não pode viver e mover-se na esfera invisível ao nosso redor – e cercar-se de criações mentais?** Eles vivem além e fora dos corpos físicos, além da nossa visão, mas ainda conosco. Embora a sua presença seja sentida por muitos, é conhecida por poucos. Este é o grande infortúnio deste chamado mundo civilizado. ([47])

Acreditamos que as explicações dessa transcrição vai abrir um largo caminho em nossa mente, permitindo-nos compreender melhor a forma pela qual são criadas as construções no mundo de além-túmulo.

4º) 1913 – ***American Journal of the S.P.R.***

James Hervey Hyslop (1854-1910), foi professor de ética e lógica na Columbia University, psicólogo e pesquisador psíquico. De 1906 até sua morte, ele foi secretário-tesoureiro da *American Society for Psychical Research*. Ele foi um dos primeiros psicólogos americanos a conectar a

psicologia com fenômenos psíquicos. ([48])

Ernesto Bozzano informa-nos que "*O professor Hyslop, a propósito da publicação de duas coleções de 'revelações' sobre o além, ponderou, a seu turno*":

> "**Nada há de impossível nos dados contidos nestas mensagens...** O mais comum entre elas é expor ao ridículo a concepção de um ambiente espiritual como é aquele que se apresenta nas mensagens desse tipo; no entanto, estes senhores que ridicularizam tal concepção com tanta leviandade não imaginam que agindo assim presumem conhecer toda a verdade sobre o mundo espiritual... Eu não me pronuncio nem a favor nem contra; **declaro, entretanto, não ter objeções a opor contra a existência de um ambiente espiritual como o descrito, mesmo que ele possa parecer mais absurdo do que o ambiente terreno**. Não consigo compreender por que se exige que o mundo espiritual deva ser mais ideal do que o nosso. Ambos os mundos são obra do mesmo Autor, chame-se a ele Matéria ou Deus. Ninguém pode afirmar ou negar a *priori*. **Negar, ou expor ao ridículo, as 'revelações transcendentais' equivale a conhecer com a mais absoluta certeza a**

verdade sobre o mundo espiritual e esta é uma presunção indigna de um cético razoável... Enfim, livros como este são importantes, pois **nos fornecem um primeiro vislumbre sobre o mundo espiritual, oferecendo-nos assim uma primeira oportunidade de comparar entre eles os detalhes contidos nas diversas revelações obtidas...** Ora, no nosso caso nota-se que os dados fornecidos nestas mensagens pela personalidade do desencarnado que se comunica concordam com outros, obtidos através de médiuns que não eram religiosos e não tinham a cultura e a inteligência desta médium..." (*American Journal, of the* S.P.R., 1914, págs. 235-237).

"Acrescento que **existe uma maneira de se verificar as afirmações sobre a existência espiritual**, e isso independentemente da comprovação indireta obtida com a identificação pessoal do espírito comunicante. **Este meio consiste em se pesquisar com um número adequado de médiuns, para comparar assim os resultados de cada um**, depois de recolhidas as devidas informações acerca da cultura específica de cada médium. Caso se verificasse que um deles estava absolutamente desinformado a respeito das teorias espiritualistas (excluindo-se deste modo a hipótese de uma colaboração inconsciente), então seria o caso de se ampliar as pesquisas com outros

> médiuns, a fim de se obter dados mais precisos sobre o mesmo tema, e assim por diante, sem haver intercomunicação entre eles. É claro que, em tais circunstâncias, **uma concordância de dados fundamentais repetindo-se com uma centena de pessoas diferentes repercutiria, e muito, a favor da demonstração da existência real de um mundo espiritual análogo ao revelado...**" (*Ibidem*, 1914, págs. 462-463). ([49])

Ernesto Bozzano faz uma consideração no parágrafo seguinte dizendo "*Observo que o método de investigação proposto pelo professor Hyslop identifica-se com aquele que adotei*". ([50])

5º) 1916 – ***Raymond: Uma Prova da Existência da Alma***

Sir Oliver Lodge (1851-1940), cientista inglês, pesquisou os fenômenos mediúnicos, tendo, inclusive, a oportunidade de comunicar com seu filho Raymond; daí o título da obra, de cujas informações extraímos:

> a) Sessão de Lionel Lodge em casa de Mrs

Leonard

L.L. – Lembra-se duma sessão em casa, quando me disse que tinha muita coisa a transmitir?

F. – Sim. **O que ele queria era dizer sobre o lugar em que se encontra**. Mas não pôde soletrar; muito trabalhoso. E sentiu-se abatido no começo. Você não se sente tão real como a gente daqui, e as paredes agora, para ele, aparecem transparentes. **A grande coisa que o fez reconciliar-se com o novo ambiente foi que tudo parece sólido e substancial**. A primeira ideia que teve depois de despertar (diz ele) foi de "estar passando". Um segundo ou dois com tudo em sombras, tudo vaporoso e vago. É como sentiu.

A primeira pessoa que o procurou cá foi o vovô. E depois outras; sobre algumas apenas ouvira falar. Todas pareceram-lhe tão sólidas que dificilmente podia admitir tivessem passado.

Eu vivo numa morada (diz ele) construída de tijolos – e há árvores e flores, e o chão é sólido. Se a gente ajoelhar-se na lama, aparentemente suja a roupa. O que ainda não compreendo é que a noite não siga o dia, como no plano terrestre. Parece algumas vezes ficar escuro, quando ele quer que seja escuro, mas o tempo entre a luz e as trevas não é sempre o mesmo. Não sei se está achando isto

maçante. ([51])

b) Extrato de uma sessão com Mrs. Leonard, em sua casa, a 3 de dezembro de 1915

Feda – [...].

Ele diz que agora não tem necessidade de comer. Mas vê pessoas que a tem; diz que a essas é dado alguma coisa com as aparências dos alimentos terrestres. As criaturas daqui procuram prover-se de tudo que é preciso. Um camarada chegou outro dia e quis um charuto. Julgou que eles jamais poderiam fornecer-lhe isso. **Mas há aqui laboratórios que manufaturam todo tipo de coisas. Não como fazem na Terra, com a matéria sólida, mas com essências, éteres, gases. Não é o mesmo que no plano terrestre, mas fizeram algo que parecia charuto**. Ele (Raymond) não experimentou nenhum, porque não pensa nisso, o senhor sabe. Mas o camarada lançou-se ao charuto. Ao começar a fumá-lo, fartou-se logo; teve quatro, e agora não olha nem para um. Parece que não tiram mais nenhum gosto disso, e gradualmente vão largando.

Logo que chegam querem coisas. **Alguns querem carne; outros bebidas fortes; pedem whisky com soda. Não pense que estou exagerando, quando digo que aqui podem manufaturar estas**

> **coisas**. Ele ouviu falar de bêbados que por meses e anos querem beber, mas não viu nenhum. Os que tenho visto, diz ele, não querem mais beber – como aconteceu com sua roupa, que nas novas condições em que está ele, dispensa. ([52])

Um pouco mais à frente, Sir Oliver Lodge, faz a seguinte observação, relacionada com essa última transcrição:

> **Sei que alguns dos relatos podem parecer absurdos. Especialmente os que falam da situação no "outro lado" – asserções que não são nem evidenciais, nem verificáveis**, e que por isso somos tentados a suprimir ou a fazer que não surjam. Em **outra parte deste livro dou minhas razões** para proceder de modo contrário, anotando-as como surgem. [...]. ([53])

Transcreveremos essas razões. Continuemos com as descrições de Raymond:

> Feda – Diz ele: **É um lugar tão sólido que ainda não venci os obstáculos**. Admiravelmente real.

Ele falou a seu pai de um rio; o mar ainda não viu. Encontrou água, mas não sabe se encontrará o mar. Está cada dia fazendo novas descobertas. Muita coisa é nova, mas não para os que já de algum tempo aqui vivem.

Ele entrou numa biblioteca com seu avô – o vovô William – e também com alguém de nome Richard, e diz que os livros são os mesmos que vocês leem.

Agora, uma coisa extraordinária: Há lá obras que ainda não foram publicadas no plano terrestre. Foi informado – apenas informado, não sabe por si – de que esses livros aparecerão um dia, livros como os que já apareceram; e que a matéria desses livros será impressa no cérebro de algum homem que ficará como o autor. ([54])

Lady Lodge – Há aí ruas, então?

Feda – Sim. **Raymond gostou de ver ruas e casas**.

Em certo tempo pensei que podiam ser criações do nosso pensamento. Todos gravitam para um lugar que lhes é adequado. Mãe, não há juiz nem tribunal – só gravitação.

Tenho visto chegar rapazes cheios de más ideias e vícios. Vão para um lugar em que eu não quero ir – mas não é exatamente o inferno. Mais parecido a um

reformatório. Lugar onde lhes é dado ensejo de melhoria; quando almejais algo melhor, tendes oportunidade de o conseguir. Eles gravitam juntos, mas ficam tão enfastiados... Aprendei a ajudar-vos a vós mesmos e imediatamente sereis ajudados. **Muito igual ao vosso mundo aí; só que não há deslealdade nem injustiça; uma lei comum age para todos e para cada um**. ([55])

E, finalizando, trazemos as considerações de Sir Oliver Lodge, mencionadas um pouco atrás:

Objeções contra a substância das comunicações

No concernente à substância das comunicações recebidas do "outro lado", a dificuldade maior é a explicação da semelhança entre as condições do "além" e das da Terra; e surge a pergunta: Como é isso possível? Minha resposta é simples: *provavelmente, por causa da identidade do observador*. Não dogmatizo, mas raciocino que no quantum a personalidade humana permanece a mesma, o seu poder de interpretação será o mesmo que costumava ser aqui. Em consequência, se interpretamos de certa maneira o nosso mundo material, dessa mesma maneira interpretaremos um mundo etéreo – sempre

através de sentidos que apenas diferirão em detalhes.

O mundo externo, como o percebemos, está na dependência dos nossos poderes de percepção e interpretação. Do mesmo modo um quadro, ou qualquer obra de arte. A coisa em si – seja qual for a significação disto – talvez jamais a conheçamos. **Admito que a proposição constitui uma dificuldade, mas a evidência do ponto vem se firmando desde Swedenborg: o "outro mundo" será sempre representado como extraordinariamente semelhante ao nosso; e embora isto leve ao ceticismo, admito que corresponde a alguma realidade.** Esse outro mundo parece consistir na contraparte etérea deste. Ou melhor: só há um mundo, do qual vemos o aspecto material e eles veem o aspecto imaterial. A razão disto estará na similaridade, ou identidade, do observador. Um sistema nervoso interpreta, ou apresenta ao espírito cada estímulo proveniente do exterior do modo específico ao qual está acostumado, qualquer que seja a natureza real desse estímulo. Uma pancada nos olhos, ou a pressão sobre a retina, é interpretada como luz; a irritação do nervo auditivo é interpretada como som. Quer dizer que só dum modo mais ou menos costumário é que podemos interpretar as coisas.

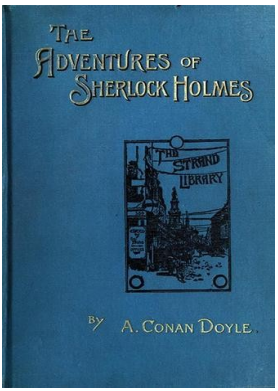
Entremos em detalhes. **A acusação de admitirmos o fumar e o beber, como em voga, entre os habitantes do outro mundo, parece-nos profundamente injustificada e falsa. Uma citação destacada do contexto frequentemente leva a erros**. O que meu livro revela, implica de maneira clara que eles, no além, não ocupam o seu tempo com isso; nem que isso seja coisa natural no ambiente. Basta o bom senso para a interpretação do caso. Se existem lá comunidades, claro que não serão fixas, ou estacionárias, constantemente estarão recebendo elementos novos. Meu filho é representado como dizendo que quando elementos novos chegam e ainda se acham em estado de tonteira, dificilmente reconhecem onde se encontram; e que pedem toda a sorte de coisas – ainda muito influenciados pelos desejos da Terra. Ora, ou muito me engano ou isto é uma lição ortodoxa: os desejos das pessoas sensuais podem persistir e tornar-se parte da sua punição. Sobre o assunto alguém me mandou uma citação do Diário Espiritual, de Swedenborg, vol. 1, parágrafo 333:

"As almas dos mortos levam do corpo a sua natureza, e por isso continuam a julgar-se no corpo. Manifestam desejos e apetites, como o de comer e outros; de modo que estas coisas pertencentes ao corpo ficam impressas na alma. Assim as almas retêm a

> natureza que levam do mundo; e só com a marcha do tempo a perdem.” ([56])

“L.L.” e “F.” significam, respectivamente, Lionel Lodge, irmão de Raymond e Feda, para o controle dos registros da médium, através da qual Raymond passava as suas mensagens e informações ao pai.

6º) 1926 – ***História do Espiritismo***



Arthur Conan Doyle (1859-1930) foi um escritor e médico britânico, nascido na Escócia, criador do detetive Sherlock Holmes, cujos doze contos de suas aventuras publicados em 1892 o fizeram mundialmente conhecido.

Do Capítulo 25, intitulado “O Depois da morte visto pelos espíritas”, transcrevemos este trecho da fala de Artur Conan Doyle:

> As condições de vida no além normal – e seria um reflexo da justiça e da misericórdia da Inteligência Central se o além normal não

fosse também o feliz além – são descritos como extraordinariamente felizes. O **ar, as vistas, as casas, o ambiente, as ocupações, tudo tem sido descrito com tantos detalhes e geralmente com o comentário de que as palavras não são capazes de lhes pintar a gloriosa realidade**. Pode ser que haja algo de parábola e de analogia nessas descrições, mas **o autor se inclina a lhes dar inteiro valor e acredita que a "Summerland", como Davis a chamou, é tão real e objetiva aos seus habitantes quanto o nosso mundo para nós**. Fácil é levantar uma objeção: "Por que, então, não a vemos?" Mas devemos imaginar que uma vida etérica se exprime em termos etéricos e que, exatamente como nós, com cinco sentidos materiais, nos afinamos com o mundo material, eles com seus corpos etéricos, se afinam com as vistas e os sons do mundo etérico. Aliás o vocábulo "éter" só é usado por conveniência, para exprimir algo muito mais sutil que a nossa atmosfera. Absolutamente não temos prova de que o éter dos físicos seja também o meio no mundo espiritual. Pode haver outras em comparação com o ar.

O céu espiritual, pois, pareceria uma sublimada e etérica reprodução da Terra e da vida terrena, em condições melhores e mais elevadas. "Embaixo – como em cima, dizia Paracelso, e fez soar a

> nota fundamental do universo, quando o proclamou. [...].” ([57])

Nesse capítulo 25, percebe-se que Arthur Conan Doyle fazia suas pesquisas tendo realizado, inclusive, reuniões mediúnicas:

> **No grupo doméstico do autor**, o Espírito íntimo falou de sua vida no além, respondendo à pergunta: “Que faz você?”
>
> – “**Ocupo-me de música, de criança**, amando e cuidando de uma porção de outras coisas. Mais muito mais do que na velha Terra. Nada aborrece a gente aqui. E isto torna tudo mais feliz e mais completo.”
>
> – “**Fale acerca da morada**.”
>
> – “**É bonita. Nunca vi uma casa na Terra que se comparasse com ela**. Tantas flores! – Um mundo de cores em todas as direções; e tem perfumes tão maravilhosos, cada qual diferente, mas tão agradáveis!”
>
> – “Vê outras casas?”
>
> – “Não; se o fizesse estragaria a paz. A gente só às vezes procura a natureza. Cada casa é um oásis, se assim posso dizer. **Além, há cenários maravilhosos e outras casas cheias de gente** querida, suave, brilhante, risonha, alegre, pelo simples fato de viver em tão maravilhoso

ambiente. Sim, é belo. Nenhuma mente terrena pode conceber a luz e a maravilha disso tudo. As cores são muito mais delicadas e, de um modo geral, a vida doméstica é muito mais radiosa."

Outro resumo do Grupo Doméstico do autor, talvez seja permitido, de vez que **as mensagens foram misturadas com muitas provas que inspiram a mais completa confiança** naqueles que estão ligados aos fatos:

"Pelo amor de Deus sacuda essa gente, esses cabeçudos que não querem pensar. O mundo necessita desse conhecimento. Se ao menos eu tivesse tido tal conhecimento na Terra! ele teria alterado a minha vida – o Sol teria brilhado sobre o meu caminho sombrio, se eu tivesse conhecido o que está à minha frente.

"Nada é chocante aqui. Não há atravessadores. Estou interessado em muitas coisas, a maioria delas humanas, o desenvolvimento do progresso humano e, acima de tudo, a regeneração do plano terreno. Sou um dos que trabalham pela causa braço a braço convosco.

"Nada temais. A luz será tanto maior quanto maior a escuridão que tiverdes atravessado. Voltarei muito breve, se Deus quiser. Nada poderá opor-se. Nem as forças das trevas prevalecerão um minuto contra a Sua luz. Todo o trabalho em massa será

varrido. Apoiai-vos ainda mais em nós, porque a nossa capacidade de ajuda é muito grande."

– "Onde estais?"

– "É tão difícil explicar-vos as condições aqui. Estou onde mais desejava estar, isto é, com os meus entes queridos, onde posso estar em íntimo contacto com todos no plano terreno."

– "**Tendes alimento**?"

– "**Não no vosso sentido, mas muito mais fino. Tão amáveis essências e tão maravilhosos frutos, além de outras coisas que não tendes na Terra!"**

"Muita coisa vos espera com as quais ficareis surpreendidos – tudo belo e elevado e tão suave e luminoso. A vida foi uma preparação para esta esfera. Sem aquele treinamento não teria sido capaz de entrar neste mundo glorioso de maravilhas. É na Terra que aprendemos as lições e neste mundo está a nossa maior recompensa o nosso verdadeiro e real lar e a vida – o Sol depois da chuva." ([58])

Confirmam-se, como se vê, as informações da existência de casas, alimentação, trabalho, etc. Arthur Conan Doyle, demonstra ter pesquisado muito a vida no além:

> O assunto é tão enorme que apenas pode ser tocado em termos gerais num só capítulo. O leitor é remetido para a maravilhosa literatura que se desenvolveu, dificilmente conhecida pelo mundo, em torno do assunto. **Livros como o "Raymond", de Oliver Lodge; "A Vida Além do Véu", de Vale Owen; "A Testemunha", de Mrs. Platts; "O Caso de Lester Coltman", de Mrs. Walbrook e muitos outros dão uma clara e sólida ideia dessa vida do Além**.
>
> Lendo essas numerosas descrições da vida depois da morte, a gente naturalmente pergunta até onde podem ser acreditadas. **É confortador verificar quanto são concordes, o que constitui um argumento em favor da verdade**. Poderiam contestar que tal concordância se deve ao fato de derivarem, todas, conscientemente ou não, de uma fonte comum. Mas é uma suposição inconsistente. Muitas delas vêm de gente que absolutamente não podia conhecer os pontos de vista dos outros, mas ainda concordam, até nos mínimos detalhes. [...]. ([59])

7º) 1930 ([60]) – ***A Crise da Morte***

Ernesto Bozzano foi um professor de filosofia da ciência na Universidade de Turim e pesquisador

espírita italiano. Destacou-se como um contribuinte ativo na literatura italiana e francesa sobre fenômenos paranormais a partir da virada do século XIX até o início dos anos 1940. Foi um dos poucos pesquisadores italianos nomeados membros honorários da Society for Psychical Research (SPR), American Society for Psychical Research (ASPR) e Institut Métapsychique International (IMI). ([61])

No início dessa obra, lemos:

> [...] das investigações empreendidas surge a prova de que as **abundantes informações conseguidas mediunicamente a respeito do ambiente e da existência espirituais concordam admiravelmente entre si**, no que se refere às informações de ordem geral. Estas são também as únicas que se exigem a fim de se concluir a favor da gênese extrínseca das revelações em questão, [...]. ([62])

Portanto, na pesquisa realizada por Ernesto Bozzano bem se vê a utilização do Controle Universal, tal como proposto por Allan Kardec, daí sua importância. Nela ele analisa trinta casos. Pelo

fato da Yvonne P. Amaral ter citado o seu nome, não os listaremos, a não ser o Caso VIII para mencionar a médium Sra. Duffey, o que será feito mais à frente.

Mas para que se ter uma ideia do pensamento de Ernesto Bozzano, vamos recorrer ao seguinte trecho de seus comentários a respeito do Caso III [Jim Nolan]:

> Lembrarei que **essa grande verdade** que nos foi revelada pelos espíritos comunicantes **pode resolver um acúmulo enorme de perplexidades teóricas, determinadas pelas informações fornecidas por estes acerca do mundo espiritual, das formas que revestem os espíritos e das modalidades da sua existência (todas as informações revelam uma reprodução exata, embora espiritualizada, do plano terreno, da humanidade terrena, das formas de existência terrena).** Essa grande verdade, capaz de resolver todos os enigmas teóricos em questão, e que se baseia na potência criadora do pensamento em ambiente espiritual, é confirmada de maneira impressionante, com base nos fatos, em ambiente terreno, e isso em consequência da circunstância de que **o pensamento e a vontade, mesmo na**

> **existência encarnada, mostram-se capazes de criar e dar formas concretas às coisas pensadas e desejadas, assim como nos é informado o que acontece em ambiente espiritual,** ainda que na Terra o fenômeno realize se exclusivamente no caso de sensitivos especiais. Refiro-me com isso aos fenômenos maravilhosos da "fotografia do pensamento" e da "ideoplastia", aos quais dediquei em 1926-1927 uma longa monografia*, onde são demonstradas, com fatos, a sua realidade incontestável e a sua portentosa eficiência. [...]. ([63])

E, um pouco, mais à frente explica:

> Observo ainda que a outra circunstância das entidades encarnadas que afirmam que **tais condições de vida espiritual são transitórias e dizem respeito apenas à Esfera mais próxima do mundo terreno, isto é, àquela destinada a receber os espíritos recém-chegados**, não vale apenas para justificar plenamente tais condições da existência, mas demonstra principalmente a sua providencial razão de ser. Em outras palavras: considere-se que desolação e desorientamento sentiriam os espíritos, em sua grande maioria, caso assim que ocorresse a crise do transpasse se vissem bruscamente despojados da

forma humana e se encontrassem em um plano espiritual radicalmente diferente do lugar onde se plasmou a sua individualidade, e ao qual estavam ligados por uma delicadíssima trama de sentimentos – afetos, paixões, aspirações – a ponto de esta trama não poder ser rompida de repente sem levá-los ao desespero, e onde sobretudo se encontrava o ambiente familiar de cada um deles, constituído por uma soma fantástico de pequenas e grandes satisfações, temporais e espirituais, que concorriam cumulativamente para criar aquilo que se cham “alegria de viver”. Caso se reflita sobre tudo isso, será preciso reconhecer que parece racional e providencial que, entre a existência encarnada e a de “puros espíritos”, venha a se interpor um ciclo de existência preparatória, que serve para conciliar natureza por demais terrena do espírito desencarnado com natureza por demais transcendental da existência propriamente dita. Para isso proveria maravilhosamente **a potência criadora do pensamento**, que permitiria ao espírito, julgando-se ainda em forma humana, reencontrar-se desta mesma forma; e acreditando estar vestido, ver-se coberto de roupas que, apesar de etéreas, pareceriam materiais para o desencarnado, como as vestimentas terrenas. **No mundo espiritual ele reencontraria também um ambiente e uma casa correspondentes**

> **aos próprios hábitos da Terra – morada preparada para ele pelos familiares que o precederam na existência espiritual**. [...]. ([64])

Em “Conclusões”, tópico que encerra seu livro, Ernesto Bozzano, apresentando suas considerações finais, as inicia dizendo:

> No vasto e importantíssimo ramo da metapsíquica em que se considera o tema das “revelações transcendentais”, tudo ainda está por ser feito, do ponto de vista da investigação científica do imenso material. **As prevenções contra o assunto – tanto de opositores como de espiritualistas – originadas por um conheci mento superficial sobre o tema, extremamente amplo, impediam que se fizesse um trabalho proveitoso nesse sentido**, e a presente monografia é o primeiro ensaio analítico que demonstra o valor intrínseco, positivamente científico, deste ramo injustamente negligenciado da metapsíquica. ([65])

Eis aí realçado um bom alerta aos espíritas que insistentemente e sem terem feito pesquisa em nível das que aqui apresentamos, preferem negar as

construções no mundo espiritual.

De ***A Crise da Morte***, citaremos os seguintes casos:

a) Caso VII:

Conforme fiz observar, essas cartas-mensagens à irmã são, com frequência, intercaladas por incidentes e **descrições que dizem respeito à própria existência espiritual, os quais correspondem àquilo que muitos desencarnados comunicantes narram, ou seja: que nas primeiras Esferas da existência espiritual encontramo-nos em um ambiente terreno espiritualizado**, com algo de extraordinário. **Por força da potência criadora do pensamento, os desencarnados acabam se encontrando com muita frequência em um ambiente doméstico parecido com o que os acolhia na Terra, preparado pelas entidades mais próximas a eles**. **A paisagem é etérea, as roupas e a mobília também; mas, como o corpo que reveste o espírito desencarnado também é de natureza etérea, o resultado é uma perfeita relação entre "sujeito" e "objeto": assim, o ambiente parece absolutamente palpável, como no nosso mundo**.

Além disso, no plano espiritual recebe-se a reconfortante notícia de que **as obras e as atividades realizadas na Terra contam, de qualquer maneira, para o início das obras e atividades a serem desenvolvidas na nova Esfera**. Ali também se aprende que uma existência terrena ociosa, preguiçosa, inútil, é a causa das maiores dificuldades para o progresso espiritual.

A esta altura sou induzido a retomar o tema que mencionei no princípio, dirigindo-me em especial àqueles estudiosos da metapsíquica que, mesmo admitindo – como faz o meu amigo Cesare Vesme – que **as provas cumulativas desse gênero são logicamente conclusivas, em termos da interpretação espírita dos fatos, entretanto obstinam em não reconhecer como verídicas – nem mesmo simbolicamente – as narrações dos desencarnados a respeito do ambiente que os acolhe**.

No entanto, eis-nos desta vez diante do caso de uma desencarnada que ao mesmo tempo em que **chega a identificar a si mesma fornecendo mais de 300 detalhes pessoais posteriormente comprovados**, *entre uma informação e outra*, **transmite noções precisas a respeito da vida espiritual e das condições do lugar em que se encontra; informações que concordam totalmente**

com outras análogas fornecidas por numerosos desencarnados comunicantes. Muito bom: de acordo com os estudiosos da metapsíquica de que falamos acima (como eu já disse, eles aceitam a existência de autênticos casos de identificação espírita, **mas não dão credito às mensagens em que são descritas as condições do ambiente espiritual**), tais revelações deveriam ser consideradas como elucubrações antropomórficas do inconsciente dos médiuns. Se nos baseássemos nessa hipótese, **teríamos de concluir que no caso em questão a entidade comunicante era um espírito de desencarnado autêntico, toda vez que transmitia detalhes verídicos a respeito da própria existência terrena, mas transformava-se no mesmo instante em uma efêmera personalidade sonambúlica assim que, entre um detalhe e outro, fornecia informações sobre a própria existência espiritual**. Nós nos questionamos sobre o fato, perguntando se **uma maneira de argumentar como esta deve ser julgada de acordo com a lógica**. Ao contrário, caso os estudiosos da metapsíquica de que estamos falando exigissem uma seleção rigorosíssima das numerosas obras sobre revelações transcendentais – muitas das quais são desvarios onírico-inconscientes facilmente reconhecíveis como tais – eu me declararia plenamente de acordo com eles,

acrescentando que o primeiríssimo **critério de seleção a ser adotado deveria ser o de se reconhecer apenas as mensagens transmitidas por entidades de desencarnados que tenham a sua identidade pessoal comprovada, critério que eu me comprometi a seguir no presente trabalho e que cumpri**, em grau superlativo, no caso apresentado acima. Em outras palavras: se, **com base nos 300 detalhes fornecidos, pode-se considerar comprovada a identificação pessoal da desencarnada Hattie Jordan, então deverão ser aceitos como absolutamente normais os detalhes simultaneamente transmitidos por ela sobre as formas de vida espiritual, uma vez que está claro que o primeiro fator da proposição subentende o segundo**. Desse modo, **quem não quer admitir o segundo, por uma questão de lógica, deve também negar o primeiro**. E aqueles que rejeitam ambos, embora estando sem razão, pelo menos podem justificar o seu ponto de vista apelando para a lógica. Já não seria possível afirmar o mesmo sobre aqueles que aceitam o primeiro e negam o segundo. E com isso encerro o assunto. ([66]) (itálico do original)

b) Caso X:

"O primeiro sentimento que se percebe, logo ao despertar com plena consciência

sobre aquilo que somos e de onde nos encontramos – ou seja, que somos espíritos sobreviventes à morte do corpo e que nos encontramos em um outro plano de existência –, é o sentimento de uma enorme curiosidade, combinada com um grande desejo de explorar o novo ambiente, e conhecer mais. Antes de qualquer coisa, nos damos conta de que à nossa volta existem 'coisas', e esta é **a primeira observação que nos deixa cheios de estupor; sobretudo porque estas 'coisas' surgem com a mesma natureza daquelas que nós conhecemos na Terra, apesar de parecerem também diferentes, mas de uma maneira que não conseguimos compreender muito bem**.

Elas são reais, muito reais: vemos muito bem isso, todavia temos a intuição de que elas são apenas temporárias, e que pertencem unicamente ao estado espiritual sucessivo ao despertar. Depois disso, **não demoramos a descobrir e isso se mostra muito curioso e interessante que podemos transformar certas coisas que percebemos à nossa volta simplesmente desejando que se transformem**. Todavia, podemos fazer isso unicamente em relação a objetos que não tenham importância. Assim, por exemplo, se eu percebo aos meus pés uma agulha de

pinheiro e começo a desejar que ela se transforme em uma agulha de aço, ei-la transmutada em uma agulha real de costura, que posso pegar e observar. De qualquer maneira, nós não podemos transformar os objetos volumosos, e muito menos o ambiente em que vivemos. E não podemos fazê-lo porque **a paisagem à nossa volta não é apenas o nosso 'cenário', mas é o 'cenário' de todos os espíritos**. Nós podemos apenas transformar qualquer pequena coisa, a partir do momento em que fazer isso não provoque aborrecimento ou prejuízo aos outros. […]." ([67])

Dos comentários de Bozzano, destacamos o seguinte parágrafo:

No caso em questão mostra-se por demais eficaz e instrutiva a descrição do espírito comunicante a respeito das maneiras pelas quais **os espíritos recém-chegados conseguem gradativamente descobrir que o ambiente em que se encontram é constituído por "formas de pensamento" e por "projeções do pensamento"**, e que tudo isso está predisposto **tendo como objetivo tornar mais fácil para os espíritos recém-chegados o período de transição da existência terrena para a espiritual**. ([68])

c) Caso XXI:

"Um dos grandes atrativos desse plano consiste no fato de que, por mais que haja aspectos de sua configuração geral que são imutáveis, ao mesmo tempo há nele uma espécie de configuração particular sobreposta se assim é lícito exprimir-se a qual, ao contrário, é extremamente mutável. **Isso ocorre porque todos nós possuímos faculdades criadoras que exercitamos perpetuamente sobre o ambiente imediato em que existimos**; dessa maneira, cada mudança em nossa maneira de sentir e de pensar traz uma mudança correspondente no ambiente ao nosso redor. Mesmo **as nossas roupas são criações do nosso pensamento, formadas com elementos extraídos do ambiente em que existimos**. Eu ainda não compreendo exatamente o processo pelo qual se determina o milagre, mas o fato é que tais manifestações exteriores do nosso pensamento traduzem as disposições inferiores do nosso espírito. Disto resulta que, para os espíritos que existem há longo tempo nesse ambiente, as roupas constituem um símbolo infalível que lhes revela o intrínseco valor moral do espírito que se reveste com elas.

"**Ainda que a natureza deste mundo pareça muito diferente da do mundo terreno, mesmo assim os dois mundos se assemelham**, com a diferença de que **o mundo espiritual mostra-se muito mais**

refinado, etéreo; é só...” ([69])

Dos comentários de Bozzano:

Excetuando-se isso, **a sua narração concorda em cada detalhe com as outras descrições do gênero**. De fato, **ela passa por uma fase de sono restaurador**, que se harmoniza com o sono da morte, de forma a poupar-lhe os estados de ansiedade e de confusão inerentes à crise suprema. Além disso, **ela é acolhida no mundo espiritual pela formação compacta dos espíritos dos desencarnados que ela amou em vida**; também se revela que ela **se encontra em forma humana no plano espiritual**. Deve-se por fim observar que ela informa que naquele mundo **os espíritos conversam por transmissão de pensamento**, que **naquele ambiente é uma cópia espiritualizada do plano terreno e que o pensamento e a vontade espirituais são forças criadoras**. Sobre este último item é oportuno atentar para um *detalhe secundário* que está perfeitamente de acordo com o que afirmam os demais espíritos comunicantes: que **a configuração da paisagem “astral” é constituída por uma série de criações do pensamento e da vontade de entidades espirituais muito elevadas, colocadas no governo das Esferas**

espirituais inferiores. **Nesse caso as criações são imutáveis.** Já as outras, ao contrário, são transitórias e extremamente mutáveis, enquanto resultado da concretização do pensamento e da vontade de cada entidade desencarnada, ao projetar o ambiente desejado no momento. ([70]) (itálico do original)

d) Caso XXV (dos comentários de Bozzano):

Voltando à "potencialidade criadora do pensamento" no plano espiritual, narrarei este único trecho:

"Tudo o que existe aqui parece constituído pelas diversas modalidades com as quais a força do pensamento se manifesta. **E a substância criada pelo pensamento parece ser, na verdade, mais sólida e duradoura do que a pedra e os metais**. Talvez isso seja **difícil de ser compreendido por vocês, e não parece conciliar-se com o conceito que alguns podem formar sobre as maneiras com que a força do pensamento deveria se manifestar**. Eu, por exemplo, **cheguei a imaginar que se tratava de criações formadas de matérias vaporosas e, ao contrário, são mais sólidas, revestidas de tintas mais vivas, do que tudo o que é sólido e colorido no ambiente terreno**. **As casas são construídas por espíritos que se especializaram em modelar, com**

a força do pensamento, essa matéria espiritual. E eles as constroem sempre como os outros espíritos as desejam, uma vez que **retiram do inconsciente destes últimos os modelos mentais dos seus desejos**."

A respeito do trecho exposto, observo que do ponto de vista científico **não deveria causar nenhuma surpresa a observação do espírito com comunicante a respeito da aparência sólida tanto ou mais do que a da pedra das construções psíquicas em ambiente espiritual**, considerando-se que é sabido, como **a ciência tem demonstrado, que a solidez da matéria é pura aparência**. Disso resulta que o atributo "solidez" é tão-somente uma questão de "relação" entre sujeito e objeto; ou seja, isso significa que **para nós seres constituídos da mesma matéria do ambiente em que vivemos esse ambiente deve necessariamente parecer sólido**, uma vez que existe uma **perfeita relação entre sujeito e objeto**. Analogamente, para um espírito revestido de um "corpo etéreo" deverá parecer da mesma forma sólido o ambiente etéreo em que está, e isso pela idêntica razão da existência de uma perfeita relação entre sujeito e objeto. Em contrapartida, ao mesmo espírito deverão parecer sombras evanescentes as pessoas vivas e o ambiente terreno, e isso na ausência de relações entre

as condições em que ele existe e opera, e as condições em que existem e operam os seres vivos; sem contar que ele terá a confirmação daquilo que presume quando lhe acontecer passar através de um muro como se este não existisse.

Ressalto ainda que a última observação contida no trecho aqui considerado, e no qual se afirma que as "**habitações são construídas por espíritos os quais se especializaram em modelar com a força do pensamento a substância espiritual**", **está em perfeito acordo com aquilo que uma outra personalidade mediúnica havia afirmado no Caso XVII**. Esta última, falando de tais construções psíquicas, observa: "**Um grande número de espíritos não trabalha em tais criações**, pois fazê-lo **está reservado àqueles que manifestam disposição natural para essa tarefa especial**." Em se tratando de uma concordância relativa a um *detalhe secundário*, ela resulta teoricamente mais importante do que muitas outras relativas a *detalhes fundamentais*, visto que a hipótese das "coincidências fortuitas" torna-se cada vez menos verossímil à medida que as concordâncias entre as descrições dos espíritos comunicantes se referem a detalhes cada vez mais minuciosos ou de pouca importância. ([71]) (itálico do original)

e) Caso XXX (dos comentários de Bozzano):

> Isso sai dos limites que me impus no presente trabalho, mas acredito que provavelmente essa questão deva ter surgido com insistência para muitos leitores, os quais, a respeito da **análise comparada aplicada às revelações transcendentais**, devem ter se perguntado: muito bem, **agora sabemos, com base nos fatos, que os espíritos dos desencarnados entram em uma primeira fase de existência espiritual que significa uma reprodução espiritualizada do ambiente e da existência terrena; fase transitória**, ainda que de longa duração, que teria a finalidade de predispor gradativamente os recém-chegados para a vida espiritual propriamente dita. Tudo isso já aparece como uma soma importante de conhecimentos adquiridos a esse respeito; mas o que pensar da existência espiritual propriamente dita? Como concebê-la? O que significa passar para o estado de 'puros espíritos"? ([72])

Ernesto Bozzano, em *A Crise da Morte*, também apresenta nas suas "Conclusões" uma lista de doze "detalhes fundamentais" que surgiram de suas pesquisas. Citaremos, apenas estes três, que constam entre os mencionados por Yvonne A.

Pereira:

> 7º) Consideraram **o meio espiritual um novo mundo: objetivo, substancial, real, análogo ao ambiente terreno espiritualizado**.
>
> 8º) Aprenderam que isso se deve ao fato de que **no mundo espiritual o pensamento é uma força criadora, com a qual um espírito existente no "plano astral" pode reproduzir em torno de si o ambiente de suas recordações**.
>
> 12º) Aprenderam que **os Espíritos dos desencarnados gravitam fatal e automaticamente rumo à esfera espiritual que lhes compete, devido à "lei de afinidades"**. ([73])

Comenta Yvonne A. Pereira:

> E ponderamos nós: **Se os Espíritos dos mortos fatalmente e automaticamente gravitam para a esfera espiritual que lhes convém**, é que tais esferas existiam mesmo antes de eles para lá gravitarem, criadas, certamente, por outros Espíritos, com os quais passarão a colaborar, na medida das próprias forças. Com efeito. […]. ([74]) (grifo do original)

Muito bem colocado!

8º) 1931 – ***No Limiar do Etéreo, ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada***.

James Arthur Findlay (1883-1964) foi presidente da *Psychic News*, uma revista britânica; líder espírita, era conhecido como orador, conferencista, e pesquisador. Durante cinco anos fez um estudo especial dos fenômenos de voz direta por meio de John C. Sloan. ([75]). Esse autor é mencionado por Yvonne A. Pereira.

> Teremos, portanto, peso, forma, individualidade e a mesma mente que temos agora; porém, e o que concerne ao ambiente ou meio? Quanto a esse, podemos aceitar o que nos dizem as comunicações vindas do mundo etéreo, como também podemos tirar algumas deduções lógicas, baseadas no nosso ambiente físico. Dissemos que **o mundo etéreo se assemelha a este, que se compõe de individualidades e outras coisas vivas**. Admitimos, tirando-a das nossas experiências físicas, a conclusão lógica de que todas as coisas vivas são animadas pela força de vida e, desde então, já não será

despropositado concluir que **tal força, combinada com a mente, que tem o poder de atuar sobre a matéria física, produzindo o que experimentamos aqui no nosso mundo, também dispõe do mesmo poder para influenciar as outras formas viventes, no mundo do éter, semelhantes às que existem no mundo físico**. Não será, pois, igualmente, despropositado acreditar-se que o mundo etéreo contém árvores, animais e flores, e para todos os fins e efeitos que lhes são assinados neste nosso mundo, nem que, **quando realizamos a passagem chamada morte, nos vamos encontrar em um mundo muitíssimo semelhante ao em que hoje vivemos**, com a só diferença de lá não estarmos embaraçados pela matéria física e de serem, conseguintemente, mais ativos os nossos cérebros e mais céleres os nossos pensamentos e movimentos. ([76])

[...] disseram-me [os Espíritos] que **o Universo todo é feito de matéria em vários graus de densidade e de atividade vibratória**; que ela enche por completo o espaço, em todo o qual há vida nos mais variados graus de desenvolvimento. [...] **Envolvendo a Terra**, interpenetrando-a, ligado a ela e com ela a mover-se, **há outro mundo, de substância etérea, em estado mais alto de vibração**. [...]. ([77])

Nesse outro estado de consciência, os seres se encontram em ambientes mais ou menos idênticos aos que aqui nos achamos. **Crescem árvores e desabrocham flores**, não sujeitas, porém, à morte, conforme a entendemos na Terra. Os vegetais não deperecem; desmaterializam-se e desaparecem das vistas. **Os ambientes do mundo etéreo são, em grande parte, condicionados pelos pensamentos dos seus habitantes, de forma que, por exemplo, suas casas e modo de viver são, em larga escala, obra deles**. Isto, esclarecem-me, não quer dizer que o próximo plano da vida seja puramente efeito de projeções mentais, porquanto os que lá vivem experimentam sensações, quais as experimentamos. Podem perceber, tocar e cheirar as flores, apanhá-las e, por onde quer que andem, encontram amigos e com eles conversam. Todos os que estão em um plano, disseram-me, podem ver e tocar as coisas que nesse plano existam. Esta a resposta que invariavelmente recebi, sempre que tentei saber se o outro plano é objetivo ou subjetivo.

Há muitos planos; mas, em cada um deles, só os que ali se acham experimentam as mesmas sensações. Verifiquei por mim próprio que os Espíritos que me falavam a ninguém mais podiam ver, embora se achassem todos na mesma

sala. [...] Não é um mundo de sonho o deles; é um mundo de objetiva realidade, vivamente real. Todas as coisas, a música, a arte, os trabalhos construtivos se praticam num grau de elevação, que não nos é possível apreender.

Reina grande atividade. **Cada um tem o seu labor a executar**. Servir aos outros e amar são os padrões éticos que lá prevalecem, num grau muito mais elevado do que aqui. É universal a linguagem, de sorte que todos se entendem uns aos outros. **Em geral, vivem juntos os de cada nacionalidade terrena e falam a língua de que aqui usaram**; há, porém, uma linguagem comum a todos. Insistiam muito os meus informantes num ponto: em que, entre eles, **é rígida a disciplina**, obedecendo todos aos que exercem autoridade. Cada um se acha submetido a Espíritos mais elevados, cujas determinações e instruções têm que ser atentamente obedecidas. **É um Estado bem ordenado e governado**.

Não há noite como a concebemos e a luz que os banha não lhes promana do nosso Sol. Se quiserem repousar, podem atenuar a luz, sem que jamais se produza a escuridão, como a experimentamos. **Perguntados como se nutrem, disseram-me que comem e bebem exatamente como nós e têm do comer e do beber as mesmas sensações que nós**, se bem a comida e

> bebida sejam diferentes daquilo que por esses nomes designamos. Gozam de muito maior liberdade de movimentos, visto que se deslocam de um lugar para outro com uma rapidez que nos escapa à compreensão. ([78])

Provavelmente, dirigindo-se aos incrédulos, arrematou James Arthur Findlay: "*Unicamente os ignorantes afirmam que só é real o que sentimos, que nada existe fora dessa ordem de sensações*" ([79]).

Em uma sessão realizada a 4 de dezembro de 1923, James Arthur Findlay, dialogando com o Espírito manifestante, faz-lhe várias perguntas, das quais destacamos estas três, que tocam mais diretamente o nosso estudo:

> P. – Comeis e saboreais o vosso alimento?
>
> R. – **Comemos e bebemos, sim; porém, não como entendeis o beber e o comer**. Para nós, é uma condição mental. Saboreamos mentalmente o que comemos, não corporalmente, como vós.
>
> P. – Assemelha-se à nossa a vossa vegetação?
>
> R. – De certo modo, mas é muito mais

linda.

P. – **Como são as vossas casas?**

R. – **São quais as queremos**. As vossas aí **são primeiro concebidas em mente, depois do que se junta a matéria física para construí-las de acordo com o que imaginastes**. Aqui, temos o poder de moldar, a substância etérea, conforme pensamos. **Assim, também as nossas casas são produtos das nossas mentes**. Pensamos e construímos. **É uma questão de vibração do pensamento** e, enquanto, mantivermos essas vibrações, conservaremos o objeto que, durante todo esse tempo, é objetivo para os nossos sentidos. ([80])

Essas explicações são bem oportunas, e podem nos servir para melhor entendermos como são as coisas no Mundo Espiritual.

9º) 1932 – ***A Vida em Outro Mundo***

Cairbar de Souza Schutel (1868-1938) "*em 1904, toma contato com o Espiritismo, e, a partir daí, foram 34 anos como espírita convicto, onde, ao mesmo tempo em que se dedicava à divulgação do Espiritismo, exercitava a prática da caridade*" ([81]).

Transcreveremos algumas coisas de sua obra, porquanto são relevantes para o nosso estudo.

No Capítulo “No outro lado da morte”, Cairbar Schutel inicia dizendo:

> Da importante revista inglesa *Beyond* colhemos a seguinte mensagem espírita, que é do nosso dever adicionar a esta obra, pois **se acha de plena conformidade com o que sabemos sobre a vida no outro mundo**. ([82])

Dessa citação, transcreveremos o seguinte trecho oriundo a revista *Beyond*: sob o título “Construções celestes”:

> “Algumas pessoas se comprazem em fazer casas dessas coisas encantadoras. **Temos maravilhosos edifícios, salas para conferências e assim por diante**, que são admiráveis de serem vistos, como nas visões que o Evangelista João descreve nas Revelações, com paredes de pedras preciosas, portões de pérolas e ruas de ouro.
>
> “**Esses lugares maravilhosos** são muito interessantes para serem visitados, como, na Terra, se vai ver belos e **notáveis palácios**; naturalmente, **os daqui são**

> **muito mais belos para conferências, reuniões e música do que qualquer edifício por mim visto na Terra. Para mim, porém, as belezas naturais das árvores, montanhas, flores e rios, que são todos tão perfeitos**, dão mesmo um encanto e eu sempre gosto de procurar esses lugares gloriosos da Natureza, quando me sinto inclinado a ficar pesaroso, como algumas vezes acontece. O admirável e agradável efeito da luz através **das árvores**, ou brilhando sobre as ondas prateadas de gloriosos mares, ou brincando nos rios, como nunca tive a dita de ver na Terra, é tudo tão maravilhoso! **Os rios são gloriosos**, tão perfeitamente puros e incorruptos, que dentro deles, podemos andar, sentar na água e senti-la cobrir-nos e dela sairmos refrescados e revigorados; e, ainda mais, a água, evaporando-se em contato com o brilho solar, não deixa sensação nenhuma desagradável.
>
> "Tudo isso é tão delicioso que só afago um desejo: a vossa participação em tudo que desperta o prazer de viver intensamente a vida celeste". ([83])

Vejamos agora no capítulo "Perturbação da morte" a opinião do próprio Cairbar Schutel:

> Por isso, o Mundo Espiritual é provido de

meios que fornecem à vida do além-túmulo as condições indispensáveis para a transição. Por exemplo, **dizem as entidades do Espaço que lá existem hospitais onde são tratados aqueles que passam por longa enfermidade**, e os quais, por condições de atraso, não percebem o Mundo dos Espíritos em sua realidade. Aí são curados, e, depois, instruídos sobre a nova situação, até que se adaptem ao meio em que se acham.

[...].

Assim também **sucede com a alimentação**. Aos entes muito materializados, que chegam ao Mundo Espiritual sem compreenderem a transformação porque passaram, e **têm ainda sensação de fome e sede, lhes são ministrados alimentos em instalações especiais**, até que, adaptados ao meio em que iniciaram a nova vida, compreendam que não têm mais necessidades desses alimentos, que julgavam precisos para sua manutenção. **Naturalmente, os alimentos assemelham-se muito aos que lhes eram usuais na Terra, mas são feitos de matéria peculiar ao Mundo dos Espíritos** e de acordo com o corpo fluídico, ou seja, o organismo perispiritual de cada um. ([84])

Acrescentaremos ainda, o que imediatamente a seguir, Cairbar Schutel ressalta sobre isso:

> **Não podíamos deixar de narrar todas essas particularidades do Mundo Espiritual, que não deixam de ser lógicas**, de acordo com a lei da evolução, que não admite bruscas transições e que proporciona, sempre, períodos intermediários para suavizar as mudanças que ocasionam grande abalo, e maior perturbação ainda ocasionariam, se fossem excluídos os meios precisos para essas transições.
>
> Isso tudo demonstra que o Mundo Espiritual não é uma concepção abstrata, uma miragem, um vácuo inconcebível, sem sanção da inteligência, mas, sim, um meio concreto, onde se encontram as condições indispensáveis para as adaptações e o progresso do Espírito.
>
> **Já havíamos recebido essas revelações há muitos anos; contudo, tínhamos conservado as mesmas como lição de caráter puramente familiar, e sujeita, portanto, à observação**: é sabido que as revelações da Verdade têm caráter coletivo; se, de fato, a nossa procedesse dessa fonte, outros também recebê-la-iam em todo o mundo. Se isso acontecesse, julgaríamos essas revelações

> transcendentais realmente dignas de atenção e até de experimentações novas, como outros médiuns, para sua melhor confirmação.
>
> **Com efeito, em diversas obras inglesas, norte-americanas e francesas, vemos, hoje, a reprodução detalhada dessas mensagens!** O Plano espiritual desenterra o oculto e concorre para que conheçamos o futuro que nos espera, assim como nos dá a conhecer, desde já, em que consiste a outra vida e quais os meios facultados, nessas regiões, aos entes que nos são caros, para a aquisição de uma felicidade duradoura e de um progresso para a Luz e a Verdade. ([85])

Destas falas tão claras de Cairbar Schutel, ressaltamos que ele guardou, em segredo, aquilo que lhe foi revelado e posteriormente confirmado por outras fontes, razão pela qual resolveu divulgá-las.

Do capítulo “A inconsciência da vida no além”, transcrevemos o seguinte trecho:

> Enfim, a perturbação ou o estado de inconsciência dos Espíritos é muito variável; cada um sofre-os de acordo com a sua evolução, a sua constituição psíquica, o papel de responsabilidade social que

assumiu na existência terrestre, a sua instrução intelectual, etc. Entre dois indivíduos, um ignorante e outro letrado, que tenham incorrido na infração da mesma lei, a pena do letrado se agrava, ao passo que a do ignorante será atenuada. Tudo está em relação com o indivíduo e o crime cometido. Assim também é a natureza da perturbação peculiar a cada indivíduo.

Um fato notável tem sido verificado com muitos Espíritos: o não saberem eles que "morreram", segundo a expressão usual. Esse fato se verifica com os Espíritos muito materializados e muito materialistas, especialmente com os suicidas. É uma espécie de condenação a que ficam sujeitos em virtude da sua teimosia na negação.

Enfim, **todos esses Espinos atrasados ficam presos Terra; caminham aqui e ali, mas as suas vistas abrangem mais a Terra que o mundo Espiritual.** Eles se apinham em torno do globo, presos sempre à pátria e à família, acompanhando dos os movimentos do planeta, como se estivessem encamados e muitos deles, sofrem as variações atmosféricas e outras sensações peculiares aos que ainda estão incorporados na matéria.

Q**uando veem o Mundo Espírita não o compreendem. Pasmam ao observarem a Vida Espirita, o modo porque agem os Espíritos adiantados; admiram-se ao**

atravessarem grandes cidades, metrópoles flutuantes, ao verem casarias transparentes e multicolores, majestosos edifícios, cuja luz os ofusca; veículos céleres a deslizarem de um a outro ponto; jardins aprimorados com flores belas e aromáticas como nunca viram na Terra. Tudo isso lhes causa estranheza tal e ocasiona-lhes perturbação tão profunda, que preferem, muitas vezes, não prestar atenção senão ao mundo onde deixaram seus corpos e ao qual se acham ligados por afinidades antigas.

São esses Espíritos que vivem numa ânsia continua de se comunicar com os homens, não tanto para demonstrarem sua sobrevivência, mas para, se possível, prosseguirem no seu antigo modo de viver.

Eles desenvolveram ao extremo os seus sentidos físicos, e, havendo aniquilado o sentido espiritual, ficam, por isso, entre as trevas e a luz, entre o mundo da carne e o mundo do espirito, sem poderem prosseguir na sua vida material e sem poderem viver na vida espiritual, até que as preces, as instruções, os bons conselhos os encaminhem à realidade e sejam então iniciados na vida nova, na qual sentirão grande gozo, gozo esse que se tornará, para eles, um incentivo para trabalharem em prol de seu progresso e bem-estar espiritual. ([86])

É oportuno também acrescentar este trecho do capítulo “Sala de reuniões e casas no mundo dos Espíritos”:

> Sobre isso e com o intuito de corroborar as nossas asserções a respeito, julgamos de utilidade transcrever um escrito de Miss Winifred Moyes, inserto num dos números de *The Greater World*, revista inglesa de grande circulação e ótima orientação.
>
> O artigo traz o título acima e assim explica certos afazeres na outra vida:
>
> “**A ideia de salas (*halls*) de reuniões e templos de instrução, na vida futura, é muito atrativa a certas pessoas**, e, durante o tempo em que esses lugares são necessários aos que aspiram ao saber, são encontrados à sua disposição... Entretanto, **devemos lembrar que o desejo de ‘casas’ e ‘salas’ de reuniões provém do fato de, durante a vida terrena, termos necessidade de abrigos contra a inclemência do tempo**. O nosso clima é responsável por muitos dos nossos costumes e desejos arraigados. Sabemos que, para estudar, ‘aqui’, devemos estar salvaguardados de barulho e interrupção. Visualizando a vida futura, devemos lembrar que, quando passarmos à condição de Espírito, não teremos as desvantagens que experiências na Terra.

"A alocução de Zodíaco (nome do Espírito manifestante) sobre o 'Futuro Estado do Ser' atraiu grande interesse, porém alguns leitores, em correspondência, mostram estranhar a ausência de referência a 'casas' e 'salas de reuniões' para instrução.

"O simples fato de sentirem eles a sua felicidade aumentada com exposições, discursos e réplicas de coisas terrestres, significa que estas estarão ao seu dispor, enquanto tenham utilidade.

CASAS DE CONVALESCENTES

"**Muitos Espíritos que voltaram, descreveram suas casas e também outros edifícios vistos. As casas para convalescentes tornam-se uma necessidade real, como lugares de repouso para os que passaram pela morte e necessitam de 'tratamento'**, pois, frequentemente, as tristezas e provações da vida física deixam a sua impressão no perispírito. Há um outro ponto a considerar. Zodíaco explicou muito bem que as coisas almejadas, mas nunca alcançadas na vida terrestre, estarão, na outra vida, ao alcance dos filhos de Deus. **Muitos homens e mulheres desejam um lar todo seu, onde possam viver sem interferência de estranhos. Quando ingressarem no Além, terão a morada dos seus sonhos**. ([87])

Nessa obra de Cairbar Schutel, temos o capítulo intitulado “Os planos do mundo espiritual”, que corrobora a visão de outros autores a respeito da existência de planos espirituais. Eis alguns trechos que selecionamos:

> No Outro Mundo, como neste, **existem planos de existência, mundos superpostos, uns acima dos outros**, constituindo uma espécie de escada de perfeição.
>
> **Os Espíritos**, revestidos de seu corpo perispiritual, **não podem viver num meio que não esteja de acordo com a sua vestimenta espiritual**, e esta vibra sempre ao ritmo da elevação de cada um, em sabedoria e moralidade.
>
> Os antigos tinham noções destes princípios e acreditavam na existência de muitos céus superpostos, que se compunham de matéria sólida e transparente, formando esferas concêntricas e tendo a Terra por centro.
>
> A opinião comum era a de que havia sete céus; em cada um deles, em sentido ascendente, aumentava a felicidade dos crentes.
>
> **Não há dúvida, existem planos de existência, de vida em mundos**

> **superpostos, uns acima doutros**, constituindo, no seu conjunto, uma espécie de escada de perfeição. ([88])

E, finalizando, a análise da obra *A Vida no Outro Mundo*, transcrevemos, do capítulo “O plano de vida após a morte”, o seguinte:

> O primeiro plano do **Mundo Espiritual é bem parecido com o plano em que vivemos**, o plano terrestre.
>
> **Pode-se dizer que o nosso plano de vida aqui, na Terra, é uma cópia materializada do primeiro plano da Vida Espírita**.
>
> [...].
>
> O termo “mundo”, na linguagem espírita, não exprime somente os planetas, os globos, mas também as camadas que chamamos atmosféricas e que envolvem os planetas, os cometas, as estrelas ou sóis, e outros mundos imperceptíveis mesmo aos astrônomos e aos que se dedicam às coisas Espirituais. ([89])

10º) 1991 – ***Os Mortos nos Falam***

Pe. François Brune, escritor, que se destaca

como pesquisador da Transcomunicação Instrumental, que, segundo consta, é o representante do Vaticano para assuntos de transcomunicação ([90]).

Nessa sua obra, apresenta-nos informações bem interessantes, que veem somar ao conjunto de provas que estamos apresentando neste estudo.

Do capítulo V – Os primeiros passos no além:

> Tentemos, agora, ir ainda mais longe. **Nós só teremos como material as afirmações de mortos, verdadeiramente, mortos, transmitida – quase sempre – indiretamente pelos médiuns, através de escrita automática ou pela prancheta**. Mas nestes casos, e pela primeira vez, com uma dificuldade adicional bem conhecida por aqueles que mergulharam nesta vasta literatura: não encontraremos mais a formidável unanimidade que nos havia sustentado até agora. Ao contrário! ([91])
>
> 3. Os primeiros níveis no além
>
> Já vimos que, com frequência, aqueles que amamos na Terra e que morreram antes de nós vêm nos buscar antes mesmo que tenhamos feito a grande passagem.

Mas nem sempre é assim. William Sted, após o naufrágio do Titanic, foi levado, com todos os seus companheiros, em **uma espécie de gigantesco elevador,** rumo a **um país maravilhoso** ao qual chamou "ilha azul"; e que não é, no fundo, nada mais que **um tipo de estação orbital de recepção para os recém-chegados**. É ali que eles encontram, efetivamente, seus parentes e amigos.

Harold Sherman, em seu último livro, conta-nos que A.J. Plimpton, após a morte de sua esposa, interessou-se pelos fenômenos paranormais e obteve gravações de sua voz; depois, consegui finalmente comunicar-se com ela e com outras pessoas falecidas, diretamente por telepatia.

Assim, **ficou sabendo que a Terra era efetivamente circundada por uma série de estações orbitais de recepção para os falecidos das diferentes partes do planeta. Mas que eram apenas locais de trânsito**.

Haveria mesmo espécie de Centros de Informações que permitia localizar, imediatamente, um morto cujos vestígios tivessem sito perdidos.

Robert Monroe tem a impressão de, durante uma de suas Experiências Fora do Corpo, ter visto rapidamente um destes centros de recepção. Mas ele não o situa no espaço, em relação à Terra:

“**Eu me encontrava, por ocasião de uma visita, em um ambiente semelhante a um parque, com flores, árvores e gramados, cuidadosamente mantido**: talvez um jardim público entrecortado por caminhos. Estes últimos eram ladeados por bancos; centenas de homens e mulheres vagavam por ali ou descansavam nos bancos. Alguns pareciam perfeitamente calmos; outros, inquietos. A maioria tinha um olhar desorientado. Sem dúvida alguma, todos achavam-se inseguros quanto ao que deviam fazer.

Eu sentia, de uma forma ou de outra, que **se tratava de um local de encontro, onde os recém-chegados esperavam amigos e parentes**. Deste Ponto de Encontro os amigos levavam os que chegavam para o local a que pertenciam.”

Não é totalmente certo que todos os que morrem passem automaticamente por tais centros de recepção que são, de certa forma, centros de triagem. Talvez cada um já chegue em um centro diferente, segundo o destino que lhe será atribuído em seguida.

Numa primeira etapa, com efeito, alguns não irão muito longe. Permanecerão, simplesmente, em nosso mundo. É o que nos testemunha Georges Morrannier, o rapaz que, após longa pesquisa intelectual e espiritual, aventurou-se, sozinho, no ioga

real e terminou suicidando-se:

“Convença-se de que nós não vivemos 'lá em cima', em um local indeterminado, mas de que nós vivemos com vocês, em suas casas.”

[…].

Entretanto, Georges Morrannier conheceu bem a existência possível de outras formas de vida. **Ele conheceu sobretudo o poder criador extraordinário do pensamento**, dele tendo-se, por vezes, utilizado. […].

[…].

Morrannier não vê neste poder criador do pensamento senão ilusão e, por conseguinte, tentação. Entretanto, parece-me que tal recusa advém, por um lado, do fato de que, no fundo, nosso mundo, um pouco melhorado, como ele o vê, já lhe é suficiente. Por outro lado há, nele, uma certa recusa de maior espiritualização. Pelo menos por enquanto este nível lhe basta, e ele não tem qualquer vontade de abandoná-lo!

“Este pensamento, liberto da matéria, prega-nos peças desagradáveis. Ele cria todo tipo de romances e tragédias. **Basta pensar em comer para ver uma mesa bem posta. Basta crer que se está doente para ter-se a impressão de se estar deitado em um quarto de hospital. De fato, não há nada de real nisto, mas o pensamento torna-se tão**

forte que cria ilusões. Esta é a razão pela qual muitos desencarnados descrevem casas, palácios e paisagens encantadoras."

Veremos mais adiante que tais criações do pensamento não são assim tão ilusórias. Os mortos podem de fato, comer e beber os alimentos que mencionam. Os palácios que criam são realmente habitados por eles pelo tempo que desejam naquele momento. Assim como o cavanhaque ou as vestes brancas que Georges criou para si.

[...].

Estudando as etapas seguintes, **veremos melhor que tais criações do pensamento são perfeitamente reais, reais para cada um daqueles que as criam**. Esta é exatamente a grande lei da evolução espiritual. É isto que Georges Morrannier ainda não compreendeu, parece-me, nem tampouco aqueles que vivem em harmonia com ele, formando, todos, um pequeno grupo.

[...].

O texto a seguir é bastante esclarecedor e permite-nos rever nossas ideias sobre os meios de transporte do além; ao mesmo tempo, explica-nos o que ocorre em tal estado de evolução. As palavras foram sublinhadas pelo próprio autor. Trata-se de Albert Pauchard que transmite a seus amigos holandeses uma mensagem

destinada a sua irmã:

"É curioso, mas não consigo ver-te bem em teu novo apartamento. Quando estou contigo, estamos sempre na rua C... Procurei a causa desse fato, e descobri que não me desloco no espaço para estar contigo, mas utilizo (se posso expressar-me assim, e quase que reluto em usar tal palavra) uma 'telepatia' mais íntima que a telepatia comum. Torno-me um com teu sentimento e teu pensamento.

Mas tua imagem está ainda, para mim, cercada de um ambiente familiar. Assim, sinto sempre nossa casa da rua C... e esta continua a ser sempre minha casa. *Pois em nossos momentos passivos, nosso antigo ambiente forma-se em torno de nós automaticamente*. Não há nada de estranho nisto, e **trata-se sem sombra de dúvida, de uma *morada* real. *Estamos ainda tão próximo da Terra, aqui onde estou, que precisamos de um mundo objetivo***.

Se ele não for criado por nossa própria vontade positiva, e se nossa curiosidade não nos levar a mundos criados por outrem, ***nós entramos, então, geralmente, no mundo criado por nossos hábitos*****.**"

Não devemos nos iludir: Albert Pauchard não assombra esta casa da rua C..., aqui na Terra. Aliás, ele encontraria lá, provavelmente, outras pessoas que não sua irmã que mudou-se para lá. O que ele faz

não é lembrar-se, nem reconstituir o ambiente através de lembranças, no sentido de entendemos isso habitualmente. Não, **ela se constrói por si só, em torno dele, e ela é então real para ele, de uma realidade que corresponde a do corpo que ele possui naquele momento**.

[...].

Mas antes de estarem prontos para um mundo mais espiritual, muitos vão, inicialmente, reconstituir em torno de si um mundo bem semelhante ao nosso. Eles vão, inicialmente, reencontrar sua casinha, aumentando-a talvez, acrescentado-lhe o terraço com o qual sempre sonharam, circundando-a de um jardim, situando-a no alto de uma colina com uma bela vista... **As coisas se formarão em torno deles, mantendo as formas dadas pelo pensamento, pelo tempo em que lhes for atribuída alguma importância**. As coisas das quais desprendemo-nos perdem sua importância, esvaem-se. Neste mundo novo, tudo aquilo que aqui considerarmos com certo desprezo, como "subjetivo", tornam-se "objetivo" no além. Nossos sentimentos, mais ainda que nossos pensamentos racionais, objetivam-se sem parar. Daí a dificuldade de se descrever estes novos mundos.

Pierre Monnier explica à sua mãe:

"Falei-lhe muito pouco das condições de

vida no Céu: elas são infinitas e difíceis de serem contadas, pois variam para cada espírito. As ocupações (tanto as de distração quanto as de estudo), as coisas que nos cercam, tudo tendo-se tornado espiritual, desloca-se ou transforma-se sobre o efeito de nosso pensamento... **Pensa-se em um palácio: ele se constrói; em um templo: e nele pode-se rezar; em um oceano: e nele é possível navegar. Isto faz com que, quando se pergunta aos amigos a respeito dos planos que sucedem ao da Terra, as respostas, às vezes, sejam muito diferentes...** Nós nos cercamos de 'realidades irreais', se é que posso dizer assim, que responde a nosso grau de evolução. O espírito chegado a alturas espirituais muito elevadas só terá pensamentos belos e elevados, de forma que tudo que o circunda, tendo sido criado por emanações do seu 'eu' espiritual, estará revestido de formas puras em relação a ele mesmo."

[...].

Assim, **ao menos numa primeira etapa, reconstruímos espontaneamente, em torno de nós, nosso universo familiar**. Mas também, com muita frequência, nossos hábitos e, portanto, nossas atividades. Nós chegarem ao além sem saber, sobre todos os grandes mistérios da existência, muita coisa além do que tivemos podido descobrir neste nosso

mundo. Para saber mais a respeito, sobre Deus, sobre a origem do mal, sobre a liberdade… ser-nos-á preciso continuar refletindo, lendo, rezando, e, talvez, ouvindo conferências e discutindo com outros sobre esse assunto:

"**…nas regiões astrais mais próximas da Terra, a vida continua amplamente como antes – comparativamente – com escolas, igrejas, cidades inteiras, até mesmo hospitais e edifícios públicos**; mas, à medida que se progride, tais coisas desaparecem." ([92])

Fiquem tranquilos quanto aos hospitais! Parece que os mesmos servem para o sono reparador dos recém-chegados ou para ajudar médicos e cirurgiões do nosso mundo em suas pesquisas!

William Stead, salvo no naufrágio do Titanic (salvo no além, é preciso que se frise; em nosso vocabulário habitual, morto no naufrágio) **descreve-nos admiráveis concertos executados ao ar livre com músicas mais ricas que aquelas que conhecemos aqui na Terra** pois que comportam sons que nossos ouvidos de carne, enfermos, não podem captar. Além disto, tais sons correspondem a cores. Muito melhor que o som de Xenakis ou de Jean-Michel Jarre! Ele conta-nos também que, **para comunicar-se telepaticamente**

com a Terra, há um prédio especial com pequenas cabines e monitores muito amáveis que ensinam como proceder para estabelecer o contato. [...].

[...].

Volto a citar Albert Pauchard:

"**Sua ideia a respeito da vida astral é ainda, apesar de tudo, muito material. Você busca nela uma continuação da vida na Terra. Nela você encontrará, certamente, este tipo de coisa, em razão de mecanismos fruto de hábitos adquiridos e sobre os quais lhe falei nos primeiros momentos**. Mas tais hábitos perdem, pouco a pouco, aquilo que os alimenta: a necessidade de mantê-los enfraquece cada vez mais com o tempo... A manutenção do corpo em boa forma não exige qualquer esforço. Não há sentidos físicos, e, portanto, nenhuma atividade correspondente...

Em compensação, cada movimento emotivo e intensificado a um ponto dificilmente descritível – o que coloca a base vital de nossa existência em um plano totalmente diferente... Nós vivemos, de modo preponderante, no subjetivo... é no 'sentimento' que encontramos, agora, nossa subsistência vital... Entretanto, tudo está contido no Universo e, em um dado plano – o nosso, por exemplo – encontra-se o reflexo de todos os outros. Se você compreende

este ponto, terá aberto mais de um horizonte. Digamos, por enquanto, que os fatos e as imagens da vida terrestre têm sua contrapartida aqui."

Em um primeiro momento, ele havia dito:

"Em um plano muito próximo da Terra. As almas ainda estão muito impregnadas das condições terrestres que há pouco abandonaram. Por este motivo você encontra aí tantas instituições e construções semelhantes ou equivalentes às da Terra.

Estas coisas são naturalmente úteis de se conhecer, mas não se deve torná-las excessivas...

'Morre-se' em um Mundo após o outro. Porém, **mais diáfana é a substância, mais ela está submissa ao poder da vontade**. Desde então, a questão de 'mudança' torna-se mais uma questão de 'vontade'." ([93])

E do capítulo VII – O exílio nos mundos da infelicidade:

1. Nas trevas exteriores

Tudo acontece, então, a cada instante, tendo Deus ao fundo, tendo ao fundo o outro dos ícones que, aliás, tecnicamente, chama-se "a luz". E a cada instante forma-se o

mundo, pela interação entre a nossa consciência e este fundo, este campo de forças, produzindo e penetrado por Deus. A influência de nossa consciência é, em cada nível, coletiva. É a soma dos eflúvios de todas as consciências humanas, além do tempo e do espaço, que dá ao mundo sua forma atual, com as nuances possíveis segundo as épocas ou as regiões. Aliás, o espaço e o tempo, tal como nós os sentimos, são produzidos pela interação desta consciência coletiva e deste campo de forças.

Mas também **no além, nos numerosos países do além-morte, cada nível de existência é a resultante desta interação, segundo os diferentes níveis atingidos pelas consciências daqueles que se reúnem, seja por afinidade, seja por proximidade espiritual**. As projeções de uns e de outros encontram-se, então, e dão origem à emergência de um novo mundo comum, próprio a este grupo.

Cada um destes mundos, cada uma destas numerosas “moradas” será mais ou menos transfigurado pela Luz, segundo o nível espiritual de cada uma destas consciências coletivas.

Mas há, inicialmente, o nível daqueles que sequer veem a luz. Perdendo-a, parecem perder contato, também, com os outros homens. Quem se

> afasta de Deus afasta-se de seus irmãos. (Como sempre, trata-se, aqui, de afastamento voluntário).
>
> De acordo com esta lei natural (segundo a qual cada um cria, por projeção, seu próprio ambiente), quem não crê em nada, quem só crê no nada, encontra-se no nada. Nesta Terra, estes infelizes gozariam, sem saber, do nível de consciência coletiva. **Entregues a si mesmos, deixados no nível espiritual que lhes é próprio, encontram-se na escuridão e na solidão**. O pior e que, neste momento, **são até mesmo incapazes de perceber a presença de mortos que os amaram e que vêm ajudá-los**. [...]. ([94])

Curioso é que as coisas aqui mencionadas podem ser encontradas nas obras de André Luiz, portanto, é mais uma fonte, que reputamos da maior relevância, pois vem de fora do meio espírita, pela qual se tem informações sobre certos níveis espirituais, que os desencarnados podem comer e beber; e que, além disso, com a força ideoplástica do pensamento, criam roupas e habitações, tais como: escolas, igrejas, hospitais, edifícios públicos. Essas habitações são encontradas nas regiões astrais mais próximas à Terra, são temporárias, pois, com a

progressão dos Espíritos, elas desaparecerão.

Vejamos, agora, a opinião de dois estudiosos do Espiritismo mais recentes, ambos renomados escritores:

1º) Em **José Herculano Pires** (1914-1979) julgamos encontrar os depoimentos mais importantes, porquanto, quando da publicação da primeira obra da série André Luiz, ele fez referências contrárias ao teor da obra, conforme nos informam os Editores do livro ***Cartas de Um Morto-vivo***:

> Durante o lançamento da histórica obra *Nosso Lar*, houve uma certa divisão de opinião nos meios espíritas. **O prof. Herculano Pires foi um dos que apontaram, ao ler os detalhes sobre a vida após a morte, a ausência do senso universal mencionado diversas vezes por Allan Kardec**, pelo qual às comunicações espíritas verídicas era essencial um mínimo de concordância entre si, ao serem produzidas por vários médiuns e em locais diferentes. O autor, Chico Xavier, pôs fim às dúvidas, apontando que já existiam livros de língua inglesa com relatos semelhantes à vida espiritual descrita por André Luiz. […]. ([95])

Certamente, que Herculano Pires, não se fez de rogado e lançou-se à pesquisa. Acabou por comprovar que, bem antes a André Luiz, já existiam obras dando conta da realidade de suas descrições da vida após a morte, e, sem qualquer constrangimento, próprio dos orgulhosos irredutíveis, ele passou a defendê-las, conforme veremos a seguir.

Em sua obra ***O Espírito e o Tempo*** (1964), deparamos com Herculano Pires, dando as seguintes explicações sobre o mundo espiritual:

> [...] Como esse processo se passa entre mundos de dimensões materiais diferentes, Rhine concordou em chamá-los de extrafísicos, o que na verdade não está certo, pois **o plano espiritual também possui densidade física e a própria Física foi obrigada a reconhecer essa realidade em nossos dias**. [...]. ([96])

> [...] **O espírito liberto passa a viver no plano espiritual, que se constitui de matéria em estado rarefeito**. Esse mundo semimaterial tem várias hipóstases, sendo que a mais inferior só existe com o plano material, interpenetrado com ele. Por isso os espíritos convivem conosco no

> mesmo espaço cósmico ocupado pelo planeta. Assim, os espíritos influem sobre nós e nós sobre eles. Não podemos percebê-los pelos sentidos físicos, mas podemos vê-los e ouvi-los pelo espírito, embora tenhamos a impressão de percebê-los pelos sentidos. [...]. ([97])

Nossa maior surpresa durante a fase de pesquisa, foi encontrarmos, justamente, em Herculano Pires a confirmação da existência das colônias espirituais, já que muitos companheiros que o tomam como ícone maior de coerência doutrinária, não as aceitam. Vejamos o que se encontra descrito em sua obra ***O Mistério do Bem e do Mal***, especificamente no capítulo 26:

> **Descrições da vida espiritual nas zonas inferiores do espaço**
>
> *Regiões em que os espíritos continuam apegados às formas da vida material – "Ação e Reação", de André Luiz, uma contribuição dos espíritos para as comemorações do centenário*.
>
> O primeiro centenário do Espiritismo teve, também as suas comemorações no outro lado da vida. Não foi apenas em nosso plano material, neste reverso da vida em

que nos arrastamos, apegados à densidade da matéria grosseira, que o grande acontecimento despertou entusiasmos. Embora o advento do Espiritismo nos pareça um fato específico do nosso mundo, pois a doutrina veio para orientar os homens encarnados, a verdade é que esse fato se refere também aos planos espirituais. E o que é mais importante: esse fato tem tanta significação para nós, quanto para os Espíritos.

Todos os que militam no movimento espírita sabem que os Espíritos participam ativamente dos trabalhos doutrinários. Nada mais natural, portanto, do que a sua intensiva participação nas comemorações do centenário. Uma prova concreta dessa participação acaba de ser dada pela publicação de mais um livro psicografado por Francisco Cândido Xavier, livro que traz no prefácio de Emmanuel, as seguintes frases: “Um século de trabalho, de renovação e de luz. Para contribuir nas homenagens ao memorável acontecimento, grafou, André Luiz, as páginas deste livro”.

Como se vê, **“Ação e Reação”, novo livro de André Luiz, que a Federação Espírita Brasileira acaba de publicar, é uma contribuição espiritual para as comemorações do centenário. E que excelente contribuição!** O título é suficiente para indicar o conteúdo. André Luiz faz uma ampla exposição do problema

de ação e reação, através de exemplos colhidos diretamente nas zonas sombrias em que vivem os espíritos sofredores.

Os livros de André Luiz, que já constituem volumosa coleção, valem por um verdadeiro trabalho de ilustração dos princípios espíritas, por meio de relatos de episódios vividos nos planos espirituais. **Em Nosso Lar, primeiro volume da série, temos a descrição pormenorizada de uma cidade espiritual**, destinada à preparação das criaturas para a espiritualidade superior. **Em Os Mensageiros, a descrição dantesca das zonas de sofrimento, regiões purgatoriais ou infernais** – como queiram –, em que se arrastam as almas dos que não souberam compreender as oportunidades da encarnação terrena. Mensageiros são os Espíritos superiores, que descem às zonas sombrias ou à própria face da Terra para trazerem socorro às criaturas entregues ao desespero, à angústia, ao remorso e a todas as formas de sofrimento espiritual.

Em “Ação e Reação” os fatos se passam, também, numa zona espiritual densamente carregada de influências materiais. Em meio a uma região aparentemente abandonada, em que as “almas brutas e bravas”, a que se refere Dante, rugem, choram, esbravejam e gemem, perdidas nas sombras e resgatadas

pela ventania de suas próprias iniquidades, ergue-se um conjunto arquitetônico que oferece asilo, conforto e cura aos que se puseram em condições de ser socorridos, ou seja, aos Espíritos que começaram a se arrepender de seus erros.

"O estabelecimento – diz André Luiz – situado nas regiões inferiores, era bem uma espécie de Mosteiro São Bernardo, em zona castigada por natureza hostil, com a diferença de que a neve, quase constante em torno do célebre convento encravado nos desfiladeiros, entre a Suíça e a Itália, era ali substituída pela sombra espessa, que, naquela hora, se adensava ao redor da instituição, como se tocada por ventania incessante."

Para os que não conhecem os princípios da Doutrina Espírita e não estão familiarizados com descrições das zonas espirituais mais próximas da crosta terrestre, tudo isso pode parecer ilusório, imaginário, pouco provável. **Mas os que sabem que os Espíritos não são mais do que homens desencarnados e que, como os homens terrenos, vivem a sua vida, executam os seus trabalhos e realizam as suas construções, compreendem bem as descrições de André Luiz**.

Há quem não admita a existência de coisas tão concretas no plano espiritual.

> André Luiz se refere, porém, às zonas inferiores, aquelas em que os Espíritos, ainda demasiado apegados às formas da vida material, não conseguiram "libertar-se em espírito". **É edificante ver, em "Ação e Reação", como os Espíritos Superiores trabalham nessas regiões, prestando sua assistência caridosa aos irmãos que se transviaram nas sendas egoístas da vida terrena**. ([98])

O que vemos aqui, é que Herculano Pires, além de sancionar as obras de André Luiz, as tinha em alta consideração. São, justamente, as obras que têm informações importantes sobre a vida dos Espíritos, no mundo espiritual; inclusive, a obra *Ação e Reação*, motivo de seu artigo, fala do Umbral, conforme se pode ver:

> Sabíamos que a morte do corpo denso era sempre o primeiro passo para a colheita da vida e, por isso, não ignorávamos que o ambiente era dos mais favoráveis à nossa investigação construtiva, porque **o imenso Umbral, à saída do campo terrestre, vive repleto de homens e mulheres que vararam a grande fronteira, em plena conexão com a experiência carnal**. ([99])

> [...] O que, porém, existe, de fato, é o imenso **Umbral**, situado entre a Terra e o Céu, **dolorosa região de sombras, erguida e cultivada pela mente humana, em geral rebelde e ociosa, desvairada e enfermiça**. [...]. ([100])

Acreditamos que a posição de Herculano Pires, como sendo o “melhor metro que mediu Kardec”, deve ser levada em consideração, para se aceitar, ou não, as informações de André Luiz, que vieram complementar o que existia nas obras da Codificação.

O exposto aqui sanciona, em tudo, o que se pode encontrar nas narrativas de André Luiz, embora isso não signifique que aceitamos tudo quanto vem dele, sem antes nos basearmos na lógica e no bom senso, conforme nos recomendou Allan Kardec. Constatamos que essa nossa posição é, exatamente, a mesma de Herculano Pires, que, na obra *Vampirismo* (1980), faz sérios questionamentos sobre a existência dos ovoides, mencionados nas obras de André Luiz.

Há, porém, sobre o nosso assunto, algo mais

específico na obra ***O Infinito e o Finito*** (1983), da qual transcrevemos os seguintes trechos do capítulo 32:

Mensagens espíritas no exterior confirmam as recebidas no Brasil

Livros de Chico Xavier em confronto com obras francesas e inglesas – "A Vida nos Mundos Invisíveis", do reverendo anglicano Robert Hugh Benson, publicado em português

Muitas pessoas encontram dificuldades em aceitar as descrições da vida de além-túmulo, dos livros de André Luiz, psicografados por Chico Xavier. Mesmo entre os espíritas, já habituados a tratar dos problemas do "outro lado da vida", essas descrições encontraram no princípio, e ainda hoje encontram, certa relutância. Emmanuel explicou, de maneira bastante clara e feliz, no prefácio de *Os Mensageiros*, que os relatos de André Luiz não devem ser tomados ao pé da letra, mas como um esforço para objetivar, em linguagem terrena, as visões do mundo espiritual. Apesar disso, a extrema semelhança da vida no espaço com a vida na Terra ainda perturba algumas pessoas e provoca várias críticas de religiosos e materialistas.

A incompreensão a respeito é natural, em virtude principalmente de dois motivos fundamentais: primeiro, o hábito arraigado de considerar-se a vida *post-mortem* como misteriosa, inacessível à compreensão dos mortais; segundo, a confusão habitual entre corpo e espírito, fonte do materialismo, que impede muita gente de admitir a existência de vida fora da matéria. Este segundo motivo é o reverso do primeiro e os dois representam posições extremadas diante do problema da sobrevivência. O Espiritismo nos mostra que a vida além da morte não é inacessível à nossa compreensão e desfaz, ao mesmo tempo, a confusão materialista entre corpo e espírito.

[...].

[...] **a existência de cidades espirituais no além-túmulo, de habitações, vegetais e animais, não é, como supõem, uma invenção dos espíritas**. O Velho Testamento e o Novo Testamento, por exemplo, estão cheios de descrições dessa ordem. Basta lembrar-se o que diz Isaías (33:17,20) sobre “a terra de longe” e a “Sião da solenidade”, e o Apocalipse de João sobre a Jerusalém celeste.

No tocante às revelações mediúnicas, as descrições de André Luiz não constituem novidade, a não ser quanto ao que trazem de pessoal,

da maneira de ver do autor. Já em *O Céu e o Inferno*, Kardec apresenta descrições semelhantes. Na *Revue Spirite*, o codificador publicou numerosos relatos de além-túmulo no mesmo sentido. Sir Oliver Lodge apresenta quadros semelhantes em *Raymond*, Denis Bradley em *Rumo às Estrelas*, e assim por diante. Agora, a Editora *O Pensamento*, desta capital, acaba de lançar a tradução de *Life in the World Unseen*, de Anthony Borgia, com a versão do título para *A Vida nos Mundos Invisíveis*. O trabalho de tradução foi confiado a J. Escobar Faria, que realizou primoroso trabalho.

Temos nesse livro curioso uma nova versão da vida no além, com pormenores que confirmam plenamente as descrições de André Luiz. O autor espiritual é o ex-reverendo Robert Hugh Benson, filho de um ex-arcebispo de Cantuária, que à maneira de André Luiz, relata sua passagem para o lado de lá e descreve esse lado. A segunda parte do livro oferece-nos uma espécie de geografia dos planos espirituais mais próximos da face da Terra. Benson, que na vida terrena escrevera a propósito de assuntos espirituais, dando interpretação capciosa a algumas de suas experiências psíquicas, procura corrigir nesse livro os seus erros dogmáticos de então. Os

> religiosos em geral, e **os espíritas em particular, encontrarão em *A Vida nos Mundos Invisíveis* muito material para comparação com as descrições dos textos sagrados e das comunicações mediúnicas obtidas em nosso país. Esse confronto, para os espíritas, atende a um dos requisitos do método doutrinário, para aceitação das informações espirituais: o do consenso universal, estabelecido pelo codificador**. ([101])

Observe, caro leitor, essas palavras que Herculano Pires diz ao terminar seu artigo: “Esse confronto, para os espíritas, atende a um dos requisitos do método doutrinário, para aceitação das informações espirituais: o do consenso universal, estabelecido pelo codificador”. Apesar de ao final na nossa conclusão mencionarmos isso, é bom ressaltar que o autor desse argumento não somos nós, mas, o do “*o metro que melhor que mediu Kardec*”; melhor que isso não precisávamos para sustentar a nossa convicção.

Resta-nos ressaltar mais uma fala de Herculano Pires, que encontramos no site do *YouTube*, onde, em

viva voz, ele responde a um ouvinte do programa ***No Limiar do Amanhã***, de número 92 de 1972:

> Entrevistador: Finalmente a última pergunta do ouvinte Alberto Bibiano. É a seguinte: “Por que o médium vidente, além de ver outros espíritos também vê outros objetos como flores, livros, chaves?” Para finalizar o ouvinte tece elogios ao nosso programa e agradece por sua resposta.
>
> Herculano Pires: – O fato de um médium vidente ver esses objetos, essas coisas, vem comprovar simplesmente aquilo que nós encontramos desde a Bíblia até aos livros espíritas. Nós sabemos que, na Bíblia, já se falava das cidades celestes e dos objetos que havia nas cidades celestes. **Ora, existe portanto, no plano espiritual, uma situação, principalmente no plano espiritual mais próximo do nosso, uma situação semelhante à da Terra. Há flores, há objetos, há casas, há cidades, há tudo quanto temos aqui, embora de uma forma mais aperfeiçoada e contendo aspectos que, às vezes, nós não podemos compreende**r. Assim, não é só o médium vidente que vê isso, toda pessoa que tem as vezes percepções ou visões através de sonhos ou através mesmo de momentos de êxtase ou momentos apenas de dissociação psíquica, como se costuma dizer, todas essas pessoas veem

> esses objetos. São objetos que existem realmente no mundo espiritual. De fato, o sr. pode constatar isso na leitura de livros espíritas. **Hoje, diz-se muito que esses fatos estão sendo revelados através dos livros de André Luiz, mas a verdade não é essa. Já desde o tempo de Kardec, a *Revista Espírita* aí está cheia de fatos, de episódios mediúnicos referentes a eles, e também nas próprias obras, nas obras da Codificação**, o sr. encontrará referências, particularmente no *Livro dos médiuns*, no livro *Céu e inferno*, de Kardec, o Sr. encontrará referências a essas visões de coisas, de objetos, que existe, de fato, na vida espiritual. Para finalizar, agradecemos os elogios que o Sr. faz, também para finalizar, ao nosso programa. ([102])

Para Herculano Pires a existência de colônias espirituais é algo inquestionável. Nas entrelinhas, ele deixa claro que somente os que não se dedicam ao estudo das obras espíritas não acreditam nelas.

2º) **Richard Simonetti** (1935-2018) escritor e orador espírita, cuja opinião merece ser levada em conta. Na ***Revista Internacional de Espiritismo***, maio/2014, na coluna Pinga-Fogo, Simonetti escreve o artigo “André Luiz – refutações”, no qual responde

a várias questões; dentre elas destacamos:

1. *Há quem situe fantasiosa a obra de André Luiz, alegando que ele situa o mundo espiritual igual ao plano físico.*

Seria interessante destacar a questão 27 de *O Livro dos Espíritos*, em que o mentor espiritual informa que há dois elementos constitutivos do Universo: Espírito e matéria. O Espírito é denominação coletiva dos seres pensantes. Consequentemente tudo o mais é matéria.

3. *Sendo o Espírito uma luz que irradia, conforme está na questão 88 de O Livro dos Espíritos, não deveria ser de outra natureza o universo além-túmulo?*

Antes de qualquer consideração sobre esse assunto é preciso lembrar a existência do perispírito, veículo de manifestação do Espírito no plano em que atua o seu elo com o corpo, na reencarnação. Considerando que ele também é feito de matéria, igualmente quintessenciada, sua existência justifica o conteúdo da obra de André Luiz.

4. *Justifica por quê?*

Se o perispírito é feito de matéria, é óbvio que ocupa lugar no espaço, deve viver num mundo de dimensões, onde não vejo porque inexistirem paisagens, objetos, cidades, casas, edifícios e tudo o mais que guarde semelhança com a Terra. Aliás, é lugar-

comum dizer-se que o plano físico é uma cópia do plano espiritual. Enquanto a televisão engatinhava na Terra, na década de 40 do século passado, André Luiz já falava desses aparelhos no livro *Nosso Lar*, com um detalhe: comunicaram-se os Espíritos via TV, algo que somente nas últimas décadas se popularizou em nosso plano.

5. *Atendendo ao controle universal das manifestações, não seriam, em princípio, motivo de dúvida aquelas revelações por um único médium?*

Um não, dois, já que o médium Waldo Vieira colaborou na psicografia de alguns livros de André Luiz. Por outro lado, antes de Chico Xavier, muitos médiuns reportavam-se ao assunto. **A monumental obra *Memórias de um suicida*, que descreve um mundo espiritual semelhante ao plano físico, foi psicografada por Yvonne Pereira a partir da década de 20, muito antes do livro *Nosso Lar*, de 1943**. Na atualidade, em qualquer Centro Espírita bem orientado, com médiuns disciplinados, temos relatos semelhantes compondo um imenso controle universal das manifestações.

8. *Há alguma referência de Kardec às cidades espirituais?*

É preciso considerar que o trabalho de Kardec foi de síntese. Não obstante, há na

> *Revista Espírita* de agosto de 1858, interessantes comentários de Victorien Sardou, escritor, teatrólogo, membro da Academia Francesa de Letras. Era médium pictógrafo e fez desenhos notáveis sobre habitações de outros mundos, como Júpiter, reportando-se à vida espiritual, já que nos planetas de nosso sistema solar não há vida biológica. Kardec destacou a condição intelectual de Sardou, sem refutar suas explicações, o que significa que não as considerou fantasiosas. ([103])

Richard Simonetti, ao escrever esse artigo, certamente, o fez por perceber que o tema causava, aliás ainda causa, polêmica acirrada, em nosso meio, razão pela qual resolveu contribuir com seus conhecimentos.

3.2. Autores espirituais que mencionam construções diversas no mundo espiritual

Podemos acrescentar que essa informação sobre a existência de construções no mundo espiritual, bem como de colônias espirituais é encontrada em comunicações e/ou mensagens de vários autores espirituais como, por exemplo, estes

aqui listados em ordem cronológica:

1º) ***"X"***, em ***Cartas de Um Morto-vivo***, prefácio de 1913, através da médium Elza Barker (1869-1954), Londres, Inglaterra, esse Espírito era conhecido da médium, mas, preferiu manter-se no anonimato, disse:

> Parecer-lhe-á absurdo se eu lhe disser que **usamos roupa**, tal qual como na Terra, mas em menos quantidade. [...]. ([104])
>
> Uma das coisas que talvez mais a interessam é a nossa alimentação. Certamente **comemos e bebemos; absorvemos água** em grande quantidade. [...]. ([105])
>
> **Agora, tratemos deste elemento, onde nós vivemos. Ocupa indubitavelmente um lugar no espaço, pois se acha junto à Terra, porém em outra dimensão**. Sim, cada árvore visível tem a sua imagem equivalente no invisível Quanto a você, minha amiga, antes de adormecer, penetra neste mundo com plena consciência do que está fazendo, **vê coisas que existem ou que existiram – também no mundo material. Não vê nada neste mundo que não tenha uma imagem física equivalente no outro mundo.**

Existem é claro, imagens criadas pelo pensamento, pela imaginação; mas não pense que ver imaginariamente seja a mesma coisa que ver no plano astral; não, de modo nenhum. As coisas que vê antes de adormecer têm uma existência real. [...]. ([106])

Também se vêm aqui horrores – mil vezes piores do que os da Terra. A decadência causada pelo vício e pelos excessos é muito pior aqui do que lá. Tenho visto fisionomias e figuras terríveis, rostos em que a estampava o mais atroz desregramento, rostos hediondos, rostos roídos pela lepra dos desejos baixos e vis, figuras dantescas que aqui e além se arrastam penosamente. [...]. ([107])

Sim, **há escolas aqui** onde todos os que estejam aptos e que se queixaram instruir são admitidos. Porém há poucos grandes professores. ([108])

Devo modificar uma das minhas últimas asserções, pois convenço-me agora que não é verdadeira. Dizia eu que tudo quanto aqui havia, já tinha existido na Terra. Sou porém obrigado a desdizer-me, pois notei recentemente a existência de estratos. Ainda creio que tudo ou quase tudo o que existe nos estratos inferiores junto à Terra, tenha existido na Terra envolto em matéria dessa. Suba um pouco mais alto, vá um

pouco mais longe, não posso dizer a distância ao certo, pois não posso medir; mas uma noite destas, **quando andava em exploração, penetrei no mundo dos modelos, das amostras, dos paradigmas – permita-me a expressão – das coisas que hão de existir na Terra. Vi formas de coisas que penso, ainda nunca existiram no seu planeta, invenções, por exemplo.** Vi asas que qualquer homem pudesse adaptar em si próprio. Também vi novas formas de aparelhos de aviação. Vi modelos de cidades e torres com umas saliências do gênero de asas, que muito me intrigaram. É evidente que a invenção mecânica ainda se acha muito atrasada. ([109])

Penetramos num vasto edifício semelhante a uma biblioteca; foi tal o espetáculo que se me deparou, que a minha admiração não teve limites. Não era propriamente a arquitetura do edifício que assim me surpreendia, mas sim **a abundância incalculável de livros e arquivos**. Havia certamente milhões e milhões. ([110])

Quando tornei a encontrar o dirigente, mencionei-lhe o meu desejo de usar uma toga feita por mim, e ele esteve a mostrar-me cuidadosamente a maneira de **criar trajes, segundo o meu desejo: devia fixar o modelo e plasmá-lo nitidamente**

no meu espírito, vê-lo no meu íntimo e em seguida atrair pelo poder do desejo a matéria sutil do mundo do pensamento em torno do modelo, formando assim a toga. ([111])

Um dia, ao passar por **uma avenida de árvores frondosas – pois aqui também temos árvores** – encontrei uma mulher, de estatura elevada, envergando um amplo vestido negro. Estava em lágrimas – também por aqui há lágrimas. [...]. ([112])

[...] Há pouco tempo cumpriu a promessa e veio para cá. Ele já tinha feito os preparativos para a receber; não se ocupava mesmo em outra coisa desde que cá estava. **Tinha construído com a substância deste mundo a casinha que ainda em vida idealizara.** ([113])

Durante os primeiros dias sentia-se ainda **subjugada pelos hábitos da Terra e queixava-se continuamente de fome; ele tentava satisfazê-la dando-lhe a substância tênue que nós usamos.** Mas pouco a pouco foi-se libertando de todos os seus costumes antigos; por fim a única coisa que ainda a prendia à Terra eram os pais, a quem visitava, de vez em quando, em sonhos. ([114])

Ser-lhe-ia difícil atingir a diferença que existe entre a nossa vida e a sua,

simplesmente pelas coisas que lhe digo. Principie pela diferença na substância, não só na substância de que os nossos corpos se compõem, **como também dos objetos naturais que nos rodeiam**.

Admira-se de que eu empregue o termo "objetos naturais", relativamente às coisas deste mundo? **Nunca pensou, certamente, que nós tínhamos escapado à Natureza?** Ninguém escapa à Natureza. […].

[…] O tempo passa e nós desabituamo-nos gradualmente de comer. A fome e a sede não nos incomodam; **há, contudo, almas, eu, por exemplo, que sempre continuam a tomar uma porção minúscula de alimento; é, porém, uma quantidade tão infinitamente pequena**, que até seria ridículo compará-la aos jantares opíparos com que antigamente satisfazia a minha gula. ([115])

Mas não vá agora pensar que todas as coisas deste mundo são somente imaginárias – pelo contrário. **Os objetos que aqui existem em substância tênue são reais,** e, relativamente, tão substanciais como a minha amiga; **o que há a mais aqui é a possibilidade de criar matéria mental**, criar numa forma de matéria ainda mais sutil que denominamos substância do pensamento.

Quando aí na Terra, produzem qualquer coisa sólida, primeiro essa coisa toma forma na substância do pensamento; enquanto não veem o seu modelo, que já existe no pensamento, concretizado em matéria sólida, não acreditam que esse modelo exista, realmente, senão na sua imaginação. Conosco o caso muda de figura. Nisso é que a diferença entre o nosso modo de criar e o seu se torna sensível. Nós aqui podemos ver as criações do nosso pensamento, e as dos outros também, se permitirem. ([116])

Como já disse, há também lugares que nos são acessíveis e que estão situados a alguma distância da superfície da Terra. **A expressão: "Mansões celestes", não deve ser tomada só no sentido figurado**. ([117])

[...] Agora, quero contar-lhe coisas lindas a cerca do Céu que visitei ontem à noite. Ainda estou impressionado pelo belo espetáculo divinamente belo que me foi dado contemplar.

Vi **duas filas de árvores sombrias, semelhantes aos ciprestes**; enveredei por esta comprida avenida, e notei lá ao fundo uma luz difusa e suave. [...].

[...].

A avenida dos ciprestes tinha ficado para trás; agora encontrava-me em uma vasta

> planície, rodeada por **uma floresta de árvores em flor**. O ar estava impregnado de perfumes primaveris, **os passarinhos gorjeavam** em uma alegria louca. **No centro da planície elevava-se uma grande fonte circular**, cujos jogos de água eram maravilhosos; os repuxos jorravam à grande altura, caindo depois em nuvens irisadas de espuma. Um encanto inexprimível reinava sobre toda a paisagem. Disseminados nesse céu circular e perfumado, passeavam lentamente seres angelicais, que certamente já tinha sido inferiores em qualquer época remota. Andavam de dois a dois ou em grupos, eternamente sorridentes e afáveis. ([118])

2º) **Lester Coltman**, oficial que morreu em 1917, na Batalha de Cambrai, 1ª Guerra mundial, corresponde com sua tia Lilian Walbrook, médium mecânica. Encontramos na Internet um arquivo em PDF intitulado *The Case Of Lester Coltman*, by Lilian Walbrook. Suas mensagens iniciaram no final do ano de 1922. Esse caso é citado por Arthur Conan Doyle, do qual Cairbar Schutel extraiu para seu livro ***A Vida no Outro Mundo***, de onde transcrevemos:

> "**Acho perfeitamente explicável e**

natural o interesse dos seres terrenos em averiguar a forma de que são constituídos os lugares e os estabelecimentos em que vivemos e trabalhamos; mas, não é fácil fazer uma descrição, na linguagem terrena. A minha existência servirá de exemplo para a dedução de outros modos de vida, segundo o temperamento e a inteligência de cada um.

"**Meu trabalho continua aqui como se iniciou na Terra, ou seja, no terreno científico**.

"Para progredir em meus estudos, **visito frequentemente um laboratório**, onde encontro facilidades tão completas como extraordinárias para a realização de experiências.

"**Tenho casa própria, verdadeiramente bela, com uma grande biblioteca**, na qual existe toda a classe de livros de consulta: históricos, científicos, de Medicina, e de todos os gêneros da Literatura. Para nós, estes livros são tão interessantes como para vós, os da Terra.

"**Tenho uma sala de música com toda a sorte de instrumentos**.

"**Tenho quadros de rara beleza e móveis de gosto apurado**.

"Atualmente vivo só, mas **recebo com frequência a visita de amigos; também**

os visito em suas casas, e, se alguma vez me sucede sobrevir ligeira tristeza, vou, então, visitar aqueles a quem mais eu quis na Terra.

"**Das minhas janelas admiro uma paisagem extraordinariamente bela**, que se estende ao longe em suaves ondulações, e, **próximo à minha, existe uma casa comunal onde vivem em feliz harmonia vários dos Espíritos que trabalham no laboratório**.

"O meu ajudante principal é um chinês antigo, muito competente em análises químicas. É, como se disséssemos, o chefe da casa. É uma alma admirável, goza de grandes simpatias e é dotado de profunda filosofia.

"É muito difícil vos falar do trabalho no mundo dos Espíritos. Cada um tem sua missão, segundo suas possibilidades.

"Quando um Espírito chega diretamente da Terra, ou de qualquer outro mundo material, tem de aprender tudo o que não aprendeu na existência precedente, com o fim de se aproximar da perfeição.

"Se ele fez sofrer seus semelhantes sofrerá. Se tem grande talento, o aperfeiçoará aqui, pois, se vós aí tendes boa música ou outra qualquer classe de arte ou ciência, as daqui ainda são muito melhores.

"A Música é uma das mais poderosas

forças do nosso mundo para se alcançar a perfeição do Espírito.

"**Há aqui magníficas escolas para instrução dos Espíritos de crianças**. Nelas permanecem até aprenderem tudo o que se refere à Terra e aos demais mundos, bem assim a todos os reinos que se acham sob o cetro de Deus.

"Aqueles que aqui receberam instrução como Espíritos de crianças, quando chegam a ir para o vosso mundo, ostentam o mais refinado e belo dos caracteres.

"Os que passaram sua existência material em trabalhos físicos, têm de aprender tudo, enquanto aqui permanecem. O trabalho é uma coisa maravilhosa, e os que se tornam discípulos de Espíritos, aprendem consideravelmente. Os Espíritos literatos se convertem em grandes oradores e falam e ensinam com palavras eloquentes.

"**Aqui também há livros**, mas de gênero diferente dos vossos.

"O que estudou leis na Terra entrará na escola dos Espíritos para se aperfeiçoar na Justiça.

"O soldado que professe culto à verdade e à honra, guiará os Espíritos de qualquer de nossas esferas em suas lutas pela fé em Deus". ([119])

3º) **Dezessete Espíritos**, em ***Trinta Anos Com os Mortos***, publicado em 1924, de autoria de Dr. Carl August Wickland (1861-1945), insigne psiquiatra e pesquisador dos fenômenos psíquicos, no qual registra inúmeras manifestações de Espíritos através da médium Anna Wickland, sua esposa.

1) Espírito: Frank, sem data.

Espírito: – Me chama e diz: “Sim, Frank, virás comigo. Faz muito tempo que te buscava.” Me sinto débil, cansado. Mamãe me diz: “Frank, nós não sabíamos o que era a verdadeira vida, porque ninguém nos ensinou o que deveriam ter-nos ensinado, e por isso não compreendemos nunca o maravilhoso universo de Deus. [...] Ignoro, Frank, as coisas que aconteceram, porém desejo que seja divulgada a verdade.” Ela me diz: “Vem comigo ao mundo dos espíritos, no que reina a inteligência. Ali se vive em pleno amor, harmonia, paz e bem-aventurança; mas temos que viver um para o outro. **Necessitas ir à escola** e aprender. Não deves molestar mais a ninguém, como vinhas fazendo. Vem, Frank, **para que marchemos a uma formosa mansão do mundo espiritual**.” Muito obrigado. Adeus. ([120])

Médico: – Estes que você vê são espíritos,

o mesmo que você. Nós não os vemos.

Espírito: – Sejam o que sejam, estão aqui. **E me dizem que se segui-los me mostrarão uma linda mansão. Isto seria muito agradável, porque há muito tempo não tenho uma casa minha**. [...]. ([121])

2) Espírito: Senhor Hesselroth, 29/09/1920.

Espírito: – Sim; tinha uma drogaria em Chicago. Meu nome é Hesselroth! Há um momento não podia recordar meu nome. Sou um dos colaboradores que os senhores têm aqui. [...] Então foi quando pensei que algo extraordinário havia ocorrido. Comecei a compreender as coisas. Vi o espírito de meu pai e de minha mãe. [...] Quisera dar-lhes uma ideia do acolhimento que me fizeram. Meus parentes e amigos vieram a mim com os braços abertos: "**Bem-vindo seja à nossa mansão espiritual.** Bem-vindo seja à vida eterna. Bem-vindo seja à inteligência de Deus!" Não é possível descrever uma recepção com a que me fizeram, e vocês não a compreenderia; é necessário para isso que cheguem a estar conosco. Isto é a felicidade; isto é "o céu". [...]. ([122])

3) Espírito: Minnie Day, 15/01/1918.

Espírito: – É meu irmão. Aqui está meu pai, porém me dá medo. Diz para ir com ele.

Ai, mãe, me dói a cabeça! Mamãe **me diz para que vá com ela porque tem um novo lar onde viverei com ela** e com Willie. [ambos desencarnados] ([123])

4) Espírito: Senhor Mallory, 09/03/1921.

Médico: – Olhe ao seu redor e se encontrará com espíritos que virão em seu auxílio.

Espírito: – Aqui está meu filho, meu pequeno Charlie. Você é meu filho! Faz muitos anos que morreu, porém você é o meu filho Charlie. Veio socorrer seu paizinho, menino? [...] Charlie, minha criança, pode perdoar seu velho pai? Fiz tudo o que pude para ter fé e ser bom. Oh, Deus; se é verdade que existe, abra meus olhos para que veja! Deus, ajuda-me! (Com o semblante de quem contempla uma visão e falando com voz muito baixa). Agora veremos todos a glória de Deus e iremos todos com Charlie. (Atônito). Você aqui! Você também está aqui, Clara? Oh, venha até mim! Lhe perdoo. Clara, lhe perdoo. Já sei que não foi culpa sua, e sim daquele demônio; foi ele quem lhe separou de mim. Amo-lhe e sempre amei. Vem, Clara, vem conosco, e iremos todos com Charlie. Ele também lhe perdoará.

Médico: – O que é que responde?

Espírito: – Responde: "**Vamo-nos à minha mansão espiritual, onde não há**

mais que coisas gratas e onde seremos felizes. Foram os sofrimentos e o pesar que fizeram com que olhassem a vida como têm feito até agora". ([124])

5) Espírito: W. Y., 14/04/1920.

[...] Em outra ocasião o tio C. me levou para ver um aspecto diferente da vida. Disse-me: "Vem comigo". **Fomos os dois a certo lugar da vida espiritual; chegamos em um local que não me é possível descrever.** É impossível que possa expressar o que ali senti, nem as condições daquela vida, porque aquilo era uma música sublime, distinta de tudo o que até então havia ouvido. Senti-me leve, parecia que ia elevando-me cada vez mais. Que pessoas que ali encontrei! É impossível que eu possa descrever aquilo. Imaginem, se for possível, **um lugar em que se executa uma música maravilhosa, por uma orquestra imensa de grandes maestros**, concentrados todos em uma grande unidade musical. Podem imaginar qual é o resultado? Saboreei aquela harmonia, porém, ai!, se me fosse possível não saboreá-la só. Quisera poder abrir a porta para todos vocês, os que haviam ficado em casa, para que também pudessem ouvi-la. Só então teria sido completa minha satisfação. Eu estava pensativo e ensimesmado, quando um ancião se aproximou e me deu uns toques

no ombro, dizendo-me: “Jovem, percebi seu pensamento. Não se entristeça. **Logo chegará a hora pela qual estamos trabalhando, a hora em que será inventado na Terra um instrumento que permitirá que qualquer pessoa que o deseje, possa ouvir os grandes maestros do mundo espiritual.** Isso não ocorrerá agora, porém chegará a hora”. [...]. ([125])

6) Espírito: Minnie Morgan, 26/07/1922.

Eu não teria conseguido **a mansão que tenho agora no mundo dos espíritos** se não houvesse encontrado contrariedades, e se não me houvessem instruído acerca da verdadeira vida. Eu tinha sido uma grande pecadora; já lhes expliquei minha inclinação pela morfina. Quando meu espírito se afastou do corpo, continuei com ela. A faculdade de desejar é privativa da alma, não do corpo. [...].

[...].

[...] vieram ao meu encontro meus amigos e meus parentes, e me disseram: “Agora você está preparada para **vir conosco à mansão que lhe destinamos**.” Até então tive que progredir pelo meu próprio esforço. [...]. ([126])

7) Espírito: Wallace R, 17/10/1923.

Espírito: – Neste momento estou

recebendo ajuda e agradeço-lhes. Em minha próxima visita, se é que volte, talvez possa dar detalhes de meus progressos no mundo espiritual. Tenho visto ainda muito pouco, mas logo conseguirei adquirir o conhecimento. **Encontro-me em uma escola, em um hospital**, onde posso aprender a dominar-me. As pessoas acreditam que ao morrer cessam todas as suas penalidades. Em realidade, é então que se começa a viver, e todos os desejos e todas as ânsias estarão conosco, porque pertencem realmente à alma e não ao corpo; o corpo não é mais que a envoltura. **Encontro-me agora em uma escola** para aprender as lições da vida, do seu verdadeiro ponto de vista, e estou fazendo progressos. Agradeço por haverem me ajudado e ainda por haverem proporcionado esta oportunidade de aprender as lições da vida. [...]. ([127])

8) Espírito: Paul Hopkines, 04/04/1923.

Médico: – Você não compreendeu o seu estado.

Espírito: – Esta senhora me diz que **terei à disposição uma mansão para morar nela com minha mãe**. Vou, pois, para lá. Irá me querer nela?

Médico: – O amor de uma mãe nunca morre. Depois que abrir seus olhos à verdade, terá que vir em socorro dessa

senhora que esteve tanto tempo martirizando. Você converteu essa boa senhora em uma alcoólatra.

Espírito: – É mesmo? Pois não sabia. Eu queria beber algo, mas ignorava que estivesse causando prejuízo a alguém. ([128])

9) Espírito: Grace Brusted, sem data.

Ao ser solicitado que olhasse ao redor e se havia alguma pessoa que houvesse conhecido durante sua vida terrena, exclamou:

– Sim, minha mãe está aqui! **Quer que vá com ela para sua mansão**; diz que cuidará de mim daqui em diante. Acrescenta que eu nunca soube o que era a verdadeira vida, por causa de minha invalidez, mas que começarei a viver daqui em diante. ([129])

10) Espírito: Lily, 02/08/1922.

Médico: – Sim, e não lhe aplicaremos nunca mais o fogo e as chispas.

Espírito: – Será certo tudo isso que você está me dizendo? Happy Daisy [um espírito] me diz que irei com ela e que **me levará para uma formosa morada**. Me levará ao céu? Diz que devo aprender a ser boa e fazer o bem, para poder voltar depois e ajudar essa menina. A ajudarei na escola. ([130])

11) Espírito: Ella, a sorridente, 09/08/1922.

Médico: – Vou explicar porque você tem estado caminhando tanto tempo e porque não tem lar.

Espírito: – Alguém me disse que se viesse aqui **encontraria um lar**, e me puxaram, e antes que me desse conta, me encontrei sentada aqui e vocês cantavam ao meu redor. [...].

[...].

Médico: – Tudo lhe será explicado. Preste atenção ao que lhe dirá uma jovem índia que você encontrará aí. **Ela lhe conduzirá a sua mansão**. Você terá que começar por compreender. [...]. ([131])

12) Espírito: Fred Haup, 21/09/1922.

Espírito: – Tom [espírito] diz que **me levará a uma mansão onde poderei descansar**. Não quero voltar a me irritar, porque quando me dão esses acessos sofro horrivelmente. Em realidade todo meu mal-estar provinha de que era incapaz de exercer um completo domínio sobre mim mesmo. Doíam muito em meu interior todas essas coisas ofensivas que dizia, mas era demasiado orgulhoso para confessá-lo. Tom me diz: “Vamos; é hora de partir.” Já vou, pois. (Ao senhor G.) Tom diz que devo pedir perdão por todo o mal que lhe causei. ([132])

13) Espírito: Estrela de Prata, 21/09/1922.

Veio em seguida Estrela de Prata, a índia que servia de guia da senhora Wickland, e disse ao senhor G., pela boca daquela:

– Enfim é nosso! Agora **o levaremos a um hospital**. Deu-nos muito trabalho; se encontrava dentro da sua aura magnética, e retirá-lo dela foi como arrancar um membro do seu corpo. **Fazia muitíssimo tempo que o obsidiava**; esteve com você desde sua infância. Quando as coisas não saiam a seu gosto se deixava dominar por arrebatamentos de cólera. Você experimentará um grande alívio agora que está livre desse intruso, e se sentirá como novo, livre de seu caráter irritável. Esteve exercendo influência sobre você durante grande parte de sua vida. Ultimamente foi adquirindo cada vez mais força e exercia sobre você um domínio quase absoluto. Mas agora já é nosso, não lhe molestará mais. Está muito fraco e necessita os cuidados de um hospital, porque quase não pode nem andar. Necessita nossa assistência. Como se nutria de você, uma vez desprovido desta fonte de energia, encontra-se muito débil; mas o cuidaremos. ([133])

14) Espírito: Senhora Simons, 27/10/1919.

Espírito: – Como! Você é verdadeiramente a minha mãe? Que jardim mais sublime e que edifícios tão maravilhosos! Minha mãe

se aproxima de mim!

Médico: – Suponho que sua mãe não terá se convertido em árvore?

Espírito: – Minha mãe se aproxima de mim e diz: "**Vem; esta é minha morada**." Sua morada, não a minha. Eu não poderia ir com a minha mãe?

Médico: – A ignorância não pode entrar nos reinos dos céus. ([134])

15) Espírito: Mary Anna McDonald, 28/03/1923.

Médico: – Olhe ao seu redor e veja se não há alguma pessoa conhecida. Você verá também certos espíritos que a ajudarão e a conduzirão ao mundo espiritual. É o mundo invisível que rodeia o mundo físico.

Espírito: – **Veja que magnífica casinha! É feita de duas habitações e um lindo jardim cheio de flores**.

Médico: – Não vê ninguém perto dela?

Espírito: – **Alguém me disse que minha avó vive ali e que nessa casa terei minha morada**. Dizem que ela está me esperando. […].

[…].

Médico: – Não se preocupe por sua mãe. Quando os espíritos como ela passam por este corpo, **são enviados a um hospital espiritual**.

Espírito: – Olhe! Uma jovem índia se aproxima. (Espírito.)

Médico: – É simpática, não é mesmo? Ela lhe ensinará coisas muito maravilhosas. Chama-se Estrela de Prata.

Espírito: – Estrela de Prata diz que devo ir com ela; que **me levará aonde está minha avó, meu pai e meu irmão**. (Surpreendida.) Meu irmão! Havia me esquecido de Lawrence. Era muito pequeno quando morreu. ([135])

16) Espírito: J. O. Nelson, 18/11/1919.

Médico: – Agora serão abertos os olhos de seu espírito, e os espíritos que se encontram em um estado avançado de progresso lhe ensinarão a maneira racional de evoluir no mundo dos espíritos, e você aprenderá muito mais do que eu lhe pudesse dizer. Se você olhar ao redor é possível que encontre com alguma pessoa, já falecida, que tenha conhecido na vida mortal.

Espírito: – Há aqui muita gente. (Espíritos.) Uns estão muito contentes e felizes, e parece que **nos convidam para segui-los à mansão onde reina o conhecimento, a vida, a felicidade e o mundo espiritual**. Você quer me explicar o que é o mundo espiritual?

Médico: – É o mundo dos espíritos que conseguiram compreender as leis superiores

da natureza.

Espírito: – Antes que vá com esses espíritos gostaria de enviar uma mensagem a minha mulher. Algum de vocês se encarregará de levá-la?

Senhora H. W.: – O farei com muito gosto.

Espírito: – Diga a minha mulher que descobri que a vida é uma coisa muito mais profunda que o que havia acreditado. Diga-lhe que devemos nos esforçar em compreender melhor as maravilhas de Deus, não limitando-nos simplesmente em crer com fé cega. (Ao chegar a este ponto parece como se a visão espiritual se dilatasse, como se houvesse penetrado naquele espírito um caudal de conhecimento. Fala com a cara levantada para cima e com os braços estendidos.) Quero dizer a minha mulher que aprendi em um momento muito mais do que soube em toda minha vida acerca das maravilhas da vida futura. Os olhos de meu espírito se abriram. Eu queria que ela também aceitasse esta revelação que em mim ocorreu. Abre-se ante minha vista um mundo cobiçado. Queria que minha mulher compreendesse estas coisas, a fim de que não chegue a se encontrar nunca, como me encontrei, entre trevas. Diga-lhe que não se contente em somente crer; que investigue e que averigue em que consiste a vida futura. Desejaria poder dar detalhes da maravilhosa paisagem que se oferece ante

minha vista. Meus olhos se abriram e agora posso ver. **Aqui há uma maravilhosa mansão, mas além outra**. Perto de mim há um homem que me diz que **as moradas do mundo espiritual não se compram com dinheiro**, e sim que se adquirem à força de boas ações feitas na Terra. Este homem, este mestre, diz: "**Despoje-se de todo egoísmo, ame aos demais e terás uma formosa morada no mundo dos espíritos**. Se não viver nada mais que para si mesmo, nunca terá mais que uma pobre choupana. Preste ajuda aos demais, vá em socorro dos que se encontram necessitados. Isto é o que Jesus ensinou." Quero que minha mulher saiba que devemos viver na Terra, de maneira que quando cheguemos a este mundo maravilhoso da vida espiritual, **tenhamos já uma morada**. Devemos sempre trabalhar segundo os ditados da melhor parte de nossa natureza.

Médico: – Você está pregando um magnífico sermão.

Espírito: – Não é meu. Não faço mais que repetir o que me diz este homem que se encontra aqui mesmo, ao meu lado direito. **Estou resolvido a trabalhar firmemente para que minha mulher e meus filhos tenham uma morada formosa**. Não a tenho ainda; começarei aos poucos, mas trabalharei para que **minha mulher e meus filhos tenham a morada que quis lhes dar**. [...].

[...].

Médico: – Agora você já conhece o caminho, siga esses espíritos superiores, que não o abandonarão um momento.

Espírito: – Este homem me diz que devo partir, mas que antes **tenho que agradecer a todos por haverem me ajudado a conquistar uma casa no mundo dos espíritos**. (Ao senhor A.) Diz também que lhe peça que me perdoe. Eu não quis fazer dano a sua esposa. A culpa é da minha ignorância. (À senhora A.) Quero pedir-lhe perdão e prometo ajudá-la em tudo o que puder, assim que eu saiba o modo de ser útil. Farei tudo que estiver ao meu alcance para ajudá-la a sair desse estado. Agora vejo os que andam ao seu redor. Lute, e nós lhe ajudaremos a triunfar. Quero agradecer também à senhora H. W., por haver me ajudado, segundo me diz este homem, a que abrisse os olhos à verdade. Deus abençoe a todos e a minha querida esposa. Façam o favor de levar minha mensagem. ([136])

17) Espírito: Senhor H. M., 27/01/1918.

[...] Experimentei tão estranhas sensações e vi tantas coisas, que se apoderou de mim o temor. Então me disseram que fechasse os olhos e os mantive fechados, coisa que fiz.

Não voltei a sentir nada até o momento

que **me colocaram em um belíssimo leito**. Estava muito cansado e só queria descansar, nada mais que descansar.

Quando despertei daquele sono me encontrei rodeado de amigos e parentes. Alguém me disse: "Agora está bem e cheio de força. **Vamos, pois, fazer uma visita à mansão que temos no mundo espiritual**."

E fomos visitar muitas moradas. Cada um deles tinha sua pequena mansão. Todos íamos unidos e contentes, porque ali reinava a harmonia. Andamos de um lugar para outro. ([137])

4º) **Johannes**, por intermédio da médium irlandesa Hester Travers Smith (1868–1949), a particularidade de sua mediunidade era a escrita automática, conforme relata o pesquisador Herbert Dennis Bradley (1878-1934) no livro ***Rumo às Estrelas***. Transcrevemos da parte "Livro III – Diálogos com Johannes", sobre a qual informa o autor "*Esta parte foi escrita de 5 de setembro de 1923 a 7 de janeiro de 1924*":

a) Capítulo "V – As artes das outras esferas"

BRADLEY – Obrigado, Johannes, pela sua

confirmação filosófica. Posso agora perguntar **como é a vida nas outras esferas? Vivem os espíritos em casas?** Andam pela terra?

JOHANNES – Bem. Começa a perguntar-me coisas sobre que posso instruí-lo. Não me é fácil falar deste assunto para pessoas dotadas apenas da imaginação existente na Terra. Creio que me compreende. Mas antes é preciso que saiba qual é o processo da morte. Já expliquei que ao abandonar o corpo ficamos divididos em duas partes, mente e espírito. A morte é pois um nascimento. Depois de abandonada a parte material, que é o corpo, entramos num período de descanso. **Um guia nos leva a um lugar que nos parece escuro e quente**, onde permanecemos em estado de passividade até que possamos compreender e suportar as novas condições em que nos achamos. Depois disto **passamos algum tempo numa das esferas inferiores**, em que nos vamos acostumando a viver sem o corpo. Já não temos necessidade de alimento físico, mas **necessitamos de abrigo e cuidados** – e lá encontramos abrigo e cuidados. Sei o que você quer que eu descreva. Primeiro, **se há cidades como as que existem na Terra. Não posso dizer que as haja**. **Em nosso plano não existe a vida em aglomerações como no mundo**; isso se torna impossível em nossa atmosfera, e, **no entanto, vivemos em**

comunidades muito mais íntimas do que as de vocês. Aqui vemos o espírito dos outros, o que nos facilita o ajudar-nos mutuamente. [...] Muito ouço por aqui a palavra "ajudar". **Ajudamo-nos, sim, uns aos outros, mas a razão fundamental dessa atitude está no benefício que a mutualidade nos traz. Esta é a raiz da lei que nos governa**. ([138])

b) Capítulo "VIII – Uma descrição da vida do espírito"

BRADLEY – Pode fazer-nos **a descrição da vida nessa esfera**, e descrever-nos o aspecto dos espíritos, suas roupas, se as trazem? Fale-nos também das **suas ocupações e estudos**, e se adquirem rapidamente conhecimento de línguas, e se o pensamento progride com rapidez.

JOHANNES – Direi de tudo isso. **Muito falam vocês em esferas e planos**, e nós também, porque não temos outras palavras. **Isso que chamamos esferas são lugares**, mas **a entrada numa esfera depende sobretudo do plano em que estais – e plano não passa de um estado mental**. Em todas as esferas coexistem diversos planos. **Isto quer dizer que aqui se vive de um modo muito parecido ao da Terra**. Na Terra também coexistem diversos planos. O bêbado por exemplo não ocupa o mesmo plano que o

filósofo. Compreende? **Esferas são estadas de desenvolvimento**, e a passagem de uma esfera para outra, da mais baixa para a mais alta, corresponde a uma adaptação mental. Se alguém fosse arrojado da Terra a uma das esferas mais altas, sentiria um choque aterrador, e não poderia resistir à intensificação das suas próprias sensações. Assim, pois, **a criatura que passa para o além começa na esfera adaptada ao seu plano mental**. Como na passagem para aqui houve intensificação, temos de gradualmente nos ir acostumando ao novo estado. Esta é a primeira coisa que há a fazer. Nossos sentidos tornam-se muito mais agudos. A vista, mais penetrante, vê as cores de um modo impossível na Terra. A luz aparece tão forte que para vocês aí seria cegante; e as trevas são muito mais profundas. A mesma intensificação com o ouvido. Podemos ouvir o movimento da própria esfera, por assim dizer, e a música se transforma numa sensação nova. Surgem muitos tons desconhecidos; até o rumor do crescimento faz-se perceptível. O tato igualmente; fica muito mais agudo; as pontas dos vossos dedos vos prestam muitos serviços na vida, mas aqui o tato, que vos parecia um mero atributo físico, requinta-se a tal ponto que serve de meio de comunicação de ideias, sem o auxílio da mente. Esta intensificação dos sentidos é a vossa primeira sensação do além, e determina nos primeiros tempos um

estado verdadeiramente embriagador de deleite. **Acho muito difícil explicar-vos a vida real. As condições são diferentes**. É preciso compreender que aqui existe muita coisa que é perfeitamente natural, e não adquirida – coisas que na Terra adquiris com grande esforço. Começais aqui num nível muito mais alto.

Em matéria de língua, por exemplo. Só temos uma língua. Como o desenvolvimento é rápido, a multiplicidade de línguas seria um estorvo. Compreendo o difícil que é fazer-vos sentir o que quero dizer quando falo de uma língua única – mas nessas ideias formam realmente uma língua única. **Os que habitam o mesmo plano compreendem-se** com muito maior facilidade que aos de planos superiores ou inferiores. A linguagem real, entretanto, é o som mediante o qual nos fazemos entender uns aos outros – e é a mesma para todos.

Perguntou-me sobre o vestuário. **Algumas criaturas estúpidas pensam que a alma é um fluido sem forma a flutuar de um lado para outro**. Absurdo. Cada alma tem sua forma adquirida na vida terrena e conservada aqui. O aspecto que apresentamos é o de homem e mulher como na Terra; **usamos indumentária** que nos dá a mesma impressão que aí recebeis da indumentária terrena. São simples véus para a parte mental, algo que cobre e dá aparência à forma mental; mas **não crede**

que ao virdes para aqui ireis viver de modo muito diferente. Essa indumentária não procede de oficinas, como as vossas; procede da ideia do indivíduo. Contribui para mostrar a mente.

Quanto às habitações do além, é muito difícil explicar. **Vivemos em comunidades, e muitas das nossas moradias são vastos recintos onde as pessoas de igual mentalidade se reúnem para a ajuda recíproca.** Tenho de advertir que a palavra ajuda significa que cada qual ganha com o concurso dos outros.

Aqui houve uma pausa, determinada pela dor que eu sentia na mão.

JOHANNES – Não vos iludais a respeito de tudo isto. O homem é um débil embrião enviado primeiramente ao mundo da Terra e depois a uma série de mundos mais intensos e vívidos. Insetos com muitas fases de desenvolvimento, inoculados com o espírito da vida para que evoluam. Cada indivíduo não passa de partícula de um todo. Pode imaginar uma minúscula célula saturada de uma pequena porção de força vital? Quando aqui chegardes tereis percorrido uma distância tão pequena como o é possível para a minúscula célula, e a obra a realizar-se consiste em expandir-se a si próprio, em construir um espírito de intuição cada vez maior à medida que avança, cada vez mais guiado pelo espírito,

não pelo intelecto. Quando passais para aqui, é esta a nossa obra. Coisa natural, como para vós é natural a alimentação. **Aqui existem os melhores meios para o desenvolvimento do espírito. Podemos escrever, pintar, conversar ou dedicar-nos à música**, conforme o que nos é adequado, mas tudo tende para o mesmo fim, que é a elevação da parte espiritual existente em nós. O vosso Cristo disse muita coisa que brotaram do seu conhecimento intuitivo. Disse também do talento. Sem dúvida que não se referia ao talento na acepção terrena, mas ao aperfeiçoamento do espírito. ([139])

Será importante vermos estes três parágrafos do comentário do autor Herbert Dennis Bradley no final desse capítulo:

Impossível comentar as manifestações de Johannes sobre a vida na sua esfera, porque esse plano se encontra muito além da nossa imaginação.

Seus argumentos revelam inteligência. O processo do nosso desenvolvimento tem, sem dúvida, de ser gradual. Somos simples infantes. **Temos muito que aprender.** Temos que

> atravessar séculos e séculos de experiência e aquisição de conhecimentos **até adaptar-nos à intensa vida das esferas superiores**.
>
> A suposição de que vivemos a nossa primeira vida numa Terra material e podemos alcançar um ponto culminante e imediatamente penetrar no sétimo céu não está de acordo com as aspirações de uma clara inteligência. E não seria desejável do ponto de vista da experiência falha e da emoção contrariada. **A teoria do imediato trânsito a ponto culminante é crua e antiestética**. Seria um desejo grosseiro que se gastaria muito depressa. Mera arrogância da inteligência inferior. ([140])

Várias fontes dão conta da existência de esferas, que entendemos serem “faixas vibratórias” em que se agrupam os Espíritos afins e com mesmo grau evolutivo. A pesquisa que realizamos sobre esse tema está registrada no ebook ***Esferas Espirituais Na e Pós-Codificação***, que esperamos publicar em breve no formato impresso, caso isso não se concretize o divulgaremos em nosso site: https:paulosnetos.net.

Não podemos deixar de também apresentar a

explicação do autor de ***Rumo às Estrelas***, sobre a escrita automática produzida pela médium Mrs. Travers Smith, porquanto, servirá para avaliar a autenticidade das informações do Espírito Johannes:

> **Para dar ideia do extraordinário fenômeno da escrita automática e da rapidez com que neste livro foram tratados os assuntos filosóficos**, indicarei a capacidade normal de um escritor.
>
> O meu livro "*The Eternal Masquerade*", trabalho histórico e filosófico de cerca de 80.000 palavras, foi escrito em quatro meses, o que representa a média de 5.000 por semana. Uma ou duas vezes escrevi 4.000 num dia, contando também a noite; mas era loucura isso. **Qualquer autor concordará que 2.000 palavras escritas num dia, sobre um tema filosófico, já constituem um bom trabalho**, suficiente para justificar descanso no dia seguinte.
>
> Sendo assim, **que escritor no mundo pode produzir ensaios desta ordem cem a velocidade de 2.000 palavras em menos de meia hora? Pois foi com esta velocidade que a matéria dada neste Livro III se fixou no papel por meio da escrita automática!**
>
> Para o leigo este fenômeno poderá não

impressionar; mas para mim, que sou um profissional, apresenta-se como deveras notável, sobretudo atendendo aos conhecimentos de altíssimo valor assegurados.

A nossa escrita automática foi obtida graças ao concurso mediúnico de Mrs. Hester Travers Smith, muito conhecida nas rodas intelectuais depois que publicou as manifestações de Oscar Wilde, tão famosas, aparecidas no verão de 1923.



Há duas formas de escrita automática. Uma com o uso do lápis ou da pena sobre o papel, e outra – ainda mais rápida – por meio do aparelho Ouija. ([141]) Este aparelho consiste num ponteiro móvel que gira sobre as letras do alfabeto, de A a Z e dos algarismos de 1 a 9. A rapidez conseguida equivale à das máquinas de escrever comum.

O médium coloca a mão sobre a extremidade do ponteiro giratório. Ao lado o observador toma nota das letras apontadas e desse modo consegue rapidez muito maior que a usual na escrita comum.

É frequente virem mensagens em língua totalmente desconhecida do médium.

[...].

> Eis o processo que seguimos: Mrs. Travers senta-se à mesa com lápis e papel, para funcionar como autômata; às vezes em companhia de outro autômato. Quando o guia aparece e responde às perguntas feitas, os autômatos funcionam como puras máquinas, de rapidez espantosa.
>
> A título de prova misturamos as letras alfabéticas antes que Mrs. Travers, de olhos vendados, fosse introduzida na sala. As respostas obtidas do além foram escritas do mesmo modo, sem que ela pudesse saber que letras o ponteiro ia marcando.
>
> Mrs. Travers recebeu mensagens de entes que não havia conhecido na terra; e, conforme Sir Barrett o testemunhou, todas as suas manifestações provaram-se exatas. ([142])

Mediunidade extraordinária que nos leva a concluir que o produto das mensagens não poder ser fruto do pensamento do medianeiro.

5º) **Alcar**, através do médium Jozef Rulof (1898-1952), Holanda – Países Baixos, que usa o pseudônimo de André, na obra ***Uma Olhada no Além***, contendo três partes: a 1ª edição da parte I apareceu em 1933, parte 2, em 1935 e parte 2, em 1936. Nela são reportadas coisas do mundo

espiritual recebidas mediunicamente entre 1932 a 1936.

> Há sete Esferas, das quais **a primeira e a segunda parecem muito com a Esfera terrena, embora sendo em forma espiritual**. Mas lá se começa a se desenvolver, aos poucos, para se poder alcançar as regiões superiores. Estas não são mais Esferas de purificação, estas já são contadas como as Esferas de existência. ([143])
>
> No vale havia milhares e milhares de inteligências que se posicionaram num cortejo comprido, que serpenteou ali e lá longe apenas era visível como uma ponta.
>
> "Venha, André, vamos ficar **naquele morro** para ver o cortejo passar."
>
> "Como aqui é lindo, Alcar!"
>
> "Tudo está em harmonia com o infinito e **todas estas pessoas moram na casa que já na Terra construíram para eles**. É aqui a sua morada espiritual." ([144])
>
> André viu que, em todos os rostos, estava legível a felicidade radiante.
>
> **No meio do vale** tinham-se montado **lindos carros de cortejo**, que estavam enfeitados com **as flores** mais lindas das Esferas e levavam como símbolos; sabedoria, força e amor. Tudo era composto

harmonicamente e formavam um todo. ([145])

Aqui chegamos ao “Templo da Verdade” que agora é usado como examinário. **Se não soubéssemos que estávamos nas Esferas pensaríamos que este prédio teria sido levantado por mãos terrenas. Parece muito com um templo de tijolos da Terra**, mas mesmo assim, nele não há nada de matéria a descobrir. Mais tarde explicarei e dar-lhe-ei um esclarecimento completo sobre isso.

Nós tiramos tudo do Cosmo. Lá dentro há muitos segredos ainda escondidos, não só os que têm a ver com a arte de construção, mas também os que têm a ver com muitas artes e ciências. Não é maravilhosamente lindo, André? **Será que acreditariam na Terra que no Além se acha casas, prédios e templos?** Mesmo assim, **aqui temos tudo que é pensável, mas numa forma muito mais perfeita**, enquanto a substância disso, naturalmente, deve ser pensada espiritualmente. **Assim, como tudo na Terra está presente em forma física, em situação mais grossa, assim no reino do espírito é construído em forma espiritual.**

O semelhante atrai o semelhante. Nós, habitantes das Esferas somos seres astrais, então tudo deve acomodar-se a nós. E em proporção da superioridade da Esfera em que estamos, tudo lá dentro será mais

perfeito, até que, nas Esferas mais altas, é alcançado o mais perfeito, o etéreo total. Mais tarde falaremos de perto também sobre este ponto; agora há tanto que precisa ver, porque terá que levá-lo adiante espiritualmente. Vamos entrar então.

Entraram num vestíbulo grande onde já estavam presentes muitas inteligências.

Também aqui André via muitos Espíritos que ainda viviam na Terra e portanto estavam fora do corpo físico. Lá estava totalmente calmo e quieto. Nitidamente se sentiu que tudo foi dirigido por uma mão poderosa.

No meio do Templo havia uma fonte grande, rodeada de flores magníficas, de lindas cores. Atrás disso tinha uma cátedra, também enfeitada com flores. Isso era duma riqueza de beleza, que o tocou profundamente. O conjunto completo era um jardim perfeito de flores. O centro da fonte foi retratado por uma apresentação simbólica; a água, a jorrar, regava todas as plantas e flores. Todos receberiam a sua parte, nem uma só planta era esquecida. Tudo era regado em harmonia e amor. A flor grande recebia um pouco mais que a menor e a planta grande mais que a planta menor; tudo era regado de tal modo que recebia a quantia de acordo com o tamanho e a necessidade.

“Em tudo há harmonia, meu rapaz, e é

marcante que algo que na Terra parece muito comum, aqui é sentido de modo tão diferente por todos. Isso, novamente é porque todos estão sintonizados para esta harmonia. Esta é a grande atração que dela emana. O Homem terá que senti-lo. Não é maravilhoso, André? Você vê que cativa todos. **Os que fizeram-na são Espíritos superiores que, com certeza, possuem em grande medida, a força espiritual harmoniosa,** que colocaram nessa fonte, é que ela fala a nós e força-nos a pensar em Deus, porque Ele está em tudo e a Sua Sabedoria e força harmoniosa pelo espiritual em nós, precisa ser entendido. Ela ensina então a fazer tudo em harmonia, assim como Deus deseja de nós. Com certeza esta fonte tem um significado profundo." ([146])

O Alcar lhe contou que morava numa casa entre as montanhas, com muita água, florestas, flores, jardins, pássaros e outros animais à sua volta. Mas a mãe não podia acreditar, isso era demais para a sua cabeça velha. ([147])

André olhou à sua volta. Ali, diante dele, bem fundo na escuridão, naquela brasa escura, e**le distinguiu uma cidade grande**. Muitas torres se destacavam, nítidas, do ar vermelho-marrom. Visto do lugar deles, se estendia um panorama lindo, mas também sombrio.

“**Nesta cidade grande só reina sofrimento e miséria que os Homens prepararam para si mesmos**, porque não querem conhecer e amar Deus.

Muitos já estão ali há centenas de anos e em todo aquele tempo não sentiram a vontade de encontrar luz um pouco mais pura. Eles prosseguem vivendo no mesmo êxtase em que viviam na Terra.”

A cidade se estendia até o horizonte onde o André achou perceber um pouco mais de luz.

“Não há como abranger com o olhar esta cidade, Alcar?”

“Não, André, nem em milhares de anos, porque ela se estende infinitamente. ‘Até na eternidade’ não ouso dizer, porque espero que também estas Esferas possuam, um dia, a luz mais elevada.

Você vê, que os Espíritos constroem também ali, como nas regiões mais altas, as suas casas e templos.” ([148])

Veja, entramos na Segunda Esfera.”

O André viu, novamente, uma outra Terra. Tudo era diferente do que onde esteve agora há pouco. O céu estava envolto numa veste azul e não havia nenhuma nuvenzinha à vista. O firmamento estava como um balão esticado que podia se rasgar a qualquer momento. Isso sentiu

com clareza. Também na natureza havia esta mesma força, o que achou muito estranho. Chegou nele um sentimento esquisito. **À sua volta viu templos e edificações erguidas num estilo magnífico e de uma substância mais fina que na Primeira Esfera**. Era como se tudo sentisse mais vida e por isso se encontrava numa situação de existência mais elevada. Ao mesmo tempo, viu muitos seres e chamou-lhe a atenção que as vestes eram muito diferentes que as que vestiam na Primeira Esfera. Todos eram mais jovens que ali. O que significa esta tensão que há em tudo? Tem um significado? É como se tudo fosse estourar." ([149])

E agora **vamos à minha morada espiritual.** Você me conhecerá, saberá quem sou, o que fui na Terra e porque estamos juntos." E num relance estavam na Quinta Esfera. Isso superou tudo o que o André vira até então. O que contemplou, não havia como descrever. Em língua material não havia como se fazer sequer uma aproximação. [...].

[...].

"Porque quer trabalhar para nós, André, e nos segue em tudo. A sua entrega total me dá a força a desenvolvê-lo. Se continuar assim, poderá vivenciar situações ainda mais lindas. Veja, lá naquela montanha, minha morada espiritual."

Numa montanha alta o André viu a posse de Alcar. Não era uma casa, era um edifício estranho. Era uma situação própria, como a vida se sentia. **Uma arquitetura estranha que ele não poderia representar**. Era uma situação de forma de bola e viu claramente que o total era apoiado por fundamentos pretos. Estava envolto por um mar de flores. Levantado de uma matéria azulada e parecia que a construção inteira radiava luz. Ele viu uma luz azulada que mudava de cor a toda hora para voltar à mesma nuance de cor. Também isso achou muito estranho. Como era possível que uma construção irradiava? Era tudo curioso. Não podia comparar nada com a Terra. Tudo era diferente e, mesmo assim, natural. Ele chegou mais perto e constatou que a casa do Alcar foi construída de um mármore azulado. Era uma bola de luz radiante. Era como um pequeno planeta, mais claro, não poderia descrever. Com esta descrição mais se aproximou da verdade. À volta de todo o redor da posse de Alcar somente via luz e vida. Era esplêndido. Oh, podia ele encontrar palavras aqui para poder dar uma imagem clara.

Neste momento **estava diante da morada de Alcar**. ([150])

Pilares de mármore apoiavam a edificação inteira. A todo canto viu divãs, envolto de lindas flores. Eram

canteiros de flores. Oh, que luxo, como tudo era sagrado na **casa do Alcar,** como o seu amor era grande. No meio desta sala tinha uma fonte, uma linda peça de arte simbólica que reconheceu da Terceira Esfera, quando saiu do corpo pela primeira vez. Era a posse de Alcar? Sim, devia ser. A fonte na Terceira Esfera representava a sabedoria, força e amor. O Alcar era sabedoria, força e só amor. A fonte irradiava como tudo o que via. De que era tudo isso construído? Oh, se isso lhe fosse esclarecido duma vez! É que, como vivia tudo e de onde vinha esta vida? Era o seu líder, mas precisou reconhecer que tudo lhe era profundo demais e que não estava entendendo. Claramente ouviu lhe falar: **"Esta casa é uma morada espiritual e foi levantada de matéria, mas em substância espiritual que subtraímos do cosmo. Então, é matéria espiritual, um compacto total que, pela força do amor do ser que nela vive, é mantido**. Ela alimenta e fortifica, só por amor. **Foi construída segundo o desejo do ser e radiará segundo a força que o ser possui**. Por isso tudo irradia, é tudo amor, porque o ser vive e possui este amor. Quanto mais bonito o nosso amor, mais bonita a nossa casa, em suma, tudo radiará segundo a força de amor que possuímos. Assim **o Homem constrói a sua própria casa e na medida que sobe tudo mudará**. Por isso o Homem é seu próprio criador, o que se estabelece pela sua

vontade e força de sentimento. Tudo vive, em tudo há a sua própria vida." O André agora entendeu melhor ainda porque tudo irradiava luz. **Uma morada espiritual era uma morada de força de amor**. Tudo era levantado em arte e estilo, da maneira que o ser sentia. Então, o Alcar era um grande artista. Sim, o seu líder era grande. ([151])

"Todos estas pessoas viveram na Terra, Alcar?"

"Todos, André. Um dia foram crianças, cresceram, se tornaram mãe e se levaram a si mesmos a esta sintonização, por luxúria, violência, paixão e bestialidade. Assim, chegaram aqui e só mudarão as suas vidas quando sentirem nojo de si mesmos. Depois disso essas pessoas começam uma outra vida. Estas pessoas são as que se soltam deles. Neste momento tornaremos a visitá-los, porque quero que conheça a vida deles, mas entraremos pela nossa própria força. Vê, André, eles entrarão ali."

O André via **um edifício grande**, onde ao mesmo tempo, milhares de homens podiam entrar. De longe os ouvia chegar pelo que entendeu que o Alcar seguiu num caminho diferente. Ele se encontrava **numa praça grande**, mas os seres que se encontravam à volta deles, via que estavam na sua própria sintonização. Homens e mulheres agitavam tochas em chamas. Em nome de Deus, como obtiveram todas estas

coisas terrenas? Ele olhou o seu líder, como se quisesse a resposta dele, o que recebera de imediato.

"Aqui, meu menino, eles têm tudo; você verá milagres, embora tudo isso não têm valor no espírito. **Eles têm casas e templos, usam pedras preciosas como na Terra, mas adornam-se com a sua concentração e vontade forte**. Aqui, eles têm tudo, mas tudo isso pertence à sua própria vida animalesca. Depois, você verá o que eles possuem; aqui você vê o reflexo da Terra."

O André via pessoas que se livraram das mãos dos outros, mas ainda não se conseguiam libertar, porque continuavam vagueando nas proximidades deles. Vários foram, como ele, assaltados e arrastados. Viu outros fugirem, porque conheciam as suas festas e não queriam mais ter a ver com isso. Enquanto isso, o edifício todo se enchia completamente e também eles entravam. Ainda ele se encontrava na sua própria esfera, logo Alcar se ligaria a ele. Aqui **centenas de seres estavam juntos, em todo o lado via sofás e nas mesas havia garrafas com um tipo de líquido em que todos se fartavam**. Será que isso representa vinho? **Era realmente vinho que eles bebiam? Vinho, na vida após a morte? Não dava para acreditar**. Era como se estivesse vivendo na Terra. Realmente, viu que despejava algo que se

assemelhava a vinho. Os que bebiam, faziam caretas terríveis, devia ser uma bebida medonha.

“Vinho, Alcar?”

“Vinho, André, mas aconselho a não beber disso, queimaria a sua alma. **É um líquido caseiro que eles mesmos prepararam de ingredientes que conhecem e possuem**. Eles possuem bebida, mas eu não ofereceria a nenhum animal. As suas almas escuras estavam a ser consumidas por este líquido. Eles podem tudo, André, só não podem entrar numa esfera mais elevada.”

Muitos bebiam do líquido como se estivessem morrendo de sede. E o que via agora, não dava para acreditar: **eles pagavam com dinheiro.**

“Vejo bem, Alcar?”

Muito bem observado! Não poderiam agir de outra forma. Eles possuem ouro e prata para enfeitar as suas mulheres; por que não possuiriam dinheiro? Porém, tudo é falso, como a sua vida toda é. **Aqui se tem tudo, porque a vida não é diferente de quando estavam na Terra**. Os que querem uma vida assim chegarão aqui numa mesma situação e tentarão alcançar uma mesma vida no espírito. Por que a sua vida seria diferente da Terra? É que não é possível. As suas paixões são as mesmas das que sentiam naquela vida e carregavam

interiormente. Eu lhe disse, agora há pouco; o que se percebe aqui é o reflexo da Terra, mas aqui o Mal está reunido. Todos querem esta vida e receberão o que querem. Porém, aqui não se vê verde, nenhuma outra vida, como a natureza nos dá na Terra. Nada de animais, nem sol e nem luz; sempre escuridão profunda. Nesta vida se tentam divertir. Você vê, há vida, há mulheres e homens juntos, mas todos bestializados. O que um não sabe, o outro inventa, mesmo que lhes queime as almas. Nisso há toda a sua personalidade. Quando é alcançado o auge verá mais coisas ainda. Tudo que vive aqui procura meios para se satisfazer e também os encontrará." ([152])

[...] **Você sabe que a Primeira Esfera é uma mesma situação que a vida na Terra**. Portanto na Terra, o que estiver acima do desenvolvimento humano, não sentem, para isso não encontram palavras. [...].

O André viu pessoas, casas e prédios; muitas moradas eram como a sintonização interior do ser e edificada segundo a sua força de amor. Também aqui já esteve, porém, agora iria conhecer a arte. A Primeira Esfera era igual à Terra. Depois, ainda via outros edifícios que foram levantados de arquitetura diferente, dos quais alguns eram muito bonitos e tinham um outro significado. **Nas montanhas e à beira da água, em todo o lado havia**

moradas espirituais, construídas conforme o sentimento, gosto e força. Tudo era substância espiritual e desta forma, real e natural.

"O que significa aquele edifício grande ali, Alcar? É bem mais bonita que todas as outras."

"**Os mestres de construção que a levantaram, vivem numa esfera mais alta**. Portanto, foi feita em proporção da sua força interior e sentimento. É para incentivar os que vivem aqui a alcançar aquela arte. Vendo uma sintonização mais alta eles se esforçarão por alcançar esta arte. Está claro?"

"Sim, Alcar."

"Como você sabe, **uma morada espiritual é a situação interior do ser**. Os que a construíram, têm todos uma sintonização mais elevada; com isso eles sentem uma arte mais alta, uma arquitetura mais bonita. Então, também **estes prédios serão mantidos por eles.** Isso vale para todas as esferas. [...]. ([153])

As construções são aqui relatadas e explicada a sua criação pelo poder mental do Espírito.

6º) **Maria João de Deus**, genitora do médium Chico Xavier, ao qual ditou o livro ***Cartas de Uma***

Morta (1935):

> [...] a vida no Além, decorre em um ambiente que, pelas suas características fluídicas, escapa à vossa compreensão, já que, dentro do vosso meio de matéria muito condensada, vos faltam as leis da analogia para que possais estabelecer uma comparação. ([154])

> Para que possas ter ideia do local em que me encontrava, direi que era **igual aos dos majestosos edifícios daí, divididos em confortáveis apartamentos**. Era, como se pode dizer, **uma grande casa de socorros espirituais**, num ninho acolhedor de almas errantes e enfraquecidas. ([155])

Essa é a primeira informação sobre construções do plano espiritual que o médium Chico Xavier recebe via psicografia.

7º) Em 1940 foi publicado o livro ***Chamas de Ódio e a Luz do Puro Amor***, psicografado por Francisco Valdomiro Lorenz (1872-1957). Vejamos o seguinte trecho em que o **mestre Roberto Stern** diz a Henrique de Wartenberg, encarnado com o qual dialogava:

> […] Subamos mais, até **à zona mais alta do Mundo Astral**!
>
> E, passando por várias etapas, cada vez mais agradáveis e luminosas, elevaram-se os dois ocultistas a **uma esfera onde viram magníficos prédios que pareciam construídos de pedras preciosas e eram cercados de esplêndidos jardins, onde formosas flores brilhantes exalavam suavíssimos aromas e variadíssimas árvores estavam cheias de belas frutas**. De uma igreja ressoavam majestosos sons de música sacra. ([156])
>
> Avançando para um ponto mais à frente:
>
> – Como viste, o primeiro céu é um lugar de Alegria sem mescla alguma de amargura. As almas que ali se acham estão fora da influência das condições materiais e terrestres, […]. E um lugar de repouso, onde são desconhecidas a enfermidade, a tristeza e a dor. **Tudo que ali viste é construído por meio do pensamento, na sutilíssima matéria emocional.** Ali está presentemente a alma de João Huss, gozando, como viste, a bem-aventurança que pertence aos bons e justos. ([157])

No capítulo que tomamos essas transcrições também fala que o Mundo Astral tem sete

subdivisões ou zonas, todas têm seus habitantes. Nas quatro zonas inferiores seria algo como o purgatório, as três outras seriam o primeiro céu, sendo que "*Nas regiões inferiores do Mundo Astral purificam-se as alma, carregadas de vícios.*" ([158])

8º) **Eurípedes Barsanulfo**, quando vivo residiu em Sacramento (MG), através do médium José dos Santos Junior ditou trinta mensagens publicadas no livro ***Mensagens de Além-túmulo*** (1943), a que nos interessa é a do capítulo "VIII – A vida do 'além-túmulo'", ditada em 16/07/1943, da qual destacamos o seguinte trecho:

> MEUS BONDOSOS IRMÃOS. Quando chegar a vossa vez de passardes para este plano, e a vossa compreensão se aclarar o suficiente para poderdes examinar a vida daqui, a princípio, muitas coisas vos deslumbrarão enquanto que muitas outras vos darão a impressão exata que experimentáveis aí na Terra.
>
> **Aqui encontrareis de tudo que vós vistes ou sabeis existir na Terra, com a diferença que aqui tudo vos é franqueado desde que sintais desejo de conhecer**.
>
> O vosso grau de evolução determinará a

orientação **de vossas ocupações ou de vossas pesquisas** para a solução de qualquer problema que vos propusestes resolver.

Muitos sábios daí, do vosso mundo, desencarnaram sem ter conseguido a solução final que buscaram durante os últimos anos de sua existência na Terra.

Mal aqui despertam para a nova vida, o mesmo problema logo os empolga e **ei-los novamente a estudar e pesquisar apaixonadamente todos os assuntos que se relacionam com seu objetivo**.

[...].

Nas camadas superiores do astral, queridos irmãos, **há escolas de todas as categorias e destinadas a instruir as entidades espirituais escolhidas para voltar à Terra** e nela introduzir novos elementos de progresso.

É a expressão de pura realidade a máxima que diz: *tudo que há embaixo existe em cima*. É de cima que vêm para baixo todas as coisas, por isso, meus amados irmãos, sempre que tendes a felicidade de descobrir alguma coisa, seja invento ou a chave de um problema, levantai os olhos para o bondoso Pai Celestial e rendei-Lhe graças por terdes sido o escolhido.

Em todos os campos de atividade **há no**

> **que chamais “além-túmulo” escolas, laboratórios, terrenos experimentais, grandes oficinas de construções mecânicas e tudo o mais que possais conceber**.
>
> Por isso, este plano não é o que a muitos de vós se afigura, através das resumidas e muitas vezes defeituosas comunicações que vos são transmitidas por irmãozinhos desencarnados, que ainda não puderam se desprender da atmosfera da Terra, **vivendo mais ou menos nas trevas**, apegados a quanto tinham aí, **dando a ideia de uma vida vazia e sobretudo ociosa**. ([159]) (itálico do original)

Atividade constante é a vida no além-túmulo, onde cada Espírito se dedicará a tarefas de seu interesse e para isso a paisagem à sua volta só difere da da terrena por ser de matéria sutil.

9º) **Monsenhor Robert Hugh Benson**, padre católico, que reportou a vida no mundo espiritual ao médium inglês Anthony Borgia (1896-1989), como se vê na obra ***A Vida nos Mundos Invisíveis***, 1ª edição 1948, da qual transcrevemos alguns trechos, suficientes para se ter uma ideia do que ele recebeu de informações sobre a vida no mundo espiritual:

[...] Grande foi minha surpresa ao notar que **vestia as roupas habituais,** exatamente as mesmas que usava quando me movimentava livremente pela casa em boa saúde. [...]. ([160])

Tão logo me vi em minha nova condição, e tão rapidamente como tudo sucedeu, **percebi a meu lado um sacerdote ex-colega**, cujo passamento se dera alguns anos antes. [...] Expressou seu grande prazer em rever-me, e de minha parte previ a junção de muitos fios que se haviam rompido com a sua morte. ([161])

[...] Então o meu amigo propôs que saíssemos, desde que ali nada mais havia a fazer, e que ele me conduziria a um aprazível lugar preparado especialmente para mim. Fez referência a um lugar, mas apressou-se em acrescentar que na realidade eu **ia para a minha própria casa, onde me sentiria imediatamente no lar**. [...]. ([162])

[...] Descortinei então o velho lar em que vivi na Terra; o meu velho lar... mas com uma diferença: **fora melhorado de uma forma que ninguém teria podido fazer em sua reprodução terrestre**. Como logo me pareceu, a casa estava antes rejuvenescida, do que restaurada, mas foram **os jardins à sua volta** que mais me atraíam a atenção. ([163])

[…] Antes de me responder, sugeriu que, como tinha eu chegado recentemente às regiões espirituais, **era aconselhável descansar primeiro** ou, pelo menos, não me fatigar muito com observações. […]. ([164])

[…] A paisagem era banhada por um belíssimo resplendor celestial, e eu **podia notar inúmeras casas de vários tipos, pitorescamente localizadas, como a minha, entre árvores e jardins**. Acomodamo-nos na relva macia, e eu me estirei, como se deitasse num finíssimo leito. Meu guia perguntou-me se estava cansado. **Eu não tinha a sensação comum do cansado terreno, mas sentia ainda algo como a necessidade de repouso do corpo**. Disse-me que essa necessidade era proveniente da minha última doença, e que, se quisesse, podia passar por um profundo sono. […]. ([165])

[…] À nossa frente estendia-se um campo interminável. Noutra direção **via-se o que parecia ser uma cidade de imponentes edifícios**. […]. ([166])

Via-se à distância **uma igreja aparentemente construída nas linhas usuais**; decidimos seguir naquela direção, observando outras coisas da paisagem. Fomos por um caminho que acompanhava em certos pontos **um riacho, cuja água cristalina** brilhava à luz do sol celestial.

[...]. ([167])

[...] Notei então que aquele pequeno curso de água ia se alargando, **até adquirir as dimensões de um lago de proporções regulares**. [...]. ([168])

[...] Rute descobriu **um imponente edifício, em terras bem arborizadas**, que também despertou minha curiosidade. Apelamos para o nosso guia, e Edwin nos contou que **era um lar para repouso, destinado àqueles que chegassem ao espírito depois de longa enfermidade ou que haviam tido violento passamento**. [...] Construído ao estilo clássico, tinha dois ou três andares, e era completamente aberto por todos os lados. [...]. ([169])

Ao nos aproximarmos da **cidade**, foi possível avaliar a sua enorme extensão. Nem preciso dizer que era totalmente diversa de tudo que jamais víramos. **Consistia de grande número de majestosos edifícios, rodeados de magníficos jardins e árvores**, onde brilhavam, aqui e acolá, **espelhos de água, límpida como cristal**, refletindo, além das cores já conhecidas na Terra, outras mil tonalidades jamais vistas. ([170])

Comparados com as estruturas terrenas, **os edifícios não eram muito altos**, mas

apenas extremamente amplos. **É impossível descrever de que materiais se compunham, por serem essencialmente espirituais**. [...]. ([171])

[...] Muitas almas caridosas tinham entrado naqueles reinos para tentar efetuar uma salvação das sombras. Algumas tinham sido bem-sucedidas, outras não. [...]. ([172])

Assim como os reinos superiores tinha criado todas aquelas belezas, **os moradores destes planos inferiores tinham edificado as condições atrozes da sua vida espiritual. Não havia luz, nem calor, nem vegetação, nem beleza**. [...]. ([173])

[...] **Nossos meios de locomoção pessoal são feitos através de pensamentos**, e podemos aplicar esses mesmos métodos ao que o mundo chama de objetos inanimados. [...]. ([174])

Desviei-me um pouco do que me propunha contar-lhes, mas é imperativo dar ênfase a certos aspectos da minha narrativa, porque **muitas almas na Terra ficam chocadas ao saber que o mundo espiritual é um mundo sólido e substancial**, com pessoas reais e vivas. [...]. ([175])

[...] Estes **magníficos edifícios**

apresentam todos os sinais de eternidade. **Os materiais de que são construídos são imperecíveis**. As superfícies de pedra são tão limpas e frescas como o dia em que foram erguidas. Nada há para as poluir, nenhuma atmosfera carregada de fumaça para corroê-las, nem ventos e chuvas para desgastar as obras de decoração externa. **Os materiais de que são feitos pertencem ao mundo espiritual e portanto têm uma beleza que não é terrena**. ([176])

Deve-se lembrar que **o ato de construir no mundo espiritual é essencialmente uma operação de pensamentos**. [...]. ([177])

O mundo espiritual está dividido em esferas ou reinos. [...]. ([178])

As esferas do mundo do espírito estão colocadas numa **série de zonas formando um número de círculos concêntricos à volta da Terra**. [...]. ([179])

Os reinos inferiores da escuridão estão situadas perto da Terra, e penetram na sua parte mais baixa. [...]. ([180])

Cada esfera é completamente invisível a todos os habitantes das suas inferiores, e isso pelo menos é que forma os nossos limites. [...]. ([181])

As descrições nessa obra têm uma similitude muito forte com tudo que encontramos sobre o mundo espiritual nas obras de André Luiz, que, se não fosse indicada a autoria, certamente seriam confundidas com alguma deste.

10º) **Roger**, em ***Além do Véu da Morte***, 1966 é a data da Introdução da autora Helen Greaves. Vejamos o seguinte relato do capítulo “XIII – Novas comunicações”:

> As palavras seguintes fizeram com que um arrepio corresse pelo meu corpo.
>
> “Apesar disso, falarei a você sobre o que aconteceu quando vim para cá. **Acordei num hospital.**”
>
> Num hospital? Agora, pensei, deve vir o 'sonho' concernente a Kit.
>
> Perversamente, tentei fingir que entendera mal. “Você quer dizer, no hospital, com Michael?”
>
> “Não, eu não quero dizer **lá**. Eu quero dizer **aqui**, num outro hospital. E isso também não pareceu nem um pouco estranho, apenas pensei que eles deviam ter-me transferido enquanto eu dormia. Contudo, sentia-me muito mais **vivo** isso surpreende você, Bub? Lembro-me de que

comecei a olhar bem para todo aquele lugar; eu estava melhor, você sabe. E descobri que agora podia mover me, ver, ouvir e falar, se quisesse. Já não estava paralisado. Esta foi a primeira coisa.

"Dei-me um beliscão, para ter certeza de que podia mexer meus braços. Singular, aquilo... eu estava tão excitado que tinha vontade de gritar a novidade. Então, olhei ao redor, procurando Michael, mas ele se fora. Suponho que voltou para a Faculdade, falei para mim mesmo. O lugar era muito grande, muito maior do que o quartinho para onde eles me levaram primeiramente. Espaçoso, se é que você me entende. Havia muitas e muitas camas, com homens deitados nelas; uma grande enfermaria, realmente, embora não parecesse existir nenhuma parede. **A luz do sol penetrava diretamente através dela!** Nunca vi uma coisa como esta antes, Bub! Fiquei olhando, durante um tempo interminável. Torrentes e torrentes de luz solar mais brilhante do que a luz do sol do Mediterrâneo. E cores! Foi isso que me fascinou. Raios coloridos, brincando como uma fonte. Só que os raios estavam dirigidos para as camas. Azuis, rosa, ouro, verdes. Eles refulgiam como arcos de luz. Acho que fiquei olhando até que voltei a dormir.

“Sim. sim.” Nada devia quebrar este contato. Aqui estavam informações emocionantes, muito mais excitantes do que

eu jamais poderia ter imaginado.

"Você sabe, havia energia naqueles raios. Um deles parecia envolver me, azul como o céu, a tonalidade mais rica que eu jamais tinha visto, com cintilações de safira e cobalto. Quando acordei, fiquei quieto durante um longo tempo, apreciando a **sensação** daqueles raios. Alguma vez você **sentiu** as cores, Lena? Eu posso dizer-lhe que isso é realmente algo. Você não esqueceria. Pouco depois, olhei para os outros camaradas. Todos estavam recebendo o mesmo tratamento, só que com cores diferentes. Um sujeito, no lado oposto ao meu, estava recebendo um raio cor de rosa, e mais adiante um outro recebia um que era verde como uma árvore de Natal.

"No princípio aquilo foi um pouco engraçado. Mas certamente fazia você se sentir uma pessoa fina. Foi assim que me senti, como se tivesse acabado de tomar um banho de chuveiro, de fazer a barba e de ser massageado. Ótimo e pronto para sair, como costumávamos dizer! Oh, e eu adorei aqui. Deliciei-me com aqui. Já não estar para lisado! Afinado como um violino! Pensei em você e fiquei imaginando quando viria visitar-me. Fiquei com vontade de saber se Mike tinha voltado para Montreal. Então, de repente, algo me pareceu muito estranho. Diabolicamente estranho! Levantei a mão e toquei minha cabeça, onde tinha sido ferido, você sabe. **E ali não havia nenhuma**

atadura, Lena. Não havia dor e não havia sangue em lugar algum. Fiquei deitado por um longo tempo, tentando decifrar este enigma…”

Minha atenção estava tão dirigida para o meu interior que não percebi o irmão da minha hospedeira entrar na sala e depois sair de novo, sem fazer ruído. Depois ele me disse que eu estava dormindo!

“Creio que aquilo me fez olhar para os outros. Aquele lugar era igual a qualquer outro hospital, com médicos e enfermeiras, porém era diferente. Nenhum vestígio de ataduras, ou de remédios, nenhuma aparelhagem. Isso me deu uma sensação regelante, desanimadora. Onde eu estava? Que espécie de lugar estranho era este? Então, vi dois atendentes carregando uma padiola. Nela havia um homem, cuja aparência era fantasmagórica, assim como se ele fosse duplo! Como se houvessem dois dele, só que não havia. Lena, eu **sabia** que aquele homem tinha sido destroçado num acidente, do mesmo modo que eu. Sabia! O fato me deixou aterrado. Isto porque não havia sangue. Nem uma única manchinha. E ele parecia estranho, irreal… Então, acho que entrei em pânico, entrei em pânico como se fosse um garoto…”

A transpiração tornava pegajosas as raízes dos meus cabelos. Eu estava sentindo tudo aquilo, com Roger.

“Tranquei-me dentro de mim mesmo. Eu estava apavorado, mas não sabia o que é que me apavorava, estava com um medo mortal, como que emparedado nas trevas. Pior do que aquela vez em que me perdi nas florestas das ilhas Vancouver, lembra-se? Quando acabei descendo a correnteza, a vau, até que ela me conduziu para o espaço aberto? Naquela ocasião tive a esperança de encontrar um caminho para sair dali. **Desta vez eu sabia que estava aqui para sempre**. Foi horrível, Bub...”

Houve uma pausa. Oh, prossiga, prossiga – rezei; conte-me o que aconteceu. Não pare agora. Você encontrou Kit? Você a reconheceu? Conte-me...

“Aquele foi o meu pior momento. Então, sabe o que aconteceu? Alguém falou comigo. Uma voz disse: 'Ola, Rog, seu velho veterano!' Eu não queria olhar, Bub. E não olhei, durante muito tempo. **Mas eu conhecia aquela voz. Conhecia**. 'Rog', disse a voz, é o Doutor, lembra-se?' Abri os olhos. E ali estava um homem, metido num avental branco. 'Lembra-se daquela ocasião em que lancetei aquele seu furúnculo, quando estávamos no Oriente? Lembra-se da festa na Churrascaria Espanhola? Sua esposa usava um chale espanhol, preto, lembra-se?' Aquilo me abalou. Arregalei os olhos. No princípio, não consegui focalizá-los. Tive um trabalhão danado para ver claramente aquele homem. 'Rog,' disse ele,

'é Robbie. Robbie, seu velho companheiro de bordo!' E então, eu soube. Creio que soubera durante todo o tempo. Era **Robbie**! O velho doutor Roberts, que nos tempos passados, antes da guerra, costumava viajar conosco. Morreu de febre, no Oriente, quando Mike era pequenino…"

Lágrimas estavam rolando pelo meu rosto. Ele não se lembrava de nada concernente a Kit. Aquele devia ter sido um período interme diário. Todavia, lembrava-se de Robbie um antigo companheiro de bordo e um velho amigo.

"O velho veterano estava com uma aparência esplêndida! Passamos momentos maravilhosos conversando sobre os dias passados. Creio que ele me contou onde eu estava. De algum modo, fez com que a sua revelação parecesse uma coisa natural, nada assustadora. Suponho que foi aí que eu soube, realmente – acerca de ter morri do, quero dizer. Que eu soube que já não estava mais sonhando…"

Tão simples aquelas palavras… não obstante, tão decisivas. "Eu já não estava mais sonhando." (Então, a morte é simplesmente um sonho, que se prolonga até que despertamos para a Realidade?)

"Agora estou muito bem, você sabe." A afirmação veio orgulhosamente. "Melhor do que nunca, assim eu estou! No princípio me senti péssimo, pensando sobre você, Lena.

> Mas você vai ficar bem, saiba disso. Vai ser amparada. Tenho absoluta certeza.” Houve uma pausa. Depois: “Foi bom ter me falado sobre você sabe, sobre sua velha avó. Isso ajudou fez com que ficasse mais fácil entender e aceitar as coisas...” ([182]) (grifo do original)

Avançando para o capítulo “XIV – Dúvidas e temores”, vamos encontrar algo muito interessante narrado por Helen Greaves:

> Num dia de outono, quando setembro sorria, depois dos dias chuvosos de agosto, fui dar um passeio em Kensington Gardens, como gostava de fazer. […].
>
> Desci pela ilha verde e fui para a Serpentine. Perto da estátua de Peter Pan, sentei-me e fiquei observando as crianças, os patos e os cisnes, que compunham um quadro tocante. O sol da tarde descambou e as babás partiram, levando as crianças que estavam aos seus cuidados. Ao meu lado, uma mulher idosa lia o jornal vespertino. Quando ela também se levantou e foi embora, caminhando através dos gramados, vi que esquecera o jornal. As páginas se agitaram, na brisa leve. Depois, o jornal se abriu, de golpe. Baixei os olhos para ele e, imediatamente, minha atenção foi

capturada.

Na página impressa, aberta, havia um artigo, escrito por Lord Dowding, versando sobre alguns aviadores ‘mortos’.

Agarrei aquela folha e li avidamente.

“Um Piloto Fala do Seu Despertar”

O artigo era um relato de Lord Dowding, referente a algumas comunicações recebidas de aviadores 'mortos', que ele comandara durante a Batalha da Grã-Bretanha. Um rapaz forneceu lúcidos pormenores da sua ‘chegada’ ao Outro Mundo... "No princípio não compreendi que tinha sido abatido. **Acordei num hospital**, num quarto claro e arejado, onde havia cerca de seis camas. O quarto tinha grandes janelas francesas, completamente escancaradas, e aquela construção tinha sido erguida praticamente na praia.

“Uma enfermeira encantadora cuidava de mim, e ela parecia estar sempre ali, no momento certo.

“Eu tinha ferimentos no peito e nas pernas. Um dia percebi que, embora eles fossem regularmente enfaixados, **eu não sentia dor; não parecia haver qualquer vestígio de sangue nas ataduras e também não havia qualquer indicação de que eu precisasse, realmente, delas**.

“Comecei a mexer minha perna; estava ótima. Bati no meu peito; também está

ótimo. Sendo assim, na outra vez em que a minha enfermeira apareceu, agarrei-a; e, de repente, percebi que não tinha nenhum médico.

"**... fiquei positivamente intrigado e tive uma sensação nauseante na boca do meu estômago**.

"De algum modo, eu estava começando a saber, mas, não queria parar para pensar. Pedi à enfermeira que me explicasse o que estava acontecendo. Ela segurou minha mão entre as suas e, simplesmente, olhou para mim. Então, eu soube.

"Bem, acho que posso contar-lhe – **uivei no ombro dela, como se fosse um garotinho**. Isso me fez bem…"

Frases pareceram atirar-se contra mim, saindo da página impressa em negro.

"Acordei num hospital."

"Um lugar claro e arejado, com cerca de seis camas."

"Não sentia dor."

"Não parecia haver qualquer vestígio de sangue nas ataduras, e também não havia qualquer indicação de que eu precisasse delas."

"Fiquei positivamente intrigado e tive uma sensação nauseante, na boca do meu estômago."

"Uivei como um garoto."

Aquilo não era, exatamente, o que Roger me 'dissera', com respeito ao seu despertar?

Ele, também, não ficara intrigado e curioso com respeito à ausência de sangue? E se 'trancara dentro de si mesmo', quando o significado daquilo começara a surgir.

Roger!

Isto não é apenas uma coincidência, pensei. Raramente leio o jornal **The Star!** não obstante, ele tinha sido enfiado diretamente sob os meus próprios olhos. Aqui estava uma confirmação de tudo aquilo que meu marido pudera 'comunicar-me', durante aquela noite calma, no Canadá. **Isto não é uma coincidência**, tornei a dizer, para mim mesma: nisto há uma intervenção 'sobrenatural'. Se eu não tivesse sentado exatamente naquele banco; se aquela mulher não tivesse com prado o vespertino **The Star**; se ela não tivesse deixado aquele deter minado jornal, com o artigo, ao meu lado, no banco; se o vento não tivesse aberto justamente na página que devia ser lida. Se. Se. Se...

Era mais do que eu podia explicar. E, também, eu não queria explicar nada. Novamente, a fé enfraquecida recebera um estímulo e isso era suficiente. ([183])

Como nada acontece por acaso, vemos nessa "coincidência" de achar o jornal e nele conter um

artigo que confirma a experiência contada por Roger como que a ação dele visando sanar as dúvidas de Helen Greaves, mulher com a qual foi casado em determinado período.

11º) No período de 4 de janeiro a 7 de maio de 1971 o Espírito **Arthur Ford**, ditou à médium Ruth Montgomery (1912-2001), jornalista norte-americana, várias mensagens que foram registradas em ***A Vida no Além-túmulo*** (1971). Dessa obra transcrevemos os seguintes trechos:

> a) Capítulo "I – Arthur Ford está vivo"
>
> "Progresso. É esta a chave para a felicidade aqui bem como aí, e que lugar emocionante é isto aqui para aqueles de nós que ansiamos por aprender e crescer. **Temos o céu e as flores, árvores, crepúsculos mais vividos do que você possa imaginar; pois tudo neste mundo e no seu é um padrão de pensamento**. Aqui nós comunicamos, **trabalhamos**, crescemos e florescemos somente através do pensamento, e como estamos livres da interferência das mentes físicas, que são meras máquinas mecânicas, **nossos pensamentos reagem instantaneamente a tudo o que quisermos projetar**. Vemos

instantaneamente outra pessoa ou alma em quem pensemos. Estamos constantemente projetando padrões de pensamentos nossos, de modo que onde quer que desejemos estar, lá estamos." ([184])

b) Capítulo "3 – Pensamentos são coisas"

"A princípio eu estava ocupado cumprimentando os amigos deste lado e procurando **Fletcher**, que me esperava sorrindo. […]. Fletcher sempre foi muito positivo em que, quando eu viesse para cá, ele ficaria livre da missão que se impusera."

Em outro dia, como que para esclarecer a liberdade de que goza agora, Arthur escreveu: "**A vida deste lado não é muito diferente daquela no seu plano, pois estamos *aqui* – não em algum outro mundo**. Neste momento estou tão com você quanto estava quando me sentava em sua sala em Washington, com exceção do fato de que agora nos comunicamos com maior eficácia. Estamos aqui! Esta é a primeira coisa a frisar. **Somos tão terrenos quanto você, mas como nos descartamos dos corpos físicos, não estamos atados às leis básicas que funcionam para vocês e impedem os movimentos.** Somos espírito e **podemos penetrar os objetos inanimados – ou animados**, também. **Eles só existem como formas de pensamento e como nós os vemos** não tanto como formas

quanto como ideias, não constituem empecilhos para nós. **Somos capazes de viver em casas de formas de pensamentos, ou em colinas ensolaradas à margem de regatos, ou onde quer que quisermos pensar que estamos**. **Mas são inteiramente não-essenciais, pois não precisamos de habitação**. Somos livres como o vento para ir onde quisermos a qualquer momento dado, mas isso **não significa que andemos por aí à toa, pois aqui logo desenvolvemos um propósito**. Aqui, como aí, o que conta é o crescimento, e não crescemos enquanto nos transportamos a esmo para lá e para cá." ([185])

Na manhã seguinte, Arthur declarou que queria explicar a respeito da transição que ocorre quando uma alma falece dormindo e desperta em forma de espírito. "Agora não estamos falando, como falaremos mais tarde, sobre a morte repentina ou inesperada", escreveu ele, "mas sim da **transição natural de uma alma que se descarta de um corpo fatigado e doente**. A alma escapa facilmente de seu envólucro, sem dor nem qualquer sensação visível. Num momento está lá, ainda vestido com as dolorosas vestes da carne, e no seguinte está com trajes celestiais. Isso não é tão fantasista quanto pode parecer, pois é o que ocorre realmente se a transição tiver sido preparada. **Despertamos num reino**

de pura beleza e em meio a cânticos. As árvores aqui são árvores *de verdade*, não os reflexos que vocês na carne veem. As flores são pura forma de pensamento e portanto muito mais extraordinárias do que qualquer coisa de forma vista pelo homem físico. Os pássaros, animais, espíritos, sim, as muitas mansões aqui são perfeitas, pois são formas de pensamento.

"Quando despertamos aqui, a princípio vemos esse encantamento como que num sonho. **Será real?** Será concebível? Bem, não é concebível pelo homem, mas pela força do amor. Nesse ponto, **não há nada que desejemos que não possamos fazer existir pelo pensamento**, a não ser outro corpo carnal, pois este não nos pertence, para ser pedido a qualquer momento, sendo, sim, um direito a ser conquistado ou por um longo preparo e busca da alma ou porque uma morte súbita não de nossa responsabilidade, nos dá direito a uma rápida volta à forma física, se o desejarmos. Falaremos sobre isso depois, mais detalhadamente. ([186])

[...] Isso o intriga de tal modo que ele **cai num torpor profundo**. Quando por fim ele desperta, as pessoas se foram, menos um homem com uma longa barba branca que diz: *Filho, já está na hora de começar as aulas.*

"Aulas? exclama ele. *Acabei com as aulas há muito tempo, e certamente o senhor também*.

"*Mas um tipo diferente de aulas, meu filho,* continua o velho. *Esta é a verdadeira escola onde nos ensinam como recordar, como esquecer e o que saber sem aprender*.

"O homem fica muito intrigado, mas **segue o velho até a uma escola onde estão sentados vários outros estranhos, numa espécie de sala de aula**. Um deles parece um advogado que ele conheceu no Lions Club, mas como ele tinha morrido havia uma ou duas semanas, devia ser engano. […]." ([187])

c) Capítulo "5 – Templo da sabedoria"

O corpo de Arthur Ford foi cremado e, cumprindo suas instruções, as cinzas foram espalhadas sobre o Oceano Atlântico, perto de Miami. **Menos de um mês depois, ele começou a falar sobre uma nova faceta de sua vida contínua**, escrevendo: "Depois de ter cumprimentado os velhos amigos e de ter conversado várias vezes com Fletcher, **comecei a procurar aquilo que eu sabia estar esperando, o templo da sabedoria**, de que eu me lembrava vagamente de vidas anteriores aqui e às vezes vislumbrara quando em estado de transe.

"Não tive de procurar muito, pois sem

que ninguém me orientasse encontrei-o, exatamente onde me lembrava, **ao lado de um regato rumorejante num montezinho meio escondido além da primeira encosta de uma colina verdejante. Era rústico, e no entanto enquadrava-se tão belamente na paisagem que parecia parte do fluxo vital**. Os mestres me esperavam e me receberam com alegria, felizes ao verem que eu nunca me tinha esquecido completamente de suas maravilhas e beleza de pensamento. **As cadeiras estavam arrumadas em círculo** e quando me sentei no lugar de sempre, o mais velho dos mestres exclamou: 'Arthur, parece que você nem esteve longe!' Aquilo me fez sentir bem, pois meus setenta e tantos anos no plano terreno tinham-me parecido bastante longos, embora aqui não fossem mais do que o piscar de um olho. **Retomamos nossas lições onde as tínhamos deixado, quase três quartos de século antes, e foi como se o tempo tivesse parado**." ([188])

"**Imagine, se quiser, um bosque de árvores na encosta de uma colina verdejante, com o sol filtrando-se por elas e as folhas formando desenhos na relva. Este é o nosso templo da sabedoria isolado, sereno**, abrigado nas vestes divinas de puro, mas durante o período de meditação eles entoam trinados

celestiais que parecem conter a harmonia do universo inteiro. Ruth, é um som emocionante que vibra até às profundezas de minha alma e parece ligar-me a todas as coisas vivas. **Como são indescritíveis muitas dessas maravilhas, e, no entanto, como são semelhantes aquilo que cada alma conhecia no plano terreno!** A luz aqui é pura e incessante, pois que o sol não a controla. As montanhas são eternamente envoltas em halos de sua própria criação. As árvores são magicamente afinadas, de modo que cada qual parece falar com sua voz própria. **Os cantos dos pássaros e insetos são belos** e da estabilidade do universo vêm vibrações harmoniosas demais para serem concebidas pela mente de uma pessoa física. ([189])

"Alguns aqui estão ensinando a almas novas que vêm para cá, **outros vão à escola** para se porem em dia com os cursos de filosofia e desenvolvimento que não conseguiram dominar do seu lado do véu. Outros estão ativamente ocupados na exploração de ideias ou estão procurando expiar omissões do passado por meio de meditação profunda e orações. […]." ([190])

d) Capítulo "10 – Preparação adequada"

Em contraste, Arthur em seguida citou o caso de um não-crente "que morre e espera que isso seja o bendito fim de tudo." Ao

contrário, diz ele, "depois de alguns dias ele começa a se movimentar e a mostrar sinais de vida deste lado. Aos poucos vai abrindo os olhos, por assim dizer, e vê o movimento. Fica assombrado, pois se lembra de ter morrido e acha que isso é um pesadelo, como os últimos estertores de uma galinha a quem se torceu o pescoço. Ele luta para acabar com a ilusão, mas em vez disso vê que está cercado por pessoas que o chamam pelo nome e que ele se lembra de ter conhecido no estado físico. Ele se contorce, protesta e afinal pede uma explicação. Os antigos amigos sorriem e dizem: *Charlie, nós tentamos dizer-lhe antes que continuamos a viver, mas você não fez caso de nossas palavras*. Ele se contorce outra vez e se debate um pouco, pois não gosta que provem que ele errou, mesmo naquele novo estado de consciência. Sua mente tinha estado fechada, quando no estado físico. Ele sempre tinha razão e considerava maluco aquele que acreditasse na continuação da vida. Tenta tapar a vista e o som, mas dentro de pouco tempo torna a olhar e então a cena está um pouco diferente. **Em vez de lindas árvores e flores e pessoas simpáticas, ele vê um abismo, frio e sem fundo e ameaçador**. Recua, alarmado.

"**O abismo se alarga e ele sente que está caindo lá dentro,** cada vez mais para o fundo. Grita por socorro, mas os amigos

não estão mais lá para tranquilizá-lo. Ele cai e cai, ou é o que lhe parece. Será esse o caminho para o inferno, como avisavam os pregadores de antigamente? Cada vez mais fundo cai ele, sua mente em tormento. Onde estavam aqueles amigos que zombaram delicadamente dele por sua descrença quando era carne? Por que não o ajudavam agora? Mas ele os havia afugentado com sua descrença, tal como tinha repelido os crentes quando estava em sua forma física. Por fim começa a desejar de novo a presença reconfortante deles. Gostaria de perguntar-lhes mais a respeito da eternidade que eles diziam aguardar todas as almas. Anseia por eles, ao descer pelo abismo. Mal formula o desejo, lá estão eles a seu lado, **novamente na planície verdejante**. Ele automaticamente agradece a Deus, baixinho, pois o abismo desapareceu e ele não está mais sozinho. **Os amigos lhe asseguram que um desejo é tão concreto quanto uma ação, um pensamento é o mesmo que um ato**. Desejando os amigos reconfortadores, e desejando saber mais a respeito da vida eterna, ele havia, por meio da forma de pensamento, criado a realidade de sua presença. Ansiosamente ele pede instruções, e como tinha sido basicamente um homem bom, com bons impulsos, a despeito de sua mente fechada, **ele é matriculado nas escolas de sabedoria** e logo se torna um dos que voluntariamente

> auxiliam outros não-crentes quando despertam na forma de espírito.” ([191])

O fato curioso é que Arthur Ford (1896-1971), também norte-americano, quando vivo era médium.

12º) ***Joanna de Ângelis***, em ***No Limiar do Infinito***, prefácio de 1976, via Divaldo Pereira Franco (1927-2025). Nesta obra, temos o capítulo 12 intitulado “A vida espírita ou espiritual”, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

> Sendo **a vida na Terra, suas edificações e paisagens um símile mais condensado e algo mais grosseiro do que existe no mundo espírita ou espiritual**, facilmente se compreenderá que o progresso na região das causas transcende em beleza as realizações, superando em emoções e efeitos tudo quanto a imaginação pode conceber.
>
> Desde os sítios mais grotescos e sombrios, onde se fixam os núcleos de depuração compulsória para os que dilapidam, irresponsáveis, os preciosos dons da existência, até aos altos círculos de felicidade **nas vibrações circunvizinhas da Terra, há uma infinita variedade de vilas e cidades, círculos espirituais e**

postos de socorro onde vivem os que se vinculam ao planeta generoso, que nos serve de berço e escola de progresso nos intervalos de uma para outra reencarnação. **Plasmados pelas mentes que as moldam no fluido universal**, são populosos centros de vida em que o amor estua, verdadeiros céus [...].

Não se tratam de lugares hipotéticos, ou de centros onde campeia a ociosidade em aposentadoria demorada, ou de paisagens fantasistas para o repouso da inutilidade.

Há atividades febricitantes em que o culto ao trabalho fomenta o progresso das mentes e aprimora os sentimentos.

De forma alguma são mundos quiméricos, imateriais, sobrenaturais, mas searas de ação objetiva, organizações promovidas pelo espírito humano, distantes ainda dos mundos da divina benção.

[...].

Perfeitamente lógica a ocorrência da multiplicidade das Cidades e Colônias Espirituais no mundo das causas.

[...].

Metrópoles trabalhadas em substância sutil, plástica e de fácil moldagem às mentes ditosas, constituem os painéis de incomparável dita onde reinam a paz, a ventura plena e a

felicidade sem jaça.

Há incontáveis instituições beneficentes e socorristas no além-túmulo, que se afervoram no auxílio aos que transitam na Terra e partem do corpo após a desencarnação, [...].

Legiões de abnegados e caridosos **mensageiros do Senhor recolhem em Institutos de recuperação e aperfeiçoamento** os desencarnados em dor, [...].

Educandários e hospitais de retificação, à semelhança dos que existem na Terra, melhor organizados e mais aprimorados, se abrem convidativos, como santuários de recolhimento e correção para a elevação dos caídos [...].

Conforme existem na Terra **conglomerados e organizações humanas para albergar a imensa legião de criaturas, no plano espiritual sucedem-se, múltiplos**, acolhedores como ninhos de ventura [...].

Ninguém se surpreenda, portanto, que a vida espiritual seja refletida nas **comunidades terrenas, que são cópias imperfeitas das sociedades vigentes nos círculos superiores do Orbe e nos planetas** onde a vida estua sem sombra, sem dor, sem morte, sem adeus... ([192])

12º) **Miramez**, em ***Filosofia Espírita – Vol. XX***, publicado em 1990, da coleção na qual se comenta todas as questões de *O Livro dos Espíritos*, através do médium João Nunes Maia (1923-1991), destacamos de seus comentários à questão 1017, o seguinte trecho:

> Muitos Espíritos, na verdade, dizem que moram no primeiro céu, outros no segundo ou terceiro ou quinto, assim sucessivamente, por falta de linguagem e mesmo de entendimento das criaturas. Mas, com a Doutrina Espírita, pode-se dizer a verdade, que esses "lugares" passam a ser dentro das criaturas, no grau de perfeição que a alma atingiu. Contudo, **essas almas têm um lugar de morada, colônias espirituais nas esferas compatíveis com os seus progressos, onde se reúnem por sintonia de elevação**. Essa é a lei de justiça. ([193])

13º) **Caibar Schutel** é o responsável pelo livro ***Alvorada Nova*** (1992), publicado pela equipe de oito médiuns do Grupo Irmã Scheilla, do Lar Escola Cairbar Schutel, Vila Morse, São Paulo (SP), sob a coordenação de Abel Glaser (?-), que, a certa altura

dessa obra, diz: “*Esta, como dissemos, não é uma obra psicografada integralmente. É fruto do trabalho conjunto de encarnados e desencarnados.*” ([194]), razão pela qual estamos colocando num tópico à parte, justamente, pela singularidade dessa sua origem.

Na “Apresentação” o médium Divaldo Pereira Franco, afirma sobre o conteúdo da obra:

> […] Estou edificado, renovado com as lições ministradas pelo nosso amado Cairbar Schutel e demais MENSAGEIROS da **Colônia “Alvorada Nova”**.
>
> **Os nossos Amigos Espirituais já haviam escrito por meu intermédio a respeito desse Lar ampliado**, o que nos levou a denominar uma das nossas Escolas de 1º Grau com essa desinência. Isso dá-me muita alegria e agradeço ao Alto a sua concessão de amor. ([195])

A Colônia Espiritual “Alvorada Nova” tem como coordenador o Espírito Cairbar Schutel que, segundo o que consta dessa obra, participou ativamente das informações repassadas ao grupo. Todo o livro trata da *“descrição, o funcionamento, a história, a*

doutrina, a administração, a finalidade e as características da Cidade Espiritual” ([196]); portanto, como não temos como transcrevê-lo no todo, recomendamos a você, caro leitor; apenas transcreveremos algumas coisas que vão validar o que aqui citamos de outras fontes.

> […] ao final de 1986, vários médiuns do Grupo Irmã Scheilla, do Lar Escola Cairbar Schutel, começaram a receber mensagens de Cairbar a respeito de uma cidade espiritual, sendo que **ao mesmo tempo a vidência dos medianeiros teve acesso a imagens desta colônia**. […]. ([197])
>
> Por consenso as reuniões tiveram início em 4 de março de 1987. […]. ([198])
>
> […] Muitas psicografias e desenhos mediúnicos foram elaborados. […]. ([199])
>
> Todas as linhas foram idealizadas por Cairbar Schutel, em inúmeras mensagens descritas ou psicografadas pelos médiuns e organizadas por mim. […]. ([200])
>
> […] temos hoje importante projeto a discutir: vamos colocar em pauta **as novas técnicas de alimentação** na colônia e **novos processos para fomentar a produção de frutos**. Discutiremos ainda

projetos apresentados pelo Setor de Medicina para a implantação de novo soro, especialmente extraído do mel vegetal, no trabalho com os doentes internados na Casa de Repouso. A pauta incluirá também, por fim, os pedidos e requerimentos de vários habitantes desta colônia. [...]. ([201])

Essa reunião se realiza na sala própria do **último andar do Prédio Central**, a qual é volteada por luz proveniente da colônia que vaza os cristais das paredes e adentra a cúpula. ([202])

Encerrando a pauta, passam a tratar das reivindicações dos habitantes da colônia, voltadas para os mais diversos assuntos, tais **como transportes, instalação de aparelhos de telefonia**, autorização de visitas a Espíritos em estágio em outros pontos da colônia ou fora dela, entre outros. [...]. ([203])

Alvorada Nova é exemplo dessa assertiva. Para melhor conhecê-la, comecemos por falar que se trata de **uma comunidade com cerca de duzentos mil habitantes, localizadas em região umbralina, na quarta camada ao redor da crosta terrestre**, no mesmo grau de inclinação da cidade de Santos – Estado de São Paulo, desenvolvendo-se diuturnamente sob a orientação da Superioridade Divina.

([204])

Inicialmente, **vê-se o Prédio Central**, localizado no centro do grande círculo, onde se instala a "Coordenadoria Central" **liderada por Cairbar Schutel**. ([205])

[...] por um acesso lateral, pode-se chegar a **um bosque com belas árvores, flores e um lago cristalino**. [...]. ([206])

Alvorada Nova **é circundada por um muro protetor** sobre o qual existem nove torres, sendo que duas delas ladeiam o portão de entrada. [...]. ([207])

Do lado de fora de Alvorada Nova pode-se vislumbrar **uma plataforma onde se espera o trem** que seguirá ao Posto de Socorro em **região umbralina**. A paisagem ao redor é semelhante à da Crosta.

Na composição percebe-se que é um **transportador magnético, flutuante sobre trilhos especiais**. ([208])

A Cidade Espiritual possui dois Postos de Socorro, [...].

Nos Postos desenvolve-se um trabalho sério, intenso e árduo, que consiste na recepção, distribuição, reciclagem e encaminhamento de entidades sofredoras e obsessoras resgatadas. [...]. ([209])

[…] Ainda nesse prédio [Prédio Central] estão **a biblioteca**, a sala de reuniões das Coordenadorias e os aposentos de Cairbar. ([210])

[…] Cuida para que **a alimentação da Colônia** seja sempre suficiente para atender às necessidades de cada ser que lá habita, desenvolvendo um trabalho de divisão de alimentos por todas as áreas de concentração de Espíritos, **desde o hospital até a Casa da Criança**, com programa alimentício próprio para cada setor. […]. ([211])

Por todas as dependências de Alvorada Nova **existem muitas flores e muito verde**, tendo em vista que os Espíritos que aí vivem, não sendo apegados à massa material, vibram muito com a magnífica criação de Deus, dela podendo desfrutar a todo o instante, sem prejudicá-la. […]. ([212])

O muro que protege Alvorada Nova tem quinze metros de altura, é maciço e emite uma potente vibração magnética de proteção. […]. ([213])

[…] é onde os moradores de Alvorada Nova costumam desfrutar as mais agradáveis sensações de bem-estar. Em seu topo encontra-se **um enorme lago de águas** fluídicas e calmantes. […].

As águas do lago caem por **várias cachoeiras**, formando cortinas transparentes que perpassam o verde lateral dessa superfície. [...]. ([214])

Dispõe ela de **inúmeras moradas para seus habitantes**, entre várias alamedas, todas arborizadas, constituindo os Setores Habitacionais, em número de quatro. **As casas são simples mas confortáveis**, com muita natureza ao redor e higienização plena.

Cada habitante com créditos suficientes pode desfrutar de uma moradia para si e sua família. Alvorada Nova **tem o sistema de créditos chamado "U.A." (Unidade de Amor)**. Essa denominação sugerida pelo próprio Cairbar, que achou por bem fundir num só significado *amor* e *trabalho*, foi ratificada por todos os habitantes da colônia [...]. ([215])

[...] **Alvorada Nova não é a única colônia espiritual existente em torno da Terra**. Sob a égide de Jesus, o trabalho é amplo e conjunto entre os dois planos, desenvolvendo-se para o progresso da Humanidade. **Um número incalculável de colônias espirituais e postos de socorro existem**, e continuam sendo criados, circundando este planeta; todas as obras do bem existentes no plano material trabalham em conjunto com elas. ([216])

A correlação entre as obras de autoria de André Luiz e o que está descrito em *Alvorada Nova*, de onde extraímos o texto acima, é algo indiscutível.

14º) **Eça de Queirós**, em *Getúlio Vargas em Dois Mundos*, primeira edição 1998, pela pena de Wanda Albertina Canutti (1932-2004);

15º) **Zílio**, em *Um Roqueiro no Além*, lançado em 1998, psicografado por Nelson Moraes;

16º) **Adamastor**, em *Ícaro Redimido: a Vida de Santos Dumont no Plano Espiritual*, prefácio de outubro de 2000, pelo médium Gilson Teixeira Freire;

17º) **João Lúcio** na psicografia da obra *Em Novos Horizontes*, publicado em 2001, por Wagner Gomes da Paixão;

18º) **Nora**, em ***Aconteceu na Casa Espírita***, psicografia de Emanuel Cristiano, 1ª edição em 2001, logo no início da obra, descreve:

> **Em estranha cidade do plano espiritual inferior, congregavam-se espíritos obsessores com as mais perversas intenções**.

> Reunidas em sombria praça, traçavam diretrizes de perseguição e destruição de respeitável Instituição Espírita. Entidades recém-desencarnadas perambulavam, lunáticas, pela estranha região, semi-escravizadas por mentes maléficas que as transformavam em verdadeiro material humano de desequilíbrio. Estes infelizes permaneciam junto aos obsessores por guardarem compromissos espirituais intensos diante daqueles que se dedicavam à prática do mal.
>
> **A psicosfera da cidade bizarra era densa, triste, angustiante e depressiva; resultado dos pensamentos de seus habitantes**. ([217])

19º) **Frei Felipe**, em ***O Testemunho dos Sábios***, primeira edição fevereiro de 2014, pela pena mediúnica de Rafael de Figueiredo, do qual extraímos do capítulo 28 os seguintes trechos:

> Elisabeth e Mariano foram rápidos e conseguiram transportar Edouard para um local tranquilo, deixando para trás a virulenta paisagem das trincheiras. O jovem médico permanecia inconsciente, o efeito químico provocado pelo medicamento aplicado para apressar sua morte entorpecera seus sentidos. Estava sob efeito

anestésico que alcançara as funções perispirituais.

Transportado até o leito de um hospital numa colônia espiritual próxima, permaneceu lá por algumas horas. Era preciso que o período de perturbação se dissipasse. [...].

[...].

Aos poucos Edouard foi-se lembrando de seus últimos momentos nas trincheiras, as evidências levavam-no a uma conclusão inevitável. Estava morto, ao menos seu corpo estava. [...].

[...].

Plenamente recuperado e apossando-se das recordações de suas últimas experiências reencarnatórias, conseguiu descobrir os objetivos existenciais que o norteiam e os compromissos que havia assumido para o futuro. Compreendeu quem era Frei Mariano e porque o mesmo preferia chamá-lo de Jean. **Deixando o quarto hospitalar, transferiu-se para uma instituição** muito próxima ao seu coração, onde deveria se preparar para as tarefas do porvir.

O casarão de estilo francês constituía-se em uma espécie de universidade, em que espíritos associados à cultura francesa e imbuídos de promover a transformação

> **moral preparavam-se para cumprir seus projetos**. Era lá que se fortaleciam antes de reencarnarem e dedicavam seu tempo na elaboração de material a ser ditado através da mediunidade. O ambiente era sóbrio, tranquilo e voltado ao estudo e elaboração de projetos pessoais e coletivos.
>
> Jean **caminhava no parque** acompanhado de seu tutor que viera conversar com ele. **O verde das árvores e as fontes do jardim embriagavam de beleza os olhos cansados** que haviam se habituado à paisagens da guerra. ([218])

20º) **Luís Felipe**, em ***Cidades Espirituais***, pelo médium José Fernando Araújo, ou simplesmente, Zé Araújo, de Blumenau (SC). A sua peculiaridade é de ser um médium mecânico ([219]), tivemos a honra de conhecê-lo pessoalmente. Essa obra foi publicada em abril de 2014, da qual transcrevemos os seguintes trechos:

> Aqui na Colônia Nova Esperança a força que imprime **as cores e as edificações** são formadas a partir dos anseios e da forma como cada habitante vibra e consegue alcançar dentro dos mundos particulares e seu estado de “crença”. ([220])

A Colônia Nova Esperança **em seus primórdios era apenas colônia correcional**, onde haviam espíritos um tanto endurecidos e ainda presos no orgulho de casta e no apego aos bens materiais.

Em uma época distante **aqui existia um hospital** que hospedava por longo tempo espíritos que, em grande apego às suas enfermidades, ficavam alimentando uma longa vitimização, e eram tratados para se recuperarem. [...]. ([221])

[...] Sim, essas paragens que foram nominadas como **"umbrais" ou regiões inferiores, são apenas os estados conscienciais e de forte influência nos pequenos mundos plasmados e identificados por estes tantos irmãos terrenos** que se atraem num mesmo diapasão de anseios e crenças. Essas crenças geralmente são alimentadas de maneira tão forte que passam a fazer parte integral da mente desencarnada. ([222])

A conversa no aero bonde chegava ao fim, Sila se expressava com uma clareza e vivacidade que me mantinha conectado aos seus esclarecimentos. **Nosso aero bonde chegara à estação central**, onde tínhamos que descer e **ir de encontro ao prédio** muito bem instalado bem no centro da colônia, dividindo os setores Norte – Sul – Leste e Oeste. ([223])

Para um breve esclarecimento do que aprendemos aqui. **As cidades e as colônias e comunidades aqui concentradas, fazem parte dos tantos mundos transitórios** que recebem, por afinidade e outros muitos fatores, os que deixam o corpo físico em condições necessárias pra habitar o “Complexo Morada Nova”.

[...].

Nas cidades com uma atmosfera mais baixa há grande semelhança com a Terra. Muitas casas, jardins, bosques, montanhas, rios cristalinos e até animais. Porém a matéria que constitui tudo isso **não é a mesma matéria do plano físico. Trata-se de uma matéria espiritual mais sutil e constituída pela forma pensamento e vibratória de seus ocupantes**.

Nas “cidades baixas” – assim são chamadas as que ficam bem próximo às faixas vibratórias da Terra – podemos dizer que é uma cópia muito perfeita do plano físico. Nelas a grande diferença é que a matéria que forma as cidades baixas é elaborada por substâncias e material astral. ([224])

Fui me recuperando, e todos os dias tomava um caldo fluídico e sessões energizantes, que aos poucos foram nos

> reconfortando e fortalecendo nossas energias. ([225])

Quando falamos de Mundos Transitórios, dissemos que eles tinham uma semelhança com as colônias, pois é isso que o Espírito Luís Felipe ratifica com o dito acima, que fazemos questão de ressaltar:

> [...] **As cidades e as colônias e comunidades aqui concentradas, fazem parte dos tantos mundos transitórios** que recebem, por afinidade e outros muitos fatores, os que deixam o corpo físico [...]. ([226])

Gostaríamos de ressaltar que dessa lista há, pelo menos, dois médiuns mecânicos, tipo de mediunidade que mereceu o seguinte comentário de Allan Kardec: "*É preciosa esta faculdade, por não permitir dúvida alguma sobre a independência do pensamento daquele que escreve*" ([227]).

21º) **Abelha**, pseudônimo de André Bráulio dos Santos, em ***Colônia Espiritual Novo Amanhecer***, pelo médium Orlando Noronha Carneiro, prefácio datado de julho de 2021.

Cumpre-nos esclarecer que, apesar de alguns dos médiuns citados terem psicografado vários outros autores espirituais, somente tomamos um autor espiritual por médium, para evitar possíveis questionamentos, especialmente, de pessoas que podem querer atribuir tudo ao médium e não aos Espíritos que por ele se manifestaram.

3.3. Na prática mediúnica, os relatos e experiências dos médiuns as evidenciam

Inicialmente, listaremos também alguns dos médiuns citados pelo Codificador e por pesquisadores no capítulo “6. Estudiosos como outras fontes”: 1º) Elizabeth Singer Rowe ([228]); 2º) Emanuel Swedenborg ([229]); 3º) Yvonne A. Pereira ([230]); 4º) Rev. George Vale Owen ([231]); 5º) Andrew Jackson Davis ([232]); 6º) Heigorina Cunha ([233]); 7º) Vânia Arantes Damo ([234]); 8º) Sadhu Sandar Singh ([235]); 9º) James Van Praagh ([236]); 10º) Sylvia Browne ([237]); 11º) Joy Snell ([238]); 12º) E. B. Duffey ([239]) e 13º) Gladys Osborne Leonard ([240])

Em sua grande maioria são médiuns videntes ou tiveram visões específicas. Esse é um detalhe

importantíssimo diante do que veremos nestas duas transcrições tomadas da *Revista Espírita*, com oportunas considerações do Codificador:

1º) ***Revista Espírita 1858***, mês de dezembro, artigo intitulado “Senhor Adrien, médium vidente”, lemos:

> **Toda pessoa que pode ver os Espíritos sem auxílio de terceiro é, por isso mesmo, médium vidente;** mas, em geral, as aparições são fortuitas, acidentais. Não conhecemos, ainda, ninguém apto a vê-los de modo permanente, e à vontade. É dessa notável faculdade que está dotado **o senhor Adrien**, um dos membros da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Ele **é, ao mesmo tempo, médium vidente, escrevente, audiente e sensitivo**. [...].
>
> **Uma nova faculdade acaba de se revelar nele, a da dupla vista**; sem ser sonâmbulo, e embora esteja perfeitamente desperto, **vê à vontade, a uma distância ilimitada, mesmo além dos mares, o que se passa em uma localidade; vê as pessoas e o que elas fazem; descreve os lugares e os fatos com uma precisão cuja exatidão foi verificada**. Apressamo-nos em dizer que o senhor Adrien **não é um**

desses homens fracos e crédulos que se deixam ir pela imaginação; ao contrário, é um homem de caráter muito frio, muito calmo, e que vê tudo isso com o mais absoluto sangue frio, não dizemos com indiferença, longe disso, porque ele toma suas faculdades a sério, e as considera como um dom da Providência, que lhe foi concedido para o bem, também não se serve deles senão para as coisas úteis, e jamais para satisfazer uma vã curiosidade. [...].

De todas suas faculdades como médium, a mais notável, e em nossa opinião a mais preciosa, **é a de médium vidente**. **Os Espíritos lhe aparecem sob a forma que descrevemos em nosso artigo precedente sobre as aparições; ele os vê com uma precisão da qual pode-se julgar pelos retratos**, que damos adiante, da viúva de Malabar e da Belle Cordière de Lyon. Mas, dir-se-á, o que prova que ele vê bem e que não é o joguete de uma ilusão? O que o prova, é que quando uma pessoa, que ele não conhece, evoca por seu intermédio um parente, um amigo que ele jamais viu, e dele faz um retrato surpreendente de semelhança e que pudemos mesmo constatar; não há, pois, **para nós nenhuma dúvida sobre essa faculdade que ele goza no estado de vigília, e não como sonâmbulo**.

O que há de mais notável ainda, talvez, é

que **não vê só os Espíritos evocados; ao mesmo tempo, vê todos aqueles que estão presentes, evocados ou não; ele os vê entrarem, saírem, irem, virem escutarem o que se diz, rirem ou levarem a sério**, segundo seu caráter; em uns há gravidade; em outros, um ar zombeteiro e sardônico; algumas vezes um deles avança até um dos assistentes, lhe coloca a mão sobre a espádua ou se coloca ao seu lado, alguns se mantêm afastado; em uma palavra, em toda reunião, há sempre uma assembleia oculta composta de Espíritos atraídos por sua simpatia pelas pessoas, e pelas coisas pelas quais se ocupem. Nas ruas vê uma multidão, porque além dos Espíritos familiares que acompanham seus protegidos, há ali, como entre nós, a massa dos indiferentes e dos vadios. Em sua casa, disse-nos, não está jamais só, e não se entedia nunca; tem sempre uma sociedade com a qual ele conversa.

Sua faculdade se estende não somente aos Espíritos dos mortos, mas aos dos vivos; quando vê uma pessoa, pode fazer abstração do corpo; então o Espírito lhe aparece como se estivesse separado dele, e pode conversar com ele: Em uma criança, por exemplo, pode ver o Espírito que está encarnado nela, apreciar a sua natureza, e saber o que era antes de sua encarnação.

> **Essa faculdade, estendida a esse grau, nos inicia melhor, que todas as comunicações escritas, na natureza do mundo dos Espíritos; no-lo mostra tal qual é, e se não o vemos pelos nossos olhos, a descrição que dele nos dá fá-lo ver pelo pensamento**; os Espíritos não são mais seres abstratos, são seres reais, que estão ali ao nosso lado, que nos acotovelam sem cessar, e como sabemos agora que seu contato pode ser material, compreendemos a causa de uma multidão de impressões que sentimos sem delas nos rendermos conta. [...]. ([241])

O trecho da transcrição que queremos chamar a sua atenção, caro leitor, é: "***Essa faculdade, estendida a esse grau, nos inicia melhor****, que todas as comunicações escritas,* ***na natureza do mundo dos Espíritos; no-lo mostra tal qual é****, e se não o vemos pelos nossos olhos, a descrição que dele nos dá fá-lo ver pelo pensamento*".

2º) Em seu discurso, quando da passagem de Allan Kardec por Bordeaux, publicado na ***Revista Espírita 1861***, mês de novembro, o Dr. Bouché de Vitray disse o seguinte:

> Certamente, se nesta solenidade, não temesse abusar do emprego do tempo, **teria a citar numerosas comunicações de um interesse incontestável**; e, contudo, no meio desta atividade puramente intelectual acima de nossas relações incessantes com o mundo dos Espíritos, sobrepor dois fatos que me parecem, por exceção, protestar contra o mutismo absoluto. O primeiro está caracterizado por detalhes íntimos e tocantes que nos emocionaram até às lágrimas; o segundo, pela estranheza do fenômeno, pertencente à **mediunidade vidente, e constitui uma prova tão palpável que seria reduzir a negar a boa-fé dos médiuns se se quisesse negar a realidade do fato**. ([242])

Se isso em relação a determinado médium já tem validade imagine ao apresentarmos dezenas deles, cujas experiências mediúnicas dão conta de construções no mundo espiritual. Será que os que não possuem a faculdade de ver o que existe na outra dimensão é que estarão com a verdade com o que falam por “achismo”?

Em ***O Livro dos Médiuns,*** Segunda Parte, capítulo “VI – Manifestações visuais”, tópico “Ensaio

teórico sobre as aparições”, no item 103, temos a seguinte consideração de Allan Kardec:

> [...] **o Espiritismo, com o auxílio dos médiuns videntes, nos revelou o mundo dos Espíritos,** que, por sua vez, também constitui uma das forças ativas da Natureza. **Com a ajuda dos médiuns videntes, pudemos estudar o mundo invisível e conhecer os seus hábitos,** assim como um povo de cegos pode estudar o mundo visível, auxiliado por alguns homens que gozem da faculdade de ver. [...]. ([243])

Assim, fica exposta a importância dos médiuns videntes para nos informar sobre as coisas do mundo espiritual.

Na obra ***O Espiritismo e as Manifestações Psíquicas***, o capítulo 3 intitulado “Joy Snell e a Missão dos Anjos”, trata-se da monografia que Ernesto Bozzano publicou em 1924, a respeito dessa médium.

Ele não cita muita coisa dela, mas este seu comentário dá para termos uma tênue ideia da experiência da enfermeira inglesa **Joy Snell** (?-?),

médium vidente:

> Tratarei, finalmente, de um grupo de casos nos quais a vidente ter-se-ia transportado, espiritualmente, **às Esferas transcendentais mais próximas do nosso mundo, inclusive às Esferas de provações**. Concebe-se que, do ponto de vista científico, esses casos, por sua natureza incontrolável, não apresentam nenhum valor teórico, levando-se, porém, em consideração a descrição das **Esferas mais próximas ao nosso mundo ou mais exatamente as Esferas que recebem os espíritos que apenas acabam de chegar lá, as quais constituem uma reprodução espiritualizada do meio e da existência na Terra**, o que se produziria a título de transição necessária entre o mundo da matéria e o mundo do espírito. Em outros termos, as condições de existência nessas Esferas seriam ao mesmo tempo reais e efêmeras, visto ser o **meio em questão determinado pela "projeção do pensamento" de entidades superiores para esse fim designadas**, enquanto que certa parte dependeria da "projeção do pensamento" dos espíritos que irão ali permanecer por tempo indeterminado. Tratar-se-ia, em última análise, de uma "ideoplastia" espiritual em regra, absolutamente igual à que se produz, em nosso mundo, sob a

forma de “fotografia do pensamento” e do “pensamento organizador”, no início dos fenômenos de materialização.

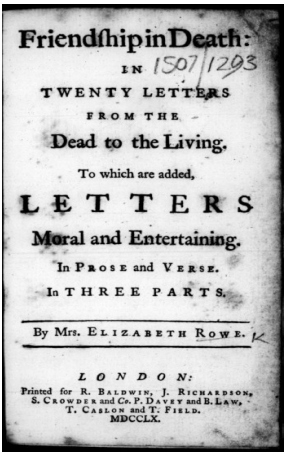
Não obstante pareçam, à primeira vista, estranhas essas revelações sobre o meio ambiente espiritual, devo, em seu favor, acentuar um detalhe certamente interessante: é que, **se aplicarmos os processos da análise comparada aos numerosos casos desta espécie, como se produzem e sempre produziram entre todos os povos, verificamos, com surpresa, que todos os videntes que passaram por experiências desta natureza, assim como todos os médiuns que psicografaram revelações idênticas**, afirmaram e constantemente afirmam as mesmas coisas. Para citar somente os exemplos mais notáveis, ([244]) recordarei as experiências do famoso vidente norte-americano Andrew Jackson Davis, lembrarei a obra não menos famosa do Juiz Edmonds intitulada Spiritualism e constituída quase inteiramente de visualizações análogas tidas pelo próprio autor, recordarei as visões do Rev. William Stainton Moses e da Sra. Elisabeth d’Espérance, os ditados mediúnicos obtidos pelo jornalista William Thomas Stead e o Rev. George Vale Owen. ([245])

Interessante é que, cerca de uns dez anos

depois, o Espírito Maria João de Deus também se refere às esferas espirituais.

O primeiro médium a ser listado é **Elizabeth Singer Rowe**, cuja obra *Amizade depois da Morte*, citada pelo Codificador na *Revista Espírita 1868*, como vimos.

Encontramos uma versão em inglês, que tem a capa ao lado, com o título ***Friendship in Death: in Twenty Letters from the Dead to the Living*** (1760) ([246]) da qual transcrevemos os seguintes trechos:


Friendſhip in Death:
IN 1507 1293
TWENTY LETTERS
FROM THE
Dead to the Living.
To which are added,
LETTERS
Moral and Entertaining.
In PROSE and VERSE.
In THREE PARTS.
By Mrs. ELIZABETH ROWE.
LONDON:
Printed for R. BALDWIN, J. RICHARDSON, S. CROWDER and Co. P. DAVEY and B. LAW, T. CARLON and T. FIELD.
MDCCLX.

> Esta fragrante, esta encantadora terra de amor! Os deliciosos **vales** e **gramados** floridos; as sombras de murta e os recantos rosados; as brilhantes **cascatas** e os cristalinos **riachos** que guiam suas ondas silenciosas para amplos lagos transparentes, rapidamente forçando o caminho através de rochas arqueadas de diamante e ametista roxa. **Plantas** de verdor imortal rastejam pelas falésias cintilantes, e adornam o panorama com uma variedade indescritível.

Ó, **minha Belville**! Poderia eu conduzi-la por entre luxuosos recantos e suaves recessos onde a natureza mantém seus festivais eternos, e se regozija com pura e inalterada liberdade. Tudo o que pode despertar o desejo, tudo o que pode dar prazer, tudo o que pode satisfazer a alma em todas as suas infinitas capacidades de alegria, é encontrado aqui! Cada desejo é reabastecido com grandes goles de prazer vital, como aqueles que elevam as mentes angélicas, e satisfazem as faculdades mais nobres dos espíritos imortais. Ó, Belville, minha Almeria é tão superior a seu antigo eu aqui, quanto eu a considerava superior ao resto de seu sexo na terra. ([247])

A residência deles pode ser chamada apropriadamente de Encantada. Tudo o que você já ouviu nas fábulas sobre cenas de fadas, bosques cantantes e palácios que surgem ao som de encantos mágicos é real aqui, realizado pelas operações fáceis e naturais desses espíritos ativos. Vi, em um instante, **palácios** se erguerem a uma altura majestosa, **brilhantes como as estrelas e transparentes como o éter sem nuvens**. Eu poderia descrevê-los como o profeta cortesão: suas paredes eram de cores belas, sua fundação de safira, as janelas de ágata e os portões de carbúnculo. **Seus materiais aqui são todos reluzentes e refinados; não são, como no globo terrestre, escuros e pesados**.

Eles são os mais exigentes juízes de simetria e proporção; e, **pela disposição de luz e sombra, e pela mistura de mil cores deslumbrantes, formam as perspectivas mais encantadoras**. Eles possuem tal domínio e conhecimento dos poderes da natureza que, em um instante, **levantam uma variedade de cenas silvestres, levando a perspectiva por avenidas verdes e caminhos floridos até uma extensão imensurável**; enquanto fontes vivas lançam seus jatos prateados e formam arcos cintilantes entre as árvores, de crescimento e verdor indescritíveis. ([248])

Minha querida Emília, será impossível para mim lhe transmitir a inteligência que prometi das regiões invisíveis, a não ser que eu pudesse traduzir a linguagem dos imortais para a dos mortais; pois **aqui há mil belezas ainda não reveladas** e mil delícias que não têm nome entre a raça humana. Bebemos na fonte da felicidade e nos banhamos nos rios do prazer imortal; as horas alegres dançam ao longo do tempo, coroadas de amor e de êxtase indizível.

Você foi testemunha da minha agonia na morte; vi suas últimas lágrimas carinhosas e entreguei meu último suspiro em seus braços. Mas como a cena se transformou de repente, da escuridão e do horror de um leito de morte para os sorrisos e cantos dos

anjos, que me conduziram às alturas etéreas! Mil deslumbrantes maravilhas se revelaram à minha vista; os céus, em todo o seu esplendor, desvelaram suas glórias; o paraíso de Deus se abriu diante de mim em todas as suas cenas felizes e arrebatadoras! Os **bosques** felizes estavam coroados com uma verdura que nunca murchava; os **rios** límpidos dançavam sobre areias douradas; os encantadores **jardins** exibiam seu orgulho sempre florescente e exalavam néctar divino; os **palácios** dos poderes celestiais se erguiam com uma magnificência sublime, brilhando além de todas as glórias dos céus inferiores e ressoando com a voz de festividade e alegria. ([249])

Onde você acabara de me fazer feliz e me recompensou com a completa fruição. O amor reina em triunfo eterno; aqui ele governa todo o coração e habita em toda língua.

Eles afinam suas **harpas** douradas para o grande nome que seguem, seu tema querido. Dez mil ecos através dos **campos** alegres repetem as melodias claras e doces. Os campos se alegram, os **bosques** fragrantes ao redor florescem novamente com seu som encantador. O céu dos céus, de deslumbrantes alturas acima, retorna o nome e saúda o poder do Amor. ([250])

> Até os portões cintilantes da bem-aventurança, e com infinita angústia os encontrei fechados contra mim; e corri por meio do caos e das trevas primordiais (bem longe dos limites do dia celestial), **até alcançar minha morada destinada: uma região sombria, desolada e vasta**, da qual nenhum mortal pode formar uma concepção, nem encontrar um nome para metade de seus terrores.
>
> Ó! Fugi dos caminhos que conduzem a esses tristes aposentos. Assim como fui, em meu estado mortal, o instrumento do inferno para seduzir você ao pecado, sua perdição agravaria imensamente minha própria miséria; e sou autorizado a adverti-lo, como o rico libertino no evangelho teria advertido seus irmãos, para que não chegue a este lugar de tormento. Não devo mais revelar os segredos do abismo; mas... ([251])

O nosso filho Felipe Lúcio da Silva Neto, que tem bom domínio da língua inglesa, foi quem identificou alguns trechos dessa obra ligados ao nosso tema e os traduziu. Aqui registramos o nosso agradecimento.

Essa obra foi a primeira que relata algo a respeito de moradias, paisagens bem semelhantes às que temos aqui na Terra. Antes esse “posto”

estava ocupado por Emanuel Swedenborg. Como citaremos trechos da obra dele, ficará fácil percebe que algumas coisas serão comuns às obras desses dois autores.

Em ***História do Espiritismo*** (1926), Arthur Conan Doyle, cita dois médiuns.

1º) O sueco **Emanuel Swedenborg** (1688-1772); sua visão do mundo espiritual:

> **Verificou que o outro mundo, para onde vamos após a morte, consiste de várias esferas**, representando outros tantos graus de luminosidade e de felicidade; cada um de nós irá para aquela a que se adapta a nossa condição espiritual. Somos julgados automaticamente, por uma lei espiritual das similitudes; o resultado é determinado pelo resultado global de nossa vida, de modo que a absolvição ou o arrependimento no leito de morte têm pouco proveito. Nessas esferas verificou que o cenário e as condições deste mundo eram reproduzidas fielmente, do mesmo modo que a estrutura da sociedade. **Viu casas onde viviam famílias, templos onde praticavam o culto, auditórios onde se reuniam para fins sociais, palácios onde deviam morar os chefes**. ([252])

Ao que nos parece, tudo isso pode ser encontrado na obra de Swedenborg intitulada ***O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto***, cuja primeira edição foi publicada no ano de 1758. Vejamos se isso é procedente:

> a) Capítulo: 4. O céu é distinto em dois reinos
>
> 20 Visto que **no céu há variedades infinitas e uma sociedade não é inteiramente semelhante à outra**, nem mesmo um anjo semelhante a outro ([253]), por isso **o céu se distingue no geral, na espécie e no particular. No geral, em dois reinos; na espécie, em três céus**; e no particular, **em inúmeras sociedades**. Tratar-se-á de cada um desses no que agora se segue. Diz-se "reino", porque o céu é chamado "o reino de Deus". ([254])
>
> b) Capítulo: 6. Os céus consistem em inúmeras sociedades
>
> 43 **Todos, em uma só sociedade, são semelhantemente distintos entre si**: os que são **mais perfeitos**, isto é, os que excedem em bem, assim, em amor, sabedoria e inteligência, estão no meio; os que **excedem menos** estão em torno, a

determinada distância segundo o grau em que diminui a perfeição. [...].

44 **Os semelhantes são levados aos semelhantes como por si mesmos, pois estão com os semelhantes como se estivessem com os seus e como se estivessem em casa**, mas, com os outros, como se estivessem com estrangeiros e como se estivessem fora. Quando estão com os semelhantes, estão, também, em sua liberdade e, assim, em todo o prazer da vida. ([255])

50 Foi dito acima que **nos céus há sociedades maiores e menores**; as maiores consistem em miríades, as menores em alguns milhares e, as mínimas, em algumas centenas de anjos. Também **há alguns que habitam solitariamente, como por casas e casas, famílias e famílias**. Esses, ainda que vivam dispersamente, estão ainda ordenados de modo semelhante ao dos que estão nas sociedades, a saber, os mais sábios deles estão no meio e os mais simples nos limites. Esses estão mais perto do Divino auspício do SENHOR e são os melhores dos anjos. ([256])

c) Capítulo: 20. Das vestimentas com que os anjos aparecem vestidos

177 **Como os anjos são homens e vivem entre si como vivem os homens nas terras, por isso têm vestimentas,**

casas e muitas coisas semelhantes, com a diferença, porém, que para eles todas as coisas são mais perfeitas, porque se acham num estado mais perfeito. Pois, assim como a sabedoria angélica excede a sabedoria humana num grau tal que se diz inexplicável, assim também ocorre com todas as coisas que eles percebem e lhes aparecem, porque **todas as coisas que são percebidas pelos anjos e aparecem a eles correspondem à sua sabedoria** (veja-se acima, n. 173). ([257])

d) 21. Das habitações e moradias dos anjos

183 **Uma vez que no céu há sociedades e lá eles vivem como homens, por isso também há para eles habitações** e essas são também variadas segundo o estado da vida de cada um: **magníficas para os que estão em um estado mais digno e menos magníficas para os que estão em um estado inferior.** Falei, algumas vezes, com os anjos sobre as habitações no céu e **lhes disse que hoje dificilmente alguém creria que eles têm habitações e moradias, alguns porque não as veem**, outros porque não sabem que **os anjos são homens** e outros porque acreditam que o céu angélico é o céu que se vê à sua volta diante do olhos, o qual aparece vazio e, **como pensam que os anjos são formas etéreas, concluem**

que vivem no éter. Além disso, **como nada sabem sobre o espiritual, não compreendem que no mundo espiritual haja coisas tais como as do mundo natural**. Os anjos disseram [...] que se pode saber, pela Palavra, que **os anjos são homens**, uma vez que, **quando foram vistos, foram vistos como homens**; semelhantemente com o SENHOR, que levou consigo todo o Seu Humano; e **como os anjos são homens, têm habitações e moradias. E ainda que sejam espíritos, não esvoaçam no ar nem são sopros, conforme a ignorância** – a que chamavam de insanidade – de alguns. E que poderiam compreender [...] em cada um há uma ideia geral de que **os anjos têm forma humana** e **têm domicílios a que chamam habitações do céu, que são magníficas mais do que as habitações da terra**. Mas essa ideia geral, que vem do influxo do céu, é logo anulada quando posta sob a intuição e o pensamento quanto a se isso é assim, o que se dá principalmente entre os eruditos, que, pela própria inteligência, fecharam para si o céu e, assim, o caminho da luz. Acontece de modo semelhante com a fé sobre a vida do homem após a morte. [...].

184 Mas é melhor citar de passagem algumas provas da experiência. **Todas as vezes que falei com os anjos face a face, eu estava com eles em suas habitações. Suas habitações são**

inteiramente como as habitações que na terra se chamam casas, porém mais belas. Nelas há um grande número de câmaras, salas e quartos; há átrios e, ao redor, jardins, bosques e campos. Ali onde vivem consociados as habitações são contíguas, uma junto à outra, **dispostas em forma de cidades, com praças, ruas e mercados, inteiramente à semelhança das cidades em nossa terra**. **Foi-me concedido também percorrê-las, examiná-las em toda parte** e, às vezes, entrar nas casas. **Isso se deu em plena vigília**, quando a vista interior me tinha sido aberta ([258]). ([259])

190. **As casas em que os anjos habitam não são construídas como as casas no mundo**, mas lhes são dadas gratuitamente pelo SENHOR, a cada um segundo a recepção do bem e do vero. Elas também variam um pouco segundo as mudanças de estado de seus interiores (do que se tratou acima, ns. 154-160). Todas as coisas que os anjos possuem são consideradas como recebidas do SENHOR e tudo o de que têm necessidade lhes é dado. ([260])

e) 25. Do culto Divino no céu

221. O culto Divino nos céus não difere do culto Divino nas terras quanto aos externos, mas difere quanto aos internos. Há

igualmente para eles doutrinas, prédicas e templos. As doutrinas concordam quanto às coisas essenciais, mas nos céus superiores são de uma sabedoria mais interior que nos céus inferiores. As prédicas são segundo as doutrinas. **E assim como os anjos têm casas e palácios** (ns. 183-190), **também têm templos em que se fazem prédicas**. Que haja tais coisas nos céus, é porque os anjos são continuamente aperfeiçoados na sabedoria e no amor, pois têm, como os homens, entendimento e vontade e o entendimento é tal que pode ser continuamente aperfeiçoado, do mesmo modo que a vontade; o entendimento, pelos veros que são da inteligência e a vontade, pelos bens que são do amor. ([261]) ([262])

DO MUNDO DOS ESPÍRITOS
E do estado do homem depois da morte

f) Capítulo: 44. O que é o mundo dos espíritos

421 **O mundo dos espíritos não é o céu nem o inferno, mas um lugar ou estado intermediário, entre um e outro, pois para ali vai primeiramente todo homem após a morte**; em seguida, após certo tempo, ou é elevado ao céu ou é lançado no inferno, segundo a sua vida no mundo.

422 **O mundo dos espíritos é um**

lugar intermediário entre o céu e o inferno e também um estado médio do homem após a morte. Que seja um lugar intermediário, é o que tornou-se-me evidente pelo fato de os infernos estarem abaixo e os céus acima. E que seja um estado intermediário, pelo fato de que o homem, enquanto está ali, ainda não está no céu nem no inferno. O estado do céu no homem é a conjunção do bem e do vero nele e o estado do inferno é a conjunção nele do mal e do falso. [...] Essa conjunção se faz no mundo dos espíritos, visto que, então, o homem está no estado intermediário. É a mesma coisa dizer conjunção do entendimento e da vontade ou dizer conjunção do vero e do bem. ([263])

426 **No mundo dos espíritos há um imenso número, porque ali é a primeira reunião de todos e ali todos são examinados e preparados. Não existe um termo fixo para a permanência deles ali;** alguns somente ali entram e são logo ou tomados ao céu ou lançados no inferno; outros permanecem ali somente algumas semanas; outros, muitos anos, mas não além de trinta. [...].([264])

g) Capítulo: 45. Cada homem é um espírito quanto aos seus interiores

441 No que concerne ao segundo caso, **ser levado pelo espírito a um outro**

lugar, foi-me mostrado por viva experiência o que isso é e de que modo se faz, mas isso somente duas ou três vezes. Quero referir só uma experiência. Andando pelas praças da cidade e pelos campos enquanto também falava com espíritos, eu não sabia outra coisa senão que estava em vigília; e vendo, como em outras ocasiões, eu andava, assim, sem erro. E **enquanto estava em visão, via lugares, rios, palácios, casas, homens e muitas outras coisas**. Mas, depois de ter assim andando durante horas, vi-me subitamente na visão do corpo e descobri que estava em outro lugar, o que me fez ficar muito espantado. **Percebi que estivera no estado daqueles que dizem terem sido arrebatados pelo espírito a um outro lugar**, pois, quando se está aí, não se reflete sobre o caminho, ainda que tenha sido de muitas milhas, nem se reflete sobre o tempo, ainda que tenha sido de muitas horas ou dias, tampouco se sente fadiga alguma. Também se é conduzido, então, por caminhos que se ignora, até o lugar designado, sem erro. ([265])

h) 50. Os prazeres da vida de cada um são mudados depois da morte em correspondência

489 Mas os prazeres da vida daqueles que, no mundo, viveram no amor celeste se mudam em correspondências como as que estão nos céus, as quais existem pelo Sol do

céu e pela luz daí, luz que apresenta à vista coisas que em si encerram Divinos. **Os objetos que daí aparecem afetam os interiores que são das mentes dos anjos** e, ao mesmo tempo, os exteriores que são de seus corpos. E como a Divina luz, que é o Divino vero procedente do SENHOR, influi nas suas mentes, que se acham abertas pelo amor celeste, por isso apresenta nos externos objetos tais que correspondem aos prazeres de seu amor. Que as coisas que aparecem à vista nos céus correspondam aos interiores dos anjos ou às coisas que são da fé e do amor e, assim, de sua inteligência e sabedoria, [...] quero também referir alguma coisa a respeito dos prazeres celestes em que se mudam os prazeres naturais naqueles que, no mundo, viveram no amor celeste. Os que amaram os Divinos veros e a Palavra por uma afeição interior ou pela afeição do vero mesmo, **esses, na outra vida, habitam na luz, em lugares elevados que aparecem como montanhas** e, ali, estão continuamente na luz. **Não sabem o que são as trevas** como as que se conhecem no mundo e também vivem na estação da primavera. À sua vista se apresentam como que campos e searas, como também vinhas. **Em suas casas, cada coisa brilha como se [fosse] de pedras preciosas**. A sua vista, através das janelas, é como de puros Cristais. Essas coisas são os prazeres de sua visão, mas essas mesmas coisas são

prazeres interiores pelas correspondências com os Divinos celestes, pois os veros da Palavra correspondem às searas, vinhas, pedras preciosas, janelas e cristais. [...] **Os que amaram as ciências**, cultivaram meio delas, adquiriram para si inteligência e, ao mesmo tempo, o Divino, sua delícia nas ciências e o seu prazer racional reconheceram se mudam na outra vida em prazer espiritual, que é o dos conhecimentos do bem e do vero. **Habitam em hortos, onde aparecem canteiros e jardins distintos em áreas de uma forma bela e rodeados por ordens de árvores com pórticos e alamedas. As árvores e as flores variam diariamente**; o aspecto de tudo, no geral, apresenta prazeres às suas mentes e as variedades, no particular, os renovam continuamente. [...] Os que atribuíram todas as coisas ao Divino, consideraram a natureza como relativamente morta, somente servindo às espirituais e se confirmaram nisso, esses estão na luz celeste; todas as coisas que aparecem diante dos seus olhos tiram dessa luz a sua translucidez e, nessa translucidez, veem inumeráveis variações da luz que sua vista interna imediatamente absorve, por assim dizer. Daí sentem prazeres interiores. **As coisas que aparecem em suas casas são como que adamantinas**, nas quais há semelhantes variações. Foi dito que **as paredes de suas casas são como que cristalinas e também translúcidas**; nelas

aparecem, como fluindo, formas representativas das coisas celestes, também com variedade perpétua e removidas da sombra proveniente da fé e do amor natural, porque tal translucidez corresponde ao entendimento iluminado pelo SENHOR. São dessas coisas e de outras, infinitas, que falam aqueles que estiveram no céu dizendo que viram coisas que nenhum olho viu e, pela percepção dos Divinos comunicada através delas, que ouviram coisas que nenhum ouvido ouviu. [6]. [...]. ([266])

i) 51. Do primeiro estado do homem após a morte

495 Visto que **a vida dos espíritos recém-chegados não é diferente da sua vida no mundo natural** e como não sabem coisa alguma sobre o estado de sua vida após a morte, nem coisa alguma sobre o céu e o inferno além das que aprenderam do sentido da letra da Palavra e pela pregação daí, por isso, [...] **são instruídos pelos amigos a respeito do estado da vida eterna** e, também, conduzidos a vários lugares e a várias companhias; **alguns são conduzidos a cidades e também a jardins e paraísos, magníficos na maior parte**, porquanto esses objetos deleitam os externos em que estão. São, às vezes, então repostos em seus pensamentos que tiveram na vida do corpo a respeito do estado de suas almas após a morte e a respeito do céu

e do inferno, e isso até à indignação por terem ignorado completamente esses fatos e também porque a igreja o ignora. [...] E, quando são instruídos, não compreendem que pensar e querer faça alguma coisa, mas somente o falar e o agir. Assim é a maioria dos que vêm do mundo cristão à outra vida. ([267])

j) 53. Do terceiro estado do homem após a morte, que é o estado de instrução dos que vêm para o céu

513 **As instruções são feitas pelos anjos de muitas sociedades**, principalmente por aqueles que estão nas regiões setentrionais e meridionais, pois essas sociedades angélicas estão na inteligência e na sabedoria pelos conhecimentos do bem e do vero. **Os locais de instrução** ficam ao norte e são variados, ordenados e distintos segundo os gêneros e as espécies dos bens celestes, **para que ali todos e cada um sejam instruídos segundo sua índole e sua faculdade de receber**. **Esses locais**, ali, se estendem ao redor, a uma grande distância. **Para lá são levados pelo SENHOR os bons espíritos que devem ser instruídos, após terem passado o seu segundo estado no mundo espíritos**, mas nem todos, pois os que foram instruídos no mundo aí também foram preparados pelo SENHOR para o céu e são levados ao céu por outro caminho;

alguns o são logo após a morte, outros após uma breve convivência com bons espíritos, **quando são removidas as coisas mais grosseiras de seus pensamentos e afeições que contraíram pelas honras e riquezas no mundo e são, assim, purificados**. Alguns são antes vastados, o que se faz em lugares que, sob a planta dos pés, chamam-se terra inferior, onde alguns sofrem severamente. Esses são aqueles que se tinham confirmado nos falsos e, todavia, viveram a vida do bem, pois os falsos confirmados se aderem gravemente e, antes de serem dissipados, os espíritos não podem ver os veros, assim, não os recebem. [...]. ([268]).

514 **Todos os que se acham nos lugares de instrução habitam distintamente entre si, porque cada um deles está ligado às sociedades do céu a que deverão ir**. Por isso, uma vez que as sociedades do céu foram ordenadas segundo a forma celeste (veja-se acima, n. 200-212), assim também **os lugares onde se dão as instruções**. Assim, quando esses lugares são vistos do céu, ali aparece algo como um céu na menor forma. **Os lugares** se estendem ali, em comprimento, do oriente ao ocidente, e em largura, do meio-dia [sul] ao norte; mas, em aparência, a largura é menor que o comprimento. As ordenações são, em geral, assim: à frente estão os que morreram criança e foram

educados no céu desde a primeira idade da adolescência; são aqueles que, após o estado de sua infância com as educadoras, são levados para ali pelo SENHOR e instruídos. **Depois desses há os lugares onde são instruídos os que morreram adultos e que, no mundo, estiveram na afeição do vero pelo bem da vida**. Depois desses, porém, estão os que foram filiados à religião maometana e viveram uma vida moral no mundo, reconhecendo um só Divino e o SENHOR como o Profeta mesmo. […] Depois deles, mais para o norte, estão **os lugares de instrução de vários povos pagãos** que, no mundo, viveram a vida do bem conforme sua religião, adquiriram daí uma espécie de consciência e praticaram o que é justo e reto não tanto por causa das leis de seus governos, mas por causa das leis da religião, que eles julgaram que deviam observar santamente e não violar de modo algum pelos atos. […]. ([269])

k) 61. Da aparência, da situação e da pluralidade dos infernos

582 **No mundo espiritual**, ou no mundo onde estão os espíritos e anjos, **aparecem coisas semelhantes às que estão no mundo natural, ou onde estão os homens**. **São tão semelhantes que não há diferença alguma quanto ao aspecto externo.** **Ali aparecem planícies,**

> **montes, colinas, rochedos e, entre esses, vales; além disso, há também águas e muitas outras coisas que há sobre a terra**. **Mas todas são, contudo, de uma origem espiritual**; por causa disso, aparecem diante dos olhos dos espíritos e dos anjos e não diante dos olhos dos homens, porque os homens estão no mundo natural. Os espirituais veem os objetos que são de origem espiritual e os naturais veem os que são de origem natural. Por isso o homem não pode, com seus olhos, ver as coisas que estão no mundo espiritual a não ser que lhe seja concedido estar em espírito e a não ser após a morte, quando se torna espírito. [...] Uma vez que **tal é a semelhança entre o mundo espiritual e o mundo natural, por isso o homem, após a morte, mal sabe outra coisa senão que está no mundo onde nasceu e do qual saiu.** Essa é, também, a causa porque a morte é tida somente como uma passagem de um mundo a um outro semelhante. (Que haja tal semelhança entre um e outro mundos, veja-se acima, onde se tratou dos representativos e das aparências no céu, n. 170-176). ([270])

Temos aqui um bom retrato da obra de Emanuel Swedenborg que fala das coisas do plano espiritual. É claro que na sua linguagem devemos

relevar o colorido teólogo de suas revelações.

2º) **Andrew Jackson Davis** (1826-1910), natural de Nova Iorque, EUA:

> Em suas visões espirituais, Davis [...] **Viu uma vida semelhante à da Terra, uma vida que pode ser chamada semimaterial, com prazeres e objetivos adequados à nossa natureza, que de modo algum se havia transformado pela morte**. Viu estudo para os estudiosos, tarefas geniais para os enérgicos, arte para os artistas, beleza para os amantes da Natureza, repouso para os cansados. Viu fases graduadas da vida espiritual, através das quais lentamente se sobe para o sublime e para o celestial. [...]. ([271])

Na obra ***A Crise da Morte*** (1930), o Caso VIII citado por Ernesto Bozzano se refere à própria médium **Sra. E. B. Duffey** (1838-1898). Dele destacamos o seguinte trecho:

> [...] Mas onde estavam os espíritos de tantos entes queridos que antes de mim tinham ultrapassado a fronteira da morte? Esperava vê-los acorrer para me dar as boas-vindas no portal da morada celeste,

> para me servir de conselheiros e guias. O isolamento em que me encontrava não me causava preocupação, e muito menos me assustava, mas eu sentia um quê de desilusão e de desorientamento penoso. De qualquer forma, tal estado de ânimo durou um instante, pois, **assim que formulei na mente esses pensamentos**, vi dissolver-se e desaparecer o cômodo em que me encontrava e tudo o que nele estava contido, e **me vi, não sei como, no meio de uma espécie de enorme campo ondulado. A beleza da paisagem era indescritível. A da Terra é bela, e eu sempre senti intensamente a sua beleza, mas a celeste é muito mais... É maravilhosa...** Eu caminhava, mas de forma tão estranha! Os meus pés não tocavam o solo. Deslizavam sobre ele, assim como acontece nos sonhos... [...]. ([272])

As descrições “numa espécie de vasta planície” e “meus pés não tocavam o solo” apontam para a existência de uma paisagem celeste bem semelhante à terrena.

O **rev. George Vale Owen** (1869-1931), religioso e médium inglês, obteve revelações da própria mãe, “*a sua maioria, datam do ano de 1913*” ([273]), que ele registrou em ***A Vida Além do Véu***

(1921).

a) Do capítulo “I – As regiões inferiores do Céu”, data: Terça-feira, 23 de setembro de 1913:

– *Diga-me alguma coisa sobre sua casa e suas ocupações*.

Nossas ocupações variam de acordo com as necessidades daqueles a quem prestamos assistência.

São várias, porém têm em vista o progresso dos que ainda vivem na Terra. [...].

Deve percebê-lo porque está sempre pronto a acudir ao primeiro chamado.

Quanto à nossa casa: É muito luminosa e bela, e os nossos amigos das esferas superiores vêm, continuamente, a nós, a fim de animar-nos em nossa jornada ascendente.

Acudiu-me, agora, um pensamento: Poderiam eles ver os seres das regiões mais altas, ou dar-se-ia com eles o que se da conosco?

Devo dizer que, aqui e ali, neste relato, o leitor encontrará trechos que são respostas claras aos meus pensamentos inarticulados, geralmente começando por “sim” ou “não”.

Isto posto, não haverá necessidade de

acentuá-los, exceto quando circunstâncias especiais o exigirem.

Sim, nós os podemos ver quando eles o desejarem, isso, porém, depende do nosso estado de adiantamento e dos serviços que lhes é permitido prestar-nos.

– *Pode agora fazer-me o favor de descrever sua casa, paisagens, etc.?*

É a Terra aperfeiçoada. Certo, o a que chamais quarta dimensão, até certo ponto, existe aqui, **mas não podemos descrevê-la claramente**. **Nós temos montes, rios, belas florestas e muitas casas: tudo foi preparado pelos que nos precederam**.

Trabalhamos atualmente, por nossa vez, construindo e regulando tudo para os que, ainda durante algum tempo, têm que continuar a sua luta na Terra. Quando eles vierem, encontrarão tudo pronto e preparado para recebê-los. ([274]) (itálico do original)

b) Do capítulo "I – As regiões inferiores do Céu", data: Quinta-feira, 25 de setembro de 1913:

– E*ntão me diga alguma coisa mais sobre a sua vivenda e sobre a sua nova missão.*

Muito bem, procurarei fazê-lo o melhor que puder. É muito bem acabada, interna e externamente. **Dentro, possui banheiros, um salão de música e aparelhos**

registradores do nosso trabalho. É um edifício amplo. **Chamei-lhe casa porque é realmente uma série de casas**, sendo cada uma destinada a uma qualidade de trabalhos progressivos, como em séries. **Passamos de uma para outra, depois de aprender o que concerne a cada uma delas**. Tudo é de tal forma extraordinário que, não só não se acreditaria, como não se compreenderia; por isso tratarei de preferência de coisas mais simples.

O terreno é muito extenso e todo ele está como que em relação com as casas; há relação em tudo. Assim, por exemplo, **as árvores são verdadeiras árvores e crescem como na Terra**, porém estão de acordo com os edifícios. As diferentes qualidades de árvores correspondem algumas a determinada casa mais do que a outras, e cooperam para o efeito e para o trabalho a que essa casa é destinada.

Assim acontece com o agrupamento de árvores em bosques, com os canteiros que limitam os caminhos, com **a disposição dos regatos e cachoeiras que se encontram em diversos recantos dos terrenos**. Tudo foi previsto com grande sabedoria e forma lindo cenário.

O mesmo se dá na Terra, mas as vibrações aí são tão pesadas, que aquelas correspondentes, e as que são emitidas, se tornam quase imperceptíveis. Não obstante,

assim é. Por exemplo: Há pessoas que plantam árvores e flores com mais êxito que outras, e em certas casas ou em certas famílias as flores duram mais tempo. Falo das flores colhidas.

Aqui, tudo isso é em ponto maior. As influências são mais potentes em sua ação e a receptividade mais sensível. ([275]) (itálico do original)

c) Do capítulo “I – As regiões inferiores do Céu”, data: Sexta-feira, 26 de setembro de 1913:

[...] **Há muitas casas de descanso** onde, de quando em quando, repousam os itinerantes. Passam eles de uma a outra falange de anjos tutelares, até que, chegados à última, são conduzidos a este lado.

O nosso trabalho, na casa ou colônia a que ora pertenço, é dedicado a esses Espíritos em progresso, como também aos da Terra. Essa, porém, é uma secção diferente da minha, atualmente. Ainda não me adiantei muito nos meus estudos. Isso é mais difícil, porque **a influência que os que se acham nas trevas exercem aqui é muito mais nociva que a exercida na Terra**, onde as boas influências sempre se misturam com as más. [...]. ([276])

c) Do capítulo “III – Das trevas para a luz”,

data: Sexta-feira, 10 de outubro de 1913:

Foi-nos dada, há algum tempo, uma incumbência. **Cinco dos nossos companheiros deviam ir a uma colônia, um tanto distante**, e aí inquirir qual o melhor modo de ajudar aqueles que na Terra duvidaram do Amor de Deus. Muitas vezes ficávamos embaraçados pela nossa falta de experiência, em tais casos, que, como V. sabe, são frequentes. ([277])

d) Do capítulo “III – Das trevas para a luz”, data: Segunda-feira, 13 de outubro de 1913:

O nosso guia mais uma vez se reuniu a nós e explicou-nos a **utilidade do edifício**. Parece que, antes de o aluno poder aprofundar-se na ciência da Criação, como é estudada nesta região, **ele deve ter amplo conhecimento dos elementos fundamentais** com os quais têm que jogar. Isto é muito natural. **Este edifício é um dos primeiros em que eles vêm estudar** e a mesa ou disco é uma espécie de registrador desses elementos, onde o estudante, em cima, na câmara em que se acham os instrumentos dirigentes, pode ver a combinação dos elementos que ele provocou e também a proporção de cada elemento que entra na combinação. ([278])

e) Do capítulo “IV – A cidade e os domínios de Castrel”, data: Sexta-feira, 17 de outubro

de 1913:

Avistamos a cidade e descemos em frente à porta principal, pela qual penetramos na principal rua. Esta cortava toda a cidade e saía em outra porta, do lado oposto.

De cada lado desta rua larga, **havia grandes casas ou palácios, em terrenos espaçosos, residências dos mais importantes oficiais daquele distrito**, do qual a cidade era a capital.

Quando vínhamos em direção à cidade **notamos diversas pessoas trabalhando nos campos e, também, muitos edifícios**, que não eram evidentemente residências, mas tinham algum fim útil. E, agora que **estavamos dentro dos seus muros, vimos a perfeição, tanto das construções, como da horticultura**. Cada casa tinha um jardim típico, em harmonia com ela, tanto na cor, quanto no formato. Passamos adiante, esperando algum sinal que designasse nosso destino e missão, porque, que, em ocasiões como esta, envia-se sempre um aviso prévio, por forma que os visitantes são sempre esperados.

Depois de caminharmos um pouco, entramos numa **grande praça, onde belas árvores cresciam em prados da mais verde grama e as fontes formavam um conjunto harmonioso**. Havia, talvez, uma dúzia de fontes; cada uma tinha um som

diferente, sendo também cada qual composta de grande número de pequenos jatos. Elas estavam funcionando no momento, de sorte que se pôde ouvir um belo trecho musical de grande riqueza harmônica, tal como os que são produzidos por um órgão com muitos registros. ([279])

f) Do capítulo “IV – A cidade e os domínios de Castrel”, data: Segunda-feira, 20 de outubro de 1913:

Eu apenas digo isto como me parece, a mim que não sou muito entendida nestas coisas. Não posso compreender como as pessoas vindas da vida terrena, para esta, poderiam aqui chegar, havendo um grande abismo entre nós, um vácuo gigantesco. Como poderiam atravessá-lo? Este, porém, é apenas o meu modo de pensar e pode bem ser que não haja nisso nenhuma dificuldade. Duma coisa tenho a certeza: se as pessoas conservassem em mente a unidade de Deus e do seu Reino e o progresso gradual que na sua sabedoria ele decretou para nós, então, muito melhor compreenderiam o que é a morte e o que se acha além dela. **Talvez fosse completo absurdo para muitos dizer-se-lhes que aqui temos verdadeiras casas sólidas, ruas, montes, árvores, animais, pássaros,** e que os animais não se encontram, unicamente, como ornamento, mas também por serem úteis; **que os cavalos, bois e**

outros quadrupedes são utilizados, mas que se distraem com o trabalho, por maneira que é interessante observá-los. Notei um cavalo e seu cavaleiro que vinham por uma rua, certa vez, e eu me pus a refletir qual dos dois estaria gozando mais do meio-galope. Receio que muitos não aceitem isto; tratemos, por conseguinte, de outro assunto.

Um dos **edifícios** da grande rua era uma **biblioteca** onde se registavam os relatórios das estações externas. Outro era um **laboratório** onde alguns casos relatados eram submetidos a experiências. Outro ainda era um **salão de conferências**, onde os professores explicavam os ramos das diversas ciências. Outro mais tinha uma história um tanto curiosa.

Achava-se ele bastante afastado da rua e fora construído de madeira. Parecia de mogno polido, com listas de ouro nas texturas. Houvera sido construído havia muito tempo, para servir de Câmara de Conselho ao Chefe daquela época, isso muito antes de Castrel se ter encarregado da missão. Aqui, ele costumava reunir os estudantes, a fim de que cada um desse provas do seu saber, sob uma forma prática. ([280])

g) Do capítulo “V – Comunicações de Astriel”, data: Terça-feira, 29 de outubro de

1913:

> Tudo o que nos tem sido possível dar-lhe, nestas comunicações, tem sido transmitido, impressionando o seu cérebro com os nossos pensamentos e palavras. [...] **Muitas vezes, no entanto, temos sido obrigados, por necessidade, a atrair o seu Espírito para fora das circunvizinhanças da Terra e dar-lhe uma visão dos lugares que descrevemos**; V. tem escrito, pois, o que tem visto. ([281])

Esta última transcrição foi incluída apenas para registrar a técnica utilizada pelo Espírito Astriel, a fim de que o Rev. George Vale Owen pudesse ver o mundo espiritual.

Da obra ***Minha Vida em Dois Mundos*** (1931), de autoria da médium **Gladys Osborne Leonard** (1882-1968), cujo prefácio foi assinado por Sir Oliver Lodge, ressaltamos os seguintes trechos:

> a) Capítulo “III – O vale feliz”
>
> OUTRA COISA de natureza completamente espiritual e psíquica me estava sendo dada nessa época.
>
> Toda manhã, logo depois de acordar,

mesmo enquanto me vestia ou tomava meu café da manhã, **eu tinha visões dos mais belos lugares**. Em qualquer direção que ocorria de eu estar olhando, o ponto de vista físico de parede, porta, teto, ou o que quer que fosse, desaparecia, e em seu lugar, gradativamente, vinham vales, encostas suaves, árvores encantadoras e bancos cobertos com flores de todas as formas e matizes. A cena parecia se estender por muitos quilômetros, e **eu estava consciente de que eu podia ver muito além do que era possível com a paisagem física normal ao meu redor**. A parte mais fascinante para mim foi a repousante, verde e aveludada grama que cobria o chão do vale e das montanhas. **Passeando, normalmente casais e, às vezes em grupos, eram pessoas que pareciam estar radiantes de felicidade**. Elas vestiam graciosas capas esvoaçantes, a maior parte, mas cada movimento, gesto e expressão sugeriam um modo indefinível e ainda positivo: um estado de profunda felicidade, um estado de êxtase tranquilo. Eu me lembro de pensar comigo mesma: “Como eles são diferentes, como são diferentes das pessoas "daqui de baixo”, como elas são cheias de amor e de luz e paz. Não existe medo, ou dúvida, ou mistério terrível. “Tudo parecia muito expressivo sobre a Vida e a Alegria de estar de alguma forma relacionadas ao estado insatisfatório em que eu mentalmente

vivia."

"Aquele lugar", eu respondi, apontando para a parede da sala de jantar, que estava nua, exceto por um par de armas penduradas nela.

"Sobre o que você está falando?" Meu pai perguntou.

Eu tentei explicar, o que trouxe toda a família e as domésticas em volta de mim em um grande estado de ansiedade e aborrecimento.

A princípio, eles pensaram que eu estava "inventando", mas como **eu estava tão persistente, e descrevia muitas das visões tão minuciosamente, eles foram forçados à conclusão de que havia algo nela – algo que não estava de acordo com a sua forma convencional de ver as coisas**. Eu fui severamente proibida de ver ou olhar para o Vale Feliz de novo!

Você deve entender que a minha família era muito ortodoxa em suas crenças. **Eles acreditavam em um céu de harpas e coroas**, mantido especialmente para aqueles que se abstiveram de "sondagem" em coisas que nunca foram feitas para entender. ([282])

b) Capítulo "XX – Eu tenho uma aventura extraordinária"

Isso não me intrigou muito na época, pois

eu pensei, “Eu, sem dúvida, vi Philip e Gertrude em espírito, e como foi que eu os tinha visto nesta sala, que estava aparentemente no plano da Terra.” Esta dúvida foi esclarecida para mim por Philip numa sessão mais tarde, **quando ele me informou que sua casa, no Mundo Espiritual era simplesmente uma cópia do que ele tinha deixado para trás no plano terrestre** e da qual ele esteve tão apaixonado, **mas ela, é claro, era composta de material astral.** Ele me contou que Gertrude ainda veio e brincou e cantou para ele, assim como ela costumava fazer, não só as músicas antigas, mas as novas também.

Uma ou duas semanas depois, eu saí do meu corpo novamente, mas desta vez eu não tinha o menor nervoso. Eu vi Philip em pé perto da minha cama, como se estivesse esperando para me levar a algum lugar. Perdi novamente por alguns momentos o poder do pensamento consciente, **até que eu, de repente, me vi de pé em um jardim mais bonito à beira de um pequeno bosque**. Philip e eu caminhávamos juntos, e ele apontava vários lugares bonitos para mim, em particular, **um amplo riacho debaixo de uma ponte rústica e encantadora**. Ele me disse: “Esta é como a minha casa no plano terrestre.” (Isso foi antes de vê-la.) “Isto que você vê **é o meu lar espiritual,** onde eu

estou esperando o meu pai e minha mãe. Somente esses terrenos estão em uma escala maior e mais bonitos." ([283])

c) Capítulo "XXI – Deixo meu corpo físico novamente"

Poucas semanas depois de sua morte, eu estava passando o fim de semana com os amigos perto de Harrow. Na tarde de domingo, minha anfitriã insistiu para que eu fosse para o meu quarto e me deitasse para descansar. Eu me preparava para cochilar. Em vez disso, comecei a me sentir bem acordada, mas senti a mesma sensação de deixar meu corpo como eu descrevi antes. De repente, eu me vi de pé em um jardim muito bonito, repleto de todo o tipo de flor. Um pouco mais à esquerda havia uma casa.

Olhando em volta, eu sabia que fui autorizada a visitar o Mundo Espiritual novamente.

Enquanto **eu estava no jardim**, notei que perto de mim do lado direito havia uma longa madeira derramada. Eu caminhei. **O lugar parecia uma pequena obra de engenharia**. De repente, **um homem saiu rapidamente da sala ao lado**, e para minha alegria, reconheci o coronel Halifax. ([284])

d) Capítulo "XXII – Sobre a parede e o que parece"

Como a Terra é parecida com esse Outro Mundo! Pelo menos, essa parte dele que eu vejo quando visito os diferentes amigos que já desencarnaram. **Parece haver casas, jardins, prados, bosques**, lagos, mas nunca vi o que eu chamaria de uma cidade industrial, uma cidade com mina de carvão, ou qualquer coisa que se aproxime a isso, pelo menos, não no plano em que eu vi normalmente, ou no cotidiano das pessoas como o coronel Halifax e os meus outros amigos.

Que existem outras condições além **desta terceira esfera,** como é chamada, eu estou bem ciente. Eu nunca fui para as mais altas, ou se fui, eu não lembro quando volto para minha condição física novamente. **Nós, provavelmente, muitas vezes visitamos a "terceira esfera" durante o sono, mas podemos esquecer ao despertar**. Sem dúvida, **assim como existe o mundo físico, ou condição, existe o mundo espiritual ou etéreo, ou condição.** Temos o corpo físico, que é tangível e visível para a visão de outras pessoas, e também temos os nossos corpos espirituais ou etéreos que são invisíveis aos olhos físicos, mas são claramente visíveis para a visão de outros corpos etéreos, se esses corpos são ocupados por almas que deixaram temporariamente suas condições físicas, durante uma visita ao mundo espiritual, ou se eles "desencarnaram" e

levaram até o que só podemos chamar de residência permanente por lá.

Claro que, neste livro, **estou lhe falando de pessoas, lugares e coisas que eu já vi, e lembrei-me**. Outras pessoas podem "ver" de forma diferente, ou, talvez, é que nos lembramos de forma diferente ao acordar? Ao mesmo tempo, encontramos, na comparação de notas, que há um, surpreendentemente, grande número de pessoas que veem e lembram-se do mesmo tipo de coisa enquanto viajam no mundo etéreo. Tive uma comprovação muito grande de outros de muitas das cenas que presenciei dessa forma. (Até agora eu falei sobre os lugares felizes e as pessoas que eu já vi; na verdade, impressiona-se com a felicidade que emana das pessoas que reencontram aqueles que amavam).

Percebe-se, a partir de tudo o que os nossos amigos desencarnados nos dizem, que há muito para eles fazerem por lá. Não é um lugar de ociosidade. Parece que todas as formas de beleza são reproduzidas lá. Os músicos ainda criam belos sons, a cantora canta, o artista pinta, e, sem dúvida, o jardineiro entusiasmado recebe uma boa oportunidade lá, e **nós fomos informados de que aqueles que têm um dom para o desenho e construção de casas agradáveis realizam lá, para o benefício de quem desencarna e não desenvolveu a capacidade, ou o gosto,**

> **para fazer o seu próprio.** Não há “pinos quadrados em buracos redondos” no plano. (Se eles estão em uma situação em que não se enquadram.) [...]. ([285])

É mais uma experiência pessoal que devemos levar em conta, somando-a as outras que citamos.

O médium **Chico Xavier** no mês de julho de 1967, data em que completava 40 anos de mediunidade concede uma entrevista ao Dr. Jarbas Leone Varanda, conforme informação de Elias Barbosa (1934-2011) autor do livro ***No Mundo de Chico Xavier***, no capítulo “Chico Xavier e o Dr. Jarbas Leone Varanda”, da qual ressaltamos:

> 3 – Qual foi o acontecimento que mais o alegrou na seara espírita até o dia de hoje?
>
> – Tenho tido sempre muitas alegrias em minha vida mediúnica, principalmente na recepção dos livros de nossos Instrutores do Alto, no entanto, assinalo, como sendo uma das mais belas surpresas da minha vida de médium, **a saída de meu corpo físico, durante algumas horas, em julho de 1943, na companhia de nosso amigo desencarnado, André Luiz, a fim de conhecer uma faixa suburbana de**

> **“Nosso Lar”, a cidade que ele descreve no primeiro livro que ele escreveu**, por meu intermédio, providência essa que Emmanuel permitiu fosse tomada para que eu não prejudicasse a psicografia de André Luiz, cujas narrações eram para mim inteiramente novas. ([286])

Corroborando essa história temos, no livro ***Anuário Espírita 1969***, a informação de que em 06 de maio de 1968, Chico Xavier dá uma entrevista ao repórter Saulo Gomes, do então Canal 4 – TV Tupi, de São Paulo, da qual destacamos o seguinte trecho:

> P. – O espírito de André Luiz descreveu experiências de sua vida na condição de desencarnado, numa cidade espiritual em seu livro, exatamente este que aqui está, traduzido para o Japonês (“Nosso Lar”). Como médium o senhor pode atestar cidade como esta, fora do plano terrestre?
>
> R. – *Eu não posso transferir a minha certeza àqueles que me ouvem, mas, posso dizer que, em 1943, quando o espírito André Luiz começou a escrever por nosso intermédio senti grande estranheza com o que ele ditava e escrevia.* ***Certa noite, tomadas as providências necessárias, segundo a orientação de Emmanuel, ele próprio e André Luiz me levaram a***

> ***determinada parte, a determinado bairro na cidade de "Nosso Lar". Posso dizer que fui em desdobramento espiritual na chamada zona hospitalar da cidade. Foi para mim uma excursão espiritual inesquecível****, como se eu desfrutasse os favores de um espírito liberto. Mas, eu preciso explicar aos telespectadores, que fui em função de serviço, naturalmente, assim como um animal – no tempo em que não tínhamos automóvel, locomotiva e avião – um animal que servia a professores para determinados tipos de viagem. Vi muita coisa maravilhosa sem compreender tudo ou entender muito pouco, porque fui em função de serviço, não por mérito*. ([287]) (itálico do original)

Até onde temos conhecimento o médium Chico Xavier jamais mentiu, daí, por força da ética, somos impelidos a aceitar seu depoimento como verdadeiro.

E, finalmente, vamos ainda citar o livro ***Lições de Sabedoria: Chico Xavier nos 23 Anos da Folha Espírita****,* o seguinte trecho de uma fala do médium ocorrida em setembro de 1976:

> *Devo informar à "Folha Espírita" que*

> *antes de psicografarmos o livro "Nosso Lar", de nosso amigo André Luiz, a nossa ideia sobre qualquer cidade em outros planetas se fixava em quadros que seriam absolutamente iguais aos do nosso Plano Físico, na Terra. Quando os amigos espirituais se reportavam a cidades em outros mundos, não possuía, de minha parte, outros padrões comparativos se não os que identificava neste mundo mesmo. Entretanto, em 1943, quando iniciei a psicografia dos livros de André Luiz,* ***passei a reconhecer que a matéria se caracterizava por diferentes gradações e compreendi que, em torno de paisagens cósmicas, sejam elas quais sejam, podem existir cidades e vida comunitária, em condições que nos escapam, por enquanto, ao conhecimento condicionado de espíritos temporariamente encarnados na existência física****.* ([288]) (itálico do original)

Eis aí a fantástica linha de raciocínio de Chico Xavier, que, a nosso ver, derruba os argumentos contrários a existência de construções no mundo espiritual.

Eis aí o nosso primeiro "peixinho vermelho" dos personagens que aqui, neste tópico,

mencionamos. Daqui a pouco, caro leitor, você entenderá porque estamos fazendo essa relação.

Yvonne A. Pereira, que é o segundo médium na condição de "peixinho vermelho", porquanto, na sua atividade mediúnica, foi levada ao mundo espiritual, tendo, portanto, uma visão que, nós outros, sem um desenvolvimento maior da faculdade de emancipação da alma, comumente denominada de desdobramento, não conseguimos perceber.

De seu livro ***Memórias de Um Suicida***, sobre o qual Yvonne Pereira disse: "*E assim escrevi* 'Memórias de um Suicida'*, em 1926, só publicado, em primeira edição, 30 anos depois, isto é, em princípios de 1956.*" ([289]), transcrevemos este trecho em que se menciona o Espírito Camilo Castelo Branco, usando o pseudônimo de Camilo Cândido Botelho:

> [...] Daí em diante, ora em sessões normalmente organizadas, ora em reuniões íntimas, levadas a efeito em domicílios particulares, ou no silêncio do meu aposento, altas horas da noite, dava-me apontamentos, noticiário periódico, escrito ou verbal, ensaios literários, verdadeira

> reportagem relativa a casos de suicídio e suas tristes consequências no Além-Túmulo, na época verdadeiramente atordoadores para mim. Porém, **muito mais frequentemente, arrebatava-me, ele e outros amigos e protetores espirituais, do cárcere corpóreo**, a fim de, por essa forma cômoda e eficiente, ampliar ditados e experiências. Então, **meu Espírito alçava ao convívio do mundo invisível e as mensagens já não eram escritas, mas *narradas*, *mostradas*, exibidas à minha faculdade mediúnica** para que, ao despertar, maior facilidade eu encontrasse para compreender aquele que, por mercê inestimável do Céu, me pudesse auxiliar a descrevê-las, pois eu não era escritora para fazer por mim mesma! **Estas páginas, portanto, rigorosamente, não foram psicografadas, pois eu via e ouvia nitidamente as cenas aqui descritas, observava as personagens, os locais, com clareza e certeza absolutas, como se os visitasse e a tudo estivesse presente e não como se apenas obtivesse notícias através de simples narrativas**. [...]. ([290])

Heigorina Cunha (1923-2013), é outra médium em que o mundo espiritual lhe descortinou, abrindo-se o véu a seus olhos, conforme esse seu

relato constante de ***Cidade no Além***:

> [...] no dia 2 de março de 1979, quando vivi a mais fascinante experiência de minha vida. **Vi-me saindo do corpo, conduzida por um Espírito que não pude identificar, seguindo para uma cidade espiritual que depois soube tratar-se da cidade "Nosso Lar"**, da qual André Luiz, no livro que leva o mesmo nome traça-lhe um perfil magnífico e esclarecedor.
>
> **Via a cidade com alguns detalhes, guardando, ao despertar, toda a recordação da experiência** daquela noite maravilhosa, quando o Espírito que me acompanhava convidou-me a regressar à Terra.
>
> Não podia perder a visão de tão belo acontecimento e, assim, resolvi desenhar, retratando o que me foi possível conhecer naquela rápida visita. ([291])

Aquilo tudo que ela viu está registrado na sua obra *Cidade no Além*. Certamente, aqui temos mais um "peixinho vermelho".

No livro ***Moradas Espirituais: Visitas a Vinte Colônias*** (2004), de autoria da médium **Vânia Arantes Damo** (1950-2020), há explicação

sobre a origem da obra:

> De 1988 a março de 2006 eram realizadas no Centro Espírita Luz da Verdade, em Palmelo, Goiás, reuniões de intercâmbio espiritual, nas quais o espírito Joaninha Darque e sua equipe, por meio do nome do espírito e data do desencarne, localizavam-no no plano espiritual, e traziam notícias aos familiares terrenos. Nessas notícias, era comum o espírito relatar em que Colônia ele se encontrava.
>
> Os familiares encarnados começaram, então, a indagar onde ficavam essas Colônias, no espaço.
>
> José Válter do Nascimento, que coordena o início das reuniões na coleta dos dados necessários, e que acompanha as pessoas durante a atividade mediúnica, passou a ser questionado nesse sentido, a respeito das Colônias.
>
> Pediu, então, ao espírito Joaninha Darque, em oportunidade apresentada, para falar alguma coisa a respeito dessas Colônias tantas vezes mencionadas nas psicografias.
>
> Ela disse que estudaria a possibilidade e voltaria, em breve, com uma resposta.
>
> Após quinze dias manifestou-se de forma favorável, dizendo que **as informações não seriam trazidas de lá para cá pelos espíritos e, sim, que a médium Vânia**

> **Arantes Damo seria levada até algumas Colônias em desdobramento onírico**, ou seja, por meio de sonhos, anotaria suas impressões, as quais, depois passariam pela aprovação do plano espiritual encarregado desse trabalho.
>
> As visitas aconteceriam a cada quinze dias.
>
> Seriam visitadas vinte Colônias e obedeceriam a uma classificação de primeira, segunda, etc., de acordo com a manifestação de cada uma, autorizando a visita.
>
> Pelo que pudemos entender, Joaninha Darque lançou um “Edital”, solicitando a possibilidade e pedindo a devida autorização às Colônias para que as visitas acontecessem. E, à medida que a direção de cada Colônia foi-se manifestando favoravelmente, **as visitas iniciaram-se e estenderam-se por um período de nove meses: de 28 de junho de 2001 a 21 de março de 2002**. ([292])

Temos, então, experiência em que a médium, um outro “peixinho vermelho”, foi levada a visitar vinte Colônias espirituais, das quais escreveu a descrição de cada uma delas, o que foi, posteriormente, revisto pelo Espírito Joaninha

Darque. Várias questões lhe foram dirigidas, que fazemos questão de mencionar algumas delas, com as suas respectivas respostas:

6) – *Onde fica o Umbral?*

R.: Existem, entre uma Colônia e outra, as chamadas regiões umbralinas.

7) – *Como o espírito é levado a uma determinada Colônia?*

R.: Por afinidade própria adquirida antes do último reencarne. Pode ser a pedido de algum espírito familiar ou encaminhado pela equipe espiritual que o socorreu.

10 – *A que altura as Colônias Espirituais estão em relação à Terra?*

R.: Umas estão localizadas tão próximas da Crosta da Terra, que até se intercalam ao mundo material. Outras, um pouco mais acima, e outras, mais acima ainda, sem fugirem da força de atração magnética do Planeta.

19) – *Como é a produção de alimentos e vestuário nas Colônias Espirituais?*

R.: Nas Colônias mais próximas da Crosta, as técnicas e os processos usados são muito parecidos com os utilizados na Terra, até se confundindo com eles. Nas Colônias mais afastadas, os processos de produção vão sofrendo modificações, de acordo com as

necessidades evolutivas.

Para tudo se usa o fluido universal e a força do pensamento. ([293])

Segue-se a descrição de cada uma das vinte colônias visitadas pela médium, incluindo sua localização, cujos nomes são: Colônia das Águas, Colônia Amigos na Dor, Colônia da Praia, Colônia das Flores, Colônia Nova Esperança, Colônia Morada do Sol, Colônia Raios do Amanhecer, Colônia Regeneração, Colônia do Sol Nascente, Colônia Redenção, Colônia das Montanhas, Colônia Bom Retiro, Colônia Padre Chico, Colônia Do Moscoso, Colônia do Rouxinol, Colônia das Violetas, Colônia Gramado, Colônia do Abacateiro, Colônia Estudo e Vida e Colônia Arco-Íris.

Encontramos alguns médiuns não vinculados ao Espiritismo, são fontes importantes que não poderemos deixar de citar.

Em ***Visões do Mundo Espiritual*** (1926), vamos encontrar o relato de várias visões do indiano **Sadhu Sundar Singh** (1889-1929), Foi educado no hinduísmo, mas tornou-se um cristão, estimamos

que isso ocorreu ao final do ano de 1905. A razão de o tomarmos como médium está neste segmento do Prefácio da obra, que leva a sua assinatura:

> [...] quando estou **orando ou meditando**, às vezes até oito ou dez vezes em um mês, **meus olhos espirituais estão abertos** para ver dentro dos céus e, por uma ou duas horas, eu **ando na glória da esfera celestial com Cristo Jesus, e mantenho conversas com anjos e espíritos**. [...]. ([294])

Vamos transcrever alguns trechos de sua obra, mas devemos levar em conta que são provenientes de pessoa ligada muito provavelmente ao catolicismo:

a) Capítulo “3: O mundo dos Espíritos”

> Ali, por todos os lados, havia um ambiente maravilhoso e alegre, e inumeráveis almas de homens estavam lá, as quais no mundo haviam suportado todo tipo de sofrimento por causa de Cristo, e no final haviam sido elevados para este glorioso local de honra. **Tudo em volta era incomparável e extremamente belas montanhas, nascentes e paisagens, e**

> **nos jardins havia abundância de todos os tipos de doces frutas e flores belas**. Tudo o que o coração poderia desejar estava lá. Então ele disse a sua mãe: "**No mundo, que é o reflexo opaco deste mundo real**, nossos queridos estão sofrendo sobre nós, mas diga-me, isto é morte, ou a real vida pela qual todo coração anseia?" ([295])

Merece destaque "*no mundo [material], que é reflexo opaco deste mundo real [espiritual]*", bem semelhante ao que Mesmer afirmou ([296]).

b) Capítulo "6: o estado dos justos e seu glorioso fim"

> **Em todas as partes do céu há jardins magníficos, que em todo o tempo produzem toda variedade de frutas doces e deliciosas, e todos tipos de flores** de doce aroma que nunca murcham. Neles criaturas de todo tipo louvam a Deus incessantemente. **Pássaros, bonitos em tonalidade**, levantam suas doces canções de louvor, e tal é o doce canto dos anjos e santos que, ao ouvir suas canções, experimenta-se uma maravilhosa sensação de arrebatamento. Onde quer que se olhe, não há nada além de cenas de alegria ilimitada. [...]. ([297])

Então **eu vi esse homem de Deus examinando a mansão que lhe foi designada** a uma grande distância, pois **no céu todas as coisas são espirituais**, e o olho espiritual pode ver através de todas as coisas intervenientes, e para distâncias imensuráveis. Através de toda a imensidão do céu, o amor de Deus é manifesto, e em toda parte dele, todos os tipos das Suas criaturas podem ser vistas O louvando e agradecendo em um estado de alegria sem fim. Quando este homem de Deus, em companhia dos anjos, **chegou à porta de sua mansão designada**, ele viu escrito nela em letras brilhantes a palavra "Bem-vindo", e das próprias letras "Bem-vindo, Bem-vindo" em som audível se repetia e repetia novamente. Quando **ele entrou em sua casa**, para sua surpresa encontrou o Senhor ali diante dele. Com isso, sua alegria foi mais do que possamos descrever, e ele exclamou: "Eu deixei a presença do Senhor e vim aqui ao seu comando, mas acho que o próprio Senhor está aqui para morar comigo." **Na mansão estava tudo o que sua imaginação poderia ter concebido**, e cada um estava pronto para servi-lo. **Na vizinhança; casas de santos, com a mesma mente que ele mesmo, viviam em feliz comunhão**. Pois esta **casa celestial** é o reino que foi preparado para os santos desde a fundação do mundo (Mateus 25:34), e este é o glorioso futuro que aguarda todo verdadeiro seguidor de

Cristo. ([298])

> Não há **no céu** nem leste nem oeste, nem norte nem sul, mas, para cada alma ou anjo individualmente, o trono de Cristo aparece como o centro de todas as coisas.
>
> Lá **também são encontrados todos os tipos de doces e deliciosas flores e frutas, e muitos tipos de alimento espiritual**. **Enquanto os comem, um sabor e prazer requintados são experimentados**, mas depois de terem sido assimilados, uma delicada fragrância, que perfuma o ar ao redor, exala dos poros do corpo. ([299])

Nesses trechos encontramos referências a: jardins, flores, frutas, pássaros, residências (mansões). Fala-se também que são encontrados todos os tipos de doces e deliciosas flores e frutas, e muitos tipos de alimento espiritual.

Ao final, Sadhu Sundar Singh, explica:

> **Os anjos também conversaram comigo sobre muitos outros assuntos, mas é impossível registrá-los, porque, não somente não existe no mundo nenhuma linguagem, nem analogia, através da qual eu pudesse expressar o**

> **significado daquelas profundas verdades espirituais**, mas também eles não queriam que eu tentasse, pois ninguém sem experiência espiritual pode entendê-las, então, nesse caso, existe o medo de que, em vez de serem uma ajuda, sejam para muitos uma causa de incompreensão e erro. [...]. ([300])

Nada diferente do que encontramos em obras da codificação espírita, basta um pouco de boa vontade para se enxergar isso.

Na obra ***Espíritos Entre Nós*** (2008) do médium norte-americano **James Van Praagh**, escritor e produtor de televisão, encontramos trechos que vêm confirmar tudo quanto estamos vendo em outros autores. Vejamos alguns trechos do capítulo 5, intitulado "O Mundo dos Espíritos":

> Já me perguntaram inúmeras vezes: "Onde fica o mundo dos espíritos?" Infelizmente, não há uma resposta simples para essa questão. Para compreender onde fica o mundo espiritual, devemos mudar nosso modo de pensar. **O mundo espiritual não é um local geográfico, não é algo que possa ser encontrado em um mapa**. O mundo espiritual é, na

verdade, um estado de ser energético.

O Universo é feito de ondas eletromagnéticas. Nós talvez não estejamos fisicamente conscientes dessas energias, mas sabemos que elas existem porque vemos imagens na televisão, ouvimos vozes no celular e ingerimos alimentos preparados no forno de micro-ondas. Essas ondas são precisamente sintonizadas em uma determinada frequência para que possam funcionar da maneira adequada.

Assim como as ondas eletromagnéticas do universo físico, **o mundo espiritual é formado por milhares, talvez milhões de dimensões energéticas, e cada uma tem sua própria vibração**. Essas vibrações se sobrepõem umas às outras, e assim, penetram no nosso mundo físico. Assim como a internet, as dimensões espirituais podem interagir com pessoas do mundo inteiro sem que ninguém tenha que sair da privacidade de seu lar. Talvez não tenhamos consciência da multiplicidade de vibrações que nos cercam, mas elas existem mesmo assim. Infelizmente, a maior parte das pessoas não tem capacidade de entrar em sintonia com essas vibrações sem passar por algum tipo de treinamento.

As dimensões espirituais são semelhantes à mensagem que existe na Bíblia, em João 14:3: “Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-

lo teria dito.” Acredito que essas “moradas” a que o evangelista se refere são as várias dimensões espirituais. **Como médium, tenho a capacidade de penetrar nessas dimensões, aumentando minhas vibrações para atingir frequências mais altas**. Assim, posso ser um canal entre o plano mais baixo do mundo físico e as vibrações mais rápidas do mundo espiritual invisível. Todos nós podemos ser canais se nos esforçarmos para isso. Uma das maneiras mais rápidas de aumentar essas vibrações é por meio da meditação.

Dimensões espirituais

Há muitos anos, **tive a honra de conhecer Mark Macy, cientista e pesquisador muito dedicado** que, assim como eu, estava interessado em apresentar provas detalhadas de que existe vida após a morte. Até hoje grande parte de seu trabalho não foi analisada com a devida atenção. Macy estava na vanguarda das investigações sobre os diversos meios pelos quais um espírito pode se comunicar com os vivos. Ele estava envolvido com a World Instrumental Trans-Communication (Transcomunicação Instrumental Mundial), uma organização de pesquisadores que utilizava diversas tecnologias, como rádio, televisão e computadores, para fomentar mensagens e comunicação com o mundo espiritual. **Estudei o trabalho de Macy por muitos anos e acredito que grande**

parte das informações que ele coletou se parece muito com as descrições espirituais que recebi através de meu próprio trabalho psíquico.

[...].

Quando abandonamos nosso corpo físico no momento da morte, entramos em uma dimensão de sintonia muito fina. Como já disse no capítulo anterior, **a experiência de entrar no mundo espiritual é diferente de pessoa para pessoa**, dependendo do sistema de crenças de cada uma, do nível de conhecimento e do grau de evolução espiritual. **À medida que passamos pelos planos astrais inferiores e nos movemos para as dimensões superiores, as experiências se tornam ainda mais rarefeitas**. Pensamentos e sentimentos têm sua intensidade amplificada. Espíritos viajam através de várias dimensões até atingirem aquelas que coincidem com seu nível de compreensão.

[...] No entanto, **nas dimensões espirituais, gravitamos em direção a uma mentalidade semelhante à nossa e à de outros que têm os mesmos pontos de vista e se encontram no mesmo nível de evolução**. O lugar onde vamos parar depois da morte é criado por nós mesmos, por meio de nossos pensamentos, palavras e atos e pela maneira como

vivemos na Terra. Se seguimos o caminho de uma determinada religião, por exemplo, ficamos junto com outros que compartilham a mesma crença.

[...].

O plano astral inferior

Quando uma pessoa se desfaz de seu corpo físico no momento da morte, o fio de prata que antes ligava o corpo etéreo ao físico é rompido. O que resta é uma exata réplica do corpo físico, porém mais leve e vibrante.

A primeira dimensão além do reino físico é o plano astral inferior, que vibra muito próximo ao domínio terreno e se localiza entre a Terra e as esferas mais elevadas. É o primeiro com que os espíritos se deparam e onde geralmente ficam pouco tempo. Muitos espíritos já comunicaram que esse nível é cinzento, e pouco iluminado.

No plano astral inferior, tudo o que se pensa é visto e ouvido com muita clareza. **Os espíritos não podem esconder seus próprios pensamentos como os humanos fazem**. Na verdade, o plano astral inferior é tão intenso sob o ponto de vista mental que amplifica todos os pensamentos e emoções. Com frequência **eu me refiro a esse plano como nossa lata de lixo mental e emocional**. Quando os espíritos decidem permanecer no plano astral inferior, eles se transformam em

criações coletivas de determinados aspectos dos humanos que estão ligados de modo obsessivo a emoções não resolvidas e frequentemente negativas, como raiva, depressão, desespero, solidão, culpa, vício, crueldade e ódio. O plano astral inferior é deprimente porque os espíritos parecem se alimentar da negatividade associada a essa criação coletiva. É como se os espíritos estivessem presos a uma mentalidade muito arraigada. Devido ao fato de os pensamentos permanecerem conosco em nossa jornada, nossos pontos de vista também ficam. Crenças, gostos, desgostos e julgamentos continuam como eram antes. Não há milagres ou revelações totais quando morremos.

[...] **Além de o plano astral inferior ser formado por nossos próprios pensamentos e emoções negativas coletivas, nós também o alimentamos continuamente com nossa negatividade**. Isso inclui formas de lazer negativas. Filmes violentos, programas de televisão e música que exageram os medos e comportamentos cruéis das pessoas podem parecer excitantes, mas só servem para exacerbar o comportamento mais primitivo da nossa sociedade. Os criadores dessas imagens negativas podem estar sob a influência de espíritos do plano astral mais baixo. Tudo é energia, e energias negativas, como medo, raiva e ódio, ficam registradas

no plano astral inferior. Como em um círculo vicioso, essas formas de pensamento retornam como assombrações durante anos e anos, reforçando o medo e o ódio.

[...].

As dimensões astrais mais elevadas

Do mesmo modo que há uma progressão natural da vida na Terra, também existe uma progressão natural da vida após a morte. À medida que um espírito expande sua consciência e se desenvolve, ele passa de um plano existencial para outro. Nessa progressão, vai se tornando menos interessado nas questões terrenas e menos preocupado com elas.

Muitos espíritos ingressam na luz das dimensões espirituais mais elevadas e chegam a um lugar que costumo chamar de Terra do Verão. Essa dimensão é quase tão real quanto a Terra. É um mundo de edifícios e casas incríveis, com cores incompreensíveis para mentes terrenas. Muitos espíritos nesses reinos relatam que as casas em que moram parecem exatamente iguais às casas da Terra, exceto pelo fato de serem absolutamente perfeitas. Eles frequentemente relatam que cada casa é localizada em um terreno absolutamente proporcional ao tamanho da casa. Em outras

palavras, não existe crescimento urbano exagerado. **Quando pensamos na nossa casa perfeita na Terra, inconscientemente criamos o lar que corresponde a ela no nível astral mais elevado. Assistentes espirituais no plano mais alto da dimensão astral ajudam a dar formas a essas residências por meio da combinação dos nossos pensamentos com os poderes mentais deles**. Quando chegamos ao céu, nosso novo lar já nos espera, em sintonia perfeita com nossa individualidade.

Além dessas casas, as dimensões mais elevadas também incluem prédios maiores, como salas de concerto, museus e bibliotecas. Nossos sonhos e desejos podem se tornar realidade no plano astral. As maiores obras da humanidade são criadas primeiramente no plano astral mais elevado. Muitos cientistas espirituais trabalham juntos nesse domínio, concentrando suas energias para que novas ideias sejam filtradas até atingir as mentes humanas.

A dimensão astral mais elevada também é um lugar de inspiração divina, pois está livre de desejos terrenos e de conflitos. Os espíritos dessas dimensões se reúnem por amor, para expandir seus horizontes mentais e espirituais. É um estado de ser em que mentes brilhantes concebem

> incríveis criações artísticas. Qualquer coisa capaz de fazer o coração se alegrar está localizada aqui.
>
> E, finalmente: **espíritos localizados nas dimensões mais elevadas podem visitar outros localizados nas dimensões inferiores, mas estes não podem subir até as dimensões mais elevadas** enquanto suas almas não estiverem prontas. Espíritos altamente evoluídos têm consciência do que acontece no nível físico e com frequência visitam a família e os amigos na Terra, para ajudá-los ou protegê-los. ([301])

Não devemos desprezar as experiências dos médiuns, especialmente, quando elas atestam o que encontramos em outros médiuns e como resultado de pesquisas. E aqui, repetiremos a frase que dissemos no início: "*Cuidado para não se jogar a água da bacia fora, com a criança dentro*".

Temos mais uma fonte que é a médium vidente **Sylvia Browne**, de formação católica-judaica-luterana-episcopal, nascida em Kansas City, Missouri, EUA, autora do livro ***O Outro Lado da Vida*** (1999). Falando que a "morte" é a volta ao Lar, explica:

O Lar, ao contrário de um monte de mitos e desenhos em cartões de boas-festas, é muito mais complexo e magnífico do que simplesmente um mar sem fim de nuvens brancas e fofas e céu azul. **O Outro Lado é uma infinidade espantosa de montanhas, oceanos, amplos jardins, florestas – todas as maravilhas da natureza que existem aqui**, com a beleza amplificada centenas de vezes. **A paisagem é pontuada de edifícios de variedades e desenhos esplêndidos – arquitetura grega e romana clássica para os templos, salas de concerto, pátios, arenas de esportes e outros locais de reunião pública – e casas projetadas para atender à preferência pessoal de cada entidade,** de forma que uma imponente mansão vitoriana pode ser vizinha de uma simples cabana de troncos.

Os animais, entre as mais perfeitas criações de Deus, também estão vivos no Outro Lado. (Para ser sincera, se não estivessem, eu acho que não teria o menor interesse em ir para lá.) Todos os animais que existem na Terra existem do Outro Lado, sem medo ou agressão, e são adequadamente tratados e respeitados por serem espíritos puros, inocentes e sem malícia.

É provável que você fique tão aliviado quanto eu ao saber que as entidades do Outro Lado não passam o

tempo todo deitadas tocando harpa. Isso pode ser bastante agradável por cinco ou dez minutos, de vez em quando, mas por toda a eternidade? Na verdade, os residentes do Outro Lado apresentam-se constantemente ativos e animados. Francamente, é ridículo da nossa parte falar deles como "mortos". Seria ótimo se estivéssemos "mortos" como eles. **Todos estudam, trabalham e pesquisam – por escolha própria, devo acrescentar, e com grande satisfação.** Eles têm uma vida social fulgurante, cheia de festas, música, dança, eventos esportivos, desfiles de moda e palestras, enfim, todas as opções possíveis para todas as preferências possíveis. Todas as artes, ofícios, *hobbies* e atividades externas que há na Terra existem lá, levadas ao extremo mais estimulante. Palavras como aborrecimento, solidão e tédio não fazem parte do vocabulário local.

Ainda mais fascinante é saber que as entidades do Outro Lado também criam de tudo, de invenções e curas médicas a grandes avanços nas artes, na música, na filosofia e na ciência. Essas criações são transmitidas através de telepatia sutil para aqueles na Terra que têm as técnicas, as ferramentas e a dedicação para torná-las realidade. Se alguma vez você se perguntou por que as grandes ideias humanitárias parecem ocorrer quase que simultaneamente a pessoas isoladas em

> lados opostos do mundo, agora você sabe – o Outro Lado gosta de garantir que suas melhores contribuições receberão a máxima atenção aqui. Isso não tira nem um pouco do crédito das pessoas brilhantes entre nós que realizam esses avanços. As entidades do Outro Lado precisam de mãos e ouvidos talentosos e dispostos para realizar seu trabalho, tão certamente quanto nós precisamos de sua divina inspiração. ([302])

Confirma tudo quanto estamos vendo em outras fontes. O mais curioso na obra de Sylvia Browne é que até mesmo é usado um termo que nós espíritas conhecemos muito:

> A importância disso me foi revelada numa experiência que tive enquanto escrevia este livro. Não sou adepta da projeção astral. Não costumo deixar meu espírito viajar por aí sem o meu corpo, mas uma noite, **através da projeção astral, cheguei ao que minha Guia Espiritual me explicou mais tarde ser o Umbral**.
>
> Eu estava cercada por pessoas que tinham morrido. Elas não me disseram uma palavra, mas eu podia perceber seu profundo desespero. O ar pesava com a tristeza, e as pessoas, cuja idade variava do início da adolescência até a velhice,

arrastavam os pés ao andar e mantinham os olhos baixos, de forma que até a linguagem corporal transmitia a falta de esperança.

Além da área em que nos encontrávamos, **vi uma enorme escuridão que sinceramente me aterrorizou, fazendo com que eu quisesse me afastar dela**. Foi aí que percebi que tinha entrado pela porta da esquerda do Outro Lado e que **aquela escuridão estava cheia de entidades negras** prestes a retornar para a Terra num útero.

Também percebi que as pessoas com quem eu estava ainda **tinham o livre-arbítrio para escolher. Elas podiam seguir para a escuridão ou passar pela porta da direita para a luz de Deus do Outro Lado. Elas não estavam presas naquele Umbral, estavam esperando até fazer a escolha**.

Elas não tinham perdido a fé, mas se sentiam absolutamente confusas e desamparadas. Por puro instinto, comecei a me aproximar de uma por uma, implorando: “Por favor, diga que ama a Deus. Por favor, diga que tem esperança. Acredite em Deus e você poderá sair daqui.” Elas continuaram silenciosas, sem mesmo erguer os olhos tristes para mim. Fui ficando cada vez mais fraca com o desespero que comecei a absorver delas antes de finalmente sair dali.

No dia seguinte exigi que Francine, minha Guia Espiritual, me explicasse por que nunca tinha me contado sobre o Umbral. Ela disse o mesmo que afirma nessas situações: “Se você não fizer a pergunta, não vou lhe dar a resposta.” Odeio quando ela faz isso.

Mas Francine também me contou que eu tinha conseguido tocar dois espíritos entre os milhares que se encontravam ali. Dois deles tinham deixado o Umbral e atravessado, a porta da direita para a luz do Outro Lado depois que eu fui embora.

Desde aquela noite incluí aqueles espíritos tristes e perdidos do Umbral nas minhas preces. Espero que você faça o mesmo. Se eles não conseguem reunir a fé necessária para chegar em segurança ao Outro Lado, o mínimo que nós, entidades brancas, podemos fazer é ajudá-los com a nossa fé.

Suicídio

Mesmo que nenhum daqueles espíritos tivesse falado comigo, **eu “sabia” por que alguns deles estavam no Umbral**, e Francine confirmou a razão. Por isso, quero esclarecer alguns fatos sobre a confusa e trágica questão de dar fim à própria vida.

Eu aprendi na infância que “as pessoas que cometem suicídio vão para o inferno”. Ponto final. Caso encerrado.

Isso não é verdade. E posso acrescentar

que é uma mentira feia, cruel e geradora da culpa que sentem os entes queridos das vítimas de suicídio. Vou repetir mais uma vez, não existe “inferno” e se existisse, Deus não condenaria um dos Seus filhos a uma eternidade nele, de jeito nenhum. Embora, de modo geral, o suicídio seja uma quebra de contrato com Deus e com nossos próprios espíritos, já que ninguém escreveu “suicídio” em seu projeto, existem exceções. Portanto, como sempre, não temos nada que ficar fazendo julgamentos genéricos como esse.

Os que foram levados ao suicídio por uma doença mental ou física extrema têm tanta chance quanto nós de irem para a luz e serem acolhidos do Outro Lado.

Os suicidas movidos pela desesperança e pela angústia extrema, agora eu sei, vão para o Umbral. De fato, as pessoas que tiveram uma experiência de quase morte durante uma tentativa fracassada de suicídio por desespero descrevem que se viram, em um lugar de tristeza avassaladora, não em uma completa escuridão, mas como se estivessem “fora da luz”. **Estavam cercadas pelo silêncio, ou então receberam o deboche e o escárnio de outros espíritos ao redor delas, sem encontrar compaixão em lugar algum. Este é certamente o Umbral**. Mas isso significa que elas ainda podem escolher

> juntar-se às entidades negras na escuridão ou seguir rumo ao amor incondicional de Deus através da porta da direita do Outro lado. Mas uma vez, nossas orações podem ajudá-las muito. ([303])

Sylvia Browne é mais uma importante fonte fora do meio espírita e, também fora do Brasil que confirma os pontos abordados nesse estudo.

No *Blog do Novo Mundo* é citada a artista autodidata **Akiane Kramarik**, nascida em 1994, em Mount Morris, EUA ([304]). Fernando Lima Ribeiro, nos informa o seguinte:

> Segundo a **Akiane**, durante a noite quando dormia, **passou por uma experiência fora do corpo**, fenômeno mediúnico chamado de projeção da consciência, desdobramento... E durante a experiência **um espírito a visitou e levou para conhecer um mundo cheio de cores**, ele falou sobre o dom dela e disse que ela deveria aprender a usá-lo. **Após esta experiência Akiane começou a desenhar aos quatro anos de idade**, pintar aos seis e compor poesias aos sete anos. Aos doze anos ela fala russo, lituano, e a linguagem dos sinais. Ela também vem se destacando em suas aulas de música.

Akiane diz que sua arte é inspirada nas visões do "Paraíso", bem como em sua ligação com o "Criador". Sua arte inclui paisagens, vida selvagem, pessoas...

Com apenas oito anos de idade, Akiane se trancou no quarto e pediu pra Deus mostrar como era Jesus, na manhã seguinte um homem bateu à porta da casa dela dizendo que era carpinteiro e disse que seria o modelo para o quadro dela. As pinturas de Jesus que Akiane pintou são muito semelhantes ao rosto em 3D que os cientistas recriaram em 2010 baseado no Sudário. Para obter uma visão tridimensional do rosto no manto, estes cientistas empregaram a mais avançada tecnologia 3D e recursos da computação gráfica revelando características jamais vistas.

A partir dos 7 minutos desse vídeo, (7:05) você verá algumas **pinturas de cidades espirituais feitas por ela que lembram a colônia "Nosso Lar"**, tanto a arquitetura das construções quanto o muro da cidade. Akiane não conhece o livro "*Nosso Lar*" psicografado em 1940 por Chico Xavier e nem assistiu ao filme, pois quando ela pintou os quadros o filme nem existia. ([305])

Eis algumas das pinturas cujas imagens são apresentadas no vídeo:



E aqui, temos a pintura de Jesus, que Akiane Kramarik intitulou de “Príncipe da Paz”:



Encerramos este capítulo trazendo para reflexão esta frase: *"A afirmação daquele que viu vale a negação daquele que não viu."* (Auguste Bez)

3.4. Em estados de emancipação da alma

Esta explicação para o fenômeno foi tomada de "Mediunidade: estudo e prática – Programa 1, Módulo I – Fundamentos ao estudo da mediunidade", tema 10: "A emancipação da alma" do material disponível no site da ***FEB***:

> Nas ocorrências de emancipação da alma o Espírito se desprende parcialmente do corpo físico, torna-se mais livre, mais independente ou mais emancipado, e, por si, presencia ou participa de acontecimentos em ambas as dimensões da vida, e então consegue entrar em contato com Espíritos, encarnados e/ou desencarnados. ([306])

São duas as situações de emancipação da alma em que surgem relatos de construções do mundo espiritual: 1ª) nas EQMs – Experiência de quase morte e 2ª) nas EFC – Experiência fora do corpo ou PC – Projeção da Consciência.

4.1 Nas EQMs encontramos referências a essas construções

Somando-se ao nosso conjunto de provas, traremos três pesquisas relacionadas às EQMs (Experiência de Quase Morte), que confirmam essas descrições do mundo espiritual:

1ª) **Dr. Raymond A. Moody Jr.**, médico psiquiatra e pesquisador consagrado das EQMs (Experiência de Quase Morte), com sua obra ***Reflexões Sobre a Vida Depois da Vida*** (1977), na qual consta o item “Cidades de Luz”, dentro do Capítulo “Novos Elementos”, de onde transcrevemos:

> Declarei em *Vida depois da vida* não ter encontrado um único caso em que fosse descrito um “céu” – pelo menos sob a forma de alguma apresentação tradicional de tal lugar. Entretanto, desde então tenho conversado com **inúmeros indivíduos que falam, com notável consistência**, de terem visto relances de outros campos de existência que bem poderiam ser chamados de “celestiais”. **Julgo interessante a ocorrência, em diversos desses relatos, de uma mesma expressão: “uma cidade**

> **de luz”.** Neste, e em vários outros aspectos, as imagens com as quais são descritas as cenas parecem lembrar trechos da Bíblia. ([307])

Por oportuno, citaremos um trecho de um dos depoimentos relatados na obra, em que uma mulher descreve sua experiência:

> “**À distância... pude avistar uma cidade. Prédios... prédios separados uns dos outros. Eram polidos, brilhantes. As pessoas eram felizes ali. Água límpida, que refletia a luz, repuxos... creio que o melhor meio de descrever seria dizer ‘uma cidade de luz’...** Esplendorosa. Tudo brilhava, uma maravilha... Mas se eu entrasse nela, creio que jamais teria voltado... Disseram-me que, se eu entrasse ali, não poderia regressar... que a opção era exclusivamente minha.” ([308])

Acreditamos que as “Cidades de Luz”, que estão aparecendo nas pesquisas do Dr. Moody Jr., são uma confirmação irrefutável de tudo quanto foi dito aqui nesse estudo.

2ª) O psiquiatra **Dr. George G. Ritchie** (1923-2007), publicou a obra ***Voltar do Amanhã*** (1978), na qual relata sua EQM, ocorrida em dezembro de 1943:

> Com um estremecimento, **notei que nos movíamos**. Eu não tivera consciência de haver deixado o hospital; agora, no entanto, ele não estava à vista. Tinham evanescido os acontecimentos vivos da minha existência, os quais – antes – nos rodeavam. No lugar deles, **parecia que estávamos voando bem alto, sobre a Terra, juntos, em direção a um longínquo ponto de luz**.
>
> Não se assemelhava à viagem em desdobramento, que eu antes fizera. Naquele caso, obcecavam-me os meus próprios pensamentos, e eu parecera quase tangenciar a superfície da Terra. Agora, estávamos mais alto, deslocando-nos com maior rapidez; e, sempre como me fora ordenado, com os meus olhos nele, essa forma de movimento não mais parecia estranha nem alarmante.
>
> **O ponto distante ganhou as dimensões de uma grande cidade**, na direção da qual estávamos descendo. Ainda era noite, mas chaminés de fábricas largavam fumaça e muitos edifícios deixavam ver luzes acesas em todos os

andares. Um oceano, ou um extenso lago, situava-se além das luzes; bem poderia ser Boston, Detroit ou Toronto; **não se tratava de nenhum lugar onde eu houvesse estado, isso era certo**. Mas, óbvio, pensei, enquanto nos aproximávamos o bastante para enxergar as ruas superlotadas: **tratava-se de um lugar onde indústrias de artefatos bélicos estavam operando vinte e quatro horas por dia**.

Na realidade, **as ruas estavam fervendo de gente**. Bem abaixo de nós, dois homens investiam um contra o outro no mesmo trecho de calçada; um instante depois, um passou através do outro. O mesmo acontecia dentro das fábricas que zumbiam e nos edifícios de escritórios – onde eu podia enxergar com a mesma facilidade com que enxergava nas ruas: gente demais nas máquinas e sentada às mesas. Um homem de cabelos grisalhos ocupava uma cadeira dentro de um cômodo, ditando uma carta num cilindro que girava. Um outro indivíduo, talvez dez anos mais velho, de pé, atrás do primeiro nem uma polegada afastado, permanecia tentando agarrar o tubo condutor de fala, até que pudesse arrebatá-lo da mão do primeiro.

“Não!”, dizia ele, “se você pedir cem dúzias eles cobrarão mais. Peça mil dúzias de uma vez. Pierce teria arranjado um negócio melhor. Por que você mandou o Bill naquela tarefa com a Treadwell?”

Prosseguiram corrigindo, dando ordens, enquanto o homem da cadeira parecia nem mesmo vê-lo ou ouvi-lo.

Notei esse fenômeno repetidamente: gente alheia aos que estavam bem ao lado. Observei um grupo de trabalhadores do tipo congregação reunidos em torno de uma cantina onde serviam café. Uma das mulheres pediu um cigarro a uma outra – na realidade, ela suplicou, já que era aquilo que desejava mais do que qualquer outra coisa no mundo. A outra, todavia, ignorava-a, enquanto tagarelava com seus amigos. Pegou um maço de cigarros no seu manto e, sem ao menos oferecer um cigarro àquela que lhe estendia a mão tão ansiosamente, tirou um e acendeu-o. Rápida como uma cobra armando o bote, a mulher que não obtivera o cigarro agarrou o que estava aceso na boca da outra. Novamente, tentou segurá-lo.

E, novamente…

Com um discreto arrepio, compreendi que ela era incapaz de retê-lo.

Pensei naquele cabo, no posto telefônico e no lençol sobre a cama do hospital. Lembrei de mim mesmo gritando para um homem que nunca retornou para me olhar. E, então, evoquei aquela gente, ali, **naquela cidade**, em vão tentando atrair atenções e caminhando pelo passeio sem ocupar espaço. **Esses indivíduos estavam,**

claramente, no mesmo apuro de falta de substância em que me achava.

Na realidade, estavam mortos como eu.

Mas, era tudo tão diverso do que eu sempre imaginava ser a morte. Pude observar uma mulher, de talvez cinquenta anos, seguindo, rua abaixo, um homem de mais ou menos a mesma idade. Ela parecia muitíssimo viva, agitada e chorosa, e o homem a quem ela se dirigia enfaticamente sequer registrava sua existência.

"Você não tem dormido o suficiente. Marjorie exige muito de você. E você sabe que nunca será forte. Por que não está usando um cachecol? Você jamais deveria ter se casado com uma mulher que não pensa senão em si mesma". Havia mais, muito mais... concluí que ela era a mãe dele, a despeito de parecerem ter quase a mesma idade. Há quanto tempo estaria ela seguindo-o dessa maneira? Era a isso que a morte se assemelhava?... **Estar permanentemente invisível aos viventes, embora sempre e inteiramente absorto em negócios?**

"Não acumuleis tesouros na Terra. Porque, onde o vosso tesouro estiver, ali estará também o vosso coração!" Eu jamais fora bem na memorização das Escrituras, mas aquelas **palavras de Jesus, durante o Sermão no Monte**, pularam da minha

> mente, como um choque elétrico. Era possível que toda aquela gente sem solidez – o homem de negócios, a mulher que implorava cigarros, aquela mãe – conquanto não mais podendo entrar em contato com a Terra, ainda tivessem por lá os seus afetos. E eu?... Teria os meus?... Meio aterrorizado, pensei naquela insígnia de Escoteiro-Águia, na inscrição do anel, no ingresso da Escola Médica... Estaria meu coração centralizado em coisas como essas, ele que é o centro do meu ser? ([309])

Não seria essa cidade uma construção de matéria fluídica, na qual os Espíritos apegados às coisas terrenas continuam agir como se vivos fossem, muitos dos quais, em busca de realizar seus desejos íntimos, ainda ligados à influência da carne?

Há algo bem curioso neste seguinte trecho:

> Com a rapidez do pensamento, **viajáramos de cidade a cidade, por lugares aparentemente familiares,** até mesmo pelos Estados Unidos e – possivelmente – pelo Canadá, **regiões da Terra que eu já conhecia, salvo pelos milhares de seres não físicos que, agora, eu observava ocuparem também aquele espaço "normal".**

Dentro de uma casa, um homem era seguido, cômodo após cômodo, por um outro, mais moço, que repetia: “Desculpe, pai! Eu não sabia o que aquilo ia causar à mamãe. Eu não compreendia”. Porém, **era óbvio que o interlocutor não podia escutá-lo, embora eu pudesse ouvi-lo claramente.** O senhor estava levando uma bandeja para um quarto onde uma mulher idosa permanecia sentada sobre uma cama.

“Desculpe, pai”, o jovem continuava, “lamento, mamãe.”

E aquilo prosseguia, num modo contínuo, uma vez em cima da outra, dito a ouvidos que não podiam ouvir.

Sentindo-me frustrado, virei-me para a claridade ao meu lado. Mas, conquanto experimentasse a Sua compaixão inundando-me como uma torrente, não alcancei nenhuma compreensão.

Por diversas vezes, **detivemo-nos ante cenas semelhantes.** Aqui, era um rapaz que ia nas pegadas de uma adolescente, pelos corredores de um colégio, repetindo: “Desculpe, Nancy!” Mais adiante, eram as súplicas de perdão que uma mulher de meia idade dirigia a um homem de cabelos grisalhos.

“Por que, Jesus, eles estão tão tristes?”, indaguei, meio suplicante. “Por que ficam falando com gente inapta a ouvi-los?”

E, então, o pensamento se fez sentir, vindo da Presença: *São suicidas, agrilhoados a cada consequência do ato cometido*.

Embora sabendo que isso provinha dele, não de mim, tal ideia encheu-me de assombro, porque não mais presenciei cenas como aquelas. Contudo, eu havia apreendido a verdade que Ele me ensinava.

Aos poucos, comecei a reparar em algo mais. Todas as pessoas vivas que nós estávamos observando traziam em torno de si mesmas uma pálida luminescência, semelhante a um campo elétrico que sobrepairava à superfície de seus corpos. Tal luminosidade acompanhava-as em seus movimentos, como se fosse uma segunda pele, feita de luz pálida e quase imperceptível.

De início, pensei que se tratasse de um reflexo do brilho da Pessoa que permanecia ao meu lado. Todavia, não notava reflexo nenhum, por exemplo – nos edifícios em que entrávamos, nem nos objetos inanimados. **Percebi que tampouco era observável nos seres não-físicos**. Via, agora, que nem o meu próprio corpo possuía aquela espata esmaecida.

Estávamos assim, quando a luz conduziu-me para dentro de um bar churrascaria sujo, perto do que parecia ser uma grande base naval. Uma porção de pessoas, marinheiros – em

sua maioria –, fazia uma fila de dar voltas, dentro do estabelecimento, enquanto outras socavam as botas de madeira na parede. Alguns poucos tomavam cerveja, mas a maior parte parecia entornar uísque tão rápido quanto rápidos pudessem ser os dois suados garçons.

Observei, então, uma coisa chocante. Uma parte dos homens que estavam de pé dentro do bar pareciam incapazes de levar os drinques até aos lábios. Seguidamente, tentavam agarrar as doses ao alcance da mão; estas, porém, passavam através das canecas, do balcão de madeira de lei e, até mesmo, dos braços e corpos dos beberrões à volta deles.

Faltava a cada um desses indivíduos a auréola de luz que circundava os outros.

O casulo de luz deve, nestes termos, ser propriedade exclusiva de corpos físicos. Os mortos – nós que perdemos a solidez – haviam perdido também aquela "segunda pele". E era óbvio que os vivos – cercados de luz, os que na realidade estavam bebendo, falando, empurrando-se mutuamente – **não podiam nem ver os desencarnados em sede desesperadora, no meio deles**, nem sentir-lhes o empurra-empurra frenético para chegar até àqueles copos. Embora

> também me fosse claro, eu estava vendo, que a gente não-sólida podia, a um só tempo, ver e ouvir uns aos outros. Entre eles, irrompiam, constantemente, discussões furiosas a respeito de copos que ninguém podia realmente levar aos lábios. ([310])

A percepção da diferença entre encarnados e desencarnados é bem curiosa e, ao que parece, até a ciência confirma isso.

Essa luminosidade, percebida pelo Dr. George G. Ritchie, pode ser corroborada nestas duas obras da Codificação:

1ª) Em ***A Gênese***, capítulo “XIV – Os fluidos”, no item 18, lemos:

> **Sendo apenas Espíritos encarnados, os homens têm uma parcela da vida espiritual**, visto que vivem dessa vida tanto quanto da vida corpórea; primeiramente durante o sono e, muitas vezes, no estado de vigília. **Ao encarnar, o Espírito conserva o seu perispírito**, com as qualidades que lhe são próprias, e que, como se sabe, **não fica circunscrito pelo corpo, mas irradia à sua volta e o**

> **envolve como que de uma atmosfera fluídica**. ([311])

2ª) Da obra ***O Céu e o Inferno***, capítulo "Espíritos sofredores", caso Claire, destacamos esta explicação, possivelmente de São Luís:

> "Por sua natureza, **o perispírito possui uma propriedade luminosa** que se desenvolve sob o influxo da atividade e das qualidades da alma. Poder-se-ia dizer que essas qualidades estão para o fluido perispirítico como a fricção para o fósforo. **A intensidade da luz é diretamente proporcional à pureza do Espírito**, de sorte que as menores imperfeições morais a atenuam e enfraquecem. **A luz irradiada por um Espírito será tanto mais viva quanto maior for o seu adiantamento**. [...]." ([312])

Portanto, aqui, nesses dois textos, temos a confirmação clara e objetiva sobre a existência da luminosidade que se vê em volta do corpo dos encarnados. Sabemos que a sua origem reside no perispírito, pois "*o Espírito não se acha encerrado no corpo como numa caixa;* ***erradia por todos os***

lados” ([313]).

No portal ***GBC***, agência de notícias de Canoas (RS), em 21.05.2025, foi postado o artigo “Estudo revela que pessoas emitem luz que apaga ao morrer; entenda a descoberta”, assinado pelo assistente de redação Josué Garcia. Por oportuno, transcrevemos o seguinte trecho:



Estuda mostra que seres vios emitem luz (foto: reprodução)

> Imagine que, enquanto estamos vivos, nossos corpos emitem uma luz – mas essa luz é invisível ao olho humano. Parece ficção científica, mas é uma realidade científica descoberta por pesquisadores da Universidade de Osaka, no Japão.
>
> A **pesquisa** revelou que, durante a vida, nosso corpo emite uma quantidade extremamente pequena de luz, que se apaga assim que a morte ocorre. Mas o que isso significa e como os cientistas chegaram a essa conclusão? Vamos entender!

Como os cientistas descobriram a luz emitida pelo corpo humano?

O estudo publicado em 2009 na P*LoS One* foi conduzido por uma equipe de cientistas da Universidade de Osaka, liderada por Masaki Kobayashi. Eles usaram câmeras de alta sensibilidade para detectar a emissão de fótons (partículas de luz) que ocorre de forma invisível no corpo humano. Essas câmeras são capazes de captar luz infravermelha, um tipo de radiação que não é visível aos nossos olhos.

O mais intrigante dessa descoberta foi que os pesquisadores perceberam que essa luz diminui de intensidade ao longo do tempo e desaparece completamente no momento da morte. Ou seja, a luz que o corpo emite durante a vida se apaga quando os processos biológicos essenciais cessam.

O estudo completo, intitulado ***Imaging of Ultraweak Spontaneous Photon Emission from Human Body Displaying Diurnal Rhythm***, pode ser lido no *PLoS One*.

O que a luz do corpo humano significa?

Durante o estudo, os cientistas identificaram que as células do nosso corpo geram pequenas quantidades de energia, sob a forma de fótons, enquanto realizam processos metabólicos e reações químicas. Esses fótons, conhecidos como fótons

ultrafracos, são constantemente liberados, criando a luz invisível que os pesquisadores conseguiram detectar.

Embora a quantidade de luz emitida seja extremamente fraca – cerca de mil vezes menor do que a sensibilidade do olho humano – tecnologias especializadas conseguem captá-la. Essa luz não possui explicação mística ou sobrenatural. Ela resulta simplesmente dos processos bioquímicos e celulares que acontecem em nosso corpo.

O impacto da morte na luz do corpo

O aspecto mais fascinante dessa pesquisa é o comportamento da luz no momento da morte. Quando uma pessoa falece, seus processos biológicos param de funcionar. Sem a atividade metabólica nas células, a emissão de luz também cessa. Assim, os cientistas chegaram à conclusão de que a luz do corpo humano se apaga quando a vida se vai.

Essa descoberta trouxe uma nova perspectiva sobre a biologia humana e a energia vital. Em vez de associar a "luz" à ideia de uma alma ou fenômeno espiritual, o estudo sugere que a luz é, na verdade, um reflexo dos processos químicos que ocorrem enquanto estamos vivos. ([314]) (grifo do original)

Essa confirmação, quanto à luminosidade do corpo físico dos vivos, é algo fantástico.

3ª) **Bill e Judy Guggenheim** autores da obra ***Um Alô do Céu: Um Vasto Campo de Pesquisa, Comunicação Pós-morte, Confirma a Vida e o Amor São Eternos*** (1995), onde relatam o resultado de suas pesquisas com 2000 pessoas, entre homens, mulheres e crianças.

> Algumas pessoas que tiveram uma experiência de quase-morte demorada ou que exploraram **o Além** durante algumas experiências fora do corpo relatam que este **é composto por um número ilimitado de graduações sutis de nível**. Aparentemente, se estende dos **reinos mais altos, brilhantes e celestiais, repletos de amor e luz, passando pelos níveis médio, mais cinzentos ou escuros, até os mundos inferiores, praticamente desprovidos de luz, amor ou calor emocional**.
>
> Esses reinos podem ser entendidos como níveis de consciência ou níveis de amor, ou seja, o "cenário" exterior correspondente à consciência espiritual ou à habilidade de amar por parte dos habitantes locais. Aqueles que amam realmente a Deus e buscam servir ao próximo, habitam os níveis

mais altos e claros, repletos de beleza indescritível, enquanto os outros que são egoístas e autocentrados se condenam, ao menos temporariamente, às regiões baixas e escuras.

[...].

Como é o paraíso? De acordo com alguns relatos de EQMs e de outras fontes, faltam palavras adequadas para descrever a beleza, a alegria, o amor, a harmonia, a luz e o elevado sentimento de vida no reino paradisíaco. **As comunidades incluem cidades magníficas e belos campos. As flores, as plantas e as árvores têm cores e uma vibração além de quaisquer outras existentes na Terra**. Por todos os lados, **água faiscante e refrescante, cantar de pássaros, música cativante e borboletas voando por todo o lado. Até mesmo os animais de estimação**, a quem amamos, estarão esperando por nós.

Embora os recém-chegados possam descansar tanto quanto quiserem após a transição, o local fervilha de atividades objetivas. **Existem edifícios majestosos de arquitetura graciosa, escolas de aprendizagem, bibliotecas, alojamentos para cura, centros espirituais de toda espécie e muito mais**. Os habitantes valorizam muito o conhecimento e são incentivados a estudar temas de própria

escolha, que englobam virtualmente todos os assuntos, mas os favoritos são: artes, músicas, natureza, ciências, medicina e todo tipo de estudos espirituais, os quais, por sua vez, devem ser passados adiante, por meio de inspiração, aos que ainda habitam no planeta.

As almas evoluem espiritualmente, aspiram avançar até níveis mais altos de consciência. Lá, como aqui, o crescimento espiritual é alcançado com maior rapidez por meio do serviço ao próximo. Os residentes, sob a experiente orientação de professores e mestres muito evoluídos, escolhem sua própria forma de servir e recebem extenso treinamento. Muitos escolhem, por compaixão, ajudar os moradores dos reinos menos elevados, incluindo os mais baixos e mais escuros.

Ninguém, não importa a crueldade ou maldade do crime aqui cometido, jamais é esquecido ou desamparado. No instante em que alguém sente remorso sincero por ter prejudicado outrem ou demonstra um mínimo de consciência espiritual, assistência imediata e encorajamento são dispensados para ajudar aquele espírito a se mover adiante e a começar a árdua ascensão aos níveis superiores da vida após a morte. Entretanto, este alguém deve estar disposto a aceitar plena responsabilidade pessoal por toda a mágoa, toda a dor e sofrimento que ele ou

> ela possa ter causado, o que, aparentemente, é um processo extremamente doloroso do ponto de vista emocional, mental ou espiritual. ([315])

É impressionante a semelhança do que encontramos nas obras de André Luiz e que, também, são confirmadas por outras fontes, como as que aqui estamos apresentando.

Estes pesquisadores – Moody e Bill & Judy –, estão, na verdade, consolidando cientificamente, tudo ou quase tudo, que hoje já sabemos do mundo espiritual.

4ª) **Dr Jeffrey Long** teve suas pesquisas relatadas na obra ***Evidência da Vida Após a Morte*** (1998) pelo produtor de documentários Paul Perry.

Vejamos o resultado da pesquisa realizada pelo *Near Death Experience Research Foundation – NDERF* (Fundação de Pesquisas sobre a Experiência de quase Morte), criada pelo Dr. Jeffrey Long, em 1998, conforme informa nessa sua obra.

Aliás, dos 12 elementos que, segundo sua opinião, caracterizam uma EQM, um deles se refere a

Encontro de planos sobrenaturais (“celestiais”).

Relatando esse item, proveniente de pesquisa com 613 indivíduos, escreve o Dr. Jeffrey Long:

> 9. Encontro de planos sobrenaturais (“celestiais”).
>
> Bem, o final daquele túnel era um lugar de absoluta paz; era além da minha imaginação, puro, sereno e amoroso.
>
> **A paisagem era linda, céu azul, colinas ondulantes, flores**. Tudo era repleto de luz, como se fosse iluminado de dentro para fora, e irradiava luz, não a refletia.
>
> Havia tamanha beleza, beleza para além do que se pode expressar. **Também havia uma cidade brilhante, ou algo semelhante a uma cidade na distância**. As cores e estruturas de tudo [eram] lindas... impressionantes.
>
> A toda minha volta, pude ver e sentir uma bela paz e tranquilidade com amor e serenidade... Até onde a vista podia alcançar à minha esquerda **havia uma linda paisagem de tulipas de todas as cores imagináveis**. À minha esquerda **havia uma parede de um bonito azul** que combinava com o céu.
>
> Não tenho como descrever **o som**

> **daquela música** em palavras porque simplesmente não pode ser ouvida com aquela clareza neste mundo! As cores eram deste mundo – tão profundas, tão luminosas, tão lindas!
>
> A pesquisa da NDERF perguntou: “Você viu ou visitou algum local, plano ou dimensão bonitos ou, de algum outro modo, distintos?” **Para essa pergunta, 40,6% das pessoas que passaram por uma EQM escolheram “Sim”**. Fazendo essa pergunta de maneira mais generalizada, a pesquisa da NDERF indagou: “Você pareceu entrar em algum outro mundo sobrenatural?” **A essa pergunta, 52,2% das pessoas que passaram por uma EQM responderam que encontram um plano sobrenatural**. ([316])

É bem significativo o volume de especificações – caracterizado por esses percentuais apresentados –, de coisas materiais no mundo espiritual descritas pelos que passaram por uma EQM.

5ª) O psicólogo **Admir Serrano**, na obra ***Os Que Voltaram Para Contar*** (2017), apresenta vários relatos de EQMs, dos quais citaremos:

> George compreendeu por que o Filho de

Deus lhe mostrava aquele lado macabro da vida após a morte. Dependendo do curso que o jovem soldado tomasse em sua vida terrena, um desses poderia ser seu destino após deixá-la por ocasião da morte física. Mas haveria outras opções mais alegres. **George sentiu-se voar em uma velocidade estonteante**, e logo teve a impressão de haver entrado em uma outra dimensão. Tão logo a velocidade diminuiu, **avistou uma imensa cidade iluminada**.

Aproximaram-se de uma região repleta de imensos edifícios, um lugar permeado de uma atmosfera de harmonia e paz. Nesses edifícios funcionavam colégios, universidades, laboratórios, bibliotecas com uma infinita quantidade de livros que contavam a história do universo. Pessoas vestidas em túnicas brancas caminhavam absortas, outras trabalhavam com diligência em seus afazeres. **Eram estudiosos, cientistas e mestres que haviam avançado em suas jornadas evolutivas e agora contribuíam para o avanço da humanidade, tanto encarnada como desencarnada**.

Nos arredores, havia jardins e parques de beleza inefável. **George ganhou altitude e do alto viu que se tratava de uma imensa e gloriosa cidade espiritual**. Um lugar habitado por seres. que progrediram tanto intelectual como moral e

> espiritualmente. Era como se o Filho de Deus lhe perguntasse: “George, em qual dos lugares que lhe mostrei você seria mais feliz?” ([317])

Serrano é expositor e trabalhador espírita. O personagem citado é George Ritchie, M. D. ao qual o Dr. Raymond A. Moody dedicou o seu livro *A Vida Depois da Vida*.

6ª) Ainda, dentro do campo das EQMs, apresentamos, para finalizar este item, uma experiência pessoal, relatada por um cético neurocirurgião. Ao que nos parece, ele irá embrenhar-se no tema, tornando-se mais um pesquisador.

Trata-se do Dr. **Eben Alexander III**, natural de Charlotte, Carolina do Norte, EUA, que era totalmente cético quanto à realidade das EQMs, até que sofreu, na própria pele, uma experiência, quando, em novembro de 2008, foi vítima de uma meningite, provocada pela bactéria *Escherichia coli*, que, além de o deixar de cama em um hospital, o levou ao estado de coma durante sete dias.

Em seu livro ***Uma Prova do Céu*** (2012), ele conta o que lhe ocorreu e o que viveu no estado de coma. Vejamos alguns trechos interessantes do capítulo 5, intitulado “Mundo subterrâneo”:

> Escuridão, mas uma escuridão visível – como estar submerso na lama, mas ainda assim poder ver através dela. Gelatina escura talvez seja a melhor descrição: transparente, mas turva, embaçada, claustrofóbica e sufocante.
>
> [...].
>
> Eu não tinha um corpo – nenhum de que me lembrasse de alguma maneira. **Eu apenas estava... lá, naquele lugar de escuridão massacrante e pulsante.** Na ocasião, eu podia ser chamado de “ser primordial”. Mas na hora em que tudo estava acontecendo, não conhecia essa expressão. Na verdade, eu não conhecia palavra alguma. [...].
>
> **Há quanto tempo habito este mundo**? Não tenho ideia. Quando se está num lugar onde não há noção de tempo da maneira como o experimentamos, descrever com precisão o que se sente é quase impossível. Quando estava acontecendo, quando eu estava lá, me sentia como se sempre tivesse estado naquele lugar e sempre continuaria a estar. E isso não me

preocupava. [...] Não me lembro de refletir se devia ou não sobreviver, e minha indiferença quanto a isso me proporcionou uma sensação de força. Eu não tinha pista alguma sobre as regras que governavam aquele mundo, mas também não estava com pressa de aprendê-las. Afinal, por que me preocupar?

Não sei dizer exatamente quando aconteceu, mas em certo momento **tomei consciência de alguns objetos que me rodeavam**. Eles se assemelhavam a pequenas raízes, ou a vasos sanguíneos em um grande útero lamacento. Com uma coloração vermelha, escura e brilhante, eles desciam de algum lugar muito lá em cima em direção a outro lugar igualmente distante lá embaixo. Olhar para essas coisas era como ser uma toupeira ou uma minhoca no fundo da terra e, de alguma forma, ser capaz de enxergar o intricado complexo de raízes e árvores à volta.

Essa é a razão pela qual, ao pensar sobre aquele lugar mais tarde, passei a chamá-lo de Região do Ponto de Vista da Minhoca. Durante um bom tempo, suspeitei de que aquilo poderia ser algum tipo de lembrança do que meu cérebro sentiu no momento em que as bactérias o invadiam.

[...].

Quanto mais tempo ficava ali, menos confortável me sentia. No começo, eu

estava tão imerso que não havia diferença entre “mim” e o elemento meio repulsivo e ligeiramente familiar que me rodeava. Mas, aos poucos, essa sensação de imersão profunda, atemporal e sem fronteiras deu lugar a outra coisa: o sentimento de que eu não fazia parte daquele mundo subterrâneo, embora estivesse dentro dele.

Caras grotescas de animais borbulhavam na lama, grunhiam, guinchavam e desapareciam de novo. Escutei urros medonhos. Algumas vezes, esses urros e grunhidos davam lugar a cânticos rítmicos e obscuros que eram, ao mesmo tempo, assustadores e curiosamente conhecidos – como se em algum momento eu mesmo os tivesse cantado.

Como não havia nenhuma lembrança da existência anterior, meu tempo naquela região se estendia indefinidamente. Meses? Anos? A eternidade? Qualquer que fosse a resposta, cheguei a um ponto em que a sensação rastejante suplantou a sensação de familiaridade. Quanto mais me sentia com um eu – **como alguma coisa separada do ambiente frio, úmido e escuro à minha volta –, mais os rostos que borbulhavam na massa pegajosa se tornavam feios e ameaçadores**. As batidas ritmadas do ferreiro também ficaram mais intensas: pareciam britadeiras de trabalhadores subterrâneos, tipo ogros, executando uma tarefa interminável e

> massacrantemente monótona. O movimento à minha volta se tornou menos visual e mais palpável, como se **criaturas parecidas com vermes e répteis estivessem passando em bandos** e de vez em quando esfregassem suas peles macias ou espinhosas em mim.
>
> Foi então que **tomei consciência de um odor: era uma mistura de cheiro de fezes, sangue e vômito**. Em outras palavras, um cheiro biológico, porém de morte, não de vida. À medida que minha consciência se aguçava, eu me aproximada mais do pânico. Eu não pertencia àquele lugar. Precisava escapar. ([318])

As descrições feitas pelo Dr. Eben Alexander nos lembraram alguma coisa do que se vê nas obras de André Luiz, especialmente, em *Nosso Lar*.

Avancemos para o capítulo 7, cujo título é “A melodia giratória e o mundo novo”, em que lemos:

> Alguma coisa apareceu no escuro. Movendo-se lentamente, ela irradiava uma luz dourada e, à medida que avançava, a escuridão à minha volta começava a se fragmentar e dissipar.
>
> Então escutei um novo som: um som vivo, como a mais rica e complexa melodia

que já tinha ouvido. Aumentando de volume **enquanto uma diáfana luz branca descia**, esse som anulou as batidas mecânicas e maçantes que, aparentemente, havia sido a minha única companhia até então.

A luz foi chegando cada vez mais perto, girando em torno de mim, produzindo filamentos de pura luz branca com raias douradas.

Então, no centro da luz, apareceu outra coisa. Eu me concentrei ao máximo para descobrir o que era.

Uma abertura. Eu não estava mais olhando para a luz giratória, mas através dela.

No instante que compreendi isso, comecei a me mover. Eu ouvia um som sibilante. **Quando atravessei a abertura, me vi em um mundo inteiramente novo. O mundo mais belo e estranho que eu já tinha visto**.

Brilhante, vibrante, arrebatador, maravilhoso... **Eu poderia amontoar adjetivos, um após outro, para tentar descrever esse mundo**, mas nada do que dissesse poderia traduzir o que eu via e sentia. Era como se eu tivesse acabado de nascer. Não renascer, ou nascer de novo. Apenas... nascer.

Embaixo de mim havia uma campina.

Ela era verde, exuberante e parecia feita de terra. Era de terra... mas ao mesmo tempo não era. Minha sensação era a mesma que se tem ao avistar algum lugar a que costumávamos ir quando crianças. [...].

Eu estava voando. **Passei por árvores e campos, rios e cachoeiras, e avistei pessoas aqui e ali. Também havia crianças rindo e brincando**. Todos cantavam e dançavam em círculos, e **vi até cachorros correndo e saltando entre elas**, igualmente tomados de alegria. **As pessoas vestiam roupas simples**, mas bonitas, e tive a impressão de que as cores dessas vestimentas tinha o mesmo tom vívido das **árvores e das flores que desabrochavam** e encantavam todo o campo ao redor.

Um mundo de sonhos belo e incrível...

Só que não era um sonho. Embora não soubesse onde me encontrava e nem mesmo o que era aquilo tudo, eu estava convicto de uma coisa: esse lugar em que de repente me vi era completamente real. ([319])

Ao final desse capítulo, arremata categórico:

[...] sei a diferença entre a fantasia e a realidade, e posso assegurar que a experiência que estou tentando transmitir

> aqui, ainda de que forma vaga e insatisfatória, foi de longe a experiência mais real da minha vida. ([320])

No Prólogo dessa obra, explica-se:

> [...] as conclusões são baseadas em uma análise médica da minha experiência e na minha familiaridade com os conceitos mais avançados da neurociência e dos estudos da consciência. ([321])

A repercussão dessa sua primeira obra foi tão grande, junto ao público, que pessoas, que passaram por semelhante experiência, enviaram-lhe seus depoimentos. Isso resultou em outra obra, que recebeu o título de ***Mapa do Céu*** (2014), de onde transcrevemos:

> [...] **O céu não é uma abstração**; não é um sonho inventado a partir de um desejo ilusório. **É um lugar tão real** quanto o quarto, o avião, a praia ou a biblioteca em que você está agora. **Ele tem objetos. Árvores, campos, pessoas, animais e até mesmo – se dermos ouvidos ao livro Apocalipse, ao visionário persa do século XII Suhrawardi, ou ao filósofo e**

> **místico árabe do século XII Ibn 'Arabi – cidades de verdades.** Mas as regras de como as coisas funcionam lá – as "leis físicas do céu", digamos assim – são diferentes das nossas. [...]. ([322])
>
> [...] Em seus estágios iniciais, **esses mundos estão repletos das coisas que conhecemos na Terra**, só que mais ricas e estranhamente novas. Ao olhar para **as flores no plano superior**, elas pareciam desabrochar repetidas vezes. Como as flores – que têm um clico tão definido, de desabrochar, murchar e morrer – podem viver em um constante desabrochar? Elas não podem neste nosso plano terreno, onde estão imersas no tempo linear. Aqui, as flores vivem seu ciclo, assim como os seres humanos. [...]. ([323])

Interessante é ver Dr. Eben Alexander mencionar outras pessoas que mencionam as cidades no mundo espiritual.

Provavelmente muitas pessoas tomam as informações dos místicos e visionários como imaginação fértil; entretanto, pelo que vimos até aqui, imaginação fértil tem é quem não acredita nessas pessoas.

4.2 Nas EFCs as construções são também mencionadas

"EFC" são as palavras iniciais da expressão **E**xperiências **F**ora do **C**orpo, que significa a mesma coisa que desdobramento, termo mais comum que se designa esse fenômeno.

Embora a informação é de publicação na Internet, mas, no caso em questão, a fonte é confiável, pois o os pesquisadores **Victor e Wendy Zammit**, de Sydney, na Austrália, pesquisam evidências objetivas e científicas da vida após a morte há mais de 26 anos.

No site ***Afterlife Evidence***, em que divulgam seu trabalho, está em destaque: "*Um milhão de dólares é oferecido a qualquer cético mente fechada que podem refutar as provas existentes para a vida após a morte.*" ([324]) Isso já tem 20 anos, até hoje ninguém consegui levar essa grana.

Transcrevemos do site usando o Google Tradutor:

> EXPERIENCIADORES FORA DO CORPO CONCORDAM QUE NÓS VAMOS PARA UM

MUNDO REAL



Por mais de quarenta anos Jurgen Ziewe tem tido experiências fora do corpo em plena consciência e corroborando essas experiências com outros exploradores regulares de OBE. ([325])

> “O ponto mais importante a fazer é que quando morremos, mantemos corpos reais, somos recebidos por pessoas reais. Estamos sendo introduzidos em novos mundos reais com verdadeiros jardins, casas, parques, lagos e rios, cidades e edifícios e tudo mais que nós estão acostumados a partir desta terra, embora frequentemente muito mais rico, mais profuso e mais grandioso. Se qualquer coisa nosso novo mundo fará a nossa vida passada parecer um sonho distante.” Jurgen Ziewe ([326]) ([327])

O link, que consta no nome do autor, aponta para seu livro *Multidimensional Man* (2008), que também publicou estes outros títulos: *New Territories: The Computer Visions of Jurgen Ziewe, The Ten Minute Moment e Vistas of Infinity – How to*

Enjoy Life When You Are Dead.

Isoladas essas informações de Jurgem Ziewe poderiam não ter grande valor, mas diante das que também surgem nas EQMs, não vemos motivo plausível para contestá-las.

Veja-se, no quadro a seguir, a lista das fontes que foram utilizadas nessa nossa pesquisa – estudiosos, pesquisadores, depoimentos pessoais, médiuns e psicografias:

Personagens	**Localidade** (1)
Estudiosos/Pesquisadores	
1. Robert Dale Owen (2)	Indiana – EUA
2. Léon Denis	Tours – França
3. Edward C. Randall	New York – EUA
4. James Hervey Hyslop (3)	New Jersey – EUA
5. Sir Oliver Lodge	Londres – Inglaterra
6. Arthur Conan Doyle	Crowborough – Inglaterra
7. Ernesto Bozzano	Gênova – Itália
8. James Arthur Findlay	Glasgow – Escócia
9. Cairbar Schutel	Matão, SP – Brasil
10. Pe. François Brune	Vernon, Eure – França.

11. José Herculano Pires	São Paulo, SP – Brasil
12. Richard Simonetti	Bauru, SP – Brasil
Pesquisadores e relatos pessoais de EQMs e EFCs	
1. Antoinette Bourdin	Genebra – Suíça
2. Raymond A. Moody	Las Vegas, Nevada – EUA
3. Dr. George G. Ritchie	Charlottesville, Virgínia – EUA
4. Bill e Judy Guggenheim	Long Island (New York), New Jersy – EUA
5. Dr. Jeffrey Long	Houma, Louisiana – EUA
6. Dr. Eben Alexander III	Charlotte, Carolina do Norte – EUA
7. Admir Serrano	Miami – EUA
8. Victor e Wandy Zammit	Sydney – Austrália
Experiência de Médiuns	
1. Yvonne A. Pereira (4)	Rio de Janeiro, RJ – Brasil
2. Rev. G. Vale Owen	Birmingham – Inglaterra
3. Emanuel Swedenborg	Estocolmo – Suécia
4. Andrew Jackson Davis	Boston – EUA
5. Chico Xavier	Uberaba, MG – Brasil
6. Heigorina Cunha	Sacramento, MG – Brasil
7. Vânia Arantes Damo	Palmelo, GO – Brasil
8. Sadhu Sundar Singh	Sem residência fixa – Índia
9. James Van Praagh	Los Angeles – EUA

10. Sylvia Browne	Kansas City, Missouri – EUA
11. Joy Snell	Londres – Inglaterra
12. E. B. Duffey (3)	Nova Jersey – EUA
13. Gladys O. Leonard	Lancaster – Inglaterra
Comunicação telepática e psicografias	
1. Elizabeth Singer Rowe	Frome – Inglaterra
2. Elza Barker (“X”)	Londres – Inglaterra
3. Lilian Walbrook (Lester Coltman)	Londres – Inglaterra
4. Anna Wickland (Dezessete Espíritos)	Los Angelis – EUA
5. Hester Travers Smith (Johannes)	Londres – Inglaterra
6. Jozef Rulof (Alcar)	Holanda – Países Baixos
7. Chico Xavier (Maria João de Deus)	Pedro Leopoldo, MG – Brasil
8. Francisco V. Lorenz (Roberto Stern)	Dom Feliciano, RS – Brasil
9. José dos Santos Junior (Eurípedes Barsanulfo)	São Paulo, SP – Brasil
10. Anthony Borgia (Mons. Robert Benson)	Londres – Inglaterra
11. Helen Greaves (Roger)	? – Reino Unido

12. Ruth Montgomery (Arthur Ford)	Flórida – EUA (†)
13. Divaldo Franco (Joanna de Ângelis)	Feira de Santana, BA – Brasil
14. João Nunes Maia (Miramez)	Belo Horizonte, MG – Brasil
15. Abel Glaser (5) (Cairbar Schutel)	São Paulo, SP – Brasil
16. Wanda Canutti (Eça de Queirós)	Araraquara, SP – Brasil
17. Nelson Moraes (Zílio)	São Paulo, SP – Brasil
18. Gilson Freire (Adamastor)	Belo Horizonte, MG – Brasil
19. Wagner da Paixão (João Lúcio)	Belo Horizonte, MG – Brasil
20. Emanuel Cristiano (Nora)	Campinas, SP – Brasil
21. Rafael de Figueiredo (Frei Felipe)	São Leopoldo, RS – Brasil
22. José Araújo (Luís Felipe)	Blumenau, SC – Brasil
23. Orlando Noronha Carneiro (Abelha)	Osasco, SP – Brasil

(1) Residência/trabalho: dentro do que pudemos levantar, pode ser que as cidades não sejam exatamente as mencionadas, os países, estes, sim, podem ser considerados.

(2) Todos os nomes em células sombreadas têm obras publicadas antes de 1944, data da primeira edição de *Nosso Lar*.

(3) Médiuns citados por Ernesto Bozzano em *A Crise da Morte*.

(4) Com base em *Memórias de um Suicida*, psicografado em 1926.

(5) Coordenador do grupo de oito médiuns que psicografaram mensagens de Cairbar Schutel.

Como se vê, temos vários pesquisadores /estudiosos e médiuns psicógrafos de várias cidades e países, entre eles alguns médiuns mecânicos, engrossando o leque de informações acerca das colônias no mundo espiritual. Julgamos que tudo isso atende ao "*Controle Universal do Ensino dos Espíritos*" proposto por Allan Kardec, ainda que os envolvidos não estejam todos na condição de desencarnados.

4. Conclusão

Quanto mais nós ampliarmos a nossa pesquisa sobre o tema do presente ebook, mais coisas encontraremos que, somadas, formam um conjunto de revelações que só será contestado pelos “pesquisadores de superfície” e os que por puro orgulho se julgam mais “sábios” que todo mundo, razão pela qual dificilmente mudam de opinião, ainda que seja vista, pelo público estudioso e pesquisador do Espiritismo, como ridícula.

A grande parte dos que não aceitam as construções no mundo espiritual têm como ponto de partida a menção delas nas obras ditadas pelo Espírito André Luiz. Tudo nos leva a crer que se apoiam em uma pesquisa de superfície, caso contrário teriam visto inúmeras fontes anteriores que falam disso.

Em nossa pesquisa conseguimos elencar estas 27 fontes que, visando uma melhor visualização, listamos neste quadro resumo:

Construções no mundo Espiritual

(Fontes anteriores a André Luiz → 1944)

A primeira obra psicografada por Chico Xavier que identificamos com referências a construções no mundo espiritual é ***Cartas de Uma Morta*** (1935). Mas antes dela existem outras, conforme se poderá ver nesta lista. (# = data provável)

Ord/data	Autor / título da obra
01) 1728	Elizabeth S. Rowe, *Amizade Depois da Morte*
02) 1758	Emanuel Swedenborg, *História do Espiritismo*
03) 1847 #	Andrew J. Davis, *História do Espiritismo*
04) 1874	Antoinette Bourdin, *Entre Dois Mundos*
05) 1877	Robert Dale Owen, *Região em Litígio*
06) 1889	Léon Denis, *Depois da Morte*
07) 1889	E. B. Duffey (médium), *A Crise da Morte*
08) 1908	Edward C. Randall, *The Future of Man*
09) 1913	James H. Hyslop, *American Journal of the S. P. R.*
10) 1914	Elza Barker, *Cartas de Um Morto-vivo*
11) 1916	Sir Oliver Lodge, *Raymond*
12) 1921	Rev. G. Vale Owen, *A Vida Além do Véu*
13) 1923	Lilian Walbrook, *O Caso de Lester Coltman*
14) 1923/24	Hester Travers Smith, *Rumo às Estrelas*
15) 1924	Anna Wickland, *Trinta Anos Entre os Mortos*

16) 1924	Ernesto Bozzano, *Joy Snell e a Missão dos Anjos*
17) 1926	Sadhu Sundar Sing, *Visões do Mundo Espiritual*
18) 1926	Arthur Conan Doyle, *História do Espiritismo*
19) 1926	Yvonne do Amaral Pereira, *Memórias de Um Suicida*
20) 1930	Ernesto Bozzano, *A Crise da Morte*
21) 1931	Gladys Osborne Leonard, *Minha Vida em Dois Mundos*
22) 1931	James Arthur Findlay, *No Limiar do Infinito*
23) 1932	Cairbar Schutel, *A Vida no Outro Mundo*
24) 1933	Jozef Rulof, *Uma Olhada no Além*
25) 1935	Chico Xavier, *Cartas de Uma Morta*
26) 1940	Francisco V. Lorenz, *Chamas de Ódio e a Luz do Puro Amor*
27) 1943	José dos Santos Junior, *Mensagens de Além-túmulo*

Se nos permite, caro leitor, poderíamos até citar mais pesquisadores espíritas, mas escolhemos apenas estes dois, cujas obras foram mencionadas, para evidenciarmos que não estamos sozinhos ao aceitar construções no mundo espiritual:

1º) Léon Denis (1846-1927), em ***Depois da Morte*** (1891):

> O espírito, sendo ele próprio fluídico, **age sobre os fluidos do espaço**. Sua vontade poderosa combina-os, dispõe-nos à sua maneira, empresta-lhes cores e as formas que respondem ao seu objetivo. **Através desses fluidos executam-se obras que desafiam qualquer comparação e qualquer análise**.
>
> **Nas moradas etéreas desdobram-se festas espirituais**. Os espíritos puros resplandecentes de luz, **aí se agrupam por famílias**. […]. ([328])

Temos, portanto, o Espírito "*age sobre os fluidos do espaço*" e que "*através desses fluídos executam-se obras*". Nesse contexto, a expressão "*moradas etéreas*", empregada por Léon Denis com sentido diverso daquele que encontramos em Allan Kardec, assume claramente o sentido de lugares ou habitações, e admitir a existência de agrupamentos maiores, como cidades, não constitui extrapolação indevida, mas uma aplicação coerente desse princípio.

Isso fica evidente neste trecho que, nas e dições de 1891 a 1908, finalizava o primeiro

parágrafo e foi suprimido por Léon Denis a partir de 1909:

> **Construções aéreas,** de cores brilhantes, de zimbórios resplendentes: **sítios imensos** onde se reúnem em conselho os delegados do Universo; **templos de vastas proporções**, de onde se elevam acordes de uma harmonia divina; **quadros variados**, luminosos, reproduções de vidas humanas, vidas de fé e de sacrifício, apostolados dolorosos, dramas do infinito. **Como descrever magnificências que os próprios Espíritos se declaram impotentes para exprimir no vocabulário humano?** ([329])

O emprego das expressões "*sítios imensos*", "*construções etéreas*" e "*templos de vastas proporções*" reforçam, portanto, a compreensão de que as "*moradas etéreas*" não são apresentadas apenas como estados subjetivos ou condições espirituais, mas também como lugares nos quais os Espíritos podem reunir-se, habitar e realizar atividades. Nesse sentido, a ideia de agrupamentos espirituais mais amplos não parece estranha ao pensamento de Léon Denis.

2º) Ernesto Bozzano (1862-1943), em ***A Crise da Morte*** (1930):

> [...] acredito que provavelmente essa questão deva ter surgido com insistência para muitos leitores, os quais, **a respeito da análise comparada aplicada às revelações transcendentais**, devem ter se perguntado: muito bem, agora **sabemos, com base nos fatos, que os espíritos dos desencarnados entram em uma primeira fase de existência espiritual que significa uma reprodução espiritualizada do ambiente e da existência terrena; fase transitória**, ainda que de longa duração, que teria a finalidade de predispor gradativamente os recém-chegados para a vida espiritual propriamente dita. **Tudo isso já aparece como uma soma importante de conhecimento adquiridos a esse respeito**; [...]. ([330])

O argumento mais utilizado pelos críticos é "*Isso não está na Codificação*", em nossa opinião, é destituído de qualquer lógica, com o qual apenas provam que não conhecem o pensamento de Allan Kardec.

Ademais os Espíritos, como disse o próprio Codificador, agem com prudência só trazendo novas revelações após assimilarmos as anteriores, como um bom professor o faria. Isso fica bem claro ao lermos estes trechos de dois artigos publicados na ***Revista Espírita 1865***:

> a) Maio, mensagem de Georges "Estudo sobre a mediunidade":
>
> [...] **O progresso da ciência espírita, que se enriquece cada dia, de novas observações**, nos mostra a quantas causas diferentes e influências delicadas, que não se supunha, estão submetidas as relações inteligentes com o mundo espiritual. **Os Espíritos não podiam ensinar tudo ao mesmo tempo;** mas, como hábeis professores, **à medida que as ideias se desenvolvem, entram em maiores detalhes, e revelam os princípios que, dados prematuramente, não teriam sido compreendidos, e teriam feito confusão em nosso pensamento**. ([331])
>
> b) Agosto, artigo "O que o Espiritismo ensina":
>
> [...] O Espírito humano poderia absorver sem cessar ideias novas? A própria Terra não tem necessidade de tempo de repouso

> antes de reproduzir? **Que se diria de um professor que ensinasse todos os dias novas regras aos seus alunos, sem lhes dar o tempo de se aplicar sobre aquelas que aprenderam, de se identificar com elas e de aplicá-las?** Deus seria, pois, menos previdente e menos hábil do que um professor? **Em todas as ideias novas devem se encaixar nas ideias adquiridas**; se estas não estão suficientemente elaboradas e consolidadas no cérebro; se o espírito não as assimilou, as que se quer nele implantar não tomam raiz; semeia-se no vazio. ([332])

Valemo-nos também desta fala de Allan Kardec, constante na obra ***O Que é o Espiritismo***:

> [...] eu não pretendo que a crítica deve necessariamente aprovar nossas ideias, mesmo depois de as haver estudado; não nos revoltamos de forma alguma contra os que não pensam como nós.
>
> O que é evidente, para nós, pode não ser para vós outros; **cada qual julga as coisas debaixo de certo ponto de vista**, e **do fato mais positivo nem todos tiram as mesmas consequências**. ([333])

Como já dissemos milhares de vezes, não nos

colocamos como “donos da verdade”, queremos, de toda a sinceridade do coração, apenas estar com a verdade, para não sermos espiritualmente responsabilizados em divulgar mentiras, ainda que de boa fé.

Abrimos espaço aos críticos para refutarem item a item de toda a nossa pesquisa, cuja lista está após as “Referências bibliográficas”, mas lhes pediremos que levem em conta, o teor destes seguintes trechos das obras da Codificação:

a*) *Revista Espírita 1859

> **O erro de certos autores é o de escrever sobre um assunto antes de tê-lo aprofundado suficientemente**, e, por aí, dar lugar a uma crítica fundada. Lamentam-se do julgamento temerário de seus antagonistas: não prestam atenção ao fato de que, eles mesmos, frequentemente, mostram o ponto fraco. [...]. ([334])

b) ***Revista Espírita 1860***

> **Para criticar é necessário opor um raciocínio a um raciocínio, uma prova a uma prova; isso é possível sem conhecimento profundo do assunto do qual se trata?** Que pensaríeis daquele que

> pretendesse criticar um quadro sem possuir, ao menos em teoria, as regras do desenho e da pintura; discutir o mérito de uma ópera sem saber a música? Sabeis qual é a consequência de uma crítica ignorante? **É ser ridículo e acusar uma falta de julgamento**. Quanto mais a posição crítica é elevada, mais estiver em evidência, tanto mais seu interesse lhe manda circunspecção, **para não se expor a receber desmentidos, sempre fáceis a dar a quem fale daquilo que não conheça**. [...]. ([335])

Nosso e-mail consta em “Dados Biográficos do Autor”, para que os críticos possam nos enviar sua análise pormenorizada de tudo quanto apresentamos nessa pesquisa.

É preciso reforçar que, fora desse critério, não perderemos tempo em ler. Podem ter certeza que analisaremos tudo com carinho, não as veremos como uma espécie de afronta ao que pensamos.

Referência bibliográfica

BARKER, E. ***Cartas de Um Morto-vivo***. São Paulo: Lake, 2011.

BOZZANO, E. ***A Crise da Morte***. São Paulo: Maltese, 1991.

BOZZANO, E. ***O Espiritismo e as Manifestações Psíquicas***. São Paulo: Instituto Lachâtre, 2019.

BROWNE, S. ***O Outro Lado da Vida***. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

CUNHA, H. ***Cidade no Além***. Araras (SP): IDE, 1989.

DAMO, V. A. ***Moradas Espirituais: Visitas a Vinte Colônias***. Distrito Federal: Auta de Souza, 2014.

DELANNE, G. ***A Alma é Imortal***. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

DENIS, L. ***Depois da Morte***. Rio de Janeiro: CELD, 2000.

DENIS, L. ***Depois da Morte***. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

DOYLE, A. C. ***História do Espiritismo***. São Paulo: Pensamento, 1990.

GENTILE, S. e ATANTES, H. M. C. (Org.) ***Entrevistas – Francisco Cândido Xavier/Emmanuel***. Araras (SP): IDE, 1994.

GLASSER, A. ***Alvorada Nova***. Matão (SP): O Clarim, 2000.

GUGGENHEIM, B. e GUGGENHEIM, J. ***Um Alô do Céu: Um Vasto Campo de Pesquisa, Comunicação Pós-morte, Confirma Que a Vida e o Amor São Eternos***. São Paulo: Butterfly, 2008.

KARDEC, A. ***A Gênese***. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. ***Catálogo Racional: Obras Para se Fundar Uma Biblioteca Espírita***. São Paulo: Madras: USE, 2004.

KARDEC, A. ***O Céu e o Inferno***. Rio da Janeiro: FEB, 2007.

KARDEC, A. ***O Livro dos Espíritos***. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. ***O Livro dos Médiuns***. São Paulo: Lake, 2006.

KARDEC, A. ***O Que é o Espiritismo***. Rio de Janeiro: FEB, 2001.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1858***. Araras (SP): IDE, 2001.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1859***. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1860***. Araras (SP): IDE, 2000.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1861***. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1863***. Araras (SP): IDE, 2000.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1864***. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1865***. Araras (SP): IDE, 2000.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1868***. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1869***. Araras (SP): IDE, 1993.

LEONARD, G. O. ***Minha Vida em Dois Mundos***. São Paulo: Autores Espíritas Clássicos, 2016.

MIRANDA, H. C. ***Swedenborg, Uma Análise Crítica***. Rio de Janeiro: CELD, 2014.

NOBRE, M. S. ***Lições de Sabedoria – Chico Xavier nos 23 anos da Folha Espírita***. São Paulo: Editora Jornalística Fé, 1997.

OWEN, G. V. ***A Vida Além do Véu***. Rio de Janeiro: FEB, 1983.

PEREIRA, Y. A. ***Devassando o Invisível***. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

PEREIRA, Y. A. ***Recordações da Mediunidade***. Rio de Janeiro: FEB, 1989.

PIRES, J. H. ***O Espírito e o Tempo***. São Paulo: Edicel, 2003.

PIRES, J. H. ***O Infinito e o Finito***. São Bernardo do Campo (SP): Correio Fraterno, 1983.

PRAAGH, J. V. ***Espíritos Entre Nós***. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

RITCHIE, G. G. e SHERRIL, E. ***Voltar do Amanhã***. Rio de Janeiro: Nórdica, 1996.

SCHUTEL, C. ***A Vida no Outro Mundo***. Matão (SP): O Clarim, 2011.

SILVA NETO SOBRINHO, P. ***As Colônias Espirituais e a Codificação***. Divinópolis (MG): Ethos Editora, 2015.

SINGH, S. S. ***Visões do Mundo Espiritual***. (PDF), 2ª edição. A Voz do Vento (site), 2020.

SWEDENBORG, E. ***O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto***. Brasil, Edições das doutrinas celestes para a nova Jerusalém, 2005.

Internet:

CAPA: https://i.pinimg.com/736x/ee/36/de/ee36de678e6fa579edd1b7b6834ec23b.jpg. Acesso em: 12 nov. 2024.

BLOG DO NOVO MUNDO, *Verdadeiro rosto de Jesus é recriado por criança antes dos cientistas*, disponível em: https://planetaemtransicao.blogspot.com/2010/10/verdadeiro-rosto-de-jesus-e-recriado.html. Acesso em: 03 out. 2025.

DICIONÁRIO INFORMAL, Expressão: "*Fazer ouvidos de mercador*", disponível em: https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/fazer%20ouvidos%20de%20mercador/10087/. Acesso em: 12 nov. 2024.

GBC, *Estudo revela que pessoas emitem luz que apaga ao morrer; entenda a descoberta*, por Josué Garcia, disponível em: https://agenciagbc.com/2025/05/21/corpo-emite-luz-que-apaga-ao-morrer-entenda/, Acesso em: 11 jun. 2025.

LUZ ESPÍRITA, *A Vida Além do Véu, Rev. George Vale Owen*, disponível em: https://www.luzespirita.org.br/leitura/pdf/L77.pdf. Acesso em 29 mai. 2025.

ROULSTON, B. *Como Júpiter pode não ter superfície? Um mergulho neste planeta tão assustador e grande, capaz de engolir mil Terras e ainda sobrar espaço*, disponível em: https://theconversation.com/como-jupiter-pode-nao-ter-superficie-um-mergulho-neste-planeta-tao-assustador-e-grande-capaz-de-engolir-mil-terras-e-ainda-sobrar-espaco-243310 Acesso em: 17 ago. 2026.

ROWE, E. S. *Friendship in death: in twenty letters from the dead to the living,* disponível em: https://archive.org/details/bim_eighteenth-century_friendship-in-death-in-_rowe-elizabeth-singer_1760_0/page/n5/mode/2up. Acesso em: 11 nov. 2024.

UGA – União Global de Atitudes, artigo "*Akiane – gênio da pintura Cria com Deus*", de Fernando Lima Ribeiro, disponível em: https://uniaoglobaldeatitudes.blogspot.com/2012/05/akiane-genio-da-pintura-cria-com-deus.html. Acesso em: 03 out. 2025.

Obras autorais relacionadas ao tema

Algumas não estão diretamente ligadas ao tema, mas à questão de como deveria ver visto o trabalho de codificação do Espiritismo por Allan Kardec. A maior parte, sim, tem relação direta com a temática. Acreditamos que todas elas ajudarão aqueles que nos lerem a compreender melhor a nossa visão consignada no presente ebook:

1 – ***As Colônias Espirituais e a Codificação*** (impresso, 271 p.), à venda em: https://www.ethoseditora.com.br/book/details/as-colonias-espirituais-e-a-codificacao. Acesso em: 12 nov. 2024.

2 – ***As Colônias Espirituais e as Cartas Consoladoras*** (ebook, 72 p.), disponível em: https://paulosnetos.net/article/construcoes-no-mundo-espiritual-e-as-cartas-consoladoras-as. Acesso em: 24 nov. 2024.

3 – ***Colônias Espirituais Seriam Lugares Circunscritos, Como Assim?*** (artigo, 9 p.), disponível em: https://paulosnetos.net/article/colonias-espirituais-seriam-lugares-circunscritos-como-assim-1. Acesso em: 12 nov. 2024.

4 – ***Colônias Espirituais X Dogmatismos de Espíritas*** (ebook, 331 p.), disponível em: https://paulosnetos.net/article/colonias-espirituais-x-dogmatismo-de-espiritas-ebook. Acesso em: 24 nov. 2024.

5 – ***Construções no Mundo Espiritual e a Experiência de Videntes*** (artigo, 6 p.), disponível em: https://paulosnetos.net/article/construcoes-no-mundo-espiritual-e-a-experiencia-de-videntes. Acesso em: 12 nov. 2024.

6 – ***Criações Fluídicas – Um Breve Ensaio*** (ebook, 143 p.), disponível em: https://paulosnetos.net/article/criacoes-fluidicas-um-breve-ensaio. Acesso em: 12 nov. 2024.

7 – ***No Mundo Espiritual Há Coisas Similares às Que Temos na Terra?*** (artigo, 12 p.), disponível em: https://paulosnetos.net/article/no-mundo-espiritual-ha-coisas-similares-as-que-temos-na-terra. Acesso em: 12 nov. 2024.

8 – ***O Espiritismo Ainda Não Tem Ponto Final*** (ebook, 131 p.), disponível em: https://paulosnetos.net/article/o-espiritismo-ainda-nao-tem-ponto-final. Acesso em: 12 nov. 2024.

9 – ***O Espiritismo não se resume apenas às obras de Allan Kardec*** (artigo, 8 p.), disponível em: https://paulosnetos.net/article/o-espiritismo-nao-se-resume-apenas-as-obras-de-allan-kardec. Acesso em: 12 nov. 2024.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** – Grupo de Apologética Espírita (https://apologiaespirita.com.br/), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos e ebooks que estão publicados em seu site **Paulo Neto** (https://paulosnetos.net) e em outros sites Espíritas na Web, entre eles, **EVOC** (https://www.oconsolador.com.br/editora/ordem_autor.htm).

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa;* 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?;* 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas;* 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica;* 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação;* 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários – Vol. I;* 7) *Espiritismo e Aborto; 8) Chico Xavier: Uma Alma Feminina* e 9) *Perispírito: Provas Científicas de Ser o Molde do Corpo Físico*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários – Vol. II, 2) Kardec & Chico: 2 Missionários – Vol. III;* 3) *Racismo em Kardec?;* 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A*

Reencarnação Tá na Bíblia; 6) *Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem);* 7) *Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso;* 8) *Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?;* 9) *Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta;* 10) *Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?;* 11) *A Mulher na Bíblia;* 12) *Todos Nós Somos Médiuns?;* 13) *Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas;* 14) *O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito;* 15) *Allan Kardec e a Lógica da Reencarnação*; 16) *O Fim dos Tempos Está Próximo?;* 17) *Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves;* 18*) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?;* 19) *A Aura e os Chakras no Espiritismo;* 20) *Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?;* 21) *Espiritismo: Religião Sem Dúvida;* 22) *Allan Kardec e Suas Reencarnações*; 23) *Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?*; 24) *EQM: Prova da Sobrevivência da Alma;* 25) *A Perturbação Durante a Vida Intrauterina;* 26) *Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução;* 27) *Reencarnação e as Pesquisas Científicas;* 28) *Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia)*; 29) *Haveria Fetos Sem Espírito?*; 30) *Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos*; 31) *Herculano Pires Diante da Revista Espírita;* 32) *Allan Kardec: Sua Mediunidade e os Fenômenos Que Protagonizou;* 33) *A Pesquisa de Ernesto Bozzano Confirma e Complementa a Codificação Espírita* e 34) *Se Não Consta na Codificação, Não Existe*.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

1 DELANNE, *A Alma é Imortal*, p. 205.

2 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 48.

3 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p 204.

4 KARDEC, *A Gênese*, p. 118.

5 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 60.

6 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 21.

7 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 108.

8 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 72.

9 ROULSTON, *Como Júpiter pode não ter superfície? Um mergulho neste planeta tão assustador e grande, capaz de engolir mil Terras e ainda sobrar espaço*, disponível em: https://theconversation.com/como-jupiter-pode-nao-ter-superficie-um-mergulho-neste-planeta-tao-assustador-e-grande-capaz-de-engolir-mil-terras-e-ainda-sobrar-espaco-243310

10 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 192.

11 KARDEC, *O Livro dos Médiuns* – Lake, p. 289.

12 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 345.

13 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 154

14 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 160.

15 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 386.

16 KARDEC, *A Gênese*, p. 234-235.

17 Nota da Transcrição (N.T.): Veja-se a *Revista Espírita*, julho de 1859 e *O Livro dos Médiuns*, Segunda parte, cap. VIII.

18 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 345.

19 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 102.

20 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 33-34.

21 KARDEC, *Catálogo Racional: Obras Para se Fundar Uma Biblioteca Espírita*, p. 40.

22 ROWE, *Friendship in death: in twenty letters from the dead to the living*, disponível em: https://archive.org/details/bim_eighteenthcentury_friendship-in-death-in-_rowe-elizabethsinger_1760_0/page/n5/mode/2up

23 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 49.

24 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 298-299.

25 PIRES, *O Espírito e o Tempo*, p. 105.

26 MIRANDA, *Swedenborg, uma análise crítica*, p. 76-77.

27 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 293.

28 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, Primeira Parte, cap. III, item 10, p. 36.

29 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 294-295.

30 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 296.

31 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 297-298.

32 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 298-299.

33 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 294-295.

34 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 296.

35 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 297-298.

36 KARDEC, *Catálogo Racional: Obras Para se Fundar Uma Biblioteca Espírita*, p. 40.

37 PIRES, *O Espírito e o Tempo*, p. 104.

38 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 324-326.

39 "*Fazer ouvidos de mercador*": "Expressão usada para dizer que não deu importância ao que ouviu, que não prestou atenção, ou que fingiu não ter ouvido de propósito determinado assunto; se fazer de surdo." Fonte: https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/fazer%20ouvidos%20de%20mercador/10087/

40 N.T.: Ver-se-á mais adiante que, por veículo, o autor entende o corpo fluídico.

41 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 327-328.

42 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 328.

43 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 331.

44 OWEN, R. *Região em litígio – entre este mundo e o outro*, p. 423.

45 OWEN, R. *Região em litígio – entre este mundo e o outro*, p. 427.

46 Essa obra nos foi indicada pelo amigo Luciano Grisolia Minozzo, atual Diretor Administrativo do CCDPE-ECM, link: https://archive.org/details/the-future-of-man_202404

47 RANDALL, *The Future of Man*, p. 211-217.

48 Biografia de James Harvey Hyslop, disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/James_H._Hyslop

49 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 7-8.

50 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 8.

51 LODGE, *Raymund: uma prova da existência da alma*, p. 114.

52 LODGE, *Raymund: uma prova da existência da alma*, p. 120-121.

53 LODGE, *Raymund: uma prova da existência da alma*, p. 124.

54 LODGE, *Raymund: uma prova da existência da alma*, p. 127.

55 LODGE, *Raymund: uma prova da existência da alma*, p. 139.

56 LODGE, *Raymund: uma prova da existência da alma*, p. 188-190.

57 DOYLE, *História do Espiritismo*, p. 476-477.

58 DOYLE, *História do Espiritismo*, p. 479-481.

59 DOYLE, *História do Espiritismo*, p. 481.

60 Encontramos referência a várias datas: 1924, 1926, 1929 e 1930, a última é do biógrafo Gastone de Boni.

61 Biografia Ernesto Bozzano, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ernesto_Bozzano

62 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 5.

63 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 21.

64 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 22-23.

65 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 245.

66 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 47-49.

67 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 71.

68 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 73.

69 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 174-175.

70 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 175-176.

71 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 204-205.

72 BOZZANO, *A Crise de Morte*, p. 239-240.

73 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 246-247.

74 PEREIRA, *Devassando o invisível*, p. 16.

75 www.answers.com/topic/j-arthur-findlay

76 FINDLAY, *No limiar do etéreo, ou, Sobrevivência à morte cientificamente explicada*, p. 58.

77 FINDLAY, *No limiar do etéreo, ou, Sobrevivência à morte cientificamente explicada*, p. 127.

78 FINDLAY, *No limiar do etéreo, ou, Sobrevivência à morte cientificamente explicada*, p. 128-130.

79 FINDLAY, *No limiar do etéreo, ou, Sobrevivência à morte cientificamente explicada*, p. 131.

80 FINDLAY, *No limiar do etéreo, ou, Sobrevivência à morte cientificamente explicada*, 137,140-141.

81 Na orelha do livro.

82 SCHUTEL, *A vida no outro mundo*, p. 61.

83 SCHUTEL, *A vida no outro mundo*, p. 63-64.

84 SCHUTEL, *A vida no outro mundo*, p. 66-67.

85 SCHUTEL, *A vida no outro mundo*, p. 67-68.

86 SCHUTEL, *A vida no outro mundo*, p. 84-86.

87 SCHUTEL, *A vida no outro mundo*, p. 87-88.

88 SCHUTEL, *A vida no outro mundo*, p. 91-94 – *passim.*

89 SCHUTEL, *A vida no outro mundo*, p. 95.

90 http://www.sobrenatural.org/noticia/detalhar/1742/a_comunicacao_com_espiritos_e_o_vaticano/

91 BRUNE, *Os mortos nos falam*, p. 127.

92 Nota transcrição: Alberto Pauchard, op. cit. p. 284.

93 BRUNE, *Os mortos nos falam*, p. 154-168.

94 BRUNE, *Os mortos nos falam*, p. 193-194.

95 BARKER, *Cartas de um morto-vivo*, contracapa.

96 PIRES, *O Espírito e o tempo*, p. 194.

97 PIRES, *O Espírito e o tempo*, p. 209.

98 PIRES, *O mistério do bem e do mal*, p. 72-74.

99 XAVIER, *Ação e reação*, p. 58.

100 XAVIER, *Ação e reação*, p. 256.

101 PIRES, *O infinito e o finito*, p. 98-100.

102 PIRES, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tYLWegi0GoA&feature=youtu.be, acesso em dez/2014.

103 SIMONETTI, *André Luiz – refutações* in: *Revista Internacional de Espiritismo*, p. 223.

104 BARKER, *Cartas de um morto-vivo*, p. 40.

105 BARKER, *Cartas de um morto-vivo*, p. 41.

106 BARKER, *Cartas de um morto-vivo*, p. 41.

107 BARKER, *Cartas de um morto-vivo*, p. 43.

108 BARKER, *Cartas de um morto-vivo*, p. 45.
109 BARKER, *Cartas de um morto-vivo*, p. 45.
110 BARKER, *Cartas de um morto-vivo*, p. 49.
111 BARKER, *Cartas de um morto-vivo*, p. 51-52.
112 BARKER, *Cartas de um morto-vivo*, p. 54.
113 BARKER, *Cartas de um morto-vivo*, p. 61.
114 BARKER, *Cartas de um morto-vivo*, p. 64.
115 BARKER, *Cartas de um morto-vivo*, p. 86.
116 BARKER, *Cartas de um morto-vivo*, p. 89.
117 BARKER, *Cartas de um morto-vivo*, p. 103.
118 BARKER, *Cartas de um morto-vivo*, p. 124-125.
119 SCHUTEL, *A vida no outro mundo*, p. 102-104.
120 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 99-100.
121 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 109.
122 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 112-113.
123 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 115.
124 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 138-139.
125 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 144-145.
126 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 283-285.
127 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 308.
128 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 320.
129 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 340-341.
130 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 383.
131 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 387-390.
132 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 427.
133 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 428-429.
134 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 445.
135 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 479-481.

136 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 495-498.

137 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 502.

138 BRADLEY, *Rumo às Estrelas*, p. 249-250.

139 BRADLEY, *Rumo às Estrelas*, p. 270-272.

140 BRADLEY, *Rumo às Estrelas*, p. 273.

141 REVISTA GALILEU, *Tabuleiro Ouija*, disponível em: https://s2.glbimg.com/bZ9qWMxbgst_aP9T9p_t0-3JiLc=/e.glbimg.com/og/ed/f/original/2016/10/19/felinebird.jpg

142 BRADLEY, *Rumo às Estrelas*, p. 223-225.

143 RULOF, *Uma olhada no Além*, Parte I, p. 52.

144 RULOF, *Uma olhada no Além*, Parte I, p. 53-54.

145 RULOF, *Uma olhada no Além*, Parte I, p. 57.

146 RULOF, *Uma olhada no Além*, Parte I, p. 58-59.

147 RULOF, *Uma olhada no Além*, Parte I, p. 141.

148 RULOF, *Uma olhada no Além*, Parte I, p. 167.

149 RULOF, *Uma olhada no Além*, Parte II, p. 336.

150 RULOF, *Uma olhada no Além*, Parte II, p. 353-354.

151 RULOF, *Uma olhada no Além*, Parte II, p. 357.

152 RULOF, *Uma olhada no Além*, Parte III, p. 527-528.

153 RULOF, *Uma olhada no Além*, Parte III, p. 556-557.

154 XAVIER, *Cartas de uma morta*, p. 22.

155 XAVIER, *Cartas de uma morta*, p. 28.

156 LORENZ, *Chamas de ódio e a luz do puro amor*. p. 179.

157 LORENZ, *Chamas de ódio e a luz do puro amor*. p. 180.

158 LORENZ, *Chamas de ódio e a luz do puro amor*. p. 178.

159 SANTOS JÚNIOR, *Mensagens de além-túmulo*, p. 46-47.

160 BORGIA, *A Vida nos Mundos Invisíveis*, p. 15.

161 BORGIA, *A Vida nos Mundos Invisíveis*, p. 16.

162 BORGIA, *A Vida nos Mundos Invisíveis*, p. 17.
163 BORGIA, *A Vida nos Mundos Invisíveis*, p. 18.
164 BORGIA, *A Vida nos Mundos Invisíveis*, p. 20.
165 BORGIA, *A Vida nos Mundos Invisíveis*, p. 20.
166 BORGIA, *A Vida nos Mundos Invisíveis*, p. 28.
167 BORGIA, *A Vida nos Mundos Invisíveis*, p. 28.
168 BORGIA, *A Vida nos Mundos Invisíveis*, p. 31.
169 BORGIA, *A Vida nos Mundos Invisíveis*, p. 37.
170 BORGIA, *A Vida nos Mundos Invisíveis*, p. 45.
171 BORGIA, *A Vida nos Mundos Invisíveis*, p. 46.
172 BORGIA, *A Vida nos Mundos Invisíveis*, p. 78.
173 BORGIA, *A Vida nos Mundos Invisíveis*, p. 79.
174 BORGIA, *A Vida nos Mundos Invisíveis*, p. 87.
175 BORGIA, *A Vida nos Mundos Invisíveis*, p. 102.
176 BORGIA, *A Vida nos Mundos Invisíveis*, p. 105.
177 BORGIA, *A Vida nos Mundos Invisíveis*, p. 109.
178 BORGIA, *A Vida nos Mundos Invisíveis*, p. 117.
179 BORGIA, *A Vida nos Mundos Invisíveis*, p. 117
180 BORGIA, *A Vida nos Mundos Invisíveis*, p. 117.
181 BORGIA, *A Vida nos Mundos Invisíveis*, p. 120.
182 GREAVES, *Além do véu da morte*, p. 82-84.
183 GREAVES, *Além do véu da morte*, p. 95-97.
184 MONTGOMERY, *A Vida no Além-túmulo*, p. 25.
185 MONTGOMERY, *A Vida no Além-túmulo*, p. 40-41.
186 MONTGOMERY, A Vida no Além-túmulo, p. 44-45.
187 MONTGOMERY, *A Vida no Além-túmulo*, p. 48-49.
188 MONTGOMERY, *A Vida no Além-túmulo*, p. 65.
189 MONTGOMERY, *A Vida no Além-túmulo*, p. 66-67.

190 MONTGOMERY, *A Vida no Além-túmulo*, p. 69-70.

191 MONTGOMERY, *A Vida no Além-túmulo*, p. 140-141.

192 FRANCO, *No limiar do infinito*, p. 97-102.

193 MAIA, disponível em http://www.olivrodosespiritoscomentado.com/fev20q1017c.html acesso dez/2014.

194 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 22.

195 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 13.

196 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 188.

197 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 17.

198 GLASER, *Alvorada Nova,* p. 17.

199 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 19.

200 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 20.

201 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 56-57.

202 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 57.

203 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 59.

204 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 59-60.

205 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 65.

206 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 65.

207 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 66.

208 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 73.

209 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 75.

210 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 112.

211 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 123.

212 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 150.

213 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 156.

214 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 158.

215 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 168-169.

216 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 188-189.

217 CRISTIANO, *Aconteceu na Casa Espírita*, p. 1.

218 FIGUEIREDO, *O testemunho dos sábios*, p. 415-424, *passim.*

219 ARAÚJO, *Cidades espirituais: muitas moradas*, p. 10.

220 ARAÚJO, *Cidades espirituais: muitas moradas*, p. 17.

221 ARAÚJO, *Cidades espirituais: muitas moradas*, p. 19.

222 ARAÚJO, *Cidades espirituais: muitas moradas*, p. 23.

223 ARAÚJO, *Cidades espirituais: muitas moradas*, p. 61.

224 ARAÚJO, *Cidades espirituais: muitas moradas*, p. 71.

225 *ARAÚJO, Cidades espirituais: muitas moradas*, p. 73.

226 ARAÚJO, *Cidades espirituais: muitas moradas*, p. 71.

227 KARDEC, *O Livro dos Médiuns.*, p. 230.

228 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 327-331 e KARDEC, *Catálogo Racional: Obras Para se Fundar Uma Biblioteca Espírita*, p. 40.

229 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 297-298; KARDEC, *Catálogo Racional: Obras Para se Fundar Uma Biblioteca Espírita*, p. 40 e DOYLE, *História do Espiritismo*, p. 36.

230 PEREIRA, *Recordações da Mediunidade*, p. 23 (tb 29, 55, 128, 129, 163 e 165).

231 *OWEN, A Vida Além do Véu*, p. 164 (foi levado a ver as regiões que descrevia mediunicamente)

232 DOYLE, *História do Espiritismo*, p. 68.

233 CUNHA, *Cidade no Além*, p. 25, (desdobrou-se até Nosso Lar)

234 DAMO, *Moradas Espirituais: Visitas a Vinte Colônias*, p. 18 (visitas oníricas);

235 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 13. (visões).

236 PRAAGH, *Espíritos Entre Nós*, p. 9.

237 BROWNE, *O Outro Lado da Vida,* p. 10.

238 BOZZANO, *O Espiritismo e as Manifestações Psíquicas*, p. 58.

239 BOZZANO, *A Crise da Morte,* p. 51 (sonambulismo atento).

240 LEONARD, *Minha vida em dois mundos*, p. 11.

241 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 324-326.

242 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 336-337.

243 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 116.

244 N.T.: Quando Bozzano desencarnou, em 1945, ele não conhecia as obras psicografadas sobre o assunto, pelos médiuns Francisco Cândido Xavier, no Brasil, e Anthony Borgia, na Inglaterra. (N.T.)

245 BOZZANO, *O Espiritismo e as manifestações psíquicas*, p. 69-71.

246 ROWE, *Friendship in death: in twenty letters from the dead to the living*, disponível em: https://archive.org/details/bim_eighteenth-century_friendship-in-death-in-_rowe-elizabeth-singer_1760_0/page/n5/mode/2up

247 ROWE, *Friendship in Death: in Twenty Letters from the Dead to the Living*, p. 25.

248 ROWE, *Friendship in Death: in Twenty Letters from the Dead to the Living*, p. 30.

249 ROWE, *Friendship in Death: in Twenty Letters from the Dead to the Living*, p. 33.

250 ROWE, *Friendship in Death: in Twenty Letters from the Dead to the Living*, p. 35.

251 ROWE, F*riendship in Death: in Twenty Letters from the Dead to the Living*, p. 192.

252 DOYLE, *História do Espiritismo*, p. 38.

253 N.T.: Que haja uma infinita variedade e nunca alguma coisa é a mesma que outra (n. 7326, 9002). Que nos

céus, também, haja uma variedade infinita (n. 684, 690, 3744, 5598, 7236). Que as variedades nos céus sejam variedades do bem (n. 3744, 4005, 7236, 7833, 7836, 9002). Que, por isso, todas as sociedades nos céus e cada um dos anjos nas sociedades se distinguem uns dos outros (n. 690, 3241, 3519, 3804, 3986, 4067, 4149, 4263, 7236, 7833, 7836). Mas que, ainda assim, todos fazem um pelo amor ao SENHOR (n. 457, 3986).

254 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 21.

255 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 28-29.

256 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 51.

257 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 89.

258 N.T.: Que todos no céu íntimo estejam na inocência e, por isso, apareçam nus (n. 154, 165, 297, 2736, 3887, 8375, 9960). Que a inocência seja representada no céu pela nudez (n. 165, 8375, 9960). Que os inocentes e castos não tenham pudor da nudez, porque não têm escândalo (n. 165, 213, 8375).

259 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 91-92.

260 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 94.

261 N.T.: Que todo homem e toda sociedade, assim, a pátria e a igreja e, num sentido universal, o reino do SENHOR, sejam o próximo; e que fazer bem peles pelo amor do bem segundo a qualidade de seu estado seja amar o próximo, assim, que o bem deles, que também é o bem comum, que deve ser considerado, seja o próximo (n. 6818-6824, 8123). Que também o bem civil, que é o justo, seja o próximo (n. 2915, 4730, 8120-8123). Dai, que a caridade para com o próximo se estenda a todas e cada uma das coisas da vida do

homem e que amar o próximo seja amar o bem e fazer o bem pelo amor do bem e do vero, como também o justo pelo amor do justo, em toda função e toda obra (n. 2417, 8121-8124).

262 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 108.

263 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 223-224.

264 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 225-226.

265 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 231.

266 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 264-266.

267 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 268-269.

268 N.T.: Que se façam vastações na outra a vida, isto é, que os que vão do mundo para lá sejam vastados (n. 698, 7122, 7474, 9763). Que os probos sejam vastados quanto aos falsos e os maus quanto aos veros (n. 7474, 7541, 7542). Que nos probos também se façam vastações, para que sejam despojados das coisas terrestres e mundanas que contraíram quando viveram no mundo (n. 7186, 9763) e para que os males e falsos sejam removidos e, assim, haja onde influir os bens e veros do céu provenientes do SENHOR e haja a faculdade de recebê-los (n. 7122, 9330). Que não possam ser elevados ao céu antes de tais coisas serem removidas, porque elas impedem e não concordam com as celestes (n. 6928, 7122, 7186, 7541, 7542, 9763). Que assim sejam também preparados os que devem ser elevados ao céu (n. 4728, 7090). Que seja perigoso vir ao céu antes de se estar preparado (n. 537, 538). Do estado de iluminação e de alegria daqueles que saem da vastação e são elevados ao céu e de sua recepção ali (n. 2699, 2701, 2704). Que a região onde se fazem essas vastações se chame terra

inferior (n. 4728, 7090). Que essa região esteja sob as plantas dos pés, cercada pelos infernos; sua qualidade é descrita (n. 4940-4951, 7090), Pela experiência (n. 699). Quais são os infernos que infestam e vastam mais do que os outros (n. 7317, 7502, 7545). Que aqueles que tinham infestado e vastado os bons, em seguida os temem, fogem deles e os têm em aversão (n. 7768). Que as essas infestações e vastações se fazem de diversos modos, segundo a aderência dos males e falsos e que persistam segundo a qualidade e quantidade deles (n. 1106-1113). Que alguns queiram de boa vontade ser vastados (n. 1107). Que alguns sejam vastados por temores (n. 4942). Alguns pelas infestações de seus males, que praticaram no mundo e pelos seus falsos, que pensaram no mundo, donde têm ansiedades e dores de consciência (n. 1106). Alguns, pelo cativeiro espiritual, que é a ignorância e a interceptação do vero conjunta ao desejo de saber os veros (n. 1109, 2694). Alguns, durante o sono; outros durante o estado médio entre a vigília e o sono (sobre isso, n.1108). Os que puseram mérito nas obras, esses aparecem a si mesmos como se a racharem lenha (n. 1110). Outros de outros modos, com muita variedade (n. 699).

269 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 279-281.

270 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 320.

271 DOYLE, *História do Espiritismo*, p. 68.

272 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 55-56.

273 PEREIRA, *Devassando o Invisível*, p. 17.

274 OWEN, *A Vida Além do Véu*, p. 49-50.

275 OWEN, *A Vida Além do Véu*, p. 58-59.

276 OWEN, *A Vida Além do Véu*, p. 63.

277 OWEN, *A Vida Além do Véu*, p. 104.

278 OWEN, *A Vida Além do Véu*, p. 116.

279 OWEN, *A Vida Além do Véu*, p. 127.

280 OWEN, *A Vida Além do Véu*, p. 138-139.

281 OWEN, *A Vida Além do Véu*, p. 164.

282 LEONARD, *Minha Vida em Dois Mundos*, p. 21-22.

283 LEONARD, *Minha Vida em Dois Mundos*, p. 102.

284 LEONARD, *Minha Vida em Dois Mundos*, p. 106-107.

285 LEONARD, *Minha Vida em Dois Mundos*, p. 110-111.

286 BARBOSA, *No mundo de Chico Xavier*, p. 106-107.

287 Anuário Espírita 1969 – *Entrevista de Francisco Cândido Xavier* (ao repórter Saulo Gomes), em 14.05.1968, p. 88; GENTILE e ARANTES, *Entrevistas*, 9 – A cidade "Nosso Lar", p. 23-24.

288 NOBRE, *Lições de Sabedoria: Chico Xavier nos 23 Anos da Folha Espírita*, p. 228.

289 FEB (site), *Dados Biográficos de Yvonne A. Pereira para a Federação Espírita Brasileira*, disponível em: https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2019/12/Yvonne_do_Amaral.pdf

290 PEREIRA, *Memórias de um suicida*, p. 9.

291 CUNHA, *Cidade no além*, p. 25-26.

292 DAMO, *Moradas espirituais: visitas a vinte Colônias*, p. 17-18.

293 DAMO, *Moradas espirituais: visitas a vinte Colônias*, p. 19-22.

294 SINGH, *Visões do mundo espiritual*, p. 13.

295 SINGH, *Visões do mundo espiritual*, p. 27.

296 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 160.

297 SINGH, *Visões do mundo espiritual*, p. 52-53.

298 SINGH, *Visões do mundo espiritual*, p. 53-54.

299 SINGH, *Visões do mundo espiritual*, p. 57.

300 SINGH, *Visões do mundo espiritual*, p. 66.

301 PRAAGH, *Espíritos entre nós*, p. 61-71.

302 BROWNE, *O outro lado da vida*, p. 24-25.

303 BROWNE, *O outro lado da vida*, p. 221-224.

304 BLOG DO NOVO MUNDO, *Verdadeiro rosto de Jesus é recriado por criança antes dos cientistas*, disponível em: https://planetaemtransicao.blogspot.com/2010/10/verdadeiro-rosto-de-jesus-e-recriado.html

305 UGA – União Global de Atitudes, artigo "*Akiane – gênio da pintura Cria com Deus*", de Fernando Lima Ribeiro, disponível em: https://uniaoglobaldeatitudes.blogspot.com/2012/05/akiane-genio-da-pintura-cria-com-deus.html

306 FEB, *A emancipação da alma*, link: http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/06/M%C3%B3%C2%81dulo-1-Tema-10-A-emancipa%C3%A7%C3%A3o-da-alma.pdf, slide 4.

307 MOODY JR, *Reflexões sobre vida depois da vida*, p. 27-28.

308 MOODY JR, *Reflexões sobre vida depois da vida*, p. 30.

309 RITCHIE e SHERRILL, *Voltar do Amanhã*, p. 50-53.

310 RITCHIE e SHERRILL, *Voltar do Amanhã*, p. 54-55.

311 KARDEC, *A Gênese*, p. 243.

312 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 258.

313 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 420, p. 214-215.

314 GBC, Estudo revela que pessoas emitem luz que apaga ao morrer; entenda a descoberta, por Josué Garcia, disponível em: https://agenciagbc.com/2025/05/21/corpo-emite-luz-que-apaga-ao-morrer-entenda/

315 GUGGENHEIM e GUGGENHEIM, *Um alô do Céu: um vasto campo de pesquisa, comunicação pós-morte, confirma que a vida e o amor são eternos*, p. 318-320.

316 LONG e PERRY, *Evidências da vida após a morte*, p. 22.

317 SERRANO, *Os que voltaram para contar*, p. 33-34.

318 ALEXANDER, *Uma prova do céu*, p. 35-38.

319 ALEXANDER, *Uma prova do céu*, p. 44-45.

320 ALEXANDER, *Uma prova do céu*, p. 47.

321 ALEXANDER, *Uma prova do céu*, p. 15-16.

322 ALEXANDER, *Mapa do céu*, p. 69.

323 ALEXANDER, *Mapa do céu*, p. 110.

324 Link: http://www.victorzammit.com/

325 Out-of-body experience = experiência fora do corpo

326 MULTIDIMENSIONAL MAN, *Do we dissolve into nothingess when que die?*, disponível em: http://www.multidimensionalman.com/Multidimensional-Man/Astral_Travel_and_life_after_death.html

327 VICTOR ZAMMIT, *Out-of-body experiencers all agree that we go to a real word*, disponível em: http://www.victorzammit.com/archives/2018/April13th2018.htm

328 DENIS, *Depois da Morte*, p. 331-332.

329 DENIS, *Depois da Morte – FEB*, p. 223.

330 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 239-240.

331 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 156-155.

332 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 227.

333 KARDEC, *O que é o Espiritismo*, p. 59.

334 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 283.

335 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 3.